Asteríris

e o

A montanha de Gelo

By

**Raíssa Sá**

**Sinopse**

Asteríris Linterfel é uma garota abandonada pelos pais quando ainda era um bebê e deixada aos cuidados de sua tia, Morgana. Sua amizade com um garoto do vilarejo onde vive, tornava sua vida menos tediosa e infeliz. Uma vizinha, Sra. Margo e suas histórias que mais pareciam contos de ninar, despertaram uma curiosidade na jovem Linterfel. A cada sonho uma nova incerteza. Sonambulismos espantosos e perguntas surgiam a cada aurora. Sua coragem e busca por respostas leva-a sair do vilarejo e se adentrar em florestas tão pouco triviais. Vivendo incontáveis aventuras e correndo cada vez mais perigos em seu mundo que tanto desconhece.

As circunstâncias de uma fortuita jornada pelo mundo dos humanos a levou de uma vida pacata em um pequeno vilarejo ao desbravamento de um mundo com criaturas excepcionais. Tão logo de completar seus dezesseis anos, saiu em busca de respostas. Seus sonhos alentaram sua determinação. Era dia 25 de agosto quando uma jovem de cabelos ruivos partiu em sua primeira aventura, desvendando os segredos de um mundo pouco esmiuçado. Até onde ela irá para conseguir as respostas?

**Parte 1**

A Floresta Proibida



Um



**E**ra 20 de junho, restava apenas um dia para o inverno chegar ao pequeno vilarejo. Uma pequena parte de um mundo gigantesco e pouco explorado. Era um lugar sossegado e todos ali viviam em completa harmonia. Um lindo riacho corria a poucos metros à frente dele e uma vasta floresta ficava logo depois. O vilarejo ficava localizado entre dois bosques. Um deles cheirava mal e era considerado sombrio pelos habitantes do vilarejo. O Outro era limpo e exalava a lavanda e era onde uma enorme e conhecida árvore ficava. A Árvore Mãe, apelidada por uma das moradoras do vilarejo.

Era quase hora da aurora e as cores sobre o céu surgiam em tons alaranjados. Uma manhã onde a brisa era leve e suave. Asteríris já estava no topo da árvore mãe aonde toda manhã ia para ver a aurora. Ela era uma pequena menina com seus quinze anos apenas. Tinha longos cabelos ruivos que pareciam um véu. Seus olhos eram como o sol, grandes e amarelos. Sua boca de tão vermelha que ela podia ser comparada com o sangue. Ela estava à espera do seu amigo Quiki. Ele era um pouco mais alto, tinha cabelos pretos ondulados, olhos castanhos e sempre andavam juntos depois que os pais de Asteríris a abandonaram, deixando-a sob os cuidados da tia Morgana.

— Olá Quiki, pensei que não viria. — confessou Asteríris entrelaçando as mãos e ajudando o amigo a subir na Árvore Mãe.

— Você sabe que eu nunca perco a aurora. –disse Quiki, estendendo suas mãos agora para que ela subisse.

Asteríris ajeitava sua capa turquesa a fim de evitar que se rasgasse ao subir. Sabia como isso deixaria a tia furiosa.

— Claro que sei. –disse Quiki, usando vestes de segunda pareciam não o proteger contra o frio.

—Como você está, continua tendo aquele sonho maluco? —questionou o amigo.

—Bem. Continuo sim. Ainda venho tentando descobrir o que esse sonho significa e então, lembrei que antes de dormir os meus pais me contavam uma história e sempre tinha uma parte onde eles me contavam sobre um lugar frio e que levava para outro mundo. Mas o que isso quer dizer? Outro mundo, não faz o menor sentido.

—Como consegue se lembrar das histórias que os seus pais contavam, você tinha três anos quando eles se foram?

—A minha tia continuou me contando até eu completar oito anos, pois foi quando eu finalmente consegui pegar no sono sem precisar de uma história. E uma vez, ela mencionou sobre os meus pais contarem essas histórias para me ajudar a dormir.

— Eu queria poder te ajudar, mas não sei nada sobre outro mundo e o que isso poderá significar. Pergunte a sua tia, ela quem continuou contando essas histórias para você, então deve saber de algo. –sugeriu Quiki deixando a cabeça cair levemente para trás.

—Acha mesmo que a chata da minha tia me diria alguma coisa. Ela só sabe reclamar de tudo que eu faço. Vou descobrir por conta própria. –disse Asteríris, decidida.

—Ouvi rumores de que os moradores do nosso vilarejo teriam visto coisas se movendo no bosque sombrio, sabe de alguma coisa? –perguntou curioso.

—É bem provável que seja algum morador bêbado saindo tarde do caldeirão. Não há nada no bosque sombrio, apenas árvores e a escuridão. —respondeu ela contorcendo o nariz.

—Espero que seja só isso mesmo. Não quero ter que ir mais cedo para casa só por causa de rumores bobos.

— Podíamos dar uma olhada no bosque para termos certeza de que não há nada. Sabemos mais do que ninguém que nada estranho acontece nessa parte do mundo. –disse Asteríris levantando cheia de empolgação.

—Tudo bem, mas vamos rápido, pois não quero que a sua tia venha chamar a minha atenção novamente. Ela acredita que sou uma má influência para você.

Quiki ficou de pé rápido, mas sua expressão era de quem não achava a ideia muito boa.

— Só relaxa, ela fala mal de todos, você não é o único. —disse a garota fazendo uma expressão um tanto engraçada.

—Péssima ideia Asteríris... Péssima ideia. –resmungou com tom arrependido quando descia da Árvore Mãe.

Seguiram para o bosque sombrio e antes de adentrar aquele lugar fedorento e obscuro, checaram mais uma vez para terem certeza de que ninguém os observava. As folhas das árvores eram incomuns. Eram escuras e peludas no limbo. As copas das árvores impediam que a luz penetrasse por entre elas o que tornava o bosque um lugar difícil de explorar. Um lago gosmento ficava logo na entrada, cheirava a peixe podre. O ar era pesado e deixava tudo mais medonho e ameaçador. O chão estava forrado por centena de folhas negras inexpressivas.

—Eu disse que não tinha nada. — alegou Asteríris confiante, subindo um morro íngreme cheio de pedras e musgo avermelhado.

— Acho que já podemos voltar. — disse Quiki, pálido como um mingau de aveia.

— Relaxa, só vamos mais um pouco, afinal, nunca entramos no bosque sombrio e talvez não tenhamos outra chance. Agora tente ficar ao meu lado, já que está com medo. —disse a amiga puxando-o pela gola da blusa quase a rasgando.

—Não estou como medo. Olha o que é aquilo? Tem alguma coisa se movendo por entre as árvores.

— Onde? –perguntou Asteríris serrando os olhos para ver se enxergava alguma coisa.

— Buuuuuuuh... — gritou Quiki fazendo com que a amiga levasse um baita susto.

— Não teve graça. — disse ela emburrada cruzando os braços. — Acho melhor voltarmos. Já vimos tudo o que tínhamos para ver. Não há nada aqui, as pessoas do vilarejo podem ficar despreocupadas. — aconselhou seguindo para a estreita trilha de terra que levava para fora do bosque.

Quando seguiam pelo caminho serpenteado, um barulho aterrorizante ecoou bosque adentro. E antes que pudessem dar mais um passo, um vulto negro saltou por detrás das árvores e sumiu na escuridão entre a grama lúgubre e as muitas pedras acinzentadas e deformadas.

— O que era aquilo que estava nos observando? — perguntou Asteríris, espantada.

— Não faço ideia, mas não vou voltar lá para descobrir. — ofegou Quiki, apavorado quando chegou a porta do bosque.

— Você ouviu o mesmo que eu?

Quiki parecia preste a desmaiar, suava frio.

— Um uivo? — disse Quiki quase engolindo as próprias palavras.

— Exatamente. Tem uma fera à solta no bosque sombrio. Mas de onde ela veio?

—Talvez tenha vindo da vasta floresta, logo depois do riacho. Não sabemos o que tem depois, apenas os homens são permitidos entrar na floresta para caçar ou sei lá mais o que fazem quando saem. Quando eu crescer, vou descobrir e conto a você.

— É sério, até lá eu mesma já cresci e descubro por conta própria. Quem sabe não te levo junto. — disse Asteríris com rispidez.

— Acho melhor contarmos a alguém o que vimos e ouvimos, pois talvez seja necessário um toque de recolher quando a noite cair. — alertou o amigo preocupado.

— Melhor esquecermos e deixar para lá. Ninguém acreditaria em uma só palavra que dissermos.

—Você tem razão, ninguém acreditaria mesmo. Então, o que acha de a gente apostar uma corrida até a sua casa e quem chegar por último.

Asteríris correu para casa sem esperar pelo sinal.

— Espera...assim não vale, você saiu antes que eu dissesse já. — gritou o amigo correndo para alcançá-la.

*Dois*



O olhar feroz da tia Morgana observava a sobrinha enquanto ela entrava ofegante na cozinha. A tia estava claramente irritada com a demora de Asteríris. Odiava quando ela se atrasava para o café.

Morgana era a única família de Asteríris. A sobrinha havia sido deixada aos cuidados da tia quando tinha três anos, não que ela tivesse escolha, pois não teve. Os pais da menina decidiram ir embora sem dar explicações. Dias se passaram e Morgana esperava que se arrependessem e voltassem para casa. Um dia parou de esperar. Sabia que doze anos seriam o bastante para sentirem remorso. A garota não teve escolha a não ser ficar com a tia.

— Por onde esteve toda a manhã? — perguntou a tia soltando fumaça pelas narinas como um dragão, enquanto se servia de mais chá.

Ela lembrava muito a mãe de Asteríris. Com longos fios castanhos avermelhados e um bom gosto para tecidos. Vestia uma longa saia azul e uma blusa de linho branco amarrotada por um corpete vermelho vinho bem puxado.

— Estava brincando com o meu amigo Quiki em volta do riacho.

Asteríris se aproximava da tia para lhe servir torradas.

— Já disse que não gosto que ande com esse menino. Ele já tem problemas demais com uma mãe doente para cuidar, um pai que vive bêbado, e que só sabe provocar os vizinhos. — gritou Morgana, ainda irritada pelo atraso.

Morgana tinha um olhar abatido e aspecto rigoroso.

— Eu sei tia, mas ele é um garoto legal e só o tenho para conversar. — arriscou ela quase que sussurrando.

— Tem a filha da Sra. Vilma, que tem a mesma idade que você e é um doce de menina. Devia se vestir como ela, não vai arranjar um marido se continuar a usar calças, e se vestir com trapilho. Homens gostam de curvas.

— Não gosto dela. Ela é encrenqueira e me lembro de que quando era mais nova, ela vivia puxando o meu cabelo. Prefiro a companhia do Quiki que sempre foi o meu amigo. — retrucou, servindo-se com chá de hortelã. E quanto a arranjar um marido, não estou à procura de um.

— Garota má criada, só me traz desgosto, não sei onde estava com a cabeça quando decidi que cuidaria de você, depois que os seus pais te abandonaram. Aí está o que eu ganho por ser tão boa, uma menina insolente e que vive me trazendo desgosto. — disse a tia se retirando da mesa agora cuspindo fogo.

— Eu sou grata pôr tudo o que fez desde que os meus pais se foram, mas a senhora também não ajuda muito, vive me tratando mal e rara às vezes me trata como sua sobrinha. — gritou a sobrinha chateada.

— Não ajudo. Eu fiquei com você quando os seus pais não a quiseram mais e tenho certeza de que eles não aguentavam ter que cuidar de você todo santo dia. Uma criança chorona e que não sabia fazer outra coisa além de chorar e chorar. — disse Morgana, impiedosa.

— Para! — exclamou Asteríris com olhos cheios de lágrimas correndo em direção ao quarto.

Durantes dois longos e tediosos dias, Asteríris ficou trancafiada em seu quarto, pois queria evitar a tia a qualquer custo. Saia para comer, mas evitava ao máximo esbarrar com ela pela casa. Era uma casa apropriada, como três quartos, uma sala dedicada para se tomar chá e receber visitas inoportunas, uma sala de jantar com uma mesa de vidro e cadeiras confortáveis. Muitos quadros com pinturas de pomares de maça ficavam por toda a sala que dava para a porta da frente. A sala era modesta, com poltronas felpudas em frente a uma enorme lareira de tijolos alaranjados, uma mesa de canto para leitura e poucos livros sobre uma estante antiga de madeira maciça. O maior espaço era destinado ao plantio de maças nos fundos da casa. Tarefa destinada a tia Morgana e a sobrinha como forma de sustento depois que os pais de ambas partiram em circunstâncias diferentes.

Uma leve brisa fria entrava pela janela naquela noite. A neve caia vagarosa e cobria o chão do vilarejo. Era inverno, uma época em que os moradores se divertiam e aproveitavam para tirar seus casacos empoeirados do fundo do armário e se embriagar nas bebidas quentes servidas no caldeirão.

Asteríris não se animava nem pela neve. Seus olhos avermelhados e nariz escorrendo indicavam que passara boa parte do tempo chorando. As palavras de sua tia a magoaram profundamente. Ela era grata por todo cuidado que recebera quando foi abandonada pelos pais. Tão pouco sabia ela quanto sua tia dos motivos. Por qual motivo eles tinham a abandonado? Onde eles estariam? Ela se perguntou durante os dois dias em que esteve confinada em seu quarto. Crescera se sentindo rejeitada pelos pais. Além disso, não sabia a razão por tê-la deixado.

— Podiam ter ao menos me deixado uma carta. Não sabiam que um dia eu iria querer saber os motivos?!

Asteríris lamuriara até cair no sono.

O inverno havia chegado e estava mais rigoroso aquele ano. O vilarejo estava coberto por pequenos flocos de neve que se alastrava pelo chão de pedra e escondia a grama verde.

Os becos estreitos e iluminados por lamparinas e tochas se escondiam na neblina. As casas mais sofisticadas, com lajotas brancas e janelas grandes de vidro ficavam ainda mais bonitas naquela estação.

Era um vilarejo bom para se viver.

— Por onde esteve? –perguntou Quiki, surpreso.

— Desculpa, andei sumida. Eu tive outro sonho e dessa vez foi diferente. — contou Asteríris.

—Você desaparece por quase dois dias e agora vem cheia de empolgação querendo me contar seu sonho. O que aconteceu com você nesses dois dias?

— Resumindo, minha tia. Agora, presta atenção nesse novo sonho. — disse segurando as mãos do amigo como se estivessem prestes a fazer um pacto.

— Lá vem você, isso já está virando maluquice.

— Cala boca vai, dessa vez foi diferente, só me escuta. Tudo começa em uma floresta e lá tinha uma casa, à medida que me aproximo dela, consigo ver claramente quem está na varanda, eram os meus pais. Até aí tudo bem, mas de repente o sonho mudou. E aí, eu estou naquele lugar frio do outro sonho, sabe. Porém, dessa vez os meus pais estão diante de uma luz forte e brilhante, eles me chamam e seguram a minha mão. E então, meio que sou sugada por essa luz. Acabou.

— Acabou?

— Sim, pois eu acordei depois. Isso quer dizer alguma coisa. Talvez os meus pais estejam tentando me avisar algo.

— Ou nada. Acha mesmo que um sonho com os seus pais, uma luz brilhante e o que mais... Ah...unicórnios estão tentando te enviar uma mensagem? Fala sério Asteríris, eu sei que não deve ser fácil ser deixada pelos pais e crescer com uma tia como a sua, mas você precisa parar. Parece uma doida falando. — ridicularizou Quiki.

— Não é maluquice. Faz todo sentido agora. Os sonhos de que venho tendo, talvez signifique que eles estejam perdidos na floresta ou em um dos bosques. Pode ser que estejam tentando retornar e até hoje não conseguiram encontrar o vilarejo. Eu só não posso ignorar os sonhos e as mensagens, pois pode ser minha chance de reencontrar os meus pais. — as lágrimas escorriam pelo rosto sem que ela se desse conta.

— Os seus pais deixaram você quando ainda era só um bebê, sem motivo aparente e não voltaram e isso já faz doze anos. Você devia esquecer esses sonhos que anda tendo e voltar para realidade, pois essa sim merece sua atenção. — disse Quiki, grosseiro.

— Obrigada por me lembrar, quase me esqueço. — falou Asteríris, mordaz. — Preciso ir antes que a Morgana acorde e surte outra vez. Eu pensei que você entenderia, mas estava enganada. — disse ela se afastando rapidamente da Árvore Mãe.

O inverno parecia mais pálido e solitário aqueles dias. Asteríris havia voltado a passar os dias trancada no quarto. Passava a maior parte do tempo dormindo para que pudesse sonhar outra vez com os pais.

— Preciso que vá a casa da Sra. Margo, minhas costas voltaram a doer. — avisou Morgana pela porta entre aberta. — E vê se sai desse quarto, já faz três dias. É inverno, não tem nada melhor para fazer?

*Três*



A senhora Margo havia ficado viúva recentemente. O seu companheiro, o Sr. Colin havia morrido por conta de uma forte gripe a alguns meses atrás. Desde então, ela passou a viver sozinha em sua luxuosa casa. Ela era uma viúva carismática e cheia de vida. Era a mais velha do vilarejo, tinha cento e cinco anos de idade e despontava de uma boa forma que muitos chegavam a não acreditar que ela pudesse ser tão velha. Sua desculpa era sempre a mesma, dizia que suas ervas faziam milagres e ajudavam a manter a juventude. Margo era uma das moradoras essenciais para a vila, pois fornecia ervas medicinais e para fazer chá. As vezes arriscava a preparar alguns remédios para uso particular.

Morava a poucos metros da casa de Asteríris. Uma casa feita com a melhor madeira da vila, grandes janelas e um belíssimo jardim em frente à casa. Não havia casa igual nas redondezas. Decorrência da fortuna deixada pelo marido. Fortuna assegurada pelos cachimbos que ele produzia e comercializava para todo a região.

— Senhora Margo, está radiante com esse vestido. — disse Asteríris em pé sobre a varanda da Sra. Margo.

— Obrigada, minha querida. A cor esmeralda me cai bem, não acha?! Me deixa mais jovem.

Ela talvez só tenha exagerado ao colocar um corpete dourado.

— Está deslumbrante. — disse Asteríris com sinceridade na voz. A minha tia pediu que eu buscasse um pouco de suas ervas para fazer um chá. As dores nas costas voltaram.

— Pode entrar minha querida, estava ainda a pouco na cozinha preparando uns pães para o café. — sua voz doce ecoou por todos os cômodos.

— Como tem passado senhora Margo?

Os fios prateados poderiam facilmente entregar sua idade. Mas a falta de rugas é o que era de se estranhar. Seu rosto era pálido e muito expressivo.

— Bem. E cheia de entregas atrasadas. — respondeu com tom descontente. — E como tem estado a sua tia e você?

— Nós estamos bem. Não quero atrapalhar a senhora, vejo que tem muito o que preparar.

— Não se preocupe, adoro receber visitas, ainda mais a sua. Você não deve se lembrar, mas já cuidei muito de você depois que os seus pais desapareceram. Sua tia sempre deixava você aqui para poder trabalhar na plantação.

—Não me lembro, mas fico feliz por ter recebido os seus cuidados, sempre gostei muito da senhora, sempre tão simpática.

—Não a culpo, faz tanto tempo. Agora vá antes que a sua tia venha te buscar. –disse a Sra. Margo, repentina. —Não quero que ela pense que estou te enchendo com minhas histórias antigas.

—Como assim, histórias antigas? — perguntou ela intrigada.

—Eram apenas histórias que contava para você, só assim você parava de chorar e logo em seguida caia no sono. Seus pais também usavam essa tática segundo sua tia. Sempre funcionava. –revelou orgulhosa.

—Poderia me contar algumas delas?

—É claro, mas antes, acho melhor você levar as ervas, sua tia deve está precisando. Se quiser pode voltar para tomar um café e ai te conto as histórias que eu e sua tia contávamos para fazer você parar de correr pela casa e dormir. –disse gentilmente.

—Tudo bem, não irei demorar.

Nem bem o chá havia sido posto sobre a mesa de centro, e a garota já estava de volta à casa da Sra. Margo.

— Achei que não viria mais. —disse a viúva servindo o chá.

—Me desculpe a demora, mas aqui estou e pronta pra ouvi-la contar um pouco de suas histórias.

Asteríris se serviu de biscoitos amanteigados e torradas.

—Talvez você até ache graça das histórias, mas naquela época era o bastante.

—Tenho certeza de que irei desfrutar das boas e velhas histórias de ninar. –brincou ela, sorridente.

— Há muitos anos no nosso mundo, viviam diferentes criaturas, desde bruxas até fadas e duendes. Mas um dia as criaturas obscuras que dividiam o mundo conosco seres humanos, decidiram que era hora de dominar o nosso mundo. E a primeira guerra pelo poder começou. Muitas criaturas ficaram do lado dos Senhores da Luz. E teve aquelas que foram corrompidas e se juntaram as trevas. Muito sangue humano e das criaturas mágicas foram derramados. A batalha só teve fim com a ajuda das bruxas que lutaram e derrotaram as trevas. E para evitar que algo parecido voltasse a acontecer, elas fizeram um feitiço criando um mundo novo. Um lugar onde pudessem mandar as criaturas mágicas, de modo que mantivessem os humanos seguros do egoísmo e do enorme poder que muitas das criaturas possuíam. Muitos ainda dizem que as bruxas não conseguiram mandar todas as criaturas para o outro mundo e que se você se arriscar a entrar na floresta pode encontrar algumas delas.

—E você acredita nisso?

—São só histórias que contávamos para você dormir. Mais chá? –perguntou a Sra. Margo servindo a garota ruiva antes que pudesse recusar.

—Obrigada. Não acho que essa é uma história para contar a um bebê. O que estavam pensando?! –suspirou Asteríris, desapontada.

—Essa parte eu que contava. Sua tia gostava mais das fadas. E o seu pai amava uma boa e velha história sobre lobos, foi o que soube.

—Acho que vou querer saber sobre elas também. —disse Asteríris servindo-se de mais biscoitos amanteigados.

—Que bom que gostou dos biscoitos, irei separar para que leve para casa.

—Obrigada. Pode me contar mais sobre o mundo para o qual as criaturas mágicas foram enviadas?

—É claro, ainda não cheguei na melhor parte.

—E qual seria?

—As bruxas sempre foram criaturas muito astutas, e sempre estavam a um passo à frente. Elas não só criaram um mundo para as criaturas mágicas, como também um podiam criar um portal que as levasse para o outro mundo sempre que desejassem. Elas sabiam que precisariam usar ele em algum momento. Uma passagem fria e brilhante. Mas só uma bruxa seria capaz de abrir a passagem que leva até a cripta onde está o portal.

—Então elas foram para o outro mundo também?

—Não, elas não poderiam, pois as criaturas mágicas certamente guardavam rancor por terem sido expulsas do mundo dos humanos. E elas correriam perigo, afinal, elas criaram o outro mundo e só elas poderiam desfazer. Seria perigoso ficar nele.

—O que elas fizeram?

—Decidiram ficar bem aqui no mundo dos humanos, mas desde que a guerra teve fim, elas se mantiveram escondidas, pois os humanos em busca de vingança pela morte de milhares dos seus, caçaram as bruxas e as criaturas que por algum motivo não conseguiram ir para o outro lado.

—E elas foram para o outro mundo saber como estavam as coisas por lá?

—Não.

—O lugar frio e brilhante, você inventou isso também? –perguntou Asteríris, agressiva.

—O que acha? –perguntou Margo observando atentamente a garota.

—Que são apenas histórias.

—Não tínhamos muita criatividade naquela época. E você sempre dormia nas primeiras palavras. —disse a Sra. Margo, desapontada.

—Acho melhor você voltar para casa. Não quero que sua tia se zangue com você. Sei que ela faz isso com frequência por conta dos seus atrasos para o café.

A Sra. Margo levantou-se do sofá e conduziu Asteríris até a porta indelicadamente.

—Volte sempre que quiser, é sempre bom ter companhia na hora do chá. Farei mais biscoitos amanteigados. Espero que esses sejam o bastante. —disse Margo entregando um tecido de seda rosa onde havia colocado os biscoitos.

—São sim. Muito obrigada senhora Margo.

—Só mais uma coisa, minha doce, garota dos olhos cor de mel. Nem tudo são contos de ninar.

—O que isso significa?

—Você irá descobrir logo, logo. Não tenha medo e seja corajosa.

Asteríris voltou para casa e não conseguiu tirar da cabeça o que a Sra. Margo havia dito. Ela estava tentando assustar a garota?

*Quatro*



A neve caia vagarosamente e uma brisa intensa invadia o quarto de Asteríris. Ela estava aninhada em seus cobertores de lã e fitava o teto do quarto avoada antes de cair no sono.

Uma coisa fria tocou a ponta do seu nariz antes de despertá-la bruscamente. Estava descalça sobre o chão frio. Seus olhos buscavam por uma luz. E lá estavam elas, não muito longe. E foi então, que notou que havia andado até o outro lado do riacho congelado. Suas pegadas ainda não haviam sido cobertas pela intensa neve que começava a cair. Seus olhos vasculharam a escuridão buscando por respostas. Algumas tochas ainda queimavam no vilarejo e ela caminho em direção a elas. O coração em ritmo frenético. Ela andava sobre o riacho devagar, pois não sabia o quão congelado ele podia ou não estar.

O caldeirão parecia fechado, o que significava que o vilarejo estava adormecido. A porta da frente estava trancada, a única coisa aberta que encontrou foi a janela do seu quarto. Com um esforço considerável, já que não era tão alta como desejava ser, conseguiu subir e passar pela janela levantada.

Uma luz intensa entrou pela janela e a fez despertar. Um grito veio da cozinha e só sessou quando a porta do quarto se abriu rapidamente.

—Isso são horas de acordar? –gritou Morgana fazendo gestos com as mãos. —Preciso da sua ajuda na colheita das maças.

—Só preciso de um café. –sussurrou a sobrinha pondo-se de pé.

Nas longas madrugadas frias, Asteríris acordava de frente para a floresta. Ela ficava temerosa cada vez mais. Começou a acreditar que talvez fosse sonambular ou estava enlouquecendo. Temia pela sua segurança, já que saia enquanto ainda estava dormindo e vagava sozinha pelo vilarejo. Não tinha como se defender se algo a atacasse. O vulto que vira no bosque sombrio ainda era um mistério e poderia estar à espreita do vilarejo.

—Bom dia senhora Fel. O Quiki está?

Asteríris estava em frente a uma casa de dois andares e janelas largas de madeira muito velhas. Boa parte do assoalha da varanda parecia solto e rangia quando pisava sobre ele. Era um casebre engraçado, como uma cartola torta sobre a cabeça. Sem jardim ou qualquer traço de riqueza.

—Não. Ele saiu bem cedo. Disse que estava indo para a árvore. Não sei o que tanto faz nessa tal árvore. Deviam brincar mais perto de casa. —aconselhou a mãe do garoto. –Cuidado com os degraus, a madeira está velha. –alertou apontando para os degraus de madeira aparentemente comidos por cupins.

—Não se preocupe. Só vamos lá para ver o nascer do sol. Agora no inverno ficamos olhando os flocos de neve caírem por todo o vilarejo. –justificou ela, docilmente.

A manhã estava fria e seca. O verde estava completamente coberto por uma grossa camada de neve. Asteríris estava bem agasalhada naquela manhã. Usava saia longa e sua capa esmeralda sobre uma blusa de lã muito bem trabalhada. E suas botas de couro mantinha seus pés longe de todo o aborrecimento que passava durante as madrugadas que andava descalça sobre o chão frio.

Um olhar de águia a seguia por todo o caminho depois de dobrar a esquina e chegar na parte mais aberta do vilarejo. A senhora Margo a vigiava atentamente da sacada da sua casa. Um sútil sorriso brotou em seus rachados lábios quando percebeu que havia sido descoberta.

—Bom dia senhora Margo. –acenou Asteríris, gentilmente.

—Bom dia, minha doce Asteríris, passe aqui depois para pegar mais biscoitos amanteigados. –berrou ela da sacada.

—Pode deixar.

Asteríris correu em direção ao bosque para evitar ser vista por mais algum morador.

—Olá Quiki, posso me sentar? –ela se apoiou na árvore evitando escorregar.

—Pode!

A neve que caia não os incomodava.

Por toda manhã os dois conversaram sobre os acontecimentos desde que ficaram afastados. Tudo estava como antes. Ela falou sobre a história que a Sra. Margo e a tia, e talvez até os pais contavam a ela quando bebê. Contou das suas repentinas saídas na madrugada e como a vasta e oculta floresta a atraia enquanto dormia. Ele assustado, lhe deu um bom conselho, ao menos pareceu bom, disse para que ela se amarrasse a cama, para evitar sair andando de madrugada pelo vilarejo.

*Cinco*



Os pés de Asteríris estavam feridos e inchados pelas inúmeras vezes que andou sobre a neve com os pés descalços. Como a ideia do amigo não havia ajudado, ela passou a dormir de botas, pois foi o único jeito que encontrou para manter ao menos algo protegido, os seus pés.

Depois das tentativas frustradas de se manter acordada a noite e dormir durante o dia, sua única saída era pedir ajuda. Talvez alguém mais velho, e certamente, essa era de longe a mais velha.

—Obrigada pelo convite, mas não vim pelos biscoitos amanteigados. Preciso contar algo e acredito que possa me ajudar. –disse Asteríris, insegura.

—Tudo bem, mas antes tome uma xicara de chá e coma alguns biscoitos enquanto ainda estão quentinhos. –era a Sra. Margo, adorável como sempre.

Asteríris se fartou dos biscoitos amanteigados e bolo antes que pudesse desabafar algo com a senhora.

—Senhora Margo, o que acha que aconteceu de fato aos meus pais? –perguntou com a voz tremula.

—Não estava esperando essa pergunta. –disse. —Minha querida, só eles poderiam dizer. Foi tão repentino a ida deles. Não tive a chance de conversar com sua mãe para tentar ajudar e saber pelo que ela estava passando.

—Entendo, mas você notou algo estranho nos meus pais dias anteriores a....?

—A sua partida. Não. Sua mãe sempre foi muito fechada, conversávamos, mas ela não me contava tudo. –disse ela aparentando nervosismo. E não tive muito contato com você, só depois, quando sua tia veio me pedir ajuda para cuidar de você.

—Acha que eles ainda podem estar vivos?

—Acho que você saberia se estivessem.

—Então sim, eu acho que eles estão.

—E como tem tanta certeza disso?

—Eu tenho tido uns sonhos e os meus pais estão em todos eles. Em uma cabana segurando um bebê. E depois lá estou eu, crescida e ao lado deles pronta para segui-los para dentro de uma luz forte e brilhante.

—Não devia ter contado aquelas histórias malucas. Agora você anda tendo pesadelos.

—Já venho tendo esses sonhos a muito tempo, não foram suas histórias a razão para eu estar vagando pelo vilarejo enquanto durmo.

—O que quer dizer?

Margo saltou do sofá como se visse a morte.

—Sempre quando pego no sono ao anoitecer, acabo vagando adormecida pelo vilarejo e só acordo quando estou do outro lado do riacho, de frente para a vasta floresta. Por qual motivo as mulheres não saem do vilarejo?

—Elas saem, mas na companhia de um parente homem, afinal, não é seguro para uma donzela andar sozinha pelas estradas cercadas por tantas florestas. –respondeu a Sra. Margo com doçura.

—Por causa da fera?

—Fera? –os olhos da Sra. Margo pareciam saltar das pálpebras.

—Eu e o meu amigo Quiki, vimos um vulto negro no bosque sombrio. É por isso que as mulheres não podem sair sozinhas?

—Não sei o que viram, mas como eu disse, é para protege-las.

—Então, por que eu acordo toda noite em frente a floresta?

—Não sei, mas posso tentar descobrir para você. Deixe-me ajudá-la.

—Eu preciso encontrá-los.

—Quem, minha querida? –disse Sra. Margo lentamente.

—Os meus pais. Não é coincidência eu sonhar todas as noites com eles e acordar em frente a uma floresta ao qual nós mulheres somos proibidas de entrar. Está bem na minha frente, só preciso de coragem.

—Não pode simplesmente entrar na floresta. Nem sabe o que vai encontrar. É perigoso e só se perderia.

—Não posso viver com tantas perguntas sem respostas. Preciso de respostas ou vou ser sufocada pelas perguntas.

—Até onde você está disposta a ir para obter essas respostas?

—Até que tudo faça sentido. —disse. —Sinto como se o meu passado me assombrasse. Preciso saber quem sou e sei que não irei encontrar as respostas ficando aqui. Já acho que estou ficando louca, mas no fundo eu sei que tem mais. Não são apenas sonhos. Tem que ter mais. Eu preciso que tenha.

—Acredito em você. Tem coisas que acontecem e que são difíceis de explicar. Já vivi muito para saber que sonhos podem ser uma forma que o mundo usa para nos alertar sobre algo. Posso te dar um conselho? –perguntou Sra. Margo colocando suas mãos sobre a da garota.

—É claro.

—Você está pronta para conhecer e ver o seu mundo com outros olhos? Se sim. Esteja preparada para o que vai descobrir, e a forma que as respostas chegarão a você, será diferente do que tem em mente.

—O que quer dizer com ver o mundo com outros olhos?

—Você não presenciou a maldade do mundo. É tão doce e ingênua que tenho medo de que se quebre antes de conseguir todas as respostas. Precisa ser forte e acreditar no seu poder.

—O mundo não pode ser mais cruel comigo, afinal, fui abandonada quando ainda era um bebê. Não sei o que é ser amada. Conheço apenas a rejeição e o peso de ser um fardo. –disse deixando as lágrimas caírem.

—Sua tia pode ser dura as vezes, mas sei que ela te ama, só que do jeito dela. –disse. —O que pretende fazer, minha querida?

—Não sei. Nossa...acho que fiquei tempo demais. Preciso ir agora, minha tia está colhendo maças e prometi ajudar.

Asteríris levantou-se sobressaltada. Não tinha mais forças para brigar com a tia.

—É claro, volte assim que puder. Temos muito o que conversar ainda.

—Obrigada por me ouvir, precisava contar o que estava acontecendo e me senti muito à vontade conversado no outro dia. Me acha louca agora. –disse envergonhada.

—Não é louca, minha doce Asteríris, apenas está crescendo e é natural que tenha perguntas sobre muitas coisas. Espero ser sua amiga, acho que sua mãe iria querer que fossemos.

—É claro.

*Seis*



A manhã de agosto trazia um cheiro doce de baunilha e nozes. O inverno estava longe de terminar. As entregas de pão de mel da Sra. Vilma estavam a todo o vapor. Crianças corriam de um lado para o outro, enquanto suas mães berravam das janelas. Asteríris por outro lado estava exausta de suas noites mal dormidas e interrompidas. Não havia conseguido nenhuma resposta até então. Sua tia evitava ao máximo falar dos pais ou de qualquer membro da família, em especial sua mãe. As aulas na escola da Sra. Faragor voltariam na primavera o que deixava a tia mais tranquila, pois assim ficaria livre de perguntas.

Na madrugada do dia primeiro de agosto, a Sra. Margo viu da sua sacada uma jovem de cabelos ruivos vagar sonambula pelo vilarejo, era Asteríris. Ela caminhava para fora do vilarejo e só parou quando o gelo se quebrou debaixo de seus pés. Seu corpo foi puxado tão rápido para baixo que não houve tempo para se salvar. E antes que pudesse sofrer uma hipotermia ou algo pior, a viúva a trouxe para a margem em segurança. Estava pálida e quase não respirava.

—O que estava fazendo? –gritou a Sra. Margo, pávida.

Margo embrulhava Asteríris como quem embrulha um presente qualquer.

—Tem algo de errado comigo! –exclamou batendo com os dentes recobrando um pouco mais a consciência.

—Vamos para a minha casa, seria difícil explicar para Morgana isso.

Margo manteve-se abraçada a ela até chegarem em casa, onde lhe serviu uma boa xicara de chá em frente a lareira.

—Está aquecida? –perguntou a Sra. Margo, preocupada.

—Estou sim. Obrigada por me tirar da água e por me deixar ficar aqui.

—Não precisa me agradecer. O que teria acontecido se eu não estivesse te vigiando?

—Eu realmente não sei. O que fazia acordada até essa hora? –perguntou Asteríris, encafifada.

—Desde que me contou o que vem acontecendo com você, eu comecei a ficar observando sua casa algumas madrugadas, só para garantir que ficasse segura. Algumas noites vi você indo e voltando. Se soubesse que algo assim fosse lhe acontecer, teria intervindo antes. –disse com tom de lamento.

—Acho que sei o que tenho que fazer. Não só preciso, como irei fazer.

—O que vai fazer, minha querida?

—Preciso sair do vilarejo, entrar na floresta e saber por qual razão ela me atrai tanto. Deve ter alguma ligação com os meus pais e os sonhos, não sei ao certo.

—Se é o que deseja, mas terá que me deixar ajudar. Não pode simplesmente entrar na floresta.

—Tudo bem. E não pode contar para minha tia, ela surtaria e me impediria a todo custo.

—Não direi.

Quiki gritou... gritou mais e depois gritou outra vez quase sem fôlego.

— Ficou maluca de vez. Não sei o que a velha andou te dando, mas é certo que não caiu bem. Ir embora do vilarejo, quanta baboseira. Não vou deixar que arrisque sua vida entrando na floresta só para dar sentindo aos seus sonhos.

—Dá para não surtar. E a senhora Margo só está tentando me ajudar. Ela realmente se importa e não quer que eu faça tudo sozinha, até porque eu nem saberia por onde começar.

—Melhor nem começar. Não preciso lembrá-la da criatura horrenda que vimos no bosque sombrio, não é mesmo?! –disse Quiki, aborrecido.

Asteríris sacudiu um galho coberto por neve deixando-a cair sobre os cabelos de Quiki.

—Fala sério, já estou me tremendo de frio, e ainda me cobre com mais neve. Ficar sentando-se debaixo da Árvore Mãe no inverno é uma péssima ideia. Minhas roupas não são tão quentes quanto as suas.

—Quiki Fel, você com certeza é o garoto mais medroso do vilarejo. E não seja tão carrancudo, só está irritado por não poder se aventurar pela vasta floresta comigo. –disse dando de ombros.

—Não seja idiota, minha vida já tem emoção o suficiente. Então você vai perder as aulas?

—Falta muito para as aulas começarem, e não pretendo demorar tanto. Devo encontrar as respostas logo.

—E qual é a sua primeira pergunta para o mundo? Você tem uma?

Quiki limpou suas botas gastas e colocou-se de pé olhando fixamente para a amiga.

—Quem é Asteríris Linterfel? Essa é a minha pergunta para o mundo. A minha tia sempre desconversa quando pergunto sobre os meus pais. O que de fato aconteceu com eles? É isso que quero saber.

—Não sei se o mundo tem as respostas. Se nem a sua tia tem.

—Não posso lidar com isso agora.

—Isso o que?

—Você me olhando como se eu fosse a vilã, mas eu não sou. O que tem de errado em querer saber o motivo dos meus pais terem me colocado no mundo e depois simplesmente me deixarem no dia em que eu completava três anos apenas. Ao menos você tem pais que te amam.

—Eu sou muito idiota, me desculpa. Sei que deve ser difícil se sentir rejeitada, mas eu sempre vou me sentir compelido a te proteger.

Quiki envolveu Asteríris em um abraço duradouro.

—Queria que isso bastasse. Promete que não vai se esquecer de mim?

—Nem se eu batesse minha cabeça com força isso aconteceria.

—Mesmo você sendo medroso e irritante, eu ainda gosto um pouquinho de você. Minha vida é tolerável quando tem suas chatices para preenchê-la.

—Eu sempre vou ser sua luz na escuridão. Agora é a sua vez de me prometer algo. Que você vai voltar para casa se sentir que corre algum perigo se continuar a buscar por respostas.

—Não posso prometer isso, mas posso prometer que vou tomar cuidado, ser forte e corajosa.

—Tá bom. E como pretende contar para sua tia?

—Ela não pode nem sonhar. Vou deixar um bilhete com poucas palavras, acho que é o bastante.

—Ela vai enlouquecer. –disse Quiki passando as mãos pelo cabelo desgrenhado e coberto de neve.

—Por um tempo, mas vai me agradecer por ir depois. –disse Asteríris, ríspida.

*Sete*



Era dia 25 de agosto de 165, uma manhã coberta pela geada. O vilarejo estava agitado; mel, maças, tapeçarias, pães saiam aos montes em carroças pela estrada ao leste. Os moradores do vilarejo eram conhecidos pelos produtos que comercializavam com as cidades e vilarejos vizinhos. Boa parte do que se produzia era levado para ser vendido fora dele e depois da montanha.

—Suas maçãs estão doces como mel. –elogiou Fiona.

—Obrigada minha querida, sabe onde comprar mais. –brincou Morgana entregando um cesto cheio delas.

—Tia, essa adaga que vive pendurada na minha cama, de quem é?

—Que pergunta boba. Isso era do seu pai, ele pendurou na sua cama, disse que um dia iria lhe servir bem. Quanta tolice. Tenho que me desfazer dela.

—Hum, achei que fosse do vovô.

— Não, agora guarde onde achou. E pare de fuçar onde não deve. — berrou Morgana.

—Pode deixar.

—E leve logo as maças para a senhora Fel. E não se atreva a ficar de conversinha com o filho dela. Volte logo para casa. Tem muitas entregas para serem feitas até o fim do dia. –gritou a tia vendo Asteríris bater à porta e sair saltitante pela varanda.

O vilarejo estava silencioso e enevoado. A última luz do caldeirão se apagou. Asteríris estava sobre o batente da janela do seu quarto. Quiki encontraria com ela no caminho, assim como a Sra. Margo.

—Temi que você não conseguisse sair de casa. Seria ruim partir sem me despedir de você. —disse Asteríris envolvendo o amigo em um familiar abraço.

—Ninguém me viu. Acha mesmo que é uma boa ideia? A senhora concorda mesmo com essa loucura?

—Meu jovem, o destino dela já foi traçado. Não há nada que possamos fazer para mudar isso.

Margo entregou uns biscoitos amanteigados, torradas e bolos enrolados em um tecido de seda para Asteríris.

—Obrigada por tudo senhora Margo. Prometo que tomarei cuidado e quando tiver todas as respostas eu voltarei. –disse com um olhar abatido, mas ao mesmo tempo confiante.

—Faça uma fogueira para se manter aquecida nas noites frias, não quero que fique resfriada.

—Pode deixar. –disse. –Senhora Margo, fique de olho no meu amigo por mim.

—Não sou eu que estou prestes a entrar em uma floresta. –retrucou Quiki.

—Pode deixar. Não o perderei de vista. –assegurou a Sra. Margo.

—Adeus. –disse Quiki, entristecido.

—Até mais, que aqueles que servem a luz te protejam. –desejou Sra. Margo, vaga.

Asteríris se afastava do vilarejo e adentrava na escuridão do desconhecido mundo dos humanos.

*Oito*



Um vento frio tocou-lhe a nuca fazendo-a encolher. Um vasto campo usado para plantações de trigo ficava entre a floresta e o riacho. O caminho estava completamente escuro (exceto pela lamparina que iluminava parte do caminho). A neve caia tranquilamente. Usava vestes quentes; calça de couro, e uma blusa vinho de lã por baixo da capa azulada que se arrastava pela neve, e botas de couro desgastado.

A manhã chegou tão célere que nem notara o quanto tinha andado e como estava exausta por passar a noite vagando pela floresta. Parou por uns instantes para um breve descanso. Os biscoitos amanteigados pareciam ainda mais saborosos do que se lembrava.

Olhar para as árvores era como admirar o céu. Tão brancas quanto a neve que as cobriam. Se estendiam até onde os olhos alcançavam e depois se perdiam no verde esbranquiçado. A nevoa dificultava sua visibilidade, o que a deixava vulnerável a qualquer fortuito. A madeira úmida acabou com sua tentativa de fazer uma fogueira para se aquecer. Nada mais restava para ela além de prosseguir e encontrar um lugar apropriado para o descanso.

A noite veio sem surpresas. Havia parado de nevar e começava a chover. As árvores pareciam um bom lugar para passar a noite, já que, não havia encontrado nenhuma estalagem para se abrigar. Tudo parecia quieto na escuridão. O céu estava coberto por nuvens negras e carregadas.

Os galhos não eram confortáveis, mas manteriam ela segura durante a noite.

Asteríris espatifou-se como uma abóbora podre sobre o chão coberto de neve.

—O que foi isso? –ela se perguntou olhando para o galho onde dormia tranquilamente a poucos instantes.

O galho se agitava como se tentasse tirar a neve de cima de si. Asteríris olhava espantada e saltou quando a árvore se contorceu e se voltou para ela. Uma árvore com grandes olhos castanhos e uma boca, isso mesmo, uma enorme e falante boca.

—Olá, me chamo Brendoff. O que uma garota pequena como você, está fazendo sozinha na floresta? — perguntou à árvore estendendo suas mãos de madeira para cumprimentá-la.

—Você fala... mas como isso é possível? —perguntou sem acreditar no que estava diante dos seus olhos.

Asteríris tentou se afastar, mas acabou tropeçando e caindo de bunda sobre a neve.

—Você fala. É um prazer de te conhecer. Um nome um tanto incomum para uma garota tão bonita como você. —disse a árvore aproximando-se para ajudá-la.

—Meu nome não é esse. Eu me chamo Asteríris. Asteríris Linterfel.

—Asteríris. Bonito nome. De que direção você veio?

—Norte da floresta. De um vilarejo pequeno.

—E o que espera encontrar aqui?

—Busco por respostas. —O que é você? — perguntou Asteríris, curiosa.

—Você não é muito inteligente pelo que eu estou vendo. Não sabe o que sou e mal sabe o próprio nome. Não sei como ainda respira. — troçou Brendoff, encafifado.

—Eu me acho muito inteligente senhor árvore falante. Você é uma árvore que fala, porém de onde venho ás árvores costumam não falar. Então, ou sou maluca ou estou sonhando. —falou Asteríris meio confusão com o que via.

—Você é maluca, pois ousa andar pela floresta sozinha. Mas eu sou muito real e posso provar.

Assim que disse essas palavras, Brendoff deu um beliscão em Asteríris que gemeu de dor.

—Ai... essa doeu! –resmungou emburrando a cara.

—É só maluca mesmo. –cutucou Brendoff.

—Devo ter batido com a cabeça quando me jogou no chão.

—Me perdoe, esqueci que você estava dormindo sobres os meus galhos. Já faz anos que não vejo uma humana andando pela floresta. Ainda mais uma garota tão pequena. Os humanos (mulheres) pararam de andar pelas florestas e bosques a bastante tempo. Eles têm medo do que podem encontrar depois do que aconteceu. Quando homens se arriscam, sempre estão armados até os dentes com bestas e facas compridas o bastante para partirem um cervo ao meio.

Algo parecia familiar naquelas palavras.

—O que aconteceu?

—De que mundo você veio?!—urrou a criatura. —As pessoas se esqueceram tão rápido. Devia ler mais. —disse Brendoff vendo como Asteríris não tinha nenhum conhecimento sobre o que ele falava. —Estou falando da grande guerra e das consequências dela.

—Qual guerra? —ela parecia uma bobalhona.

— Foi há muitos anos, mas eu ainda me lembro como se fosse ontem. Os gritos das pessoas. A raiva que elas sentiram quando viram o seu povo ser massacrado. O mundo conheceu a maldade naquele dia. —contou Brendoff com olhar baixo.

—Quando aconteceu essa guerra? —ela ainda pensava estar sonhando, pois era o que o rosto dela revelava.

—Faz um pouco mais que cem anos. Quando as trevas decidiram que era hora de governar este mundo travando uma grande guerra que mudaria todo o rumo da história da raça humana e das criaturas sobrenaturais que aqui viviam. — após uma breve pausa Brendoff deu as costas para Asteríris e começou a caminhar.

—Aonde o senhor vai? –perguntou enquanto corria para alcançá-lo.

—Não devia ter tocado nesse assunto. Não tem nada de bom para ser lembrado. — disse Brendoff se voltando para ela.

—Eu sei que o senhor deve ter visto muitas coisas, mas eu preciso saber tudo o que o senhor sabe sobre a guerra. Por favor. Prometo que deixo o senhor em paz. —suplicou Asteríris.

—Por que tanto interesse em uma guerra que aconteceu há tanto tempo?

—Estou procurando por respostas. E sua história pode ser um caminho até elas. Até ontem eu não sabia que árvores podiam falar.

—Não sei se encontrara o que procura em meio a tanta dor que essa guerra causou. Mas tudo bem. Direi assim mesmo. Já faz pouco mais de cem anos como disse. Os seres humanos dividiam o mundo deles com criaturas mágicas e muito poderosas. Havia muitas criaturas. Uma mais bela e diferente da outra. Isso incluía desde fadas até homens e mulheres que viravam lobisomens em dia de lua cheia. Mas uma espécie se destacava entre elas. Criaturas poderosas que governavam esse mundo, os Seres de Luz. Eles viviam em seus enormes castelos com belíssimos salões. Muitas criaturas, inclusive os humanos passaram a viver sobre a proteção dos Seres de Luz. Nenhuma criatura podia ferir os humanos enquanto vivessem sobre a proteção deles. Um dia uma criatura vinda das trevas, decidiu que era hora de dominar o mundo. Ela começou aterrorizando e matando os humanos. Depois passou a matar toda criatura que buscava viver uma vida na luz e não na escuridão. Foi um banho de sangue. –ele fez uma breve pausa e se sentou no chão. —Para onde se olhava via corpos espalhados. Em 300 anos vagando pelo mundo, nunca presenciei tamanha crueldade. Durante muitos dias a matança continuou. Seres de Luz lutavam para combater as trevas. Bruxas usavam sua magia e nada adiantava. Até que as bruxas tiveram a ideia de criar outro mundo para que todas as criaturas sobrenaturais vivessem, mas antes elas precisavam derrotar a criatura que causou tanta dor não só para os humanos, mas para todos que aqui viviam. E antes que criassem o mundo novo, foi preciso banir a criatura maligna para o lugar de onde ela nunca devia ter saído. Então criaram o mundo novo, onde elas mandaram todos ou quase todas as criaturas mágicas para o outro lado. Poucas foram às criaturas que restaram nesse mundo. E desde que fizeram um novo mundo às bruxas nunca mais foram vistas. Talvez tenham ido para o outro lado assegurar que as trevas não retornem.

—Então você é uma das criaturas que não conseguiram ir? –perguntou ela, extasiada.

—Sim, não sei o que houve, mas não fui a única criatura a ser deixada para traz. As criaturas que ficaram aqui e não conseguiram ir para o outro lado tentaram por anos achar um jeito de ir, mas nunca descobrimos uma maneira. —revelou Brendoff.

—E como você sabe que as bruxas não mataram todos ao invés de criar um mundo novo? —questionou Asteríris.

—Porque as bruxas depois do feitiço que fizeram e de ter mandado todos para o outro mundo ou quase todos. Elas se reuniram para se desculparem com os humanos por toda dor e destruição, pois sentiam que deviam isso a eles. E contou que tinham criado um mundo novo para todas as criaturas e que nunca mais precisariam ter medo. E simplesmente desapareceram. Nunca mais ouvi sobre bruxas ou nem mesmo conversei com um humano até o dia de hoje.

—Se o que diz é verdade, então... talvez eu esteja certa em ter vindo para a floresta. Se o que diz for verdade, então tem mais criaturas como você vagando pela floresta? –perguntou Asteríris

—Sim. Mas precisa tomar cuidado, nem todas são amigáveis. –disse. –Quais respostas você procura?

—Minhas perguntas mudaram desde que o vi. Antes eu buscava descobrir quem é Asteríris Linterfel, mas agora... eu tenho algo em que pensar. Um mundo com criaturas poderosas. Parece que eu acabei de entrar dentro da toca de um coelho e ele me convidou para o chá. –zombou ela. — A floresta é mágica?

—O que quer dizer?

—É como se ela tivesse me convidado para vir aqui. Não sei bem.

—Existe magia em quase tudo, mas não é seguro aqui fora. Tem uma estrada ao oeste da floresta. Pode voltar para casa em segurança. –disse o Sr. Brendoff apontando a direção.

—Não pretendo ir para casa. Preciso que me conte o que mais sabe. –insistiu Asteríris. —Você tentou ir para o outro mundo?

—Sim. Mas nenhuma criatura que ficou desse lado descobriu como ir. Encontre as bruxas e elas dirão a você. Foi o que ouvi.

—Humanos conseguem ir para esse mundo? –arriscou ela.

—Não sei, mas por que a pergunta?

—Meus pais me deixaram quando ainda era um bebê. Talvez eles tenham descoberto sobre esse mundo e ido para lá.

—Sinto muito, mas não sei. Só as bruxas teriam as respostas.

—Existe de fato bruxas nesse mundo? Como faço para encontra-las? —perguntou Asteríris ainda sem acreditar.

—Se descobrir me conte, pois gostaria muito de pedir um favor a elas. Quero ir para casa!

—Sinto muito, senhor Brendoff. Caso eu descubra o paradeiro delas, prometo falar sobre o senhor e pedir que te mandem para casa.

—Obrigada, minha querida.

—Agora, preciso continuar. O nosso encontro só me trouxe mais perguntas. Obrigada, espero vê-lo logo.

—Por nada. Queria ter ajudado mais.

—E ainda pode. Sabe onde encontro água fresca e boa para o consumo?

—Continue seguindo em linha reta. Logo a frente, terá uma ponte de pedra atravessando um penhasco, mas tome cuidado. A ponte está desmoronando e não sei se aguentará. Vai encontrar o que procura depois de atravessar.

—Obrigada mais uma vez. E pode deixar que tomarei cuidado.

*Nove*



As palavras da senhora Margo não saiam da cabeça de Asteríris. Afinal, ela sabia algo sobre a guerra? O sonho dela tinha alguma relação com as histórias e com o sumiço dos pais? Como ninguém havia contado sobre a guerra? O que mais estariam escondendo? Essas eram as perguntas que surgiram após o encontro inesperado com o Sr. Brendoff. Agora mais do que nunca ela estava determinada a continuar sua jornada em busca de respostas.

Asteríris caminho por um longo tempo até finalmente encontrar a ponte de pedra. Estava completamente destruída, mas com cuidado conseguiria atravessar em segurança. Após a travessia, ela andou por mais algum tempo até que avistou um riacho completamente congelado.

Mantinha seus olhos diligentes por onde passava para quando fosse a hora de voltar para casa soubesse exatamente o caminho. Os flocos de neve caiam apagando suas pegadas. Ela caminhava em passos largos cada vez mais para dentro da floresta.

A noite chegou silenciosa com a brisa vinda do leste. As árvores ficavam mais inacessíveis para a pequena ruiva. Seus pés estavam fundos na neve. Estava claro que não seria fácil acender uma fogueira e que passaria a noite sobre as chamas da lamparina.

O céu estava limpo. A pouca neblina permitia avistar pássaros sobrevoando o céu. Asteríris acordou sobressaltada com os sons emitidos e estalos vindos da floresta. Uma maça e fatia de bolo foram suficientes para saciá-la.

Ela começava a se perguntar para onde deveria ir.

Asteríris estava fadigada de neve e árvores para onde quer que olhasse. Por um instante pensou em desistir. Lembrou da sua cama quente, do delicioso café da manhã e das conversas longas com o melhor amigo. Sentia-se cansada demais para continuar. Quase que por um milagre uma cabana apareceu diante dos seus cintilantes olhos. Uma cabana velha e empoeirada. Teias teciam do teto até os primeiros degraus da varanda. Ela não hesitou em quebrar a janela quando percebeu que não havia nenhum morador. A noite logo chegaria e não pretendia passar mais uma noite ao relento.

O lugar estava bem conservado, talvez pelos lençóis brancos cobrindo os móveis. Sem delongas ela os retirou um a um, deixando-os descobertos. A sala era rústica, com uma belíssima mesa redonda, uma poltrona no canto acompanhada por um criado com cera derretida sobre ele. A lareira era grande o bastante para assar um porco. O quarto era simples, com apenas uma cama e alguns móveis para guardar as vestes. Ela não achou apropriado dormir em uma cama que não lhe pertencia, então preparou um lugar confortável próximo a lareira.

Uma luz branca entrou pela fresta da janela e fez com que Asteríris despertasse. Antes de mais nada, preparou a mesa com bolo, maças e biscoitos amanteigados enquanto esperava o bule com café pendurado na lareira esquentar. A manhã estava agradável ainda mais depois de uma sossegada noite de sono. Uma noite que não vinha tendo a muito tempo.

O sol parecia tentado a sair, mas ela sabia que o inverno não acabara. Deixou a cabana como encontrou, a não ser pelo enorme buraco evidente na janela. Pegou umas lenhas e guardou, assim como alguns cobertores para aquecê-la nas noites mais frias. Não queria exceder da hospitalidade, mas ousou carregar algumas coisas e se sentiu culpada por furtá-las.

A jornada pela floresta estava longe de ter fim e já havia se passado vários dias desde que dormiu confortável sobre a lareira da cabana. Sem mais casebres ou criaturas mágicas. Será que não havia sonhado com a criatura também? Talvez tudo não passasse de uma grande fantasia criada por ela para dar sentido a sua fuga do vilarejo. Asteríris começava a duvidar de sim mesma e das razões pela qual entrou na floresta. Um barulho a arrancou rudemente dos seus pensamentos. Seus olhos vasculharam rapidamente os cantos da floresta para saber de onde ele vinha.

Um vestido vermelho sangue varria a neve. Os longos frios brancos prateados alvoroçados desciam até onde as asas esmeralda partiam. Suas asas abriam caminho sobre a neve. As orelhas pontudas acobertadas pelos fios brancos. Ela não era terrível, muito pelo contrário, era magnifica. Uma fada talvez. Uma brisa arrepiou Asteríris quando percebeu do que se tratava. Estava escondida atrás de uma árvore temendo o pior. A criatura segurava um cavalo, talvez, um unicórnio pelo enorme chifre na cor do arco-íris que tinha na testa. Ela falava algo que os ouvidos de Asteríris não conseguiam decifrar. E antes que ela ou a criatura pudessem notar, o unicórnio desapareceu silenciosamente. E um grito agonizante ecoou e foi trazido pela brisa até os ouvidos de Asteríris.

—O que fizeram com ela? –gritava a criatura, desesperada. A neve começava a cair impiedosa. As árvores estavam agitadas e os galhos estalavam constantemente como se pressentissem o perigo.

—Está tudo bem?

—Afaste-se ser maligno! — bradou a criatura com olhar ameaçador.

Os olhos pareciam estrelas; intensos e brilhantes.

—Está tudo bem. Não vou machucá-la. —proferiu Asteríris tentando se aproximar.

—Como posso saber se o que diz é verdade? –indagou a criatura, acanhada.

—Vai ter que confiar. –respondeu com um sorriso amigável. Sou humana, veja! –Asteríris tentava mostrar as mãos e até as orelhas para confirmar o que dizia. –Como posso ajudá-la?

— Queira me desculpar. Não sei em quem confiar. –disse a criatura ainda assustada. —Tem muita coisa estranha acontecendo na floresta. O que faz aqui sozinha?

—É uma longa história. Era um unicórnio com você? –perguntou olhando em volta à procura do animal.

—Sim. Como sabia?

—Já ouvi histórias sobre criaturas parecendo cavalos com chifres. Onde ele está agora?

—A escuridão o levou.

—Mas ainda é manhã. De qual escuridão você fala? –perguntou ela, confusa.

—A escuridão não se importa se é dia ou noite. Ela vem e destrói tudo em volta. —alegou a criatura. —Estava caminhando pela floresta com meu unicórnio quando fomos surpreendidos por essas criaturas malignas. Elas levaram minha Agnes.

—Eu sou Asteríris Linterfel. Se quiser, posso ajudá-la a encontrar sua amiga.

—Obrigada. Meu nome é Serafim Steffens. Sou uma Hope, mãe e Guardiã dos Unicórnios. Sei que deve estar achando que sou uma fada, mas não. Fadas são pequenas e usam pó mágico. –sua voz tinha um tom angelical.

—O que é uma Hope?

—Uma criatura mágica muito poderosa, ou já fomos muito poderosas. O meu clã foi completamente dizimado na guerra. Sou a última Hope. Nascemos no eclipse lunar. Quando um unicórnio é sacrificado gerando uma Hope.

—Como podem ser guardião dos unicórnios se para existir um deles é sacrificado?

—Sabia que me faria essa pergunta. É um sacrifício breve, logo que o sangue e meia vida da criatura se esvai, a Hope nasce. Nascemos e logo curamos o unicórnio usado para o sacrifício.

—E como isso é possível?

—É complicado explicar, mas o que importa é que não matamos aquilo que nos dá a vida.

—E por que não conseguiu proteger a sua amiga?

—Meus poderes são de cura. Não fui criada para guerra. Por isso, o meu povo foi massacrado antes de todos os outros. Uma Hope é uma peça preciosa no campo de batalha. –respondeu Serafim, angustiada.

—Entendo e sinto muito pelo seu clã.

—Tem certeza que quer me ajudar? É perigoso e não posso garantir sua segurança. –alertou Serafim, severa.

—Não volto na minha palavra. Agora me mostre em qual direção a Agnes foi levada e eu ajudarei. –disse Asteríris olhando fundo nos olhos de Serafim.

—Foi por ali. –disse Serafim apontando para o oeste da floresta. Uma tempestade de neve parecia se aproximar. Uma nuvem negra cobria o céu, a manhã seria mais fria. –Não tenho sido uma boa guardiã, acabei perdendo todos os unicórnios. A Agnes era minha esperança e a perdi também.

—Não se preocupe, pois logo estarão juntas. Precisamos nos apressar, pois uma tempestade vem por aí. –alertou ela apressando os passos.

Era noite quando conseguiram encontrar um pequeno, fedorento e desorganizado acampamento.

Nada mais poderia surpreender Asteríris. Eram de porte médio, a pele grossa escura e enrugada. Usavam farrapos escuros e sujos. Tinham esbugalhados olhos amarelos, e os pontiagudos dentes pareciam saltar de dentro da boca. Eram corcundas, com braços e pernas magricelas, os pés eram peludos e nojentos. A julgar pelos enormes machados de madeira e ossos, que arrastavam pelo chão, lá estavam as criaturas que capturaram Agnes. As criaturas viviam fazendo barulhos estranhos com a boca, como se um gato tivesse se engasgando com um novelo de lã.

—Coloque o unicórnio no cercado, pois amanhã ele será o nosso café da manhã. —berrou a criatura passando sua língua gosmenta entre os dentes.

—Sim mestre. –murmurou outra criatura cabisbaixa.

—Agora não me incomodem, pois preciso descansar. —disse a criatura que parecia dar as ordens por ali.

A criatura gruiu antes de adentrar em uma tenda de trapos velhos.

*Dez*



As longas horas à espreita foram compensadas quando as criaturas com olhos de gato adormeceram. Até mesmo a que vigiava Agnes havia se sucumbido ao cansaço. O unicórnio estava cercado por cordas grossas entrelaçadas e bem amarradas. Ele estava quieto e parecia enregelado.

—Eu não consigo desamarrar as cordas. —sussurrou Serafim tentando libertar o animal.

—Sem abracadabra. –disse Asteríris, sardônica.

—Isso não é hora para piadas de bruxa. –retrucou a Hope sacudindo a cabeça em sinal de reprovação.

—Desculpa. Pegue minha adaga, acho que será de grande ajuda. –disse ela esticando uma adaga com cabo simples de carvalho, com um lobo esculpido na parte superior.

Asteríris entregou a adaga e se voltou para as criaturas adormecidas.

—Obrigada.

A nevoa dificultava a fuga pela floresta. As botas de couro afundavam três palmos sobre a camada de neve. A tempestade havia alcançado elas na volta para onde quer que estivessem fugindo. Agnes acompanhava em silêncio sua guardiã.

—Ainda está escuro e não posso deixá-la andando sozinha pela floresta. Ainda mais em meio a uma tempestade. O que acha de irmos para a minha casa e você passar a noite aquecida e protegida? –sugeriu Serafim, agradecida.

—Não recusaria por nada. Acho que não trouxe coberto o bastante para passar a noite na floresta, não com essa tempestade. –brincou Asteríris com um sorriso murcho.

Seguiram algumas milhas ao leste da floresta. A pouca iluminação permitiu aos olhos radiantes da garota ruiva apreciarem o lugar. Era bem parecido com o vilarejo na verdade. Uma ponte de madeira cortava um lago. O arco feito pelas árvores impedia que a neve cobrisse o chão de pedra perfeitamente alinhado. O lugar parecia encantado. Havia magia ali.

Serafim morava em uma cabana pequena de madeira. Duas cadeiras de balanço estavam sobre o assoalha velho da varanda.

—Fique à vontade. –disse Serafim, destampando um bule cheio de água.

Havia dois aposentos na cabana. Uma lareira rodeada por um sofá e duas poltronas postas lado a lado. Havia chifres negros empoeirados sobre uma prateleira em um canto do cômodo, acompanhado por uma mesa coberta por asas de insetos. No aposento ao lado, havia apenas uma cama pesada perfeitamente disposta, e uma guirlanda pendia sobre a cabeceira de ferro.

—São todos chifres de unicórnio? –perguntou Asteríris.

—Um tanto peculiar, eu sei. Mas foi o que restou dos unicórnios que estavam sobre os meus cuidados. Encontrei espalhados pela floresta e muitos outros arranquei de suas carcaças queimadas depois de serem assados feito coelhos. Eles perdem a cor quando o unicórnio é morto. Não eram meus, mas cuidei deles depois da guerra quando perderam suas guardiãs.

—O que eram aquelas criaturas?

—Não sei bem o que eram. —Chá?

Asteríris notou logo a inquietação da Hope. Talvez soubesse de algo e não quisesse contar.

—Não, obrigada.

—Os seus pais sabem onde está? –perguntou Serafim, curiosa.

—Não os vejo desde os meus três anos de idade. –disse Asteríris, desanimada. —Já é tarde, acho melhor dormir. –acrescentou ajeitando-se no sofá onde passaria a noite.

—É claro.

—Serafim, as criaturas irão voltar? –perguntou ela em voz baixa.

—Durma sossegada. Há uma barreira de proteção que se estende por parte da floresta.

—E como conseguiram pegar a Agnes?

—Achei que quisesse dormir. –disse Serafim os olhos brancos estavam frios. Serafim desprezou a pergunta e seguiu para o outro aposento.

O cheiro doce de baunilha predominava, o ar era sútil aquela manhã. Serafim cantarolava ao passo que adornava a mesa do café com lindos lírios.

—Espero que tenha dormido bem. –disse ela, alegremente.

—Sim. Notei que está animada, algum motivo em especial? –perguntou Asteríris, afável.

—Agnes está sã e salva. Não poderia estar mais contente. E graças a você ainda sou a guardiã dos unicórnios. Sei que fui rude na noite passada, me perdoe. –pediu Serafim, afetuosa.

—Bobagem, as vezes meto o nariz onde não devo. –disse. —O que teria acontecido a você caso não conseguisse salvá-la? –perguntou Asteríris sentando-se a mesa no canto do cômodo. –As outras Hope também eram guardiãs?

—Vejo que é bisbilhoteira. Espero que responda algumas das minhas perguntas igualmente. –disse retórica. –As lágrimas de unicórnio são preciosas e raras. As usamos para preparar porções e remédios de cura. Por isso somos as guardiãs dos unicórnios. Precisamos deles para realizar grande parte dos nossos feitiços. Temos uma ligação forte, pois eles são a base da nossa criação. Nada me aconteceria, mas no eclipse lunar Agnes é a única que poderá me dar vida caso algo me aconteça. Quando ela se for, acabou.

—Não haverá mais Hope? –perguntou Asteríris, atônita.

—Não. E assim o meu clã também chegará ao fim. Ela é tudo o que eu tenho.

—E não tem nada que você possa fazer?

—Temo que não. –disse para ela, abatida. –Ainda não sei o motivo de perambular sozinha na floresta. O que veio fazer aqui, não sabe os perigos que se escondem na escuridão? –perguntou Serafim pegando o bule de café e servindo-a um pouco mais.

—Busco por respostas.

—E de onde vêm, não sabiam responder? –continuou ela com um tom de melodia.

Claramente Serafim estava ansiosa para saber os motivos pela qual a garota vagava sozinha pela floresta, seu olhar penetrante intimidaria qualquer pessoa, mas não Asteríris.

—Talvez tivessem, mas não ousariam me dizer.

—E como tem tanta certeza?

—Apenas sei. Acho que boa parte dos moradores não sabem sobre a guerra e as criaturas mágicas. Se soubessem viveríamos atrás de muralhas. Tem a senhora Margo, que vivia me contando histórias e que me ajudou a sair do vilarejo. Ela certamente sabe de algo. Por isso, deve ter me ajudado a sair, talvez quisesse que eu visse com os meus próprios olhos.

—Tem coisas que contam para os filhos e os filhos dos seus filhos. Aqueles que escondem o passado é por temê-lo.

—Então, você acha que os moradores do vilarejo sabem sobre as criaturas que se escondem na floresta? –perguntou Asteríris levantando-se e seguindo rumo a lareira em brasas.

—Sim, e eles passaram a contar histórias para os filhos e os filhos dos seus filhos. Deixando o passado para trás. Tentam apagar o que aconteceu aos seus antepassados. –disse Serafim em suas palavras tinha desprezo e raiva. Escondem-se atrás de histórias de minar.

—Não muito longe daqui, tem uma estrada que leva para a cidade do oeste, Kataluwia. Como nenhum humano viu você ou a Agnes até hoje?

—A barreira de proteção serve contra os humanos também. Não podem ver a cabana, nem a Agnes. Depois da guerra, ficamos nos rastejando pelas florestas e bosques, a procura de um lugar seguro. O que acha que aconteceria se um humano nos visse? –perguntou, seca. —Seriamos queimados, todos... o que os humanos fizeram depois da guerra... –um silêncio preencheu a sala. –Mataram todos. Ainda posso sentir o cheiro dos corpos das Hope que sobreviveram à guerra serem queimados. Os gritos agonizantes que me assombram todas as noites.

—Por quê? –gaguejou Asteríris. –Como puderam fazer isso?

—O que não se controla, se teme e depois se mata. Eles jamais permitiriam que algo parecido com a guerra acontecesse outra vez. –disse com os olhos pálidos repletos de ódio. –Por que a floresta? –berrou partindo para cima de Asteríris.

Serafim estava a dois passos da garota. Sua postura parecia ter mudado completamente, assim como seu semblante. Seu rosto parecia mais pálido e os lábios contorcidos com um sorriso de desdém.

—Ninguém espera encontrar respostas na floresta. –disse Serafim em voz baixa e assustadora. –Poderia ir para a cidade do oeste, Kataluwia. Não... a do norte, Arintiel, mas veio para a floresta. –ela parecia vazia e obscura. Seu tom de voz era outro.

—Serafim! –gruinho Asteríris acanhada sobre a sombra da Hope.

Os olhos de Serafim ofuscavam outra vez.

—Foi algo inconsciente, meio que fui atraída para cá. –disse ela ignorando a mudança enfadonha da Hope.

—O que você disse? –perguntou Serafim, atordoada.

Ela parecia não ter notado o ocorrido e nem quando voltou a si.

—Na verdade, você não é a única criatura que se lembra dos horrores da guerra. Eu encontrei uma árvore falante no caminho. Ela me contou sobre a guerra e o fim que teve todas as criaturas mágicas. –continuou ela. –Sabe alguma coisa sobre o novo mundo criado pelas bruxas para garantir a segurança dessas criaturas?

—Ouvi algo. Mas você já deve saber, já que tocou no assunto. –acrescentou Serafim, agora andando de um lado para o outro da sala.

—Só que um mundo novo foi criado. –disse Asteríris. –Sabe mais alguma coisa que possa-me ser útil? –uma poeira de cinzas na lareira se levantou quando ela grosseiramente cutucou-as com um ferro de ponta de flecha.

—Quanto mais cutucar...mais vai achar. –disse Serafim, intimidante.

—Ainda estamos falando do novo mundo? –perguntou, confusa.

—Qual a pergunta que o povo do seu vilarejo não saberia responder? –lembrou Serafim.

—O que de fato aconteceu aos meus pais? –Eu sempre acreditei que eu era a culpada por eles terem ido embora, mas depois de ver aquelas criaturas que capturaram a Agnes. Acho que podem ter feito o mesmo com os meus pais. –arriscou ela.

—Aquelas criaturas pareciam sem cérebro, mas posso garantir que são mais espertas do que imagina. Elas não arriscariam serem descobertas.

—Acha mesmo que o desaparecimento deles não teria ligação nenhuma com o que se esconde na floresta? –ela almejava um sim como resposta.

—Não. Um sim seria mais fácil, deixaria as coisas menos dolorosas. Asteríris, você é tão esperta para uma garota da sua idade. Não crie as respostas, encontre-as. –disse Serafim com firmeza. –O que sabe sobre o paradeiro deles?

—Nada é claro. Minha tia se recusa a falar deles. Eu os vejo nos meus sonhos. E só vi uma vez o rosto do meu pai. Encontrei um desenho que minha mãe fez dele. E é claro que a minha tia transformou em cinzas logo depois.

—Ela sabe de algo e não quer contar a você. E por que decidiu entrar na floresta?

—Ela me chamou. –Asteríris teve a certeza de que Serafim não estava em si quando fez a mesma pergunta antes.

—Chamou? –repetiu Serafim com olhar curioso.

*Onze*



Entrementes Asteríris contou a Serafim sobre os sonhos e acontecimentos envolvendo a floresta. Não deixando faltar um pormenor. Serafim jamais imaginou encontrar com uma garota peregrinando pela floresta, os riscos para ambas era grande.

—O que fará quando retornar para o vilarejo? –perguntou Serafim, preocupada.

—Não direi nada se é com isso que está preocupada. –retrucou Asteríris. –O que sabe sobre as bruxas?

—É verdade que as bruxas criaram um mundo novo. E para isso, foi preciso muita magia. Exatamente doze bruxas. Uma bruxa de cada clã para ser mais precisa. Doze linhagens. E para manter o outro lado protegido, elas o fizeram reflexo ao nosso. Começaram mandando os Seres de Luz, acredito que muito bem instruídos. Eram eles que reinavam sobre o mundo dos humanos. As criaturas boas e justas. E como já reinavam aqui, não seria difícil liderar outra vez. Muitos acreditavam que foi uma formar que as bruxas encontraram para punir os Seres de Luz por não conseguirem conter as trevas, mas isso jamais poderia ser verdade. Eles foram grandes aliados na batalha contra as trevas. —disse Serafim, sensata. –Tudo isso, só para acabar com uma guerra entre humanos, criaturas mágicas puras ou malignas. Tinha que ser feito.

—Quem são os Seres de Luz? –perguntou Asteríris, com olhos esbugalhados.

—Já foram considerados como reis e rainhas pelos humanos. Eram venerados por todas as criaturas mágicas e até pela raça dos humanos. Eles mantinham a paz e harmonia. Sempre ajudando aqueles que chegassem a sua porta. São descentes distantes dos elfos. Porém, o tempo dos elfos acabou a milhares de anos. Os Seres de Luz são criaturas ainda mais sábias, ágeis e poderosas. –revelou como se estivesse diante deles.

—Criaturas que viviam aqui e que eram tipo deuses... reis e rainhas. Só posso ter nascido na época errada. –berrou Asteríris.

—Acredite, está bem melhor vivendo nessa Era. —A Era das criaturas mágicas para o seu mundo, teve fim quando as bruxas criaram um mundo novo. —A montanha é a comprovação disso.

—Que montanha? –perguntou Asteríris, ansiosa.

—Me admirar ela não ser vista onde quer que alguém esteja. Uma enorme montanha de gelo surgiu no meio da floresta. –contou. –Acho que foi uma implicação por criarem outro mundo ou uma forma usada para criar o outro mundo. Um belo dia, lá estava ela, tão grande e solitária. Muitas criaturas acharam que era uma espécie de barreira dividindo humanos de criaturas mágicas, mas estavam enganados.

—E o que aconteceu? –perguntou Asteríris, interessada.

—A montanha de gelo deixou de ser solitária, pois nenhuma criatura que ousou enfrentá-la, conseguiu retornar. –disse. — Há quem diga, que existe uma passagem... uma porta dentro da montanha e que levaria para o outro mundo. Ninguém nunca encontrou. –disse Serafim, lançando um olhar emblemático. —Só se ouve os gritos daqueles que tentam subir a montanha. Os humanos se aventuraram e tentaram descobrir os segredos por traz da cortina de neve e fúria dela, mas cabeças rolavam e eram empilhadas aos montes ao pé da montanha.

—Está tentando me assustar?! –exclamou Asteríris.

—Desculpe ser tão fria e rude, mas você quer ver encanto onde não existe. Não vai encontrar as respostas andando sem rumo pela floresta. E certamente não são as criaturas mágicas que diriam onde os seus pais estão. Se é que estão em algum lugar. –disse Serafim, sombria.

—O tempo das Hope acabou. Como pode ser tão cruel e insensível?! –disse lentamente.

—Desculpe, mas preciso descansar. Não sabia que relembrar o que aconteceu anos atrás me afetariam tanto. Peço desculpas.

A Hope parecia apática e com um olhar distante.

—Desculpa, não sabia que afetaria você. Vou preparar um chá. Nós duas precisamos relaxar depois de toda essa conversa.

Asteríris tateou pela sala em direção ao bule de chá pendurado em um gancho sobre o alto da lareira.

A escuridão invadiu a sala, a madeira estalava enquanto as chamas a consumia. Fora da cabana tudo aparentava estar seguro e pacato. Um vento entrava pela janela e agitava as cortinas descontroladamente. A luz do fogo dançava fazendo sombras nos arredores da sala.

—Quando decidi entrar na floresta, não fazia ideia do que ia encontrar. Sabia que as mulheres são proibidas de entrar na floresta se não acompanhadas de um homem? –Asteríris encarou a anfitriã.

Serafim arqueou a sobrancelha antes de sentar-se no sofá.

—Acham que as mulheres são o elo mais fraco. E veja só você, entrou sozinha na floresta. –disse. –Não sei bem o motivo dos sonhos, do lugar frio e da luz brilhante, mas nada acontece por acaso. Talvez... um efêmero talvez, você esteja predestinada a alguma coisa ascendente.

—E como faço para ter certeza? –perguntou Asteríris, intrigada.

O zumbido do bule ecoou pela sala.

—Conheço umas criaturas ranzinzas que poderão te ajudar a descobrir. –disse Serafim. –Mas primeiro terá que achá-los.

—Que criaturas? –perguntou Asteríris quando Serafim retornou trazendo o chá e torradas.

—Anões.

—Anões? –repetiu com tom de escárnio.

—Exatamente.

—Achei que fossem apenas homenzinhos. Não sabia que eram mágicos também.

—Você vai descobrir do que são capazes assim que colocar os olhos neles. –disse Serafim, enigmática.

*Doze*



As instruções haviam sido claras. Seguiria para o sul, cada vez mais para dentro da floresta depois de cruzar o lago. Não poderia parar de correr depois que entrasse na floresta sangrenta. Atravessaria com os ouvidos tapados, não conseguiria encontrar os anões se não ali.

Os limites da floresta sangrenta começavam na orla de um lago que a cercava. A água fúnebre e prateada parecia borbulhar. O cheiro de morte subia quando a brisa tocava a superfície da água. Um pequeno barco pairava sobre a lama vermelha na margem. Asteríris pulou para dentro do barco e ele se arrastou para água. Como se um fio mágico o puxasse em direção a outra margem. A água prateada agitava-se embaixo da pequena embarcação. Não precisou mais que meio-dia para atravessar.

O vento urrava dentro da floresta sangrenta. Uma floresta dentro de outra. Os galhos das árvores emergiam com fúria para fora dela. Eram como garras negras e afiadas. Por um instante ela hesitou em entrar, mas sabia que não poderia voltar sem antes encontrar os anões.

Um líquido viscoso escorria pelas árvores. Tinham rostos medonhos talhados no centro delas. A grama parecia intocada pela neve das noites anteriores. Era como se tivesse entrando em uma floresta com vida própria. O ar era pesado demais, deixando seu corpo sonolento e desvanecido. Era difícil enxergar algo com clareza, a jugar pela pouca luz, era mais tarde do que desejava.

Corre Asteríris...corre! Ela gritava e repetia para si. Suas botas já muito gastas desde que deixara o vilarejo afundavam na terra roxa.

Os gritos pareciam agitar a floresta sangrenta ainda mais. As árvores com poucas folhas se balançavam chicoteando o chão com força. E antes que pudesse ser esmagadas por algumas delas, a terra cedeu debaixo dos seus pés e a puxou tão forte a ponto de perder o rumo. Uma rechonchuda e arredondada porta estava diante dos seus olhos. Nela estava escrito para bater três vezes se fosse um gnomo, para as fadas, a fenda de metal no meio da porta, poderia ser usada como passagem.

—E humanos batem quantas vezes? –perguntou Asteríris antes de perceber que o buraco sobre sua cabeça havia se fechado completamente.

—Humano? –uma voz grossa soou por detrás da porta

A porta se abriu tão rápido diante dos olhos arregalados de Asteríris e uma mão pequena agarrou-a puxando com força para dentro. Uma criatura pequena com cabelos acinzentados e compridos estava diante dos seus olhos. Parecia velho e cansado pelas rugas em volta dos olhos. Tinha olhos escuros, mas tinha um certo brilho neles. O nariz parecia ter sido ferroado por uma vespa, era grande e redondo na ponta.

—O que uma humana faz na nossa porta? –perguntou a pequena criatura passando uma das mãos vagarosamente sobre a barba longa e a outra coçava a cabeça com o dedo indicador.

—Anões! –exclamou Asteríris, aliviada. —Achei que fossem sete. –continuou desapontada.

—A branca de neve envenenou os outros cinco. –disse a outra criatura baixinha sentada em uma poltrona escondida sobre a sombra da lareira.

—Sinto muito. E onde ela está? –perguntou Asteríris fitando-o assustada.

—Morta. –respondeu a criatura sem mover os lábios.

—Vocês mataram a branca de neve! São tão bárbaros a esse ponto!? –berrou Asteríris, indignada.

Ela se virou e forçou a maçaneta para baixo. A porta não abria por nada.

—Pelas barbas de Merlin. –gritou o homenzinho com os lábios ainda imóveis e misterioso no canto do aposento.

—Quem é Merlin? –perguntou Asteríris virando para encarar os anões. E por que me sinto uma idiota falando com vocês?

—Porque eu estou fuçando a sua mente. Por isso, suas perguntas parecem tolas. –respondeu lentamente. —Não consegue saber o que é real ou uma arteirice da minha parte. –explicou a criatura com ar sério.

—Vai acabar fritando os miolos dela, irmãozinho. –alertou a outra criatura em pé no assoalho.

—Já disse para não me chamar assim. –o anão escondido nas sombras parecia decididamente furioso.

—Quem são voc....vocês? –perguntou Asteríris com dificuldade.

—Petrúquio. E esse na sua mente é o meu irmão Baltasar. –respondeu sorridente. –Sente-se, vai demorar até estar totalmente consciente. O meu irmão bagunçou a sua cabecinha. –E você, como se chama?

Petrúquio apontou para uma cadeira de tamanho considerável para ela se sentar.

—Sou Asteríris.

A toca era aconchegante. O chão era de madeira e atapetado, uma lareira de lajotas com duas toras de árvores suspendendo uma prateleira de madeira ao fundo, com poltronas estampadas e confortáveis. Um comprido banco branco ficava ao lado da porta, com pilhas de madeira satisfatoriamente cortadas. E cabides pendiam do lado esquerdo para chapéus e casacos, uma mesa velha e empoeirada ficava de frente para o corredor. No corredor principal tinham quadros com pinturas estranhas. Ele corria por entre dois quartos.

—Obrigada. Ele já saiu da minha cabeça? –perguntou Asteríris, atordoada.

—Sim, é uma maneira de conhecer intrusos e deixá-los indefesos. Logo se sentirá melhor. –explicou Petrúquio.

—Por que está sendo gentil com ela? –uma voz rouca ecoou pelos cômodos pequenos, era Baltazar.

—Ai está ele. –disse Petrúquio.

Uma figura com expressão zangada saltou da poltrona e veio para luz. Ele parecia um pouco mais novo que o outro. Talvez pelos poucos fios brancos na cabeça. Era um pouco mais alto, e tinha um nariz muito comprido e empinado, sua barba era escura e graciosa. Usava uma blusa vermelha que chegaria aos joelhos se não fosse pelo enorme cinto com a fivela dourada prendendo-a, uma calça grossa escura e com as barras sujas de lama, assim como as botas com saltos altos. Os olhos castanhos, sombrios e medonhos eram assustadores.

—Não gostamos de humanos, ainda mais os que ousam bater na nossa porta. –rosnou Baltazar para Asteríris.

—Uma amiga me disse para encontrá-los. Tome.

Asteríris tirou uma pedra branca azulada e cintilante do bolso, e colocou sobre a mesa de madeira. Uma moeda de troca.

—Uma pedra Maia. –disse Baltazar, fascinado. –Não vejo uma dessas a anos. Como conseguiu?

—Isso não importa. Só preciso que me responda algumas perguntas e ela será sua. –respondeu Asteríris, determinada.

—Uma pedra rara em troca de respostas. Não seria nada justo, mas já que insiste. –zombou Baltazar.

—Não ligo para pedras. –retrucou Asteríris.

— É uma pedra. Mas não qualquer pedra. Ela se chama Maia. Uma pedra criada, uma vez a cada cem anos. Quando o inverno começa, a estrela Maia deixa o céu. Quando cai na Terra sobre a neve, é englobada, e a neve cristaliza em volta dela, como se quisesse protege-lá. Se solidificando em volta, formando essa belíssima joia. –disse Petrúquio apontou para a pedra sobre a mesa. –Ela serve para mostrar a direção. Seria tolice usá-la como barganha.

—Não tenho nada tão valioso quanto essa pedra. –disse Asteríris a Petrúquio.

—Diga quem nos entregou e eu deixarei que fique com a pedra. –apelou Baltazar.

—Vão matá-la como matou a branca de neve?

—Não matamos a branca de neve. Pelos céus, em que mundo você vive garota!? –disse Baltazar, rabugento.

—Tanto faz. Vão me ajudar ou não? –perguntou Asteríris cruzando os braços impaciente.

—Não! –gritou Baltazar.

—Não? –repetiu Petrúquio, surpreso.

—Isso mesmo, não devemos favores aos humanos. –disse Baltazar, emburrado.

—Não é um favor, vou dar algo em troca. –sibilou Asteríris.

—Devolva a pedra para o dono e esqueça que nos viu. –aconselhou Petrúquio, gentilmente.

—Não posso. Vocês ou me ajudam ou direi aos humanos que criaturas mágicas se escondem na floresta. Não durariam uma noite. –arriscou ela, ríspida.

—Sua criatura desprezível. –gruiu Baltazar. –Posso pendurá-la em uma árvore e deixar para os lobos cuidarem de você. –ameaçou enfurecido.

—Acho que vou fazer um chá. Consigo ver as faíscas saírem dos olhos do dois. –disse Petrúquio correndo para apanhar o bule em outro cômodo.

As paredes pintadas de branco estavam adornadas com enormes machados de ferro. Haviam entre eles escudos e facas de caça. Muitas facas com cabos de aços entalhado escritas em outro dialeto. A sala de jantar estava iluminada por candelabros com velas, como em outras partes da toca.

Era noite quando a sopa de batatas foi servida. Acompanhada por pão e geleia de rabanete. Uma corrente fria entrava por uma janela no fundo da cozinha e percorria todo o corredor até a sala de jantar. Não pareciam que estavam inteiramente debaixo do solo úmido e cheio de minhocas.

—O que têm depois daquela porta? –perguntou Asteríris apontando para uma porta triangular no fundo da cozinha.

O aposento era cheio de prateleiras com rabanetes e potes cheios de geleias. Tinha um enorme fogão de lenha. Lebres e chifres de cervos pendiam na parede. Uma mesa de madeira polida se escondia no canto.

—A saída. –respondeu Baltazar, ranzinza.

—E uma horta também. Plantamos nossos rabanetes, algumas cenouras e também batatas. –disse Petrúquio. —A geleia de rabanete é deliciosa, não deixe de provar.

A porta se abria para uma belíssima horta, protegida por uma cerca de madeira: uma cerca para impedir que coelhos ou outros animais roubassem legumes da horta. A floresta sangrenta, ficava à espreita da horta.

—É claro. –disse Asteríris.

Já haviam se passado horas desde que tinha sido deixada sozinha na toca dos anões.

—Não foi educado da nossa parte deixá-la sozinha, mas precisávamos afastar os Petelecos para longe da toca. São sempre tão desagradáveis. –disse Petrúquio. –Não precisava ter arrumado nossa toca.

—Tudo bem, não tinha muito o que fazer mesmo. O que são os Petelecos? –perguntou Asteríris, discreta.

Baltazar fungou e revirou os olhos servindo-se de mais sopa.

—Parecem com formigas. São pequenos como camundongos, mas tem uma cabeça enorme e olhos arregalados e avermelhados. Muito difíceis de se ver, pois conseguem camuflar por entre as folhas devido a sua cor esverdeada. Dá para esmagá-los com a palma da mão. –disse Petrúquio.

—Não parece com formigas pela descrição. –disse Asteríris.

—Não mesmo. Tem braços e pernas compridas. Bem parecido com morcegos. É, morcegos... com orelhas pequenas. Eles são verdes com uma pele elástica e enrugada. São criaturinhas terríveis. –disse Petrúquio franzindo a testa.

—O que eles fazem? –perguntou Asteríris, cativada.

—São maníacos por orelhas.

—Orelhas? –perguntou ela, franzindo o nariz.

—Exato. Eles voam em volta da orelha e ficam dando petelecos. –disse Petrúquio, furioso.

—Voam e dão petelecos na orelha. Parecem fofos e brincalhões. –disse Asteríris com um sorriso frouxo.

—Até sua orelha ficar quente e vermelha como uma geleia de rabanete. Teve sorte de não os encontrar no caminho. Conseguem facilmente enlouquecer uma pessoa. As asas fazem um zumbido irritante que deixaria até o Baltazar desnorteado. –brincou Petrúquio.

—Já chega de Petelecos. Comam a sopa em silêncio. –resmungou Baltazar.

Bum.

A toca vibrou quando a porta bateu outra vez.

—Não devia descontar na porta. Ela não tem culpa do seu humor desagradável logo pela manhã. –a voz grossa de Petrúquio ecoou pela sala de jantar.

—Bom dia. –disse Asteríris entrando na cozinha de cara amarrada.

—Toda manhã ele acorda ranzinzo. Depois de uma volta na floresta o humor passa a ser tolerável. –disse Petrúquio, sorridente. –Sente-se, irei preparar o café. Você deve estar com fome.

—Não muito. Por que floresta sangrenta? –perguntou Asteríris.

—Por causa do líquido viscoso que escorre pelas árvores. Parecem sangrar o tempo todo. Meio mórbido, eu sei. –Café?

—Sim. Obrigada. –disse estendendo a xícara. —O Baltazar irá demorar?

—Não. Deve trazer mais lenha para a lareira. O inverno está quase no fim, mas ainda sinto a brisa gelada tocar a espinha.

—O seu irmão tem poderes de controlar a mente? –perguntou Asteríris como quem não quer nada.

—É como um dom. Ele entra na sua cabeça quando está vulnerável.

Petrúquio se sentou na mesa redonda no canto da cozinha.

—Mais café?

—Não, obrigada. E como ele faz isso?

—Para facilitar invadir a mente de alguém ou alguma criatura, ele usa uma planta, valeriana. Ele a queima e deixa que a fumaça se espalhe pelos cômodos. Ela ajuda a relaxar a mente. E quando menos se espera sua mente foi vasculhada. –respondeu Petrúquio, atento a porta da cozinha.

—É um truque?

—Não, apenas um atalho para ganhar tempo. É mais rápido quando se usa essa planta. Cultivamos em nossa horta.

—Então ele sabe tudo sobre mim?

—Apenas a sua fraqueza. –disse Petrúquio. –Não precisa se preocupar, ele não irá usar contra você.

—Como tem tanta certeza? –perguntou Asteríris, rude.

—Se quisesse, ele já teria usado. Ele gosta de você, mas é orgulhoso e nunca vai admitir.

—Entendo. Você tem algum poder? –perguntou ela com olhar baixo.

—Sou um bom cozinheiro. –disse Petrúquio tirando um sorriso da garota. –Se provasse a comida do meu irmão saberia do que estou falando.

—Com aquele humor, não me surpreenderia se o gosto lembrasse aquela água fedorenta do lago. –disse Asteríris fazendo careta.

—É culpa do líquido prateado que escorre das árvores. Ele acaba fluindo para o lago. Deve ter notado assim que chegou.

—Na verdade não. Acho que eu estava assustada demais que não me dei conta. O que teria acontecido se eu não os encontrasse?

—Os Petelecos atormentariam você. –caçoou Petrúquio.

—Que bom que entrei na toca do coelho. –brincou ela. –O seu irmão irá me ajudar?

—Tenha paciência, aquela cara de razinza logo vai mudar. Só que vai demorar um pouco. Sua ameaça foi um pouco enfadonha. –avisou ele.

—Desculpa. Eu juro que jamais diria alguma coisa do que vi na floresta. –disse ela, infeliz. –O que eu posso fazer para me redimir com o Baltazar?

—Ele gosta de torta de maça.

—Torta de maça? –repetiu otimista. —Minha tia me ensinou a melhor torta de maça do vilarejo. Se eu fizer ele me perdoará? –perguntou empolgada.

—Acho que sim.

—Ainda bem que trouxe maça o bastante. Minha tia e eu cultivamos as mais doces e saborosas maçãs que o vilarejo já comeu. A torta vai ficar deliciosa, isso eu garanto.

*Treze*



Um aroma de massa amanteigada preencheu a toca. Dava para sentir o sabor da calda de maça só pelo ar.

—Acho que morri e fui para o paraíso.

A porta se abriu atrás de Asteríris. A calda de maça borbulhava enquanto mexia.

—Precisa de mais lenha? –perguntou Petrúquio, adentrando com troncos perfeitamente cortados.

—Já estou acabando. Onde está o Baltazar?

—Cuidando da horta.

—Tão tarde?! –Como está a noite lá fora? –perguntou Asteríris, fadigada.

Os anões haviam passado a tarde caçando cervo e lebres do outro lado do lago prateado.

—Enfadonho. Sabe que pode ir lá fora né?! –exclamou Petrúquio.

—Sei, mas...

—O que foi?

—Não é nada. Agora sente-se, pois preparei um cozido de cogumelos com figo. –ordenou Asteríris, entusiasmada.

Baltazar entrou sem fazer ruídos no assoalho.

—Achei que o aviso na porta era para bater e não contratar. –resmungou Baltazar logo cedo. –Por quanto tempo pretende ficar?

—A sopa está deliciosa minha cara. Tem talento na cozinha. –elogiou Petrúquio.

—Ainda não me disse se vai ou não me ajudar senhor ranzinza. –caçoou Asteríris.

—É claro que não. Abusa de nossa hospitalidade e ainda pede favores. Quanta insolência vinda de uma garotinha. –disse Baltazar, aborrecido.

—Espero que aproveite a torta de maça. –disse Asteríris deixando a sala de jantar.

O rosto de Asteríris estava vermelho como um pimentão. Petrúquio lamentou quando ela se retirou.

Bum.

Foi o barulho que veio da cozinha. Asteríris havia deixado a toca acompanhada de suas coisas.

A floresta estava úmida e tinha um cheiro azedo. Corre...você precisa correr! Algo gritou em sua mente.

Os galhos das árvores cortavam seu rosto feito lâminas afiadas.

—Preciso chegar no barco e sair dessa maldita floresta. –berrou Asteríris para o vazio da floresta sangrenta.

Asteríris corria na escuridão sem sua lamparina. Seus olhos não viam nada. Um barulho parecido com um enxame de abelhas ficava cada vez mais alto e parecia se aproximar.

—Quem está ai? –chamou Asteríris com os ouvidos tapados. –Apareçam, seus pestinhas!

E no escuro um bando de mãozinhas beliscavam os dedos das mãos de Asteríris. Ela abanava as mãos próximo as orelhas para se livrar do que pareciam ser os Petelecos.

—Volte para a toca! –a voz rouca de Baltazar emergiu da escuridão. —Siga a luz! —um feixe de luz brilhou longe. –Petrúquio está a sua espera. Asteríris, agora corra! –ordenou ele com tom sério.

Baltazar acendeu uma tocha para afastar as criaturas de si. Dava para sentir os dedos minúsculos dos Petelecos dando petelecos em suas orelhas.

—Você está bem? –perguntou Petrúquio quando Asteríris finalmente o alcançou.

—Sim...estou. –disse asmática. O Baltazar vai ficar bem?

—Não precisa se preocupar, ele logo vai voltar.

Petrúquio não parecia nem um pouco apreensivo pelo irmão.

Baltazar tinha se afundado na poltrona de frente para a lareira. Não disse uma só palavra desde que voltara da floresta sangrenta. Suas orelhas vermelhas o deixavam mais mal-humorado.

—Ele não vai dizer nada? –sussurrou Asteríris para Petrúquio.

Os dois aguardavam ansiosos, sentados envolta da mesa na sala.

—Acho que não. –disse. –Os Petelecos são ainda mais irritantes ao anoitecer. Eles ficam entediados e tendem a ser mais cruéis, aponto de morder. Não sei se ele ajudará você depois dessa. –disse Petrúquio, desapontado.

—Eu sei fazer torta de amora. –tentou Asteríris.

—Dessa vez não irá funcionar. –lamentou Petrúquio.

—Irei embora logo pela manhã, não causarei mais problemas para nenhum de vocês. –cochichou Asteríris envergonhada.

—Não antes que eu possa responder as perguntas que queria me fazer. –disse Baltazar finalmente.

Um silêncio preencheu a sala.

—Não precisa. –disse Asteríris para Baltazar.

Ele inclinou lentamente sua cabeça e atentou seus olhos sarcásticos em Asteríris.

—Não me aborreça ainda mais com sua estupidez. –disse Baltazar para Asteríris.

—Chá?

—Não! –respondeu Asteríris e Baltazar em coro.

A pilha de madeira sobre o banco da sala decrescia rápido à medida que Petrúquio colocava uma e depois outra dentro da lareira acesa.

—Sinto muito por suas orelhas. –disse Asteríris se acomodando em uma das poltronas ao lado de Baltazar.

—Ficarão bem. O que tanto quer saber? –rosnou Baltazar para Asteríris.

—Sabe alguma coisa sobre as bruxas? –perguntou a garota ruiva sem delongas.

Baltazar parecia surpreendido pela pergunta.

—Não vai querer se envolver com as bruxas. –esbravejou Baltazar.

—Não respondeu minha pergunta. –rebateu ela.

—Não sei. –disse Baltazar, ríspido.

—Sabe alguma coisa sobre a montanha?

Petrúquio continuava sentado em volta da mesa, no canto da sala acompanhado por um cachimbo de briar.

—Não. –disse Baltazar para Asteríris.

—Sabe alguma coisa sobre alguma coisa? –berrou Asteríris, irritada.

—Não! –exclamou Baltazar com um sorriso de desdém.

—Quantos anos você tem? –a pergunta parecia um xeque-mate para Asteríris.

—255 anos. –respondeu Baltazar, intrigado.

—Os humanos se arriscam a entrar na floresta sangrenta? –ela perguntou.

—Não. E é por essa razão que vivemos aqui.

—Vocês se escondem aqui. Algum humano procurou a ajuda de vocês? –xeque-mate.

—Agora que mencionou, acho que sim. Uma mulher acompanhada de um homem. Eles pareciam desesperados. –disse Petrúquio pondo-se de pé. Mas isso foi a uns doze anos atrás. Por que quer saber?

—O que eles queriam? –ela estava frenética.

—Guardar uma mensagem. –disse Baltazar fitando as chamas queimarem a madeira.

—Sim...sim, queriam muito guardar uma memória. –continuou Petrúquio.

—E como se guarda uma mensagem ou memória? –perguntou Asteríris, ansiosa.

—Basta você criar uma memória, lembrança ou uma mensagem que queria que outra pessoa veja ou para que você tenha acesso depois. Então, Baltazar tira essa memória de você e guarda com ele. No momento certo ele te entrega. É como invadir sua mente, mas agora ao invés de pegar algo, ele vai deixar algo em sua cabeça.

—Pode mesmo fazer isso? –perguntou Asteríris, pasmada.

—É claro. E agora que tocaram no assunto, acho que tenho uma mensagem guardada e que nunca acessei. –disse ele coçando a barba.

—De quem é a mensagem? –perguntou a garota.

— Acho que ela se chamava Evangeline, mas agora não me recordo o sobrenome. –disse Baltazar afundando mais sobre a poltrona.

Ele não parecia tão ranzinza quando estava largado em frente a lareira.

—Linterfel! –exclamou Asteríris meio pálida.

—Acho que era isso mesmo, mas como sabe? –perguntou Petrúquio.

—Porque ela é a minha mãe. Evangeline Linterfel é a mulher que pediu que guardassem uma mensagem. –disse ela. –Posso vê-la? –perguntou voltando-se para Baltazar.

—Interessante. –disse Baltazar lentamente.

—O que é interessante? –perguntou Asteríris, confusa.

—Já se passaram doze anos e ainda consigo me lembrar dos olhos dela. Tinha bondade neles. Foi por isso que decidi ajuda-lá. Ela não me contou nada, é claro, e também não perguntei. Apenas me entregou a mensagem e seguiu sua jornada.

—Como era o homem que estava com ela? –quis saber Asteríris.

—Não o vi, ele usava uma capa que escondia o rosto. –respondeu Baltazar.

—Sabe quem ele é? –perguntou Petrúquio para Asteríris.

—Acho que sim. E como faço para ver a mensagem? –perguntou ela para Baltazar.

—Coloque suas mãos sobre as minhas. Quero que esvazie sua mente para que eu possa colocar a mensagem.

Asteríris se inclinou sobre a poltrona e colocou suas mãos sobre as de Baltazar. Ao se tocarem os olhos deles ficaram brancos e vazios. Em poucos instantes já estavam de volta.

—E então? –perguntou Petrúquio, atormentado.

—Nada! –afirmou Asteríris.

—Nada? –repetiu Petrúquio, decepcionado.

—Não havia nada na mensagem. Você ouviu algo? –perguntou Asteríris para Baltazar.

—Não, depois que coloquei na sua mente não tive mais acesso. Você era a chave de acesso. Nem quando estava na minha mente eu podia abri-lá. Sua mãe sabia exatamente onde estava se metendo. –respondeu Baltazar um pouco descontente.

—Sinto muito. O que pretende fazer agora? –perguntou Petrúquio para ela.

—Acho que está na hora de voltar para casa. Achei que encontraria as respostas vindo até aqui, mas estava enganada. –disse. –Irei deitar se não se importam?!

—É claro, precisa mesmo de um descanso. –Petrúquio parecia entendê-la bem.

—Ela está escondendo algo. –disse Baltazar na presença do irmão apenas.

—A mensagem pode ter se esvaído. –disse Petrúquio.

—Impossível. Ela ouviu algo que não quer ou não pode nos contar. Não podemos deixá-la ir sem antes nos dizer o que viu. –gruiu Baltazar.

Os anões dormiam quando Asteríris deixou a toca. A mensagem havia sido clara e de fato era da sua mãe Evangeline Linterfel. Ela sentiu os lábios da mãe próximos aos ouvidos e logo a mensagem veio no sussurro de suas doces palavras.

Doce Asteríris, eu sabia que o vilarejo seria pequeno para você, e é por isso que deixei essa mensagem. Não tenho muito tempo.

Quero que saiba que não abandonei você, precisei fazer uma escolha, e espero que me perdoe algum dia. Encontre a passagem sobre a montanha e me encontrará. Não conte aos anões. Não conte a ninguém ou correrá sério perigo!

*Quatorze*



A porta alta de vidro abriu-se. Uma criatura de longos cabelos brancos e mechas em azul celeste passou elegante. Tinha olhos azuis esbranquiçados, brilhantes e atraentes deixando-o ainda mais pálido. Vestia roupas de couro, uma calça flexível o bastante para se esgueirar por entre as árvores, uma blusa verde folha que trazia um broche como o usado pelo rei e por todos no castelo.

—Me chamou? —era Aron Condoff, o príncipe.

Ele encarou a porta quando um guarda a fechou cuidadosamente. O salão era grande, com pilastras e paredes de pedras, assim como o chão de lajota de pedras. O teto era tão transparente que era como se não existisse. Um imponente trono de vidro negro chamava a atenção no fundo do salão.

—Aron, quero que vá até Florence para encontrar com Avalon Mirfak! Há rumores de criaturas causando alvoroço em Orion. Quero que descubra o que de fato vem acontecendo. –era Erond Condoff, o rei.

O rei Erond Condoff era mais alto que o normal. Em sua cabeça trazia uma coroa de ouro e diamantes brancos como cristais de neve. Seus olhos azuis eram desafiadores e facilmente revelariam desprezo, tinha orelhas muito compridas e pontiagudas como uma folha. Usava vestes longas, uma capa azul índigo presa por um broche prateado em formato de meia lua, cortada por uma fecha com pontas douradas, e uma espada de ferro cintilante.

—É claro meu pai! –disse o príncipe. –Irei descobrir que criatura está causando isso.

Erond e Aron Condoff eram de longe as criaturas mais poderosas no reino de Orion. O rei Erond Condoff era conhecido por ser o Ser de Luz mais impiedoso entre todos.

Viviam ao norte da floresta no castelo de Arãbergue com grandes salões e masmorras de pedra e vidro.

—Fique na luz meu pai! –disse Aron Condoff com tom gracioso.

A família Condoff era conhecida por sua bravura e coragem.

—Vá na luz, meu filho! —um tom de sua voz era como de trovões.

A manhã estava fria e uma fina camada de neve cobria a grama verde no reino de Orion. Aron Condoff podia sentir a constante mudança e agitação da floresta mesmo que tudo estivesse calmo. As árvores não conversavam entre si. O vento não murmurava. Os pássaros não cantavam. A floresta parecia estar adormecida àquela manhã.

As tochas iluminavam parte do caminho até os grandes portões de ferro da aldeia de Florence. Uma flecha partiu da guarita e só parou quando perfurou o chão a poucos passos de onde o cavalo de Aron Condoff estava.

—Quem vem lá? –uma voz ecoou do topo da guarita.

—Sou Aron, filho de Erond Condoff rei de Arãbergue e Senhor da luz. –gritou Aron para que sua voz corpulenta chegasse aos portões e até a guarita.

—Desculpe, príncipe! –disse a criatura sobre a guarita. Ele parecia não estar só. —O que faz tão longe do palácio? Não é mais segurou andar a noite e sem escolta pela floresta.

Os grandes portões se abriram com um solavanco.

—Tenho assuntos para tratar com Avalon Mirfak. Espero que o corvo tenha chegado antes. –disse Aron Condoff entregando as rédeas do seu cavalo para um guarda.

—Chegou, mas não achamos que viria ainda hoje. São tempos sombrios. –alertou o guarda guiando o cavalo para o tronco.

—É por esse motivo que estou aqui. Rumores são apenas rumores! –exclamou Aron, aborrecido.

—É claro, senhor. –disse o guarda acanhado. –Avalon está ocupado tratando de assuntos com a guarda da noite. Mas pediu que esperasse na tenda de reuniões se assim desejar.

—Rum, não viria aqui à toa, não é mesmo?! –fungou Aron Condoff.

O príncipe acabara de chegar em Florence, onde viviam os filhos da natureza, criaturas fortes ligadas a natureza e aos animais, podendo pressentir o perigo. Após completarem dezesseis anos de idade, os filhos da natureza adquiriam a capacidade de se transformarem em uma árvore humanoide para que pudessem então proteger a mãe natureza e suas criações.

Avalon Mirfak entrou na tenda de reuniões como quem vai para a guerra.

— Me desculpe por fazê-lo esperar. –disse aparentando cansaço.

Era Avalon Mirfak, o chefe da aldeia e dos filhos da natureza. Ele era alto, moreno com olhos verdes e longos fios ondulados que escondiam suas orelhas pontudas. Suas vestes incluía uma calça marrom que ia até o calcanhar e uma blusa de linho branco. Os pés ficavam mais em contado com a terra, mas em ocasiões especiais uma bota de couro lhe caia bem.

—Estava no meio de uma reunião com os guardiões da floresta. –esclareceu Avalon. –Estou surpreso que o seu pai o tenha mandado.

—Logo ocuparei o lugar como rei de Orion, preciso estar à frente dos acontecimentos.

A tenda tinha apenas uma enorme mesa oval de madeira ao centro com um mapa de Orion talhado sobre ela.

—Não nos conhecemos ainda, mas já ouvi falar muito a seu respeito. Seu pai é um grande admirador. –disse. —Eu sou Avalon Mirfak, filho de Valentin Mirfak e guardião da floresta, escudo da mãe natureza. —disse Avalon enquanto erguia a mão por cima da mesa e cumprimentava o príncipe. Um gesto comum dos filhos da natureza.

—É um prazer finalmente conhecê-lo. O meu pai me contou como lutou bravamente contra as trevas. Ele tem muito apresso por você e por todos os filhos da natureza. –disse Aron.

—Sinto muito por sua perda. Sua mãe era uma rainha extraordinária e corajosa.

—Sim. Mas deixemos o passado no passado. Temos assuntos que requerem nossa atenção imediata. –disse Aron, frio. O que os guardiões da floreta e a guarda da noite descobriram?

Os guardiões da floresta eram responsáveis pela segurança e vigilância das florestas de Orion. Faziam rondas durante o dia e relatavam tudo para Avalon, assim como a guarda da noite que ficava por cuidar da aldeia e da floresta ao cair da noite. Nada podia passar despercebido por eles.

—Acredito que sentiu a floresta a caminho para a aldeia.

—Sim. Ela parecia assustada e retraída.

—Exatamente. Os guardas da noite perceberam que todos os animais noturnos estão indo para o leste da floresta como se tivessem sido convocados. Então, pedi que observassem alguns animais pela manhã. Os guardiões da floresta me disseram que quase não é possível ver algum animal andando durante o dia. Parece que estão com medo e assustadas com alguma coisa. Já vi isso acontecer antes, e logo depois estávamos em guerra. –disse Avalon com olhar preocupado.

—Pelo que sei, as bruxas resolveram o problema. Tanto que estamos aqui, em um mundo paralelo pelo que parece. –disse Aron com desdém.

—Não sabemos ao certo o que de fato aconteceu com o Lorde das Trevas. A escuridão é sorrateira, e é por isso, que não quero ignorar qualquer que seja a situação.

—É claro. O que devo dizer ao rei e o conselho?

—Preciso de tempo para saber o que de fato vem acontecendo. Pandora não notou nada de diferente, o que é muito estranho.

—Podiamos fazer a ronda essa noite. —sugeriu Aron. —Quero saber o que vem acontecendo no meu reino.

—Certo. Não vejo problema.

—Irei informar o meu pai. E partiremos.

—Pedirei aos guardas que preparem os cavalos. Assim que tudo estiver pronto, sairemos. —disse Avalon deixando a tenda.

A tenda de reuniões estava completamente quieta quando um guarda da noite veio chamá-lo, mas desistiu quando viu que os olhos do príncipe estavam inexpressivos. Aron Condoff estava em contato com o pai através da telepatia. Uma ação que deixava o príncipe vulnerável e que exigia muito de sua energia deixando-o enfraquecido depois da ligação.

Nesse meio tempo, o príncipe havia contado para o rei sobre sua decisão de fazer a ronda na floresta. Precisava garantir a segurança de Orion e passar confiança para o conselho. Era o que se esperava do futuro rei.

Aron teve sua ligação interrompida quando pressentiu que algo estava errado. Ao sair da tenda, pode notar uma movimentação estranha no portão principal ao sul da aldeia. Era possível ver centenas de corvos caídos sobre a entrada do portão e mais continuavam a cair.

—O que aconteceu? —perguntou Aron se aproximando do portão.

—Centenas de corvos começaram a sobrevoar o portão e logo em seguida começaram a voar em direção ao chão. —respondeu um dos guardas sobre o alto da guarita.

—Avalon? —insistiu Aron esperando pela resposta.

—Veja, tem algo na boca deles. —alertou Aron incrinando-se sobre um dos corvos morto no chão. —Rocha prateada!

—Colinas de prata! Só podem ter vindo de Kalazan. É uma aviso para Pandora. —disse Avalon.

—Sua esposa? —questionou Aron.

—Sim. Alguém vá chamar a Pandora, preciso que ela veja isso. —ordenou Avalon, rigoroso.

Se delongas Pandora estava no portão.

—O que aconteceu? —perguntou ela.

Seus longos fios negros estavam molhados e caiam sobre os ombros. Sua veste longa e quase transparente revelava que ela acabara de sair do banho. Era belissima com seu tom de barro e um delicado e arrrebitado nariz contrastando com carnudos lábios.

Seus olhos cor de mel varreram o chão e depois foram de encontro com o olhar preocupado de Avalon.

—Os corvos, sabe me dizer o que aconteceu com eles? —perguntou Avalon.

—Quem fez isso? —perguntou Pandora afundando os pés sobre a terra úmida.

—Não sabemos. Num instante sobrevoavam o portão e no outro caiam com tudo sobre o chão. Encontramos rocha prateada em seus bicos. Talvez uma mensagem para você. —alertou Avalon.

Pandora era esposa de Avalon Mirfak e mãe da natureza. O coração da flora. E grande aliada dos animais. Sempre que algo estava errado ela podia sentir atráves da terra ou era avisada pelos animais. Os Filhos da natureza eram o seu exército.

—Estavam tentando me alertar sobre algo. —disse Pandora.

—Kalazan!? —indagou Aron.

—É possível. A rocha prateada no bico, indica que algo estava acontecendo nas ruinas de Kalazan e era importante que eu soubesse. Mas se queriam me entregar uma mensagem, por qual razão se chocariam contra o chão causando assim a morte de todos eles!?

—Talvez alguma coisa os derrubou. —sugeriu Aron.

—Não. Eu vi quando eles voaram e se chocaram contra o chão por vontade própria. Não foram derrubados, isso eu garanto. —disse o guarda sobre a guarita.

—Corvos são bons mensageiros. A mensagem foi envenenada no caminho. Quem está por trás disso, sabia que me informariam se algo estivesse acontecendo e tentaram impedir. Preciso olhar os olhos. Eles são a alma dos animais.

Pandora pegou um dos corvos e moveu sua palpebra lentamente. A pequena pulpila do animal estava amarelada.

—Envenenado. —disse Pandora delvolvendo o animal para o chão.

Ela tocou a terra e finas raizes brotaram do chão engolindo os corvos mortos.

—Nada mudou na terra. Não sinto nada de diferente no ar. As árvores não sussurraram nada. —disse Pandora, intrigada.

—kalazan fica entre rochas, talvez seja por isso que não sentiu nada mudando. —disse Avalon abraçando a esposa.

—Precisam saber o que está acontecendo em Kalazan. Quando toquei o corvo, senti uma presença. Ele não foi envenenado com ervas, mas com mágia.

—Não temos criaturas que lançam mágia em Orion. Não esse tipo de mágia. —disse Aron.

—Não. Ele foi envenenado com mágia perversa. Foi incubido a se matar para não entregar a mensagem. Só conheço uma mágia capaz de algo tão cruel. Mágia negra. —disse Pandora.

—Iremos imediatamente para Kalazan. Quero saber o que se passa naquele lugar e impedir que se alastre por Orion. —esbravejou Avalon.

—Irei também. Peça a um guarda que envie uma mensagem ao meu pai e diga que houve uma mudança de planos. Diga que irei para Kalazan e não esqueça de contar sobre os corvos. —ordenou Aron a um dos guardas que acompanhava Pandora.

—Sim senhor.

Poucos eram os flocos de neve que insistiam em cair. Os cavalos galopavam ligeiramente por entre a névoa. As árvores abriam caminhos largos pelo estreita estrada de terra que se divergiam ligando-se a outras estradas mais amplas em direção as aldeias e castelos. Ao longe um barulho de galhos se quebrando e aves noturnas podiam ser ouvidos. Nada peculiar podia ser sentindo ao longo do trajeto o que deixava Avalon Mirfak e Aron Condoff ainda mais alertas. Pretendiam não demorar muito em Kalazan, pois sabiam que era um lugar onde as criaturas sombrias gostavam de ser esconder apesar de proibido por lei. Rastejando para além da escuridão e atacando quando diante de uma criatura indefesa. O mal sempre daria um jeito de agir.

*Quinze*



O barco a levou de volta para a margem da vasta floresta e ela seguiu para o leste, rumo a cidade de Arintiel. Não era tão grande como a cidade fria depois da montanha, mas tinha portões e muros grandes o bastante para atrasar um exército. Era uma cidade comercial, vendia de tudo e boa parte do que saia do vilarejo (maças cultivadas pela tia de Asteríris) eram vendidas na cidade. Nada naquele lugar era acolhedor. Suas construções com casas de dois metros acima do solo eram desleixadas e preguiçosas. A única estalagem fedia a rum e cachorro molhado. Talvez pelo bar no subsolo. Uma distração para os guardas das guaritas que trocavam de turnos. Não que fosse necessário guardas vigiando os portões. Só de olhar para a espada na bainha de um deles, que saberiam que nunca foram usadas. As cidades eram amigas, sempre comercializando para o outro lado da montanha. Usavam o porto na cidade do oeste, pois era a única região com um estreito canal para levar as mercadorias pelas embarcações até o outro lado (para a Cidade Fria, o pequeno Condando de Kembria, a Cidade Alta e as pequenas vilas ao entorno delas).

—Bom dia. Gostaria de um quarto!

Asteríris parecia ainda mais cansada naquela manhã. Havia vagado pela floresta durante muitos dias até finalmente encontrar a estrada que levava para a cidade.

—Pretende ficar quantos dias? —perguntou a mulher por detrás do balcão.

As palavras vieram acompanhadas de terríveis tosses.

—Apenas uma noite.

—São duas libras. —a mulher parecia doente. —E não esqueça de entregar as chaves antes de sair. Você não parece ter idade para ir no bar, mas abrirei uma exceção, mas não conte a sua mãe quando vê-la. —disse a mulher de aspecto severo e semblante triste.

—Não direi. —disse Asteríris, cambaleando pelos degraus de madeira.

Quadros com pinceladas fortes estavam pendurados até o topo do andar de cima. A estalagem era alta o bastante, com muitos andares sinuosos, sendo possível avistar o rio depois da muralha.

Da janela do quarto dava para ver toda a cidade, ficava bem no centro dela. Mas nada era tão chamativo quanto a montanha. Um pico alto se escondia sobre a pouca neblina daquela manhã. Estava distante, então não era certo que se tratava da montanha mencionada por sua mãe na mensagem.

A sopa de batata acompanhada de pães duros feito rocha, era terrível. O bar no subsolo era escuro e úmido. As mesas de escudo redondas de madeira ficavam mais ao centro e poucas eram deixadas no canto. As garrafas sobre as prateleiras atrás do balcão estavam quase vazias, o que indicava que ainda não tinham recebido mercadorias trazidas do outro lado da montanha ou mesmo de Kataluwia (cidade do oeste).

Ninguém notou quando o homem no canto do bar guardou seu violino. Os homens gordos de barbas grandes e sujas de cerveja, não ligaram quando a música parou. Eles gritavam e erguiam suas canecas como quem comemorasse uma vitória. Era difícil saber sobre o que conversavam, apesar do tom elevado de suas vozes. Algo sobre a caça ter sido farta. E também sobre uma mulher que ia ser jugada por bruxaria, pois havia sido encontrada na floresta dura a noite sozinha.

Uma figura estranha se escondia atrás de uma capa escura no fundo do bar. A dona da estalagem não deixava seu copo vazio nem por um segundo. Ela parecia acostuamada, pois não o encarava ou tentava contato, apenas o servia e se afastava o que não acontecia com os demais fregueses (ela sempre conversava e perguntava sobre o dia).

—Não sei o seu nome. —era a dona da estalagem.

—Mary. Mary Stark. —disse Asteríris com seriedade.

—Me chamo Martha. Espero que a sopa esteja do agrado. O nosso cozinheiro não estava se sentindo bem, então tive que me virar. Não sou muito boa na cozinha, talvez tenha notado. —disse Martha com um sorriso envergonhado.

—O que tem de errado com aquele homem?

—Nada. Apenas um homem reservado. Ele só vem beber durante o inverno, mas depois desaparece. Está sempre de cabeça baixa e escondendo o rosto atrás da capa. —respondeu Martha servindo Asteríris com mais pão.

O homem pareceu ouvi-las, pois deixou alguns trocados sobre a mesa e desapareceu sem ser notado.

—Ele se foi.

—Quem minha jovem? —perguntou Martha, confusa.

—O homem misterioso.

—Ele sempre sai quando todos estão distraidos. Eu nunca o vi saindo. Mas é um bom pagador, sempre deixa gorjeta. —contou Martha, contente.

—Vi pela janela do quarto uma montanha.

—Ahh... a montanha. Muitas pessoas só vem para Arintiel para se hospedar na minha estalagem e ver a montanha. Não dá para ver muito, mas parte do topo.

—E qual a história sobre a montanha que atrai tantos hospedes? —perguntou Asteríris, docemente.

—É antiga, mas apenas um conto. Dizem que foi criada por bruxas e dentro dela moram criaturas mágicas que viviam nesse mundo a muitas décadas atrás. Niguém que subiu jamais retornou.

—Então essa é mesmo a montanha dos contos?

—Sim. Então é por isso que veio para Arintiel, mais uma jovem curiosa para ver a montanha mágica.

—É quase isso. E como faço para chegar a montanha?

A expressão da mulher mudou de simpática para severa num piscar de olhos.

—Não pode entrar na floresta!

—E como faço para ir sem entrar na floresta?

—Não pode. Não devia nem me perguntar sobre isso!

Martha parecia assustada e seus olhos percorreram por todo o bar a procura de curiosos.

—Se souberem que está tentando chegar a montanha, pode ser presa ou pior, enforcada. —Sua mãe nunca lhe disse que mulheres são proibidas de entrar na floresta!?

—Sou orfã.

—Pois bem, mulheres são proibidas desde sempre de entrarem na floresta. Dizem que é perigoso e cheio de lobos. É por isso, que os homens entram quando necessário para caçar ou buscar lenha.

—Quem proibiu?

—Homens. O que acha que vai encontrar na montanha?

—Nada. Foi só uma pergunta boba.

—Cuidado com o que pergunta e para quem pergunta. Pode correr perigo se as fizer para a pessoa errada. —as palavras de Martha pareciam ameaçadoras. —Uma mulher em plena vida irá ser enforcada ao amanhecer, pois foi vista andando na floresta. Acham que a vida dela é tão pouco valiosa. Chamam ela de bruxa quando não tem ninguém ouvindo.

— Bruxa!? —repetiu surpresa.

—Só mais uma palavra que usam para ofender mulheres quando são pegas fazendo o que não deveriam. Mas não ousam usar essa ofença diante de uma multidão. Como eu disse, é só quando não tem ninguém ouvindo ou quando estão bebâdos o bastante para não controlarem o que sai da boca.

—Homens! Como deixamos que eles ditassem o que somos ou fazemos?

—Não deixamos. Mas sempre foi assim.

—E os moradores concordam com isso? Digo, com o enforcamento?

—Eles só querem seguir a vida. Não se importam se uma mulher vai ser julgado por andar na floresta. É quase que um espetáculo alguém ser enforcado na cidade. Não temos guerra ou muito entreterimento. Então, não. Niunguém se importa.

—Você sim. Então faça algo. —disse Asteríris, perplexa ao ouvir que seria apenas um espetáculo.

—Sou mulher. O que acha que diriam? Diriam que sou cumplice e seria julgada.

—Como podem enforcar uma mulher por andar a noite na floresta? Ela fez algo além de andar na floresta?

Aquelas palavras soaram forte e ela entendeu tudo. Mas não poderia dizer o que viu e o que sabia para uma estranha. Uma vida seria sacrificada porque eles sabiam, mas não ousariam dizer. O quanto eles sabiam era desconhecido.

—Não.

—É uma pena ela ser julgada por ser livre. —lamentou Asteríris.

—Ela desobedeceu a lei quando andou na floresta, ainda mais ao anoitecer. Ela vai ser julgada por isso. Eles farão um discurso bem convincente. Não gostam nem um pouco da montanha, ou da floresta, e muito menos de mulheres livres.

—Você parece saber muito sobre o que eles pensam.

—Vantagem de se ter uma estalagem. Os homens não seguram a língua depois da terceira caneca de cerveja.

—Ela nem se quer será julgada, apenas a sentenciaram a morte.

—Exato. Os homens chamam mulheres de bruxas ou vadias quando na verdade são corajosas, sábias e independentes. Seremos sempre inferiores na visão deles. E amanhã será a prova disso. Ela servirá de exemplo para que nenhuma mais entre na floresta ou desobedeça a lei.

—A liberdade de uma mulher não deveria estar em posse de um homem. —bufou Asteríris, zangada.

—Gosto de você, Mary Stark. Deveria passar mais noites aqui em Arintiel. Poderia até trabalhar comigo se quissese.

—Obrigada pelo convite, mas receio que tenho que voltar para casa. Afinal, sou mulher e não deviria ficar tanto tempo longe de casa, ainda mais sozinha. —a tom de sarcasmo era notório.

—Tem razão. De onde você é?

—De um vilarejo ao norte.

—Acho que uma carroça de mercadorias irá para lá logo pela manhã, aproveite a viagem e vá.

—Farei isso.

O bar estava vazio quando se deram conta. Os homens gordos e barulhentos haviam ido sem incômodos.

—Acho que vou fechar mais cedo, afinal, acho que nenhum guarda ou morador vem beber mais hoje.

—Acredito que não. Precisa de ajuda?

—Não minha jovem, pode ir se deitar que eu me viro aqui. Hoje não teve muito movimento. O enforcamento será logo cedo, pois amanhã é o dia que as carroças saem para entregar e buscar mercadorias, ai fazem cedo para que todos possam assistir.

—Entendo. Então, boa noite.

—Boa noite minha jovem.

*Dezesseis*



As ruínas do castelo de Kalazan ficavam a oeste da aldeia dos lobos, depois das colinas de prata (altas rochas brilhantes como estrelas). Havia sido o primeiro lugar onde os Seres de Luz construiram seu castelo (Kalazan) quando chegaram ao novo mundo. Mas não demorou muito para construirem outro castelo mais a dentro da floresta, deixando Kalazan a merce de criaturas perversas que vieram do outro mundo. O lugar havia sido ocupado por Trolls, mas logo foram expulsos pelos Seres de Luz.

A manhã fria cobria toda a floresta.

—Vamos descobrir o que está acontecendo em Kalazan, espero retornar o mais breve para casa. —avisou Avalon Mirtrak atento ao caminho. Não quero ficar mais tempo que o necessário. Apesar de está dentro do nosso limite da montanha, aquele lugar não me cativa.

—Certo. Faz tempo que não mandamos guardas para observar o lugar. Talvez os Trolls tenham se aproveitado disso e voltado. —disse Aron Condoff.

—Trolls são tontos, mas desobedecer o tratado por um castelo em ruínas seria estúpidez até para eles. —disse Avalon.

—Talvez orcs. São desprezíveis e não simpatizantes as regras.

—Depois de décadas de paz, não ousariam desobedercer o rei. Não quando estão em menor número.

—O rei não será misericordioso se souber que orcs tentam ocupar as colinas de prata. Por menos, o rei limparia toda a região depois da montanha. Quebrar o tratado é como uma sentença de morte para ambos os lados. Não deixaremos que criaturas perversas cresçam e ganhe poder, não dessa vez. —disse Aron, convicto.

*Dezessete*



A cidade do leste estava alvoroçada. Crianças corriam em volta da fonte de marmore acinzentada no centro da cidade. A poucos passos dali, haviam montado um palanque suspenso a um metro e meio do chão. Até mesmo as crianças seriam capazas de ver o grande espetáculo como chamavam. Uma mulher de cabelos negros estava amarrada sobre um tronco. Encolhida sobre o chão frio e aos prantos. Algumas crianças corriam envolta dela e gritavam vádia imunda. Mas nenhuma delas sabia o que aquilo significava de fato.

As carroças estavam cheias de mercadorias e enfileiradas uma atrás da outra em frente ao portão aberto. Logo que a mulher fosse enforcada as carroças partiriam. Para os homens nada mudaria depois do enforcamento. Mas, as mulheres sabiam que era um aviso para se comportarem e não desobedecerem a lei do homem.

—Farei uma noite de cerveja por conta da casa. Muitas mulheres virão e homens. E terá música e dança. Não quer mesmo ficar mais algumas noites? —insistiu Martha recebendo a chave de Asteríris.

—Não posso beber e não seria apropriado uma garota de quinze anos no bar cheio de pessoas bêbadas. —brincou Asteríris. —Mas obrigada pelo convite.

—Uma pena. São mulheres interessantes e cheias de boas e velhas histórias. —disse Martha com um olhar pretencioso.

—Talvez outro dia.

Asteríris passou pela velha porta de madeira e seguiu para fora da estalagem.

A multidão crescia a medida que o dia ficava cada vez mais borralhento com o cair da neblina. Uma corda havia sido pendurada e um banquinho colocado sobre o alto da estrutura de madeira.

Um homem estranhamente alto e com olhos carrancudos tirou a mulher do tronco e a levou para cima do palanque. Não demorou muito e um outro homem com poucos fios sobre a cabeça, nariz caido e rosto enrugado subisse também. Ele era diferente do grandalhão. Era baixinho e pançudo. E conseguiu a atenção de todos assim que subiu.

—Caros moradores de Arintiel, essa mulher que está diante dos vossos olhos, cometeu tamanha barbarie ao entrar na floresta, ainda mais ao anoitecer. Sabemos que é contra a lei e sob nenhuma circunstância uma mulher poderá andar sozinha na floresta. Essa lei foi criada para evitar que nossas nulheres e filhas se exponham ao perigo. A floresta é cheia de lobos, aranhas venenosas e outras criaturas perigosas. Agora temos que puni-la e que sirva de lição para as demais. —era Brutos, o governante da cidade do leste.

Ele vestia roupas quentes e de tecido nobre.

Ele gesticulo com o braço e o grandalhão suspendeu a mulher como quem levanta uma cesta vazia e a colocou sobre o banquinho. Ele sorria enquanto passava a corda pela pescoço dela. Ela não parecia ter mais de trinta anos, tinha olhos castanhos reconfortantes. Parecia não ter família, já que nenhum morador parecia lamentar o seu fim.

—Solariah...

A mulher no alto da forca disse essa palavra antes do banquinho ser chutado bruscamente pelo grandalhão. Muitos direcionavam palavras terríveis, mas que já não importavam, pois ela estava morta.

A multidão se dissipou tão rapidamente que era como se nada tivesse acontecido. O corpo sem vida ficaria pendurado até o anoitecer como um alerta para as demais moradoras de Arintiel.

Asteríris havia deixado a cidade quando o banquinho quicou três vezes na madeira molhada ao som do pescoço se quebrando. A mulher em seu último instante de vida pareceu não ter medo. Ela não suplicou por perdão. Apenas disse Solariah e sorriu antes de ter sua vida tirada.

*O que era Solariah?!*

Asteríris pegou a estrada que levava para o vilarejo. Entrou a oeste da floresta quando estava longe o bastante para não ser vista pelos guardas na guarita dos portões da cidade do leste.

A floresta descia em zigue zague, as vezes mais alta e decrescendo aos poucos, talvez pelo cobertor de neve sobre ela que começava a derrreter. Seguiria para o sul, tetantaria encontrar a passagem sobre a montanha e torcia para que fosse desse lado ou teria que seguir para a cidade do oeste e tentar atravessar para o outro lado, pelo estreito canal.

*Dezoito*



Avalon e Aron levaram bem mais que dois dias para passarem próximo a ilha dos Scroffs. Uma ilha ocupada por criaturas de aparencia peculiar, os Scroffs. Tinham um rosto familiar, de uma raposa, e galhadas partiam do alto da cabeça e se encontravam próximo ao dorso formando uma estrela de cinco pontas. O corpo era forte feito um cavalo, com patas pesadas e afiadas. A calda longa, descia lisa e se abria em um leque de pavão sobre o chão. Eram criaturas temperamentais de difícil ligação. Viviam sossegados na ilha, se alimentando de insetos e frutos. Bem no centro da floresta entre as aldeias (Florence e dos lobos).

—Logo chegaremos a aldeia dos lobos. —concluiu Avalon.

—É uma região próxima das colinas, é provável que Simba, o líder da aldeia saiba de algo. —disse Aron.

—Nenhum alerta foi emitido pela aldeia dos lobos. Presumo que não saibam nada sobre o que vem acontecendo nas colinas de prata.

—Era comum, os lobos alertarem o rei sobre as aranhas invadindo Kalazan, depois que os Trolls foram expulsos. Pedimos que ficassem de olho caso alguma criatura listada como do outro lado do limite, ousasse invadir aquelas terras.

—Antes de deixar a aldeia, Pandora me disse que não é comum mais de um animal para entregar uma mensagem. Os corvos sabiam como era importante a mensagem chegar até ela e que tentariam impedir. É por isso, que foi preciso mais de um corvo mensageiro.

—A criatura que está por traz disso é atinada. Tanto trabalho interceptando mensageiros, não é só pela ocupação das colinas de prata.

—Entraremos e sairemos sem sermos notados. Se for uma armadilha, terão o futuro rei nas mãos.

—Não é prudente deixar o outro lado da montanha sob controle de criaturas perversas. Nem bem sabemos se os orcs estão criando um exército, ou se algo maior cresce daquele lado da montanha. —disse Aron, irritado.

—Esse tratado foi assinado uma década depois de virmos para esse mundo. Não foi fácil apaziguar todas as criaturas. Levou tempo até que tudo se ajeitasse. O seu pai e o conselho decidiram por deixar orcs, trolls e todas as criaturas que lutaram em favor das trevas do outro lado da montanha. Fizeram isso para evitar mais guerra e mortes.

—O tratado deviria ser rompido. Temos exércitos para limpar aquela região e masmorras o suficiente para colocar todos os trolls e orcs. Só tolos para acreditar que aquelas criaturas repugnantes não planejam algo. A Era da Luz foi conquistada e por muito tempo estamos em paz, mas até quando?

Um tratado havia sido assinado depois de uma década tentando manter a paz no reino de Orion. De acordo com o tratado, o mundo de Orion seria dividido em dois. O limite dessa divisão seria a montanha. As criaturas que lutaram em prou da Era das trevas, ficariam de um lado, mas poderiam optar pelo lado daqueles que lutaram em favor da Era da Luz, se assim desejassem. Um livro havia sido assinado por todos no reino com a escolha do lado. Não poderiam entrar no outro lado da montanha sem o concentimento do rei. E o rei não iria interferir no que acontecesse do outro lado.

—Está falando de marchar com os exércitos para além da montanha. Uma guerra em um mundo onde a paz prevaleceu depois de anos de luta. Não vejo uma criatura que aceitaria a quebra do tratado.

—É por isso que temos um rei e o conselho. Não precisamos perguntar as criaturas. Nosso dever é protegê-las. E quando o outro lado estiver livre de criaturas perversas, ninguém se importará por não ter opinado.

—Acredita mesmo nisso? —perguntou Avalon, indignado.

—Acredito na Era da Luz e em como estamos colocando em risco perdê-la.

—Saberemos quando chegarmos em Kalazan.

*Dezenove*



Uma brisa leve trouxe a primavera. Pequenas poças de água se formavam a medida que a neve derretia. A primeira tempestade de primavera parecia se firmar ao sul, não muito longe de onde Asteríris estava e bem perto para onde ia. Uma rajada branca surgiu fraca por entre as nuvéns ainda pesadas, tentando achar uma brecha para um possível raio de sol.

—Muito para o oeste ou estou seguindo o caminho certo para o sul? —disse Asteríris em voz alta.

—Muito para o oeste. —disse uma voz aguda e quase que como um sussurro.

—Quem está ai? —pergunta Asteríris, acanhada.

—Aqui embaixo sua tonta. —disse a voz estranha.

Uma figura pequena estava voando na altura do quadril de Asteríris.

—Vai para a montanha, estou certo!? —disse a criatura que cabia na palma da mão de Asteríris.

Ela era brilhante como o sol. Suas pequenas asas eram verdes e faziam um barulho como sinos (bem suave) enquanto ela voava. Tinha olhos proporcionais ao corpo e um nariz tão delicado e empinado quanto as orelhas pontudas.

—Uma fada! —disse Asteríris quase que dando pulos de alegria.

—Não sua tonta...um javali. —disse cruzando os braços pequerruchos.

—Como sabe que estou muito para o oeste?

—Sozinha e perdida. Está na cara que está tentando chegar na montanha de gelo. —disse. —A proposito, eu sou Peter. E a montanha fica mais para o sul, e você está indo em direção ao oeste. Um giro para a esquerda e voltará para o caminho certo.

—É um prazer conhecê-lo. Meu nome é Asteríris Linterfel. —Só um giro e pronto?

—Exato. Mas acho que mudará de ideia quanto a subir se é o que pretende. Vou logo avisando que é uma péssíma ideia. Não chegaremos nem na metade.

—Chegaremos!?

—Sim! Irei com você, pois jamais conseguirá chegar na montanha sem a minha ajuda.

—Pretendo subir. Parece que conhece bem a montanha para achar que mudarei de ideia.

—Sim. Ousei subir algumas vezes. Não muito, é claro. Minhas asas não suportam tanto frio e rajadas de vento. Sem contar que lá em cima é constante ter avalanches enormes. Não vai durar um dia se quer saber.

—Sabe mais alguma coisa? Talvez uma passagem na motanha!? —insistiu Asteríris.

—Você viu muita coisa desde que entrou na floresta, estou certo!?

—Sim.

—Foi por esse motivo que me mostrei a você. Tenho te seguido desde que deixou a cidade do leste. Não é muito esperta pelo que notei. Poderia ser facilmente capturada pelos caçadores de Arintiel, e levada a forca. —disse Peter, árido.

—Estava na cidade do leste? —pergunto Asteríris, surpresa.

—Vi quando aquela mulher foi enforcada. Uma pena, mas é quase que uma realidade para você. Precisa ser mais cuidadosa ao andar pela floresta, não só por causa dos caçadores, mas pelas criaturas que pode encontrar no caminho ou terá um destino pior que o dela.

—Não sei se tem destino pior que a morte. —disse. —Serei mais cuidadosa.

—O que sabe sobre a passagem?

Peter parecia de fato curioso.

—Nada, é claro.

—Então como sabe sobre a passagem? —perguntou a criaturinha desconfiada.

—Não sei.

—Mas você pergunto sobre ela. E até onde eu sei, os humanos nunca em décadas, usaram a palavra passagem, e sim, porta.

—Passagem... porta... dá no mesmo. Sabe alguma coisa?

—Se vamos fazer isso, preciso que me conte o que pretende fazer ao chegar na montanha. Não irei arriscar uma jornada perigosa pela floresta, só para satisfazer sua diligência.

—Alguma ideia sobre uma... passagem?

A ultima palavra titubeou para sair, mas Asteríris não era de desistir fácil.

—Estou quase arrependido de ajudá-la.

Caminhava devagar e com cuidado, evitando as poças de água. Um pequeno raio de sol parecia determinado a sair.

—Sabe sobre as bruxas? —perguntou Peter.

—Doze bruxas. Doze clãs. Doze linhagens para fazer o feitiço da montanha. É tudo o que sei.

—Tenho trezentos anos e posso dizer que nunca pensei que veria uma humana tão estúpida

—Estúpida!? —repetiu Asteríris enquanto emburrava o rosto.

—Sim. Achou mesmo que eu fosse acreditar quando disse que é tudo o que sabe!? Não andaria na floresta que por lei é proibido mulheres entrarem, por meros, é tudo o que sei.

Para uma fada tão pequena, Peter conseguiu ser assustador dizendo aquelas palavras.

—Quer ir para a montanha. Então, conte o que sabe ou não será difícil guiar um caçador até você.

—Não faria isso.

—Então, ouse mentir mais uma vez.

Era reconfortante Peter caber na palma da mão de Asteríris. Uma palma e ele iria pelos ares.

—Juro que não sei nada sobre as bruxas. Estou procurando os meus pais, e acredito que possam ter ido para a montanha. São muito curiosos. —disse com tom despreocupado e desleixado, mas tentando manter o olhar sobre a fada para ver se ele estava acreditando em tanta baboseira.

—Agora que me disse o motivo, podemos ser amigos. Precisava ter certeza que não causaria problemas levando você até a montanha. Mas não me lembro de ver um casal de humanos andando pela flotesta.

—Eles deixaram um bilhete dizendo que iam se aventurar nas montanhas. Irei lá para ter certeza e se não achar nada, volto para casa.

Um pó dourado caiu sobre o rosto de Asteríris fazendo a recuar e cair sobre o chão molhado.

—O que você fez? —gritou Asteríris esfregando os olhos e tentando se colocar de pé.

O musgo verde começava a aparecer, submerso nas poças fundas de água.

—É pó mágico. Usado para muitas coisas, e em especial para descobrir mentirosos. Agora, me responda. O que faz na floresta e por qual razão deseja chegar a montanha?

—A minha mãe guardou uma mensagem com um anão. Disse que eu precisava encontrar a passagem sobre a montanha e assim encontraria ela.

Asteríris parecia forçada a dizer a verdade.

—Baltazar! —grunhiu Peter. —Por que a sua mãe diria para você fazer isso?

—Não sei!

—E por que ela acha que você conseguirá ver a passagem?

—Eu não sei!

—Sabia que a passagem só pode ser aberta por uma bruxa?

—Não!

—A sua mãe não te mandaria para a montanha sem um intento. E se ela sabia sobre a passagem e pediu para que você a encontrasse, significa que ela é uma bruxa. Então... tal mãe, tal filha.

—O que ? —perguntou Asteríris, aturdida.

—Vou te contar um segredinho, mas não pode dizer nada a ninguém sobre isso. Sabe aquela última palavra dita pela mulher antes de ser enforcada!?

—Solariah!?

—Sim. É o nome de um dos doze clãs de bruxas. Ela era de fato uma bruxa, chamava-se Elena. Mas o governante da cidade do leste não sabia com certeza. Martha, a dona da estalagem, era amiga dela. Não é uma bruxa, mas sabe sobre elas e acoberta quando as bruxas vão para a cidade. Noite de cerveja por conta da casa. Foi o que ela disse, estou certo!?

—Está. Mas onde quer chegar me contando isso?

—Você é uma bruxa e pelo que parece não sabe disso. Anda pela floresta colocando todos em perigo. As bruxas têm um jeito próprio de entrar na floresta ou de fazerem as coisas sem serem notadas.

—Como?

—Portais. Mas precisa saber de algo primeiro. As bruxas desapareceram depois que a guerra teve fim. Na verdade não teve fim. As bruxas acharam mais fácil levar a matança para outro lugar e foi o que fizeram. Depois se esconderam em algum lugar, mas não totalmente. Vigiei cada cidade e vila procurando rastros das bruxas. E sabe o que descobri?

—O que descobriu?

—Em cada vila, cidade, condado e vilarejo, vive uma bruxa.

—Quer dizer que!?

—Margo. A velha fornecedora de ervas é uma bruxa. Enviada para o vilarejo para ser os olhos e ouvidos das bruxas. Apenas bruxas capazes de abrir portais são enviadas para morar nas cidades e vilas. Pois são como um bilhete mágico para a entrada e saídas delas nos lugares. Algumas bruxas são enviadas para as cidades quando estão no periodo fértil, pois precisam dar continuidade a linhagem. E por isso, Martha sabe sobre elas. A estalagem, o bar, eram perfeitos para as bruxas se misturarem. Depois com a ajuda da Elena, seriam mandadas de volta para casa usando um portal.

—Não pode ser.

—Margo é uma das mais velhas a viver tanto tempo como infiltrada. É comum que elas voltem para onde ficam escondidas quando ficam velhas. Precisam passar todo o conhecimento para as mais jovens. Sem filhos, sem famílía, é como fazem.

—Mas Margo era casada.

—Seria estranho chegar naquela idade sem casar. Ela precisava manter as aparências. A mulher na cidade do leste não teve tanta sorte.

—O que ela fazia na floresta?

—Três bruxas iriam para a cidade do leste para a noite de cerveja por conta da casa. Chegariam junto as carroças de mercadorias. É como fazem para entrar nas cidades sem chamar muita atenção, mas sendo notadas de alguma forma para não levantar suspeita. Mas para abrir o portal, é necessário freixo, e é por isso, que a bruxa foi para a floresta, pois não muito longe dali, tem uma árvore de freixo. Mas naquela noite, caçadores voltavam de um longo dia de caça. Não é sempre que voltam tão tarde, mas naquele dia em especial, a presa foi difícil de capturar, por isso retornaram ao anoitecer para a cidade. E foi então que encontraram Elena andando na floresta. Seria uma problema se pegassem ela abrindo o portal.

—E o que acontecerá agora que ela está morta?

—Não sei. Agora que Elena está morta, as bruxas enviadas para a cidade do leste terão com o que se preocupar.

—Você deveria avisá-las. Não pode deixar que cheguem a cidade. —disse Asteríris, inquieta.

—Não sei onde elas irão abrir o portal. Não posso ajudá-las.

—Então é isso. —Não pensou em pedir ajuda as bruxas?

—Ajuda?

—Ir para onde quer que elas tenham mandado as outras criaturas?

—Até tentei convencer uma bruxa a me mandar de volta, mas ela disse que não era fácil assim, e que não poderia mexer no feitiço. Levei décadas para descobrir todas essas informações sobre elas, mas não foi o bastante para convencê-la e também não posso expor que bruxas ainda vagam por ai, sem me atirar na fogueira também.

—Então, é verdade sobre a montanha?

—Ela não me contou sobre a montanha ter alguma ligação com o feitiço, e ameaçou a me tranformar em uma lesma se eu continuasse insistindo.

—Não pensou em pedir ajuda a outra bruxa?

—É claro que sim, mas não sabe como as bruxas são egoístas e cruéis. Prometi não procurá-las mais e em troca me deixaram viver. —Devia voltar para casa e perguntar a bruxa Margo.

—Ela teria me dito se quisesse. Não me deixaria arriscar se quisesse mesmo que eu soubesse de tudo.

—Bruxas e seus joguinhos doentios. São criaturas verdadeiramente assustadoras quando ameaçam usar seus poderes. Se de fato for uma, saberá do que estou falando, logo, logo.

*Vinte*



Avalon deu um sorriso ao ser recebido por Simba, chefe da aldeia dos lobos. Não haviam muros ou portões de ferro. Apenas cabanas de madeira enfileiradas em envolta de uma enorme fogueira em chamas. O caminho entre elas estava iluminado por archotes flamejantes e nas portas de madeira tinham talhado um lobo uivando para uma lua cheia.

—O que fazem tão ao leste da floresta ? —perguntou Simba.

Simba era corpulento, tinha a pele negra como a noite, e o cabelo longo escuro estava contido por uma trança. Tinha duas feições, expressas pelas cores dos olhos, um tão azul quanto o oceano, e outro tão dourado quanto o sol.

—Estamos indo para as ruínas de Kalazan. —disse Aron acenando com a cabeça.

—Aquele lugar está esquecido a tanto tempo. O que aconteceu para o rei enviar o próprio filho para aquele antro de perdição?

—Recebemos uma mensagem trazida de lá pelos corvos. Então decidimos dar uma olhada para ter certeza de que não é nada. —respondeu Avalon.

Simba conduziu os recém chegados até uma tenda no final da aldeia. Era aberta para a floresta e havia uma rocha grande e bem cortada como mesa. Estava ocupada por lamparinas já acesas e cercada por troncos grossos de árvores que serviam como assento.

— O que dizia a mensagem? —perguntou Simba.

—Ela foi envenenada no caminho. O que temos é apenas rocha prateada como resquício de que algo tem acontecido lá. —avisou Avalon.

—Não ouviu ou percebeu nada anormal acontecendo deste lado da floresta? —perguntou Aron escorando-se com os braços cruzados em um dos troncos que sustentava a tenda.

—Nada. Apenas muitos corvos sobrevoando aquela região.

—Mensageiros. Coletavam informações para levar a Pandora. —disse Avalon.

—Aranhas!? —tentou Simba.

—Não! Os corvos foram envenenados com mágia negra. Não temos criaturas com poder o bastante para lançar algo assim. —respondeu Aron, calmamente.

—Pensam em algo maior? —insistiu Simba.

—Talvez algum orc querendo chamar a atenção. —disse Avalon.

—Conseguiu então. —rosnou Aron, envaziando o peito de ar.

—Acredito que não terá nada naquele lugar. Saberiamos se ouvesse algo de errado deste lado da montanha. —concluiu Simba.

—É isso que tem me preocupado. Deste lado da montanha, e quanto ao outro lado? —disse Aron, incomodado.

—O tratado de trégua!? —disse Simba.

—Tratado que não assegura proteção alguma para as criaturas de bem. Estamos apenas ignorando a existência do outro lado. Diga-me, Simba. Acha certo deixarmos aquele lado a mercê de tantas criaturas traiçoeiras? —disparou Aron.

—O tratado foi selado e a paz alcançada. É o que sempre desejamos. Sem trevas. —disse Simba. O que o rei acha disso?

—Que pensando assim, nunca ocuparei o lugar dele no trono. —a voz saiu baixa.

—O seu pai teve que tomar decisões difíceis quando chegou aqui. Não é fácil ser o rei e agradar a todos, nem mesmo o sucessor ao trono. —disse Avalon, sutilmente.

—Não preciso que me agrade, apenas faça o que é melhor para o reino. —vociferou Aron deixando a tenda.

*Vinte e Um*



A noite nã poderia estar mais agradável.

Asteríris e Peter já podiam ver o musgo verde e as flores pelo caminho. Uma pincelada de luz enfeitava o céu. A floresta parecia energizada. Enormes rochas surguiam á medida que a floresta ficavam mais ladeirante. Estalos e alguns barulhos nefastos eram deixados para trás. A pouca luz da lamparina tinha dificuldade de revelar o que se escondia nas árvores lenhosas e espinhentas.

—Ouviu isso?! —perguntou Peter, antenado.

—Não! Precisamos achar um lugar seguro para passar a noite. Já está perfeito sem toda aquela neve. —disse Asteríris passando a mão pelo cabelo já não tão embaraçado e úmido.

—É a primavera.

—Já é primavera? —perguntou Asteríris, surpresa.

—A quatro noites.

—Sabe que dia é hoje?

—É dia vinte e cinco de setembro do ano 165 da Era dos homens. O que tem de especial nesse dia?

—É o meu aniversário. Não acredito que me esqueci. Faço dezesseis hoje. —comentou, ohando envolta. —A minha tia teria feito uma deliciosa torta de morangos e chá, muito...chá vermelho.

—Vejo que gosta de vermelho.

Um galho se partiu a poucos passos de onde haviam acabado de passar.

—Agora eu ouvi. —gritou quase que como um sussurro Asteríris. —Será algum animal? Talvez um urso.

—Talvez, mas não ficaremos para saber. Apresse o passo ou teremos problema.

Então, antes que pudesse se mover, Asteríris e Peter ouviram um uivo aterrorizante, atrás deles. Uma criatura saltou por cima dela, e parou diante deles, sobre uma rocha alta.

Se voltou para eles, e foi quando puderam ver sobre a luz da lamparina, um enorme lobo negro como o breu de olhos azuis oceano. Peter ouviu o lobo rosnar e mostrar os dentes afiados.

Asteríris estava paralisada.

—O que disse?! —sussurrou Asteríris para o lobo.

A fera parecia confusa e saltou tão próximo de onde Asteríris estava; sentiu o hálito fedido do animal, e o encarou.

—Consegue me entender? —rosnou o lobo, ferroz.

—Dá para você ficar quieta ou vamos virar comida de lobo. —gemeu Peter.

—Não está ouvindo?! —sussurrou ela com espanto na voz.

—Estou vendo. —gritou. Um lobo enorme nos encarando como se quissesse nos matar...e ele vai. —respondeu Peter, apavorado, parecendo um floco de neve.

A criatura ainda a encarava.

—Ele disse alguma coisa ao final do uivo. Me perguntou se consigo compreendê-lo.-relevou Asteríris.

—Vejo que sim. —rosnou o lobo mais uma vez; voltando para o alta da rocha.

—Nada? —perguntou Asteríris, virando-se para Peter.

—Deviamos aproveitar que ele se afastou e sair correndo! Asteríris, aquela coisa vai matar nós dois; não dá para ficar impressionada agora...

—Peter, fica quieto! —gritou. —Como isso é possível? —disse Asteríris ainda cismada.

—Não sei! —rosnou outra vez em resposta a pergunta.

—Está conversando com quem sua maluca? —perguntou Peter. —Ele agora começava a voar para longe dela. —Para com isso, pois estou com mais medo de você, do que do lobo agora.

—Dê uma forma sinistra, consigo entender o que o lobo diz ou sei lá, rosna. —disse ela, deslumbrada.

—Então você entende o que lobo rosna?! Esqueceu de mencionar que é um lobo? —gritou Peter, irritado.

—É óbvio que não sou um lobo! —disse Asteríris. .

No instante que se viraram para a rocha, não viram mais a fera.

—Asteríris... para onde o lobo foi? —gritou Peter quase que em surto.

—Não sei! Ele estava bem ali.

Em silêncio, um homem saiu da escuridão; caminhando para a luz da lamparina.

—Victor, o lobo. —disse estendendo a mão para Asteríris. — Mas prefiro que me chamem de Zargrak.

Ele aparentava ter pouco mais de trinta, cabelos compridos e sebosos até os ombros. Os olhos eram os mesmos; frios e abatidos. Parecia estar na pele de lobo a algum tempo pelo jeito tosco que caminhava. A barba estava curta e mal feita.

—Quase não o reconheci. —zombou. —Meu nome é Asteríris Lintherf.

—Não gosto de Zargrak, é lobo demais para mim. Vou chamá-lo de Victor. —disse Peter, implicante; Asteríris o fitou em reprovação.

Acomodaram-se onde estavam; acenderam uma fogueira e providenciaram o jantar; coelho assado.

—Lembro de ter visto você no bar da estalagem. —disse Zargrak.

—Então era você o homem misterioso. —riu. —Está me seguindo?!

—Não, apenas mera coincidência.

—Não acredito nele. —gruiu Peter sobre o ombro de Asteríris.

— Que criatura é você? —perguntou Zargrak.

—Acho que humana. —disse Asteríris, inocentemente.

—Sem poderes? —insistiu o lobo.

—Sem poderes! —sussurrou Asteríris.

—E o que faz na floresta?

—Estou indo para a montanha.

—Ela é uma bruxa... —cochichou Peter.

—Não sou não! —retrucou Asteríris.

—Ela é sim! Vai por mim. —disse Peter, sorrateiro.

—Peter... ele acha que sou uma bruxa, mas nem ao menos sei acender uma fogueira com gravetos. Bruxas tem poderes até onde eu sei. —desmentiu irritada.

—Então o que irá fazer na montanha? —disse com voz rouca.

—Vai mentir para ele também!? —implicou Peter.

—Cala a boca...Peter! —murmurou ela. Antes eu quero saber o que fará comigo?

—Como assim? —perguntou Zargrak, atordoado.

—Me matar...me levar para Arintiel?!

—Acendi uma fogueira. Acho que... não vou te devorar se é o que está se perguntando.

—Precisava tem certeza. Talvez a minha mãe tenha pressuposto que é fosse capaz de achar a passagem na montanha. —sussurrou ela.

—E onde ela está agora? —perguntou Zargrak, animado.

—Na montanha... eu acho... —murmurro Asteríris.

—E como sabe que ela está lá?

—Ela deixou uma mensagem a treze anos atrás com um anão. E só recebi agora. Então, ela pode estar lá.

—É bastante tempo, não acha?

—Sim, mas ainda posso encontrá-la. Ela sabia que eu iria até ela, por isso deixou a mensagem. —disse com a voz fraca.

—Não tive a chance de ir para o novo mundo que as bruxas criaram. Minha família foi tirada de mim quando tudo aconteceu. Talvez estejam do outro lado me esperando. Se houver uma chance de vê-los de novo ou você a sua mãe, acho que não custa tentar. —disse Zargrak com ar de esperança.

—Irá comigo para a montanha!? —perguntou Asteríris, entusiasmada.

—Se não for muito aborrecimento. —murmurou ele.

—Eu acho desnecessário. —concluiu Peter, desgostoso.

—Peter, fica quieto! Será muito bem-vindo. Já não aguento mais o Peter. —zombou ela.

—Engraçadinha! —resmungou Peter.

*Vinte e Dois*



Haviam poucos caminhos que levavam para as colinas de prata. Mas os caminhos para lá começam e terminavam iguais; empoeirados e repletos de cascalhos. Não tinha nehuma criatura perambulado ou ocupando aquela região, por ser muito seca e com pouca vegetação.

O sol refletia nas rochas e pequenas pedras cristalizadas pelo chão.

Não era comum o príncipe sair divagando pelo reino de Orion. Em Arãbergue, ficava cercado por jovens promissoras a se tornarem futuras rainhas. Era habitual que as filhas Seres de Luz dos membros do conselho passassem um tempo com o futuro rei, já que dentre elas, uma seria escolhida por ele.

—Já está sentindo falta de todas as jovens e seus falatórios!? —caçoou Avalon.

—Não mesmo! Acho que a função delas é me deixar aluado. Fazem de tudo para serem a escolhida. Não vejo razão para gastarem tanta energia. A escolhida ganhará apenas uma coroa. — disse Aron, enfadonho.

—E um rei! —disse. Não acho que uma coroa seja a real motivação.

Aron nunca pensou que se sentiria agradecido por estar tanto tempo longe do castelo.

—Estão longe de ser o que eu quero. Mas para um rei, todas elas bastam. —disse Aron, indiferente.

—Então não será dificil escolher.

—Não. Qualquer uma será uma escolha agradável. Talvez deixe o rei dar a palavra final, não me importo.

—Espero que o meu filho ame a esposa, assim como amo a mãe dele. —disse Avalon, calmamente.

—Talvez com o tempo.

A poeira deixada para trás pelos cavalos, se intensificava á medida que se aproximavam das colinas de prata.

—Quando será a sua coroação? —perguntou Avalon.

—Será no baile de outono. Tenho até lá para escolher a futura rainha.

A lua parecia sorrir quando duas estrelas apareceram no céu negro. A parede baixa da caverna se perdia mais ao fundo em um estreito corredor.

—Avalon!

—Eu vi! Vamos entrar e ver se está vazia.

O corredor não era muito longo. Ao fundo se abria para um caverna ainda maior, e misteriosa. Era sustentada por enormes pilastras pontiagudas. Era acessada por um caminho ainda mais estreito que o corredor. Descia e descia, chegando a uma parte amplamente profunda e com muitas estruturas de rocha e gelo afiadas saltando do chão e incontáveis poças de águas cristalinas iluminadas pela pouca luz da lua que entrava pelas frestas e buracos sobre o teto.

—Espere! —sussurro Aron, tirando algo de uma pequena bolsa de couro acomplada a roupa.

Um clarão fez as paredes reluzirem quando uma pedra foi acariciada três vezes. Aron viu, com clareza, como era a caverna; grande e pontiaguda nas pilastras; paredes que se perdiam em vários túneis perigosos.

—Perfeito, pedra da luz!

Algo parecia ofegar sobre suas cabeças. Como se uma corrente de ar entrasse pelo parte mais aberta do teto da caverna e tocasse suas nucas vagarosamente.

—Está sentindo isso? —perguntou Aron, desconfiado.

—Uma brisa. E esse barulho, de onde está vindo? —sussurrou Avalon.

—De cima, eu acho.

Aron levantou a pedra da luz acima da cabeça e o teto reverberou; o teto acendeu e viram do que se tratava. Não era uma brisa que haviam sentido; centenas de criaturas noturnas perduradas de cabeça para baixo e protegidas pelas longas asas negras com chifres curvados nas portas dormiam bem acima deles.

Avalon recuou.

—Apague a pedra! —a voz soou fraca.

Um barulho de vento cortante e uma forte rajada os pegou ainda parados. Uma poeria levantou fazendo os cobrir os olhos.

—Precisamos sair daqui! —murmurou Aron.

Quando chegaram na entrada da caverna, ouviu-se um barulho vindo do fundo onde as criaturas dormiam. Uma vez... e logo vários do mesmo estampidos de pés descalços batendo sobre o chão da caverna úmida.

—Onde estão os cavalos? —gritou Avalon.

—Estavam bem aqui! —disse Aron, sem entender.

—Precisamos sair daqui o quanto antes. Trouxemos a refeição até elas. O seu sangue as manteria satisfeitas por um ano. —sussurrou Avalon.

—Não estão do lado certo da montanha. E ainda ousariam nos atacar.

—Vamos continuar seguindo para as colinas. Não será fácil prosseguirmos naquela região, mas não chegaremos a aldeia dos lobos antes de nos cercarem e virarmos o jantar. Espero que sua espada e flechas não estejam enferrujadas. —brincou.

—Será como se as nuvens se chocassem.

O céu estava aberto. Nada os separavam das criaturas ou garantiria sua proteção naquele momento. As altas rochas de formatos e tamanhos diminuiam e cresciam, se escondiam e apareciam repentinamente. Algumas cortantes com musgo subindo por elas. As finas trilhas de terra branca se esgueiravam entre uma curva e serpenteavam noite adentro entre vazios e chiados longos e agudos.

Uma voz melosa e sedutora ecoava pelas paredes de sombras. Era como se uma canção soasse e tentasse subjugar Aron e Avalon.

—Não adiante se esconderem, pois eu sinto o sangue correndo por entre suas veias. E pude notar que temos sangue real está noite. Nunca bebi tal sangue. Mas hoje terei o prazer de saborear. —era como se uma flauta tentasse subjugar uma cobra. — Afinal, não é toda noite que temos comida fresca em nossa casa e vinda de bom grado. —a risada era aterrorizante e vibrante. —Perseguir vocês só está me deixando mais faminta. Vão minhas irmãs! Achem eles... e tragam para mim! —gritou a criatura para suas irmãs que a seguia logo atrás.

A fuga pelas colinas de prata se estendeu noite adentro. Os esforços acabaram quando chegaram em uma região onde as rochas brotavam do chão, formando uma arena não tão ampla e aberta, mas o bastante para lutarem com as criaturas.

A pedra da luz estava no chão entre Avalon e Aron. Não demorou muito e o lugar estava repleto de esplendorosas mulheres de orelhas pontudas, cara pálida e olhos vermelhos sedentos por sangue. Um fino tecido de seda e cetim rosê, caia leve sobre a pele delas. Eram ruivas, loiras, ou escuros como a noite seus cabelos. Eram princesas da morte que se escondiam em rostos quase angelicais.

—Tolinhos... o rei Erond já foi mais cauteloso quando se tratando da limpeza das colinas de prata. Rum... ele achou mesmo que ficaríamos do outro lado da montanha!? Sangue de unicórnio é uma delícia, mas já estamos ficando enjoadas. Logo, seremos obrigadas a atacar a ilha dos Scroffs. Afinal, precisamos variar o cardápio. —era Calista, a líder. —deixará de ser uma figura horrenda e estava belíssima.

Os fios ruivos ondulados e tamanha beleza enganaria facilmente um humano.

—Está sendo descuidada entrando desse lado da montanha. O rei não precisa limpar as colinas, já que é proibido criaturas como você vir para essa região. —disse Avalon.

As outras criaturas gruíam e mostravam os dentes longos e afiados, apesar da linda feição.

—Um rei... não é um rei por sentar-se em um trono e usar uma coroa. Diga-me, príncipe Aron Condoff. Acha mesmo que o grandioso e impiedoso rei Erond Condoff merece o trono? —disse Calista quase que grunhindo feito um gato manhoso.

— Como sabe que sou o príncipe?

—Não se veste como os subordinados do rei. Agora, responda-me!

—Não cabe a eu dizer. Mas garanto, que eu no lugar dele, já teria cortado a sua cabeça e colocado em uma estaca. Sua beleza é tão podre quanto seu interior.

A seda e cetim rosê rodopiaram no ar quando a criatura girou e sua asas negras emergiram tão ferozes. Um borrão se formou envolta dos olhos dela, seu corpo estava coberto por uma escama de seda, como se uma aranha tivesse tecido sua teia envolta do corpo dela. Suas unhas atravessariam Aron tão facilmente quanto uma flecha.

—Então não permitirei que saia vivo daqui. —gritou a criatura lançando seu corpo insigne sobre eles.

As irmãs conseguiam ser ainda mais feias e demoníacas que Calista com olhos ainda mais famintos e repletos de escuridão.

—E ainda dizem que são damas da noite. Com essa feiura, nem o drácula iria querer elas. —caçoou Avalon empunhando a espada e partindo uma das damas da noite ao meio.

Calista avançou sobre Aron Condoff que já estava com o seu arco. A flecha cortou o ar feito leque. Sua ponta de prata dançou sobre o céu e só parou quando deu de encontro com uma das asas da criatura, que bramiu de dor.

—Como ousa me ferir? —berrou Calista, gemendo ao retirar a flecha de sua asa esquerda e ver seu sangue negro jorrar.

—Você me atacou primeiro! —disse Aron.

—Não pode me machucar. —ela já estava tão bela quanto antes do ataque começar. —Não deve ter tantas jovens promissoras no castelo. Poderíamos ser grandiosos juntos. —disse Calista andando vagarosamente com os pés nus sobre o alto de uma rocha.

Sua voz soava como melodia tocada em uma harpa.

—Elas continuam cativantes quando irritadas. —zombou Aron preparando a próxima flecha.

—Não acredito que estão conversando, enquanto um tenta matar o outro! —gritou Avalon tentando permanecer vivo. —Podíamos trocar, até porque, elas estão de fato tentando me matar.

A espada estava banhada de sangue roxo das damas da noite.

—Pena que você já é casado com a Pandora. Enfrentei ela na guerra. Tenho que admitir que ela é uma criatura e tanto. —murmurou Calista, o vestido longo arrastava sobre a rocha fria.

—Vamos acabar logo com isso! —gritou Avalon, furioso.

Calista lançou-se sobre Aron como uma águia, agarrando seu pescoço com as garraras, arremessando-o contra as rochas e fazendo-o colidir com o chão.

—Esperava mais do futuro rei. —disse ela.

Calista dava gargalhadas de prazer.

Aron colocou-se de pé. Seu arco havia se partido quando seu corpo caiu sobre ele. A lâmina de prata da espada reluziu com a luz da pedra da luz. Antigas escritas elficas percorriam por toda a lâmina e brilhavam.

As asas levantavam poeira e pequenos fragmentos de pedra quanto mais ela subia.

Avalon já havia perdido as contas de quantas cabeças já havia arrancado, enquanto Aron papeava com Calista.

As rochas estavam manchadas de roxo, e o musgo parecia secar quando regado com o sangue das criaturas.

Um feixe de luz incidiu sobre uma rocha e foi de encontro a uma das criaturas que se espantou.

—Luz! —grunhiu uma dama da noite.

—O sol está nascendo. —disse Calista. —É o seu dia de sorte jovem príncipe. —Vamos minhas irmãs. Não faltará oportunidades de uma nova luta. —disse convencida.

As criaturas saíram voando e choramingando descontroladas esbarrando umas nas outras.

—Diga ao rei Erond Condoff que o trono não será dele por muito tempo. Nada é para sempre. Nem mesmo a Era da Luz. —disse Calista virando uma figura demoníaca e voando em agudos gritos.

*Vinte e Três*



—Senhor Zargrak!

Asteríris tentava acompanhar os passos largos do homem, com Peter sentado sobre seus ombros cansados, mas ele era leve como uma pena, então pouco importava.

—Diga, minha jovem. —disse. —Mas apenas Zargrak, os duzentos e cinquenta anos ainda não estão tão evidentes, assim espero. —brincou ele.

—Achei que fosse mais novo. —disse Asteríris. —As criaturas mágicas são todas imortais?

—Não, mas gozamos de um longo tempo de vida. Essa era sua pergunta?

—Na verdade não. O que sabe sobre os Seres de Luz? —perguntou Asteríris contemplando o céu que se abria com um majestoso sol.

—A Era dos Seres de Luz como era conhecida. Mas para saber sobre eles, precisa entender de onde vieram. —disse Zargrak. —Existe um reino distante e jamais visto pelos homens. O reino de Dohaes, que fica na constelação de Orion. Elfos de puro sangue branco vivem ou viviam lá, mas não sei ao certo. Eles nunca interferiram no mundo dos humanos ao longo dos anos, mas então uma guerra começou. A ganância do homem por poder e terras estava acabando com esse mundo, e foi quando os elfos de puro sangue enviaram os Seres de Luz. Criaturas puras e bondosas para trazer paz e harmonia para os homens.

—E as outras criaturas, já viviam aqui?

—Sim, mas escondidas. Com a chegada dos Seres de Luz, elas foram se revelando aos poucos e logo passaram a viver entre os humanos. —disse. —Mas os homens estavam receosos em viver entre criaturas tão peculiares e poderosas. Então, os Seres de Luz de bom grado, ofereceram abrigo e atribuíram tarefas aos humanos dentro do castelo, garantindo assim, a proteção deles. Mas logo foi ficando impossível abrigar tantos da raça humana. Logo, uma cidade foi se formando em volta do castelo, a cidade da luz. Um enorme muro precisou ser construído em volta dela, pois criaturas obscuras começaram a atacar a cidade e querer o poder e o controle da raça inferior. Mas algo incomum aconteceu e mudou o curso de toda uma Era.

—E o que foi? —perguntou Asteríris, ansiosa.

—O Senhor Taurius Condoff e sua esposa Melanie Condoff, juntamente com o filho Aron e sua futura esposa Grinória Del Castro, foram as primeiras famílias a serem mandadas para cá. E depois mais famílias como; Merlok, Mitrandir, e Scarlet foram chegando ao castelo, pois só uma família não seria o bastante para conter as revoltas que começaram a acontecer impulsionadas pelos homens e pelas criaturas mágicas.

—E o que tem de incomum nisso?

Peter já havia adormecido e nem sabia a que pé estavam de chegar a montanha.

A floresta era mais fechada e ingrime, sempre subindo e descendo em um tapete de musgos coloridos e flores minusculas.

—Como eu disse, futura esposa. Aron Condoff ainda não havia se casado com Grinória Del Castro. Com o passar de alguns anos, ele se afeiçoou a uma jovem humana, a dama de companhia da princesa Grinória, Margarett. Ele veio com a família ainda jovem, nem bem havia completado quinze anos. Ficou deslumbrado com tantas jovens diferentes das que conviveu a vida toda. Os guardiões confiaram a família Condoff a tarefa de trazer paz e esperança aos humanos, e não se envolver emocionalmente com eles. Algo raro é um elfo ou um Ser de Luz ter emoção verdadeira. São frios e o dever vem sempre em primeiro lugar, não há espaço para comoção. Quando os pais dele ficaram sabendo, apressaram o casamento, pois o respeito da família perante os grandes guardiões estava em jogo. E todos os humanos que viviam ou tinha algum ofício no castelo foram mandados embora, e expulsos do castelo. E mais Seres de luz de famílias inferiores foram mandandos para servir e proteger a família Condoff.

—Achei que todo Ser de Luz fosse igual. —disse Asteríris, confusa.

—O sangue de um Ser de Luz é branco, e tem aqueles que o sangue é como a água; transparente, mas não menos importante. Esses Seres de Luz são os ''inferiores''. São hábeis e fortes, mas não servem para serem curandeiros, telepatas, entre outros poderes que eles possuem. Ficam designados para a proteção e servir as famílias de sangue branco. —murmurou ele.

—Entendi. Eles se casaram então?

—Alguns anos depois, uma praga se espalhou por toda a cidade da luz, dizimando um terço da população. Uma das vítimas da praga, fora à moça por quem Aron era apaixonado. Margarett acabou morrendo em decorrência da grave doença. Ele foi obrigado a se afastar para garantir que ela ficasse segura. Ele se casou e não teve contato com Margarett. Só soube da morte alguns dias depois do falecimento da jovem.

—Ele se casou. —a voz de Asteríris saiu fraca como se estivesse prestes a chorar.

—Sim. E consumido pela dor e luto de perder a mulher que amou verdadeiramente, Aron pegou uma adaga e cravou em seu coração, enquanto sua esposa dormia do seu lado. Ele queria ficar junto de sua amada no mundo dos mortos. A família Condoff ficou muito abalada com a atitude de Aron e decidiram expulsar os humanos da cidade da luz, para que não acontecesse novamente. Com isso, os humanos tiveram que morar em lugares afastados do palácio e de todas as criaturas mágicas. Foi então que várias cidades, pequenos vilarejos, condados e outras partes começaram a se consolidar. As cidades ganharam seus governantes, mas que respondiam ao então coroado rei Taurius Condoff. Mas são poucos que sabem dessa história. Os lobos eram grandes aliados dos Seres de Luz, e por isso, sabemos sobre a verdade, mas não que o rei a tivesse contado, mas sabe, as paredes tem ouvidos.

—Grinória Del Castro retornou para Dohaes?

Asteríris espiou, preocupada, por cima do ombro quando sentiu um caláfrio percorrer a espinha.

—Não se preocupe, são harpias gigantes.—disse Zargrak sem brusquidão. —Não encare elas ou teremos sérios problemas.

As criaturas estavam em sentinelas sobre as árvores. Longas asas douradas e penas se estendiam até os joelhos curvados como de um cabrito, e uma pele áspera, grossa e enrugada cobria o restante das pernas e das enormes garras fincadas sobre os galhos. Pareciam mulheres passáros, de olhos fundos amarelos, bicos e orelhas achatadas. Cristas aralarajadas brotavam de suas cabeças feito espinhos maleáveis e caiam para trás da cabeça.

—Como os humanos não as veem?

Peter despertou quando Asteríris escorregou e caiu sobre o musgo úmido.

—Precisa tomar mais cuidado. —alertou Zargrak ajudando ela a ficar de pé. —Estão aqui para nos vigiar. Sabem que é um risco andarmos pela floresta, ainda mais durante o dia. Seria muito fácil esbarrar com um caçador. Elas vivem nas colinas solitárias. Ninguém vai lá, e é um lugar seguro para elas voarem sem serem vistas e tem muitas aranhas gigantes para se alimentarem.

—Entendi, mas elas tentarão nos impedir? —pergutou Asteríris, preocupada.

—Não, a menos que seja necessário.

—Não será. Continuaremos sem incomodá-las ou chamar atenção.

—Exato! —disse Peter espreguiçando.

—O que houve com Grinória Del Castro? —perguntou Asteríris tentando evitar olhar para as estranhas figuras.

—Ela não retornou para Dohaes, pois não poderia. Só se pode ir para a constelação de Orion quando um eclipse nebuloso de Saiph acontece, mas isso só ocorre a cada cem anos. E ela não iria, pois já era parte da família Condoff. Aron morreu sem saber que sua esposa estava grávida do seu primeiro filho.

Asteríris o mirava como se fosse a primeira vez que o via.

—Erond Condoff foi o nome dado ao do filho de Grinória.

—E onde todos eles estão?

—A família Monterine foi toda dizimada na grande guerra contra as trevas. Já a família Condoff prosperou e Erond teve um filho com Marie Merlok. Mas a esposa de Erond, a mãe e os pais do seu pai, morreram lutando na grande guerra.

—Então só restou Erond Condoff e o filho?! —perguntou Asteríris.

—Sim. As outras famílias também tiveram perdas, mas a Condoff foi a mais afetada com a guerra. —disse Zargrak, pesaroso. —Eles estão em algum lugar ou em mundo criado pelas bruxas.

—Sabe algo sobre esse mundo? —perguntou Asteríris, abaixando a cabeça para desviar de um galho na pequena trilha de papoulas salmão.

—Uma bruxa que visitava a cidade do leste, achou que eu fosse um mero caçador e tentou se deitar comigo, mas logo sentiu meu fedor de lobo e minha energia. —contou Zargrak quase que rindo. —Então foi quando tive contato com a primeira bruxa anos depois do fim da guerra.

—Ela contou algo a você? —perguntou Peter, admirado.

—Ameaçei entrega-lá e ela logo soltou a língua. Disse que apenas uma bruxa é capaz de abrir a passagem. É como uma cripta selada por mágia.

—Cripta? —disse Asteríris e Peter em coro.

—Alguma estrutura pesada de gelo frutuante em algum lugar na montanha. Ela falou algo sobre precisar ler o que estava escrito e uma passagem se abriria. O portal fica dentro da montanha sobre uma cripta. Então é só atravessar.

—Simples assim? —perguntou Asteríris, desconfiada.

—Não dei ouvidos a uma só palavra daquela promíscua.

O olhar baixo e os ombros caídos de Asteríris revelavam seu descontentamento ao ouvir tal ofença a bruxa.

—Acha que deitar com homens para criar mais bruxinhas é certo!? São oportunistas e asquerosas. —resmungou Zargrak irritado com a atitude da garota.

—Estava começando a gostar de você. —disse zangada. Eu ainda posso ser uma bruxa. Esse insulto vale para mim também!?

—Não criança. Perdoe os meus modos. Fico amuado quando lembro que não posso estar com a minha família por causa daquelas... bruxas miseráveis.

—Ainda não sabemos o que eu sou, mas iremos para a montanha e acharemos a passagem. É a única coisa entre mim e quem eu sou de fato.

—Tenho que admitir que você é corajosa. —disse Peter.

—Vamos até lá, e se você for mesmo uma bruxa a passagem será aberta e iremos para o outro mundo. —alegrou-se Zargrak.

—Como uma bruxa falou tão abertamente com um troca peles?! —chiou Peter incrédulo.

—Acho que porque sabia que eu não faria nada. Mas, agora sei onde encontrá-las. Sempre estiveram debaixo do meu nariz. Andam pelas cidades tranquilas depois do que fizeram.

—Não pensou em pedir para mandar você de volta? —disse Asteríris.

—Sim, mas ela ameaçou me expor. Morreríamos os dois, do que adiantaria. Ela desapareceu depois do nosso encontro. Tentei achar outras, mas não cheguei nem perto. Ela deve ter contado o que houve as outras bruxas e afastaram da cidade.

—Sabe sobre a bruxa enforcada na cidade de Arintiel? —perguntou a garota sendo observada por Peter.

—Tinha as minhas suspeitas, mas Bruto foi mais rápido e a matou antes que eu pudesse pedir ajuda. —disse Zargrak.

—Infelizmente, descobri tarde sobre ela também. O que me resta é achar a passagem e torcer para que ela me leve até a minha mãe de fato.

—Agora que temos algo sobre a montanha, que pode ser verdade ou não, já que, tratando-se de bruxas, devemos desconfiar de tudo, podemos ter um fio de esperança. —disse Peter.

*Vinte e Quatro*



Os primeiros raios de sol haviam afastado todas as damas da noite. Aron e Avalon sairam quase que ilesos, se não levar em conta alguns arranhões ou até mesmo ossos quebrados.

Desta vez, seriam ainda mais cuidadosos. As colinas de prata se espichavam entre altas rochas que brotavam violentas do chão. Escondendo cavernas que se abriam e fechavam em passagens secretas jamais abertas ou usadas.

Era como se as colinas fossem um vale da morte, pois por onde passavam haviam carçacas de largatos de fogo gigantes ainda frescas e outras já quase comidas pela terra cinzenta.

Já era possível ver o castelo em ruínas. A torre principal estava completamente destruída. As duas torres menores se desmontavam aos poucos, mas não serviria para abrigar nem um corvo em dia de chuva.

Kalazan ficava em um lugar estratégico, não para a guerra, mas por afastá-lo dela. Nenhum exército seria capaz de marchar para o castelo pela inacessibilidade da região.

—Tem algo errado. Veja! —murmurou Aron apontando para o chão empoeirado. —Pegadas!

—Trolls! —esbravejou Avalon.

—Entraremos mais adentro daquela região e quando tivermos certeza de que são trolls, saíremos. —avisou Aron.

—Vamos seguir ao sul, iremos no sentido oposto ao caminho que estão traçando. Levaremos um pouco mais de tempo, pois notei que as outras trilhas que levavam para o castelo estão bloqueadas ou inacessíveis.

—Não preciso de muito, só uma prova de que a região está sendo invadida e o tratado quebrado. —disse severo. Será o fim dessas criaturas repugnantes.

—A quebra do tratado significaria guerra. Evitaremos chegar a esse ponto.

Era quase noite quando conseguiram se aproximar o suficiente para saber o que se passava no castelo em ruínas.

A regíão estava infestada de trolls, e gnomos. Os trolls carregavam gigantescas pedras, enquantos os gnomos abriam buracos onde as pedras eram enfiadas.

—Andem logo suas lesmas! —gritou uma voz grossa que impunhava medo.

A cabeça era grande, tão quanto o nariz, com olhos negros desatentos. Seus braços longos, e grossos como troncos eram cobertos por pelos emaranhados e engordurados. Vestiam trapos esfarrapados e definhados nas pontas que caiam sobre os joelhos rachados. A barriga dobrava em três ou mais ondas cabeludas.

Eram como rochas vivas.

—Acham que esses buracos se abrirão sozinhos? —o troll estava decididamente apressado.

Os outros trolls eram desmazelados e não se importavam quando algum gnomo parava o trabalho.

Ele parou, olhou por cima dos ombros, fungou várias e várias vezes com suas ventosas enormes e depois se voltou para o gnomo que parecia ainda mais irritado que ele e lhe deu um pontapé. A criatura pequena e ranzinza resmungou, mas logo voltou a abrir mais buracos fundos e largos.

—O que estão planejando? —disse Avalon se esgueirando entre as pedras para não ser visto.

—Reerguer o castelo e depois tentarão controlar a região. —sibilou Aron. —Vamos voltar para a aldeia e lá informarei ao meu pai sobre o que tem se passado aqui.

—Não conseguiriam mesmo se tentassem. —alegou Avalon.

—Eles não estão sozinhos. Primeiro as damas da noite. Agora trolls e gnomos trabalhando juntos. Logo os orcs baterão a nossa porta. Não há nada mais a se fazer, a não ser acabar com o tratado e limparmos aquela região. Quem se opuser ao rei, sofrerá as consequências.

—Vamos, antes que nos vejam!

*Vinte e Cinco*



—Achei que lobos só se transformavam na lua cheia. —disse Peter.

—É verdade, mas podemos treinar nosso corpo e mente para não sermos escravos da lua cheia. Não é algo fácil, mas também não é impossível.

—Entendi. —disse Peter.

—Vi o que mágia das bruxas causou as criaturas que não foram para o outro mundo. Algumas agonizaram até a morte, pois a mágia usada pelas bruxas era muito poderosa e mexeu com o equilíbrio da natureza e de toda criação.

—Elas sabiam o que estavam fazendo? —perguntou Asteríris entre soluços irritantes.

—Bruxas sabem muitas coisas e até podem prever outras, mas isso, eu não sei se elas preveram. —disse com voz calma. —Posso controlar a minha transformação pelo simples fato de minha linhaguem ser a precursora de todas as outras. É como um dom. Então, nos dedicamos a ensinar aos mais jovens de outras linhagens a se controlar e não se transformarem na lua cheia. Podem até se transformar, mas conseguem voltar a forma humana antes da lua desaparecer.

—Deve ser horrível. —choramingou Asteríris. —Ainda não sabemos a razão de eu poder compreender você.

—Não, mas deve ser efeito causado pela mágia das bruxas.

—Assim espero. —disse Peter.

— O que quer dizer? —perguntou Asteríris.

—Nada! —brandou Peter e saltou do ombro de Asteríris deixando-os para trás.

Algumas vezes era possível ver a montanha. Algumas árvores ainda pareciam despertar do inverno, enquanto outras estavam vivas em cores e aromas. A floresta era ainda mais fechada e de difícil acesso, pelas subidas e muitos galhos caídos ou entrelassados pelo caminho.

Asteríris gritou quando uma gota fria se desfez na ponta do seu nariz; uma risadinha veio das rosas negras.

O caminho ficava melancolico, um nevoeiro branco emerguia do chão e um rastro de cristais de neve abria-se em uma pequena trilha. Uma nuvem de névoa prateada cobria as rosas negras. Era como se um punhado de diamantes sibilassem.

O rosto de Asteríris endureceu quando uma criatura saltou na ponta do seu nariz. Um pequeno cristal pálido se formou na ponta dele e desapareceu assim que a criaturinha mergunhou em uma das rosas.

Pares brancos vazios brilhavam de dentro das rosas negras. Se não fosse dia, Asteríris jamais teria visto o que eram.

Eram negras como as rosas, a cabeça e o corpo eram perfeitas gotas de água sobrepostas de onde brotavam braçinhos e pernas fininhas feito gravetos. Tinham olhos frios e solitários. Se não fossem pelas asas brancas cintilantes em forma de petálas, passariam facilmente despercebidas.

—Não precisa ter medo. —disse Peter para Asteríris. —São dwr, criaturas amigáveis.

As criaturas pareciam cochichar e admirar os longos fios ruivos de Asteríris. Parecia uma reunião de vários camundongos pelo som que faziam.

—Vamos logo. —disse Zargrak, impaciente.

— O que elas estão dizendo? —perguntou Asteríris, ao notar tanto grunhido.

—Que o seu cabelo é vermelho como o fogo. Estão com medo de se queimarem se tocarem nele. —respondeu Peter pousando sobre uma rosa negra. —Fria!

—Então, diga que não precisam ter medo. —ordenou ela.

As criaturas se enrolavam e divertiam com os fios ruivos de Asteríris.

Zargrak andava de um lado para o outro tentando não se zangar.

A noite logo veio e apesar do inverno ter acabado , o frio era intenso.

Os dwr haviam ficado para trás. Ficavam em um pequeno trecho no caminho por onde passaram. Eram criaturas sensíveis ao calor, mas conseguiam produzir o seu próprio inverno, geralmente dentro de rosas negras ou camélias.

—Está ficando cada vez mais fria, a noite. —disse Asteríris tentando se aquecer com as chamas da fogueira.

—Estamos quase chegando ao pé da montanha. O frio é mágico. —disse Peter.

—Não se preocupe, você subirá montada no meu dorso. Não sabemos o que tem lá em cima. —disse Zargrak. —Garantirei que nada aconteça a você garota.

—Temos que caçar mais coelhos, esse é o último. —avisou ela.

Asteríris desamarrou o coelho da alça da bolsa e o deu para Zargrak.

—Amanhã providenciarei o almoço e jantar, não precisa se preocupar. —disse Zargrak retirando o couro do coelho como quem rasga uma seda.

*Vinte e Seis*



Em poucos dias Aron e Avalon chegaram a aldeia dos lobos. Encontraram os cavalos sob os cuidados do povo da aldeia. Um corvo havia sido enviado por Aruk Mirfak na esperança de que o pai o recebesse no retorno para casa.

—Mirfak? —uma voz rouca tentou acompanhar Avalon enquanto ele seguia para o portão com o seu cavalo.

—Diga. —disse ele.

—Uma mensagem chegou a um dia. Foi enviada da aldeia de Florence. —informou o jovem lobo entregando um papel selado.

O detalhe de uma árvore na cera verde deixava evidente que era de fato uma mensagem de Florence.

*Pai, a mãe está fraca. Alguma coisa aconteceu depois que o senhor deixou a aldeia. A vida dela está sendo drenada. Alguns filhos da natureza estão tendo problemas com a transformação. Estou preocupado com tudo. O dia da minha transformação está chegando e como a mãe não está bem, temo que algo pior possa acontecer.*

*Venha logo para Florence!*

*A mãe natureza precisa do seu exército!*

*Aruk Mirfak*

—Onde está Aron Condoff? —brandou Avalon, irritado.

—Senhor. Ele já partiu a algum tempo. Deixou uma mensagem para Simba e partiu para Arãbergue. —informou o jovem lobo.

Os gritos agonizantes de Aruk Mirfak podiam ser ouvidos por todos os cantos de Florence.

—Onde está o meu filho?

Avalon nem bem desceu do cavalo e já estava cercado pela guarda da noite.

—A transformação dele está acontecendo nesse exato momento. Nenhum outro filho da natureza iniciou a transformação.

—E a quanto tempo a transformação está acontecendo? —perguntou Avalon a um dos guardas da noite que parecia apavorado.

—Nem bem o sol deu lugar a lua e a transformação começou.

—E onde está minha esposa? —gritou Avalon, alvoroçado.

—Deitada. Ela não consegue se mover. Cortamos os pulsos dela na esperança de que fosse algum veneno e que logo ele deixaria o corpo, mas não adiantou. —disse o guarda, acanhado.

—Aruk está no centro da raiz!? —perguntou Avalon dirigindo-se para lá sem esperar pelas respostas.

—Está.

—Diga a minha esposa que logo irei para cuidar dela. —ordenou Avalon.

Aruk estava no centro de uma enorme árvore cortada até o toco que ficava próximo a tenda de reuniões. Suas raízes eram grossas e se afunilavam nas pontas que se voltavam para dentro, como uma jaula. As pontas finas das raízes atravessavam o peito de Aruk e se ligavam ao seu coração. Seu corpo pulsava seiva branca, enquanto modificava-se e virava uma casca grossa. As mãos e pés já haviam completado a transformação, mas o restante do corpo estava relutante em completar a mudança; a pele se endurecia e voltava outra vez a ser só pele e ossos.

—Filho! —sussurrou Avalon na esperança que Aruk pudesse ouvir. —Preciso que seja forte. Eu sei que está levando mais tempo que o normal, mas logo isso acabará.

—Onde está a minha mãe? —tinha o tom de pele como o da mãe. Os olhos verdes transpareciam dor. Os fios negros curtos e ondulados estavam grudados em sua testa. Seus lábios carnudos estavam brancos e cortados, por transferir sua dor da transformação para eles.

O grito lancinante de Aruk parecia não ter fim.

—Ela está descansando, mas saiba que o espírito da mãe natureza está aqui com você. —disse calmo.

Avalon tentou se aproximar do filho, mas as raízes o chicotearam para longe.

—Concentre-se na raiz ligada ao seu coração. Ela controla sua transformação.

—Está doendo pai! —ele berrou, alucinado de dor. —Faz parar, por favor! —lágrimas escorriam e molhavam a madeira.

A guarda da noite estava envolta da árvore garantindo a proteção de Aruk. As mulheres da aldeia cantavam cantigas antigas com os braços conectados, formando uma barreira a frente da guarda da noite. As crianças e os filhos mais jovens eram obrigados a assistir a transformação para se prepararem quando fossem sua hora. Ficavam acanhados ao ver a dor de Aruk e o que teriam que passar.

*Um coração de sangue branco!*

*Pulsando pela vida.*

*A força vem da dor das entranhas raízes*

*ligadas ao coração que pulsa seiva.*

*Não temam!*

*Não gritem!*

Ergam-se, mas se ajoelhem perante a terra,

*que se levanta e salta em forma de corça.*

*Filhos da terra!*

*Líderes de aldeias e senhores da floresta.*

*Sua pele se endurece, mas seu coração se amolece.*

*Deixe que a terra alimente o seu espírito.*

*Sejam corajosos!*

*Fortes como escudos.*

*Sejam o exército da mãe natureza!*

Levantem-se e protejam o espírito vivo da terra em forma de corça!

—Estou sentindo! —sussurrou Aruk, tremendo.

—Está acabando. Você está indo bem. —disse Avalon, aliviado ao ver que as raízes começavam a abaixar.

Aruk estava deitado completamente cascudo. Apesar da transformação ter acontecido um dia antes do previsto, acabou como o esperado.

—Fique deitado o tempo que precisar. Irei ver como sua mãe está. Logo seu corpo voltará ao normal e a guarda da noite irá te ajudar com o que precisar. —disse Avalon afastando-se apressadamente.

Pandora estava deitada com os pulsos cobertos por ervas de cicatrização. Estava pálida como algodão, e frágil como uma pena.

—Como está se sentindo? —a voz trêmula de Avalon deixou transparecer sua aflição.

—Aruk... onde está o meu filho? —sussurrou Pandora com a voz rouca e fraca.

—Está bem. A transformação foi concluída e logo ele virá para ver você. —disse. —Mandarei que troquem seus lençóis, já estão úmidos e frios.

—O que encontrou em Kalazan?

—Trolls e gnomos. Aron Condoff irá informar o conselho sobre a quebra do tratado. Talvez tenhamos que lutar em uma guerra pelo controle de Orion. —alertou Avalon.

—Não sei se estarei aqui para lutar mais uma guerra pelo poder. —brincou. Minha vida não está sendo drenada. Estou morrendo. A terra foi envenenada, e toda vez que tentei senti-la ou me comunicar com ela, o veneno entrava em mim. Quem está fazendo isso, sabia exatamente a dose de veneno que deveria usar para que eu não notasse ou para me matar.

—O que os filhos da natureza podem fazer para salvá-la?

—Já está no meu coração a bastante tempo. Nem mesmo um curandeiro de luz conseguiria extrair tanto veneno.

Um absoluto desespero despertou no rosto de Avalon quando viu o olho esquerdo de Pandora ficar branco e começar a escorrer um líquido amarelo leitoso.

—Avalon? —murmurou Pandora ao não ver o marido sentado ao seu lado na cama.

—Estou aqui. Preciso ir até Arãbergue. —disse colocando-se de pé. — Pedirei que Aruk fique ao seu lado.

—Não vá! Preciso de você aqui. Acho que tem algo andando no meu rosto.

—É apenas uma formiga.

Avalon pegou um tecido pendurado sobre uma bacia de barro em uma mesa ao lado da cama e limpou o líquido que escorria pelo rosto de Pandora e já chegava ao pescoço. Não queria que a esposa desconfiasse do que se tratava.

—Meridah, cuidará de você. O seu filho não deixará que nada aconteça, você só precisa lutar mais um pouco e logo acharei um jeito de curá-la. Eu sou o seu escudo, eu sou o seu exército. —disse Avalon beijando suavemente a testa de Pandora.

—Não demore. Esperarei por você. —sussurrou.

*Vinte e Sete*



O sol já despontava por detrás das altas colinas de prata quando Aron Condoff atravessou os grandes portões de pedra do castelo de Arãbergue. A flâmula preta; uma lua minguante branca, atravessada por uma espada de ferro e uma flecha dourada estavam bordadas no tecido e balançava no alto do portão principal.

Corria um riacho, que começava e terminava de uma ponta a outra nas largas estradas que levavam aos castelos.

Na torre principal viviam o rei e o seu filho. Em torres menores, incontáveis flancos se abriam em salões, cômodos e adegas. Eram onde ficava a maioria dos súditos do rei. Era também onde construíram profundos e escuros calabouços para manter o maior e menor prisioneiro.

O membro do conselho, Aragon Merlok lançou um olhar idôneo a Aron, quando ele entrou no salão; sem paredes ou teto, com pilastras que formavam um círculo onde o conselho se encontrava sentados em troncos de madeira esculpidos o brasão de cada família. A estrutura ficava a muitos metros do chão e o único acesso era pela ponte de cristal que flutuava e ligava-se a ela em forma de uma lua cheia.

—É primavera, o conselho está reunido para discutirmos sobre o baile de estação. —disse Aragon, sem cerimônia.

Era alto, com traços finos, e rosto desdenhoso. O azul celeste dos fios quase sumia no prateado de seus cabelos. Uma tiara prata com sálvia mantinha os fios alinhados.

—O baile terá que esperar. Trago assuntos que requerem mais atenção do conselho. —disse Aron aproximando-se do tronco do rei e ficando de pé atrás dele.

Havia cinco troncos; para cada família um brasão havia sido esculpido. A família Scarlet tinha talhado em seu tronco um escudo de prata, onde um raio parecia parti-lo ao meio, e havia um corvo sobre a lâmina de uma espada de ferro na ponta do escudo, representando a força e inteligência da família.

A casa Merlok se orgulhava pela sua astúcia e ganância; o brasão era simbolizado por um escudo dourado, onde uma raposa vermelha ressaltava ainda mais o emblema da família.

A lealdade, e justiça dos Mitrandir tinham bastante peso na tomada de decisões do conselho. Sua casa era a mais despojada, com seu brasão de libra dourada no centro de um escudo preto triangular. A casa mais cordial da família era Del Castro. Ela que se destacava pela sua sabedoria e paciência. Grandes mentes usadas em situações extremas de guerra. Seu brasão era um escudo cintilante de prata; duas espadas de ferro se cruzavam, enquanto uma coruja branca não se importava em estar entre elas.

—O que é mais importante que cortejar nossas filhas? —questionou Aragon, furioso.

—Trolls ocupam as terras das colinas de prata. —disse. —Ajudados por gnomos.

Aron parecia incomodado com tantos olhares de desdém lançados pelo conselho e até mesmo pelo rei.

—Mandaremos que alguns membros do exército Condoff limpem a região. —disse Barduh Mitrandir. —Assunto resolvido.

Tinha um rosto mais amigável, e os longos anos de vida já se expressavam em traços finos enrugados nos cantos dos olhos castanhos.

—Não podemos acabar com o baile de primavera, só porque trolls brincam com gnomos. —zombou Barduh dando gargalhadas.

—E quanto as damas da noite? —bradou Aron, bravo.

—O que têm elas? —disse Galadriel Scarlet.

Esse era mais hodierno. A cara pontuda e despreocupada, com olhos de cor seca tinha um ar cauteloso.

—Ocupam as colinas de prata também. Avalon Mirfak e eu fomos atacados por elas assim que chegamos à região. —disse Aron.

—Não pode choramingar para o conselho sempre que uma criatura tentar atacá-lo. Afinal, futuros reis é sempre o alvo. —murmurou Aragon.

—Então, de nada vale o tratado? —retrucou Aron, pondo-se a andar em círculos por todo o salão de pedra.

O rei parecia calmo, apenas ouvia atentamente o que estava sendo levantado em questão.

—O que o futuro rei sugere? —disse Erond, severo.

—Acabarmos com o tratado.

—Acabarmos com o tratado?!

As vozes se elevaram tão rápido que mal se podiam compreender as queixas e de quem partia.

—Só pode estar maluco. —esbravejou Aragon.

—Exato! —assentiu Galadriel.

—O tratado foi quebrado no exato momento que os trolls, gnomos e damas da noite invadiram aquela região. —gritou Aron, perdendo a cabeça.

—Não iremos começar uma guerra, só porque o futuro rei se sente ofendido por ser atacado por damas da noite. Deixe que ocupem aquela região, já deve feder a peixe estragado. —disse Aragon.

—Então é isso? —perguntou Aron se voltando para o rei.

—Isso é um conselho, Aron. A escolha é por unanimidade. Caso haja estorvo,eu dou a palavra final. —disse o rei calmamente. —Limparemos ou não a região?

—Depois do baile de primavera, limparemos a região. Precisamos de todos envolvidos com a preparação da celebração. —concluiu Vidgar Del Castro.

Era mais corpulento que os demais membros do conselho. Os cabelos eram mais azuis que brancos. Tinha olhos escuros; ameaçadores que olhavam com tranquilidade tudo que acontecia.

—Não espere que eu compareça a esse baile de primavera. —murmurou Aron.

—Ser filho do rei, não garante o trono. O meu filho Otto, seria um grande rei. —exclamou Galadriel.

—Aron irá ao baile de primavera. —assegurou Erond. —Não se fala mais nas colinas de prata, até que o baile de primavera tenha acontecido.

—Se escondem atrás de um tratado de paz. —vociferou Aron.

—Aron! Já chega! —ordenou o rei. —O baile acontecerá e ponto final. A casa que vai sediar o evento será a Merlok. Faremos uma homenagem a todos que perdemos na grande guerra. Sua mãe ficaria feliz em saber que o filho honra a casa Condoff em todas as suas obrigações, e que leva a sério a confiança depositada pelos grandes elfos de Dohaes em nos deixar liderar o nosso povo e todas as criaturas.

—Os grandes elfos de Dohaes, abandonaram o nosso povo. —exclamou Aron, furioso.

—Jamais ouse dizer isso outra vez! —clamou Erond, perplexo.

Aron deixou o salão sem mesmo esperar pelo consentimento do rei.

O palácio estava caloroso com as jovens Seres de Luz escolhendo seus tecidos para o baile de estação. A torre do rei já não era só dele. Os súditos do rei passeavam pelos grandes corredores iluminados e agradáveis na torre principal. Não pareciam preocupados se o rei se incomodaria com tanto alvoroço naquela tarde.

As guirlandas eram de camélias, margaridas, lírios e eram trazidas em caixas de vidro e levadas para o saguão. O teto era alto demais para se ver, uma escada em espiral com duas hélices projetava-se no meio do saguão e levava a andares superiores.

As mais jovens Seres de Luz acompanhavam as mais velhas pelo piso espelhado. O murmúrio das vozes doces e risadas envergonhadas vinham de todos os lados.

—Ouvi dizer que o príncipe se recusa a ir ao baile de primavera. —disse uma voz fina o bastante para estourar taças caso ela gritasse.

—O rei está furioso com o príncipe. Talvez até escolham outro sucessor para o trono. —sussurrou outra, temendo ser ouvida. —era Maia.

—Se o príncipe não for rei, ele poderá se casar com uma inferior. —disse um Ser de Luz trazendo mais caixas, mas dessa vez cheias de seda. —Talvez eu use um vestido mais inapropriado.

—Não ousaria Freya. —sibilou a jovem de voz irritante. —Até parece que o príncipe olharia para você. Ele não tem olhado nem mesmo para as princesas.

—Calem-se. Não estamos a altura do príncipe. Pensem em ficar apresentáveis para a família Merlok, eles tem a guarda mais tolerável se estiverem pensando em se casar. —disse Maia devolvendo uma tiara um tanto chamativa para a caixa de vidro.

—Depois que o príncipe escolher a futura esposa, as outras casas poderão fazer os arranjos entre suas famílias. Foi o que ouvi. —murmurou Freya. —Jade, pare de pegar todos os tecidos para si.

—Quero ter mais opções quando for me vestir. O vestido vermelho da princesa Stella Scarlet no baile passado, foi de deixar qualquer uma com inveja. Sorte ela ser casada ou Atena certamente teria que brigar com a irmã pela atenção do príncipe. —cochichou Jade.

—O Vladmir Mitrandir tem sorte de ter se casado com Stella, ela lhe deu lindos gêmeos. —disse Maia. —Minha aposta é que o príncipe escolha Atena como esposa. A família Condoff já tem sangue Merlok e Del Castro.

—É provável, mas ainda prefiro Samira Merlok. Apesar de muito arrogante, ela nasceu para ser rainha. —afirmou Freya.

Um guarda apareceu na escadaria e repreendeu a todas no saguão pelo tom elevado de seus fuxicos que ecoavam escada acima.

*Vinte e Oito*



A trilha era estreita e seguia em zigue-zague por entre a floresta de folhas largas. Algumas árvores tinham pouca folhagem apesar de ser primavera. Eram altas e com floração branca vistosa. Uma fina geada parecia cair naquela manhã. A capa de Asteríris estava cheia de pequenos furos por ficar presa nos galhos pontiagudos e pelos escorregões constantes.

À medida que se aproximavam da montanha, o frio se intensificava e a vegetação mudava. Era como se nunca tivessem mudado de estação. Os raios de sol ficavam cada vez mais para trás.

Os passos eram minguados e se arrastavam pela vegetação arbustiva, espaçada. Algumas raposas de longas caudas pálidas, conseguiam ser vistas de vislumbre, entrando e saindo de tocas fundas que levavam a túneis e cavernas subterrâneas.

As noites ficavam ainda mais frias e barulhentas. Eram cheias de ruídos, estalos e rosnados esganiçados, lobos talvez... A lamparina iluminava o caminho quando decidiam não parar. As poucas vezes que conseguiam gravetos secos, eram em noites mais frias e queimavam tão rápido ao ponto de não chegarem a se aquecer.

Zargrak muitas das vezes montava guarda em pele de lobo. Percorria algumas milhas envolta de onde dormiam. Asteríris já não tinha tanto medo do breu da floresta, sentia-se segura com um lobo ao seu lado.

Os dias e as noites abarcavam-se; alguns fartos de lebres, outros nem tanto. A água já nem existia, fazia tempo. Eram apenas florestas dentro de floresta.

Peter passava boa parte do tempo dormindo nos ombros de Asteríris, quando não estava a resmungar por ter que viajar ao lado de um lobo e como o cheiro dele o incomodava.

—Peter!

Asteríris o cutucou até que ele despertou amuado, sentando-se com braços e pernas cruzadas.

—Não se deve acordar quem está dormindo. —resmungou Peter. —O que foi dessa vez?

—Você é uma fada. E fadas devem fazer alguma coisa.

Peter já olhava para Asteríris encolerizado.

—Ousou me acordar para proferir insultos a mim. —disse Peter, irado.

—Apenas uma breve observação de que você é uma fada sem poder algum. —sussurrou Asteríris por entre os dentes.

—Se não notou, eu tenho deixado tudo mais vivo nessa primavera. —esbravejou. —As cores estão mais vivas por minha causa.

—Não estão não! —disse Asteríris olhando a paisagem descorada

—Sou uma fada da primavera. Sabe o que isso quer dizer?

—Que você fica mais brilhante na primavera. —troçou ela.

Os olhos de Peter giraram em uma órbita e encararam Asteríris.

—Não sua tonta. Eu asseguro que a primavera seja mais atraente e festiva.

—Tem fadas para cada estação? —perguntou Asteríris não se dando por satisfeita.

—Sim. Tem fadas para todas as estações. Fadas para dias chuvosos, ensolarados. Tem fadas elementais; da água, fogo, ar e terra. Todas têm magia fluindo em si. Magia provinda da mãe natureza. Por isso, é nosso dever manter tudo em harmonia. Os humanos adoravam as fadas. Podíamos fazer com que alguns desejos se tornassem realidade. Erámos como bichos de estimação para eles. —disse desgostoso.

—O caminho está limpo.

Zargrak saltou de trás das árvores.

—O que ele disse? —perguntou Peter.

—Que é seguro prosseguir. E disse que de agora em diante irá em pele de lobo. —avisou Asteríris.

As botas já muito desgastadas de Asteríris começavam a se afundar sobre uma camada aveludada de neve. Seus passos eram lentos e pesados.

A uns dois dias de viagem chegaram em uma região coberta por gelo e as árvores estavam tão cobertas de neve e geada que formavam uma paisagem particularmente assustadora. Nada em outro entretom a não ser o branco. Uma parte do céu parecia se condoer e também estava indiferente.

O ar estava seco. Fortes rajadas de vento levantavam a neve em uma onda que parecia galopar montanha abaixo. Estalos de gelo sendo quebrados podiam ser ouvidos muito longe. Tempestades de gelo aconteciam frequentemente. Enormes e aterrorizantes bolas de neve desciam montanha abaixo e se estilhaçavam antes de alcançarem a encosta.

—O que está acontecendo? —gritou Asteríris sobre o dorso de Zargrak.

A tentativa de proteger os olhos do vento e dos cristais de neve parecia não adiantar. A capa sacudia como se soubesse o que estava por vir.

—Acho que tem alguma coisa a frente. —disse Zargrak lutando contra as rajadas de vento e o intenso frio.

—Assim não dá. —resmungou Peter de dentro da capa de Asteríris.

O vento e o frio deixaram de ser o problema quando deram de cara com gigantes de gelo logo mais acima da montanha, lançando enormes bolas de neve e provocando avalanches. Quase não conseguiam ver com clareza, mas certamente eram gigantes.

Os cristais de neve deram lugar a granizos quando os gigantes perceberam a presença de Asteríris e Zargrak. O som que faziam eram como de canhões sendo atirados para todos os lados.

—Para onde? —rosnou Zargark desviando das bolas de neve.

—Precisamos fazer com que parem. —disse Asteríris.

—Não se pode parar uma tempestade, imagina gigantes. —rosnou Zargrak rolando por cima de Asteríris quando uma bola de neve os atingiu.

—Está bem? —rosnou ele sacudindo a neve do pelo.

—Peter? —perguntou Asteríris levando a mão no bolso esquerdo da capa.

—Estou vendo que não foi uma boa ideia subirmos a montanha. —resmungou Peter.

—Eu também estou bem. —disse ela.

Os gigantes pareciam brigar entre si. Empurrões e pontapés eram dados aos montes. Haviam parado com as bolas de neve e tempestades. O céu se abriu em um clarão, mas uma nuvem negra cobria o sol.

—O que temos aqui? —disse uma voz rouca e grosseira; tinha uma expressão mais horripilante que os outros dois.

Eram três monstruosos gigantes de gelo. Tinham olhos brancos reluzentes e enormes chifres curvavam para o alto de suas cabeças. Tinham a mesma altura e o corpo era coberto por farpas de cristais nos braços e pernas. Do peito liso uma luz fria e azul emergia.

—Carne fresca. —disse um dos gigantes de gelo um tanto narigudo e feioso.

—O que devemos fazer com eles? —com a voz fanha perguntou o terceiro, enquanto se aproximavam de Asteríris, Peter e Zargrak.

—O que trouxe vocês a montanha de gelo? —perguntou o gigante narigudo.

—Deixe que eles respondam, seu tapado. —estrondou o que parecia ser mais velho.

—Só estamos buscando uma nova aventura. Ouvimos muito sobre a grandiosidade e valentia de três gigantes sob a montanha. Ficamos curiosos para conhecer tamanha opulência. —disse Asteríris fazendo uma reverência tosca.

—Claro. Mas deviam saber que é perigoso subir a montanha, mesmo que para nos apreciar. —disse o narigudo bobão.

—Não queremos confusão. Vocês são ainda maiores do que o contado nas histórias e canções. —disse Peter com a cabeça para fora do bolso da capa de Asteríris.

—Nós queremos confusão. —continuou o que parecia ser mais novo e tapado (narigudo bobão).

—Não de ouvidos ao meu irmão. Ele não bate bem da cabeça. —disse o gigante que parecia ser o mais sensato e mais velho dentre os três. —Meu nome é Atlas, o mais sábio. Aquele é o Aristeu, o mais tonto. E esse é Ares, o mais forte. Somos os 3As.

O rosto de Atlas era mais rezingão e malvado.

—É um prazer conhecê-los. Meu nome é Asteríris. Esse é Zargrak. O pequeno é Peter, que se escondi do frio aqui no meu bolso. Nós não queremos incomodar. Então, se não se importam, acho que devemos ir.

—Ir?! E para onde pensam que vão? —perguntou Atlas, desconfiado.

Os dois irmãos pareciam ter medo dele. Aristeu chutava o chão como uma criança emburrada, enquanto Ares vigiava cada movimento de Zargrak.

—De volta montanha a baixo. Se não se importam, é claro. —a voz de Asteríris quase não saiu.

—Não acho que nos admiraram o suficiente. —disse Ares, seu nariz era mais insolente e sua feição menos pavorosa.

—Vamos brincar? —choramingou Aristeu. —Eu quero brincar!

—O meu irmãozinho quer brincar. —a voz ameaçadora de Atlas, arrepiou até os pelos dos braços de Asteríris.

Ela estava ao lado de Zargrak, com o braço apoiado sobre o seu dorso. Esperando por qualquer sinal de fuga.

—Aristeu gosta de charadas. —a voz manhosa de Aristeu o deixava patético diante dos irmãos.

—Cala a boca! —ordenou Atlas, zangado. —Direi como será. Faremos o que o meu irmão pediu. Algumas charadas feitas por cada um de nós, e se acertarem deixaremos que voltem montanha abaixo.

—Nada mais justo que façamos outras três. —soltou Asteríris, rapidamente. —E se acertarmos, vocês contam onde fica a cripta. —disse atrevida.

—Sabia que escondiam um segredo. —chiou Atlas. —Se acertarem conto o que desejarem, mas se errarem...hum...Um de vocês terá que ser o jantar. Faz tanto tempo que não como uma carne humana. Já posso sentir o gosto delicioso que a ruivinha tem.

—E a fada não conta como jantar. —completou Ares.

—Feito. —disse Asteríris, ansiosa. —Quem irá começar?

Estavam parados a muitos pés da encosta da montanha. Subiram e subiram e nem bem sabiam o quanto haviam percorrido montanha acima, até toparem com os gigantes de gelo.

Não havia uma só parte que não era feita de neve. Sem musgo, rochas acinzentadas ou verde. Ela parecia cada vez mais alta, fazendo amplas curvas, escondendo cavernas menores que pareciam ondear dentro da montanha, tão profundas quanto perigosas e escuras.

—Ares! —disse Atlas. Mas tente ser tão sábio quanto eu.

—Tudo bem. —assentiu Ares. —Eu falo sem brecha e ouço sem ouvidos. Mesmo sem forma, não podendo ser visto, ainda encontro estrovinho por todo o caminho. O que eu sou?

Quando Zargrak rosnou estacas de gelo emergiram tão rápido do corpo dos gigantes que foi preciso recuarem para não serem atingidos pelas finas pontas.

—Desculpe. —murmurou Asteríris. —Ele só estava dizendo a resposta para a charada.

—E qual foi? —perguntou Ares, aborrecido.

—Ele disse que é o eco. A resposta é o eco. —disse Asteríris, apreensiva.

—Disse para ser sábio. —resmungou Atlas, zangado.

—Agora é a minha vez. —disse Aristeu abobalhado tirando alguma coisa do nariz.

—Não é a sua vez, seu paspalho. Agora eles irão fazer uma charada para que possamos adivinhar. —disse Ares dando um pontapé em Aristeu.

—Ah...está bom. —sussurrou Aristeu, ressentido.

—Toco sem mão. Posso ser quente e frio. Sou amigo do fogo. O que eu sou? —disse Peter, empolgado.

—Fácil, fácil. O vento. —respondeu Atlas, insatisfeito por ser tão fácil.

—Muito bom. Noto que é o mais sábio de fato. —disse Asteríris um pouco irritada pela resposta rápida. —Acho que é a sua vez Aristeu.

—Sim, sim. Come, come, come... fica feroz e forte. O vento é meu amigo. A água é minha inimiga. O que eu sou? —gritou Aristeu, ainda cutucando o nariz de onde escorria um líquido azulado.

— O mais tonto. —disse Peter. — Fogo. —respondeu sem nem precisar pensar.

—Certo. Só um tolo para usar essa charada. —resmungou Atlas.

—Zargrak é a sua vez. Diga-me sua charada. —disse Asteríris aguardando para dizer a todos a próxima charada.

Ele parecia um tanto perdido, mas logo seus olhos brilharam quando uma charada veio em mente.

—Preso estou, preso ficará se me comer, e quem me enviou, fará o mesmo que acabou de me fazer. O que sou? —disse Asteríris.

—Difícil! Preciso pensar. Acho que é a isca. Isso, uma isca! —respondeu Aristeu, duvidoso.

—Muito bem. De fato, é a isca. Agora é a sua vez Atlas. Quero ver o quão sábio você pode ser. —provocou Asteríris.

—Ainda não ganhou. —disse. —Se você me tiver, irá querer repartir. Se me repartir, não me terá mais. O que sou? —disse Atlas com olhar desafiador.

—Muito sábio, mas sou uma humana que tenho muitos e reparto todos com o meu amigo do vilarejo. Segredo. Eu sou um segredo! —disse Asteríris, sorridente.

—Espere! Antes de dizer sua charada e que certamente iremos acertar. Farei uma proposta. Se acertarmos ficará empatado. Então, você nos oferece algo, e assim oferecemos algo. E todos saem ganhando. O que me diz? —cogitou Atlas com sabedoria.

—Feito! —concordou Asteríris assistida por Zargrak e Peter. —Agora sem mais delongas, pois direi a minha charada. É alta e está sempre fria. Sobe e desce. É feita de mágica e de rocha fria. O que sou?

—Espero que tenha algo para oferecer, pois sei a resposta. —disse Ares, confiante.

—E qual seria a resposta? —perguntou Asteríris cruzando os dedos para que ele errasse.

—Montanha de Gelo!

—Muito esperto. Acho que o seu irmão devia considerar você como o mais sábio. —sugeriu Asteríris irritada pelo empate.

—O que tem a oferecer? —perguntou Aristeu, afobado.

—Não temos muito a oferecer. —disse ela. — Apenas uma lebre.

—Uma lebre, em troca de informação que não será nem um pouco útil a vocês. Feito. —disse Atlas.

—Primeiro, diga onde fica a cripta. Quem garante que não seremos devorados antes. —esbravejou Asteríris.

—Se quiséssemos, já teríamos devorado vocês. Nem saberia de onde veio o ataque. —alertou Atlas impiedoso em suas palavras. —A cripta se esconde nas entranhas da montanha.

—Desce, desce, desce. —gritou Aristeu.

—Calado! —chiou Ares.

—E como faço para chegar até ela? —perguntou Asteríris.

—Uma lebre. Uma informação. —disse Atlas, sensato.

—Então, acharemos a cripta sem a ajuda de vocês. —disse Asteríris, zangada.

—Não deixaremos que prossigam. —disse Ares, fadigado. —O combinado era um favor por outro. Deviam ter pensado melhor no que pediriam ou perguntariam.

—Mas...

Asteríris foi interrompida por Aristeu que começou a bater os pés, provocando uma avalanche a poucos metros de onde estavam.

—Faça outra charada, e se acertarmos vocês nos levam até a cripta. —prosseguiu Asteríris.

—Sem mais charadas. Agora, nos deem a lebre e desçam montanha abaixo. Esse foi o combinado. —brandou Atlas, irritado com tanto falatório.

—Não podemos descer. —murmuro Asteríris.

—E por que não poderiam? —perguntou Ares, intrigado.

—Tem caçadores ao pé da montanha. Nos seguiram até a encosta. Se descermos, saberão que a montanha é segura para subirem. —empenhou Asteríris com Peter cochichando ao pé do seu ouvido.

—Verdade, verdade. —sussurrou Aristeu.

—O que faremos? —perguntou Ares.

Os gigantes de gelo discutiram por longas horas. As vozes e pontapés eram aos montes, cada vez que algum deles dizia algo estúpido.

Depois faziam silêncio e se voltavam para os visitantes inesperados:

—Vamos comê-los. —dizia Aristeu, sem se preocupar que estivessem perto o bastante para ouvi-lo.

A montanha estava calma, e uma fina geada caia sobre eles. O céu se acendia em clarões e borrões cada vez que um dos gigantes de gelo se zangava.

Asteríris poderia apenas descer a montanha, não seria sua culpa se não conseguisse chegar na passagem. Sua mãe entenderia, pois ela fez o que pôde para encontrá-la.

De repente, um dos gigantes de gelo urrou.

Zargrak ordenou que Asteríris subisse no seu dorso. Peter estava tremendo e voou de volta para dentro do bolso da capa.

—O que acham que vão conseguir fazer se levarmos vocês até a cripta? —perguntou Atlas.

—Abri-la. —respondeu Asteríris, severa.

—Vou contar algo interessante. —murmurou Ares. —Não podem abrir a passagem que leva a cripta. Apenas uma bruxa é capaz de tal façanha.

—Sabemos. —disse Asteríris. —E é por isso, que estou aqui.

—Ela é uma bruxa. —gritou Aristeu apontando seu dedo congelado para Asteríris.

—Não mesmo. —assegurou Ares.

—Saberemos quando vermos a passagem. —garantiu Asteríris.

*Vinte e Nove*



Os corredores da torre principal estavam silenciosos. O rei no trono de vidro negro, parecia consumido por ter que ouvir cada pedido frívolo dos seus súditos. Algumas jovens Seres de Luz, pediam mais seda em tons de azul-claro. Eram jovens e não tinham muitos afazeres no castelo. Qualquer celebração gerava alvoroço em todas elas, e era quando podiam se dirigir ao rei para fazer algum pedido fora das suas obrigações.

—Senhor!

Um guarda entrou no salão segurando uma lança dourada.

—Diga. —disse Erond Condoff.

—O senhor Avalon Mirfak solicita falar com os membros do conselho. —informou o guarda.

—E onde ele está? —perguntou Erond sem mover se quer um fio de cabelo.

—Está aguardando no saguão principal do castelo. —avisou o guarda.

—Peça que venha até mim. Irei ver se o assunto é pertinente para convocar o conselho. —disse Erond, tíbio.

Em instantes, Avalon estava diante do rei. Seu olhar estava abatido. Vestia a mesma roupa que viajou para Kalazan. A blusa de linho branco estava empoeirada e sua calça rasgada em vários lugares.

—Não está cordial para solicitar o conselho. —disse Erond enquanto olhava o traje inapropriado de Avalon.

—Não tenho tempo para cortesias. —disse Avalon esquecendo-se de que estava diante do rei.

—O que é tão importante, que precise solicitar o conselho?

—Aron não contou?

—Sobre damas da noite e gnomos!? —riu Erond. —Não espere que eu convoque o conselho para falar sobre isso.

—Não é sobre isso. Mas sobre Pandora. —disse Avalon, furioso. —A mãe natureza está morrendo, e vim pedir ajuda. Envie o seu melhor curandeiro de luz para Florence, e garanta que a mãe natureza e a vida em Orion não tenha fim.

—Está aqui, como esposo ou escudo da mãe natureza? —perguntou o rei.

—Os dois, se algum deles garantir que ela fique viva. —esbravejou Avalon, enraivecido.

—Posso enviar um curandeiro de luz, mas sabe o que tem que fazer, Avalon Mirfak. —a voz calma do rei era ainda mais pavorosa que quando exaltada.

—Só quando eu tiver a certeza de que Pandora não possa ser salva. —rebateu o filho da natureza.

—Não deixe que seus sentimentos interfiram na proteção do reino de Orion. A mãe natureza carrega o espirito da terra. Se ela morrer, tudo envolta sucumbirá ao mesmo destino.

—Por isso, venho pedir ajuda ao Senhor da Luz. Os curandeiros da aldeia não entendem de magia perversa. Vi nos olhos de Pandora que ela foi envenenada com a mesma magia usada para eliminar os corvos mensageiros.

—Aron me informou sobre os corvos e uma magia estranha usada para matá-los. Não sei o que espera que façamos. —disse o rei, apoiando o rosto sobre uma das mãos e deixando os longos fios caírem graciosos para frente.

—Que proteja o reino, e que não cometam o mesmo erro do passado. O seu povo começou isso e você sabe disso. — a voz de Avalon estava elevada.

—Cuidado com o que diz. Tem coisas que nem mesmo um rei pode controlar. —ameaçou o rei. —Mandarei um curandeiro de luz, não posso fazer mais por você ou pelo seu povo. Apenas uma nova coroação poderá salvar a todos. Um guarda será enviado também. Quero saber se cumprirão com os deveres como filhos da natureza, em garantir que o espírito da terra ganhe outra hospedeira.

Aron Condoff estava no pátio. A grama verde e o piso de lajotas esbranquiçadas se estendiam até o bosque atrás do castelo. Uma estrada real cortava o bosque e facilitava o acesso aos castelos Laurentz da família Mitrandir, e o castelo Ungaro pertencente a família Scarlet.

Os dias tendiam a ser mais tediosos cada vez que o baile se aproximava. O príncipe vivia sendo beliscado por alfinetes, a cada prova de roupa. Alguns trajes eram dourados demais ou simplistas para o futuro rei. Ele devia estar a frente de todos os aprestos, já que no castelo não havia uma rainha para tomar frente dos eventos.

Havia se livrado da obrigação dos preparativos, devido ao fato da casa Merlok ser a sediadora do baile de primavera. Ele só precisava entrar e sair de roupas elegantes e muito desconfortáveis durante todo o dia, até que alguma caísse bem.

Quando conseguia, fugia para o pátio, onde podia treinar com seu arco-flecha. Algumas vezes, ajudava a treinar os mais jovens Seres de Luz, para que se preparassem para quando fossem fazer parte da guarda ou do exército de Luz.

No dia seguinte Aron acordou com os murmúrios de centenas de vozes que vinha do corredor onde ficavam seus aposentos. Os aposentos do rei também ficavam no mesmo corredor em extremidades opostas. Os corredores serpenteavam levantando a mais aposentos. Ficavam em andares superiores, com paredes grossas de pedras iluminadas.

—Obrigada. — a voz do rei ecoou pelo corredor e chegou a porta de Aron. —Avise ao meu filho que ele precisa ir o quanto antes para o castelo de Ereborne, pois Aragon Merlok e sua esposa o aguardam para decidirem os últimos detalhes do baile dessa noite. —disse o rei a uma Ser de Luz muito jovem e bonita.

O baile de primavera estava deslumbrante. A família Merlok não havia polpado esforços e adornos para aquela noite. O grande salão de festas, estava dourado. Enfeites de primavera pendiam sobre as paredes e subiam até o teto. Os candelabros estavam brilhantes com tantos diamantes colocados sobre eles. Bandejas de ouro corriam pelo salão com copos de cristais e até mesmo a comida tinha folhas de ouro.

Uma harpa tocava sozinha ao canto do salão, algumas Seres de Luz com vestidos de tecidos finos e quase transparente dançavam ao som da harpa. O ambiente se enchia e vibrava quando mais convidados chegavam. Era sem dúvida necessário o baile de primavera.

As fadas chegaram voando pelas grandes portas de ouro. Logo, vieram também as sereias. Belíssimas criaturas que perdiam a cauda quando fora da água. Não podiam se dar ao luxo de ficarem muito tempo desfrutando do baile, era curto o tempo que podiam respirar estando longe da água.

Samira Merlok estava ao lado de Aron Condoff quando adentrou no salão. Ela usava um vestido longo feito de pérolas; o tecido era seda branca cintilante. Era comum o príncipe entrar com a filha da casa sediadora do baile.

Entrar com o futuro rei não chamava tanta atenção quanto a sua beleza. Seus olhos verdes claros vivos, eram determinados. Seus logos fios prateados e dourados avermelhados caiam sobre suas costas entrelaçados em ramos de chuva de prata. Era uma das mais belas princesas Seres de Luz.

Todos as casas já estavam presentes. A beleza e elegância da filha da família Merlok havia sido apreciada e invejada por todas. Seu vestido combinava perfeitamente com o traje do príncipe. Uma capa de colarinho alto branca e dourada não deixava a desejar; cada furo causado pelos alfinetes havia valido a pena.

O rei entrou logo depois. Vestia uma capa esverdeada, presa por um broche com o brasão da família. Não estava muito diferente do que costumava vestir em Arãbergue.

O restante da família Merlok, veio depois. A esposa de Aragon, Jordana Merlok, vestia um vestido chamativo; vermelho quente e com brilhos por todos os lados. Ela faria de tudo para ver sua filha casada com o príncipe Aron.

Atena Scarlet tentou chamar a atenção do príncipe por várias vezes. Acenava e mexia nos longos fios escuros e azuis celeste tentando contato. Mas, Aron estava empenhado para se livrar de Jordana. Ele nem bem havia notado Atena com seu vestido de corpete e delicadas rosas em rose. O vestido certamente superava o usado pela irmã mais velha no baile passado. Usava os fios soltos, apenas uma coroa de capim dourado pendia no alto de seus cabelos. Ela parecia um pouco ansiosa no baile; o olhar negro ofuscante e a forma que mordia os lábios carnudos, revelava sua inquietação.

Otto estava ridículo, mas não pela veste verde musgo. Ele percorria todo o salão fazendo investidas nas princesas e assegurava que seria o próximo rei. Não que alguma delas levasse a sério. Era bonito, com longos fios em azul celeste e algumas mexas negras. Tinha lábios carnudos, mas delicados como o da irmã, e um olhar frio e presunçoso.

Espalhados pelo salão estavam também a família Del Castro. O filho Edmundo era gracioso e estava bem-vestido; um traje preto, com bordas nas mangas e colarinho em dourado. Certamente, seria a escolha das princesas caso Aron desistisse da coroa. Tinha fios completamente azuis celestes que se estendiam até os quadris. Seus olhos azuis escuros tinham doçura. O rosto era quase que uma escultura perfeitamente esculpida. Vidgar não tinha com o que se preocupar, já que a família só contava com um filho homem, mas não ficariam de fora caso a coroa estivesse em jogo.

—Então, o que acha de Aron como futuro rei? —era Elena Mitrandir com um lindo corpete prateado que se abria em um longo vestido estonteante.

Não era só o seu vestido que estava estupendo, mas seus lindos cabelos dourados com mexas prateadas estavam presos por uma coroa de cipó, enfeitada com flores de lavanda lilás, ressaltando sua beleza e juventude ainda mais.

—Já disse que está radiante hoje!? —galanteou Otto.

—Ouvi muito isso hoje. —esnobou ela.

—Não sei se Aron está apto para desempenhar tal função. Ele é condescendente demais.

—Comigo ao lado dele, posso torná-lo um grande rei. —gabou Elena, mas com tom simpático.

—Juntos então, faremos maravilhas. —investiu Otto novamente.

—Vai perturbar outra princesa. Preciso garantir a minha coroa, e conversando com você que não será. —disse Elena, rude se afastando e indo na direção onde Aron conversava com Stella Scarlet.

Assim que Aron conversou com todas as princesas, um grupo bem-vestido de Seres de Luz foi para o meio do salão e se colocaram lado a lado em fila indiana. As princesas logo seguiram para o centro do salão também. Enfileiradas uma ao lado da outra de frente para o jovens Seres de Luz.

O príncipe dançaria primeiramente com Samira e depois à medida que a dança fosse acontecendo, ele trocaria de parceira.

A mão direita levantada de Samira parecia tentada a tocar a de Aron quando se encontraram no centro do salão e a música tocou lentamente. As mãos desciam e levantavam próximas o bastante para sentirem o calor do parceiro em questão.

Elena se deixava levar quando Aron a rodopiava pelo salão com uma de suas mãos sobre seu quadril. Mas, logo era trocada por outra princesa, que era erguia pelos braços fortes de Aron.

Estavam mais preocupadas em observar o príncipe dançando umas com as outras, e acabavam não desfrutando o momento que estavam com ele nos braços.

Os aplausos tomaram conta do salão quando a música parou. Aron se serviu de vinho branco e tentou fugir do pai quando ele insinuou uma aproximação. As princesas pareciam inquietas e tentavam ajeitar o que achavam estar errado; no cabelo ou vestido.

—Já posso me retirar? —perguntou Aron ao esbarrar com o rei.

—É claro que não! —disse grosseiro. —Dançará quantas vezes for necessário com as princesas. Afinal, esse baile é apropriado para que se veja como sua futura esposa se portará. Preste bastante atenção em cada uma delas. Não vai querer se casar com a princesa errada.

—Escolha você a futura rainha. Não que eu me importe mesmo. —disse Aron saindo aborrecido pelo salão.

O baile se arrastou pela madrugada. Nenhum filho da natureza havia comparecido ao baile de primavera, algo comentado por todos. A aldeia dos lobos havia enviado apenas alguns representantes das alcateias.

—Alteza. Notei que não desfrutou nem um pouco da comida dessa noite? —era Atena.

—Não sabia que estavam controlando isso também. —disse Aron, rude.

—Desculpe. —Atena mordeu os lábios, envergonhada. —O meu pai mencionou que sua escolha será feita no próximo baile. É verdade?

—Acredito que sim.

—Alteza, o que você quer? —murmurou Atena pegando uma taça de vinho branco quando uma bandeja passou por eles.

—Como assim? —Aron parecia confuso com a pergunta.

—Não parece muito interessado em se casar ou ser o próximo rei de Orion. Então, o que você quer?

—É a primeira vez que alguém me pergunta o que eu quero. —sussurrou ele. —Não quero ser o futuro rei, só porque o meu pai é quem ele é. Preciso merecer a coroa, o trono.

—E precisa merecer a futura rainha. Não acha? —disse Atena sem ser desrespeitosa.

—Acredito que sim, mas não tenho tempo para isso agora. Farei com que a escolhida se sinta especial depois do casamento, agora tenho coisas mais urgentes para me preocupar.

—Vejo que a coroa já pesa em sua cabeça, antes mesmo de se coroado. Será um bom rei. —disse Atena fazendo uma reverência e se afastando do príncipe.

—Peço a atenção de todos. —disse Aron se dirigindo para o centro do salão onde alguns Seres de Luz dançavam.

—Será que ele vai escolher a futura rainha agora?

Os murmurinhos começaram por todo o salão. As princesas estavam sorridentes e ao menos tempo com ar perdido olhando para os pais que encontravam-se espalhados nos cantos do salão.

—Enquanto dançamos e festejamos algo vem acontecendo em Orion. E ao invés de resolver o problema, o conselho decidiu prosseguir com o baile de primavera, e se eu não soubesse quão grave é, eu certamente não iria me opor ao baile dessa estação.

—Aron! —gritou o rei.

—Não haverá outro baile de estação se não acabarmos de vez com a ameaça.

—Ameaça?! —sussurros invadiram o salão.

—Aron, pense bem nas suas próximas palavras. —Aragon olhava furioso para o príncipe.

—Trolls, damas da noite e gnomos ousaram quebrar o tratado e invadiram a região das colinas de prata.

O alvoroço começou assim que Aron disse que o tratado havia sido quebrado.

—Medidas já foram tomadas. O príncipe só está descontente por ser obrigado a vir em um baile de primavera onde os seus súditos e sua futura esposa estão para prestigiá-lo. —insinuou Mitrandir.

—Descontente estou. Mas com o fato do conselho colocar a segurança de Orion depois de um baile indevido, diante do que vem acontecendo. Notei, que muitos se perguntaram onde a mãe natureza está, que não ousou comparecer ao baile. Pois bem, ela está morrendo e o rei não fez nada para ajudar.

—Aron! —Erond parecia pronto para decapitar o filho ali mesmo, na frente de todos.

—Diga-me, pai. É isso que espera de mim!? Que eu vire as costas para o meu povo quando eles mais precisarem, e dê um baile como se o meu reino não estivesse a mercê de criaturas perversas?! —gritou Aron para ser ouvido por todos.

—Não será rei, nem se os elfos de Dohaes o escolherem! —gritou Aragon.

O príncipe se retirou antes do dia clarear. Era tradição que o futuro rei ficasse no castelo para cortejar a filha do anfitrião durante toda a manhã, e só então, poderia retornar para casa, mas dada a situação que Aron causou no baile, ele foi convidado a se retirar do castelo antes mesmo do baile chegar ao fim.

Aragon fez o que pode para conter qualquer implicação para o conselho. O rei apenas lamentou o ocorrido e saiu assim que Aron deixou o baile.

Todos voltaram a dançar e aproveitar o baile quando o rei deixou o salão. Não era como se nada tivesse acontecido, mas era o que Aragon esperava de todos.

—E eu pensei por um instante, que Aron fosse anunciar a futura rainha. —disse Samira, desapontada.

—Dessa vez, Aron perdeu a razão. —disse Otto. Expôs o conselho e o rei diante de tantas criaturas. O que acontecerá se as criaturas do outro lado, souberem que sabemos que o tratado foi quebrado!?

—É sério que está preocupado com o que as criaturas do outro lado vão fazer!? —disse Atena, indignada. —Elas já fizeram, quando invadiram as colinas de prata sem o consentimento do rei.

—Aron acabou de dar a coroa e uma futura esposa para Edmundo. —disse Elena se aproximando elegantemente.

—Não pedi por isso. —Edmundo apressou-se ao ouvir que falavam dele.

—Não acredito que uma de nós se casará com você. —zombou Samira.

—Não se preocupe, já que você não é uma das minhas opções. —retribuiu Edmundo.

—Estão se esquecendo que eu também posso ser rei!? —disse Otto, irritado.

—Edmundo está a sua frente quanto a ocupar o trono. —completou Elena.

—Não se trata do trono, ou da futura rainha. É da segurança de Orion que estamos falando. Aron pode ter errado ao revelar o que vem acontecendo, ainda mais para tantas criaturas em um único momento, mas ele fez isso porque se importa com o nosso reino. Estamos mesmo julgando ele por isso!? —disse Atena, sensata.

—O que faremos? —perguntou Elena.

—Nada. Não temos poder algum. E não é como se eu quisesse tirar a coroa das minhas mãos. Tenho a chance de ser o futuro rei, acho que vou aproveitar. —disse Otto se afastando do grupo.

—Ele sempre tão egoísta. —disse Atena.

—Doce Atena, pare de querer ser a perfeita em tudo. Vai mesmo encarar o conselho só por causa do Aron? —disse Samira, venenosa.

—Antes doce, do que uma víbora como você. —retribuiu Atena, deixando também o grupo.

—Ela acha mesmo que Aron notará os esforços dela para colocar ele nas graças do conselho de novo!? —disse Samira.

—Vou tentar descobrir o que vai acontecer a Aron. Notei que o meu pai está contente por demais. —disse Edmundo.

*Trinta*



A região em torno de Florence assentava melancolia. O ar aflava a morbidez. A aldeia encontrava-se quieta. Os filhos da natureza estavam reflexivos e preocupados com o que estava por vir. Não sabiam com o que estavam lidando e não receberam a ajuda esperada do povo da Luz. Sentiam-se turvados pelo obscuro. Guardas ficavam dispostos nas guaritas. A qualquer sinal de perigo, haviam sido ordenados a atacar. Nada se movia, sem que não fosse reportado a Avalon. Precisavam manter Florence protegida de qualquer possível ataque, agora que a mãe natureza estava doente.

O curandeiro de luz tentou drenar o veneno que se alojava no coração de Pandora. Um nevoeiro negro parecia se abrigar em seu corpo e começava a expelir pela sua boca, como se sua vida esvaísse com ele. Os olhos estavam enfaixados; o líquido amarelo viscoso havia roubado sua visão e não parava de escorrer. A pele estava fina e coberta de feridas, e tinha um cheiro um tanto forte vindo dela.

Nada que tentavam fazer, era o bastante para amenizar o sofrimento de Pandora. Ela não havia falado nada, desde o retorno de Avalon do castelo de Arãbergue. Nem bem sabiam se ela ainda os ouvia.

Serena já havia sido informada da sua ascensão como mãe natureza.

Ela havia nascido na estação que seguiu a coroação de Pandora. E dentre outras filhas da natureza que haviam nascido no mesmo dia. Serena nascera com o feijão da fertilidade em sua boca. Era assim, que todos ficavam sabendo quem seria a próxima hospedeira do espírito da terra. Desde a escolha até o dia dá coroação, ela se preparava e recebia todo tratamento e ensinamento para ascender. Era prometida ao filho da atual mãe da natureza caso ele fosse homem. Do contrário, um desafio era lançado para que possíveis pretendentes a disputassem.

Filhos da natureza zanzavam de um lado para o outro carregando flores, e objetos diversos. Envolta do toco da árvore cortada, um enorme círculo havia sido desenhado com pó de freixo, e o ambiente estava iluminado por tochas adornadas com ramos de flores copo de leite. Filhas da natureza estavam ajoelhadas em volta do grande círculo. As mais prováveis a gerarem uma promissora filha da natureza para ascender futuramente.

Pandora havia sido colocada no centro da árvore cortada, deitada nos braços de Serena. As filhas da natureza a reverenciavam sem cessar, enquanto cantavam uma canção de benção.

Escolha-me.

*Chame a minha mãe.*

*Preciso dela para florescer.*

Coloque-se de pé sobre o altar de flores.

*Deixe suas raízes se ligarem a você.*

*Sinta a mãe natureza.*

*Seu espírito caminha, descalço sobre a terra.*

*Sinta seu amor, filhos da terra.*

Ergam-se firmes e enraizados.

*A mãe natureza clama por seus filhos.*

*O seu esposo é o seu escudo!*

*Os filhos da natureza o seu exército!*

*Venham. A terra chama.*

*Seu altar se ergue sobre a terra e desfalece sobre ela.*

*Venha para o seio de sua mãe.*

*A semente germinará.*

A lua estava descoberta e iluminava a face pálida de Pandora. O espírito da terra deixara seu corpo e caminhava pela aldeia se desfazendo em lindas pétalas brancas. A magia do seu corpo fluía por dentro das raízes ligadas ao seu coração, entrando na terra. Quando não havia mais nada para ser sugado, uma corça prateada e brilhante saltou da terra e correu envolta da barreira de freixo. As raízes se recolheram e a corça foi de encontro a Serena que segurava o corpo sem vida de Pandora monumental, sobre o centro da árvore.

*Deixe o espírito guiar o seu corpo e alma.*

*A corça caminhará sobre a terra.*

*Não tema quando ela entrar.*

Deixe-a se abrigar!

*Venha minha filha, para o seio da terra!*

Torne-se o que nasceu para ser.

*Mãe!*

*A mãe natureza.*

*O corpo que abriga o espírito vivo!*

Antes que o espírito entrasse em Serena. O corpo desfalecido de Pandora foi levado e colocado aos pés de uma árvore, escolhida e preparada para receber o seu corpo; as raízes rastejavam solo acima e se enrolavam no corpo de Pandora, levando-a para dentro da terra.

A corça reverenciou Serena três vezes antes de saltar para dentro do seu peito. Por alguns instantes era ficou inconsciente, e quando acordou, ainda estava sobre o centro da árvore cortada. O círculo de freixo deu lugar a oferendas; colares, flores e até mesmo pedras cintilantes para o espírito vivo.

Aruk se aproximou de Serena e lhe cobriu com um manto vermelho aveludado bordado com ouro branco. Seu vestido de cetim branco parecia mais iluminado. Ele ajeitou os fios negros dela e os colocou para trás, lhe presenteando com uma coroa prateada com flores da estação.

Todos olhavam admirados, mas era apenas o dever dele como futuro esposo realizar tais cortejos e cuidados.

Serena foi deixada em sua tenda ainda por Aruk, que a levou nos braços e a deixou descansando. O espírito da terra era muito poderoso e levava alguns dias para se adaptar a nova hospedeira.

O luto veio quando Aruk pode ficar sozinho em sua tenda.

Avalon estava desolado e não conseguia disfarçar para o povo da aldeia seu descontentamento. Muitos sabiam de sua dor, mas o dever de todos era se alegrar para que energias positivas fossem transmitidas para a nova mãe natureza.

O guarda e o curandeiro de Luz partiram assim que o ritual de coroação da nova mãe natureza teve fim. O rei precisava saber dos acontecimentos e informar o conselho sobre o ocorrido.

Na manhã que se seguiu a coroação, Aruk acordou com o barulho das filhas da natureza designadas para cuidar de Serena. Levantou sobressaltado quando uma onda de filhas da natureza veio trazendo o seu café.

—Não pedi café na tenda. —chiou Aruk vestindo-se.

—É o futuro líder da nossa aldeia. Nossa obrigação é servir você a partir de agora. —disse uma voz suave.

—Podem se retirar, por favor. —pediu Aruk, gentilmente.

Todas saíram desanimadas, deixando a bandeja de prata com o café sobre a mesa de madeira no canto do quarto.

Nem bem havia sido deixado a sós, quando Avalon entrou silencioso na tenda do filho.

—Desculpe não passar para saber como estava ontem depois da coroação. —disse Avalon com olhar caído mirando o chão de madeira.

—Não precisa se desculpar. Todos precisam de um tempo. Sei que a mãe era muito importante para você. A sua devoção e amor iam além do dever. —disse Aruk aproximando-se do pai e lhe dando um abraço acolhedor.

—O povo da aldeia não julgará, caso não esteja bem para ficar ao lado de Serena até que ela se acostume, e fique forte com o espírito da terra dentro dela.

—Que bom, pois estava pensando em ir com a guarda da floresta para a ronda entorno da montanha. —disse Aruk esperando o olhar de desaprovação do pai.

—Tudo bem. Mas não saia da formação.

Era a primeira vez que Avalon permitiria que o filho saísse em uma ronda com a guarda da floresta.

—Ainda não sabemos o que está acontecendo em Orion, por isso preciso que seja cuidadoso. Agora que o baile de primavera passou, terei a atenção do rei e do conselho. Eles levam a culpa pelo que aconteceu a sua mãe.

—O povo da aldeia pode querer se voltar contra o rei?

—Qualquer um pode se voltar contra o rei. Os Seres de Luz não são os únicos que podem ser coroados reis. Uma nova Era pode eclodir. —disse Avalon com tom enigmático. —Direi a guarda para prepararem o seu cavalo.

—Obrigado. Passarei na tenda de Serena para dar bom dia e avisar da minha partida.

—Faz bem.

*Trinta e Um*



Passaram uma noite fria e desconfiada na presença dos gigantes de gelo. O sol nascia no leste, atrás das colinas solitárias. Rajadas em tons alaranjados e rosas coloriam o céu tornando-o alegre e divertido.

O céu acima da montanha era indiferente e opaco. Os gigantes de gelo despertaram um nevoeiro para impedir que a montanha ficasse descoberta e de fácil acesso.

A montanha erguia-se silenciosa e quase não viam o topo dela quando olhavam para o alto. Chegando no meio, havia uma elevação, onde uma enorme pedra de gelo retangular flutuava a um metro do chão. O lugar ela menos acidentado e podiam ficar em pé sem muito esforço. Os flancos da pedra tinham escritas em dourado ostensivo. Estava escrito na língua dos homens: Um dia a natureza tudo criou e com a sua magia o mundo renovou.

Todos ali esperavam por algo mais confuso. Peter resmungou ao pensar que as bruxas poderiam ao menos ter usado outro dialeto.

Asteríris lia e relia a frase em sua mente. Não estava tão empolgada para dizê-la em voz alta, tinha medo que nada acontecesse. Passava os dedos sobre a frase e podia sentir o relevo das palavras. Era como se sua vida estivesse destinada a aquele exato momento. Sentia uma coceira na palma da mão, enquanto ela passava sobre a pedra fria.

—Não vai dizer nada? —perguntou Ares, ansioso.

Os gigantes de gelo os levaram até a passagem de bom grado. Não que haviam conversado e contato histórias na noite anterior, mas algo mudou quando decidiram ajudar Asteríris. O desejo de devorá-los não existia mais. Estavam tão interessados em saber se de fato a passagem se abriria, que deixariam qualquer humano prosseguir.

—É como se minha mão formigasse quando me aproximo da pedra. —disse Asteríris andando de um lado para o outro em volta da escultura de gelo.

—Todos já lemos a frase e nada aconteceu. Acho que agora é a sua vez. —disse Peter, calmo.

—E se nada acontecer? Tudo terá sido em vão. —choramingou Asteríris.

—Só vai saber se tentar. —disse Atlas estendendo o braço e apontando para a pedra.

—Vamos, vamos. —gritou Aristeu, entusiasmado.

Zargrak rosnou: Eu estarei aqui se nada acontecer! Aquelas palavras certamente encorajaram Asteríris.

—Um dia a natureza tudo criou, e com a sua magia o mundo renovou.

As letras sobre a pedra de gelo pareciam raios de sol. Uma luz brilhava delas e a pedra se moveu lentamente para o lado esquerdo quando Asteríris terminou de dizer a frase. Uma escada e um corrimão de gelo surgiram embaixo de onde a pedra estava flutuando antes. Um corredor reto, o chão de gelo revelava o estado que Asteríris se encontrava. Os cabelos ruivos presos por um coque mal feito. Suas vestes estavam esfarrapadas e desgastadas pela longa jornada até a montanha. A pele estava mais desbotada e aparentava pouca saúde. Até mesmo os fios ruivos tinham perdido o brilho.

O corredor era constante, e inclinava-se aos poucos descendo mais para dentro da montanha. Era como se fossem sair do outro lado dela. As paredes lisas iam se abrindo cada vez mais que avançavam para baixo.

Os gigantes de gelo aguardavam no alto da escada, pois eram grandes demais para um corredor estreito e de teto baixo.

Depois de algum tempo, entrando cada vez mais e sempre seguindo reto. O corredor se abriu para uma cripta com um altar de pedra, o que era estranho, já que tudo ali era gelo. Rocha sólida cinzenta. Havia uma frase sobre a rocha: Aqui jazem, todas as bruxas que lutaram para combater as trevas.

—Mórbido. —disse Peter se encolhendo.

Uma parede ao fundo da cripta irradiava um brilho intenso e ofuscante. Era como se ela se movesse em uma nevoa incandescente em tons de azul celeste, roxos e prateados. Parecia viscoso e abafadiço.

Asteríris se aproximou da parede, e um calor percorreu seu corpo. Era quente, como se uma brisa de verão bafejasse da parede.

—O que faremos agora? —disse Peter se aproximando para sentir o calor da perede.

—Não sei. Achei que tivesse mais alguma frase para ser lida, e então um portal se abriria. —disse Asteríris, prostrada.

—Alguma frase no chão da parede?

Rosnou Zargrak.

—Nada. Apenas essa parede estranha. —disse Asteríris.

—Já pensou em tocar nela? —disse Peter.

—Não vou colocar minha mão em uma parede que se move, e que ainda por cima é quente. —gritou ela.

—Não desconfiou nem por um instante que isso seja o portal? —disse Peter.

—Como poderia? Fácil assim? —disse ela.

—Não acho que enfrentar três gigantes de gelo, dormir sendo vigiados e com grandes chances de virarmos o jantar, seja algo considerado fácil. —berrou Peter.

As mãos trêmulas de Asteríris foram de encontro à parede, atravessando e desaparecendo dentro dela.

—O que sentiu? —perguntou Peter, aflito.

—Calor.

—Calor!? —ele repetiu desapontado.

Zargrak se aproximou da parede, mas não sentiu nada. Sua pata nem se quer atravessou.

Foi a vez de Peter que voou rumo a parede, mas bateu em algo duro. Não era como nevoa para eles. Era apenas uma parede dura de gelo brilhante.

—O que aconteceu? —disse Asteríris, confusa.

—Esse é o escárnio. Fácil, você disse. Mas não ingênuo. —disse Peter, obscurecido.

—Não entendo! —murmurou Asteríris.

—Não podemos atravessar! —rosnou Zargrak. —Tinha que ser fácil, mas não para todos.

—Apenas uma bruxa pode atravessar o portal, e está na cara que você é uma, pois suas mãos atravessaram sem grande esforço. —chiou Peter, furioso.

—Não pode ficar zangado por eu conseguir atravessar o portal. Nem bem sabíamos o que encontraríamos na montanha. Foi pura sorte eu conseguir abrir a passagem.

—Sorte? —esbravejou Peter vermelho. —Eu disse que você era uma bruxa, mas não me deu ouvidos. Agora temos a prova.

—O que quer que eu faça? —gritou Asteríris, irritada. —Zargrak! Não me diga que também está zangado comigo.

—Não tem como você ser uma bruxa e não saber. —rosnou feroz. —Usou a gente para passar pelos gigantes de gelo e entrar na cripta.

—Não. Acham mesmo que eu mentiria para vocês? Acreditam mesmo nisso? —gritou Asteríris segurando as lágrimas de raiva.

—Então é isso. —lamentou Peter. —Já pode ir para outro lado, não tem por que esperar.

—Gente, qual é... Sou eu, Asteríris, a garota que até pouco tempo nem sabia que fadas existiam ou que lobos falavam. Juro a vocês, que eu não fazia ideia de que isso daria certo. Apenas tentei fazer o que a minha mãe disse na mensagem, e isso acabou resultando em algo. Jamais usaria meus amigos para conseguir algo e depois os apunhalaria pelas costas.

—Acredito em você. —rosnou Zargrak, desculpando-se.

—Obrigada!

—O que o lobo disse? —disse Peter ainda irritado.

—Que ele acredita em mim. E você?

—Acho que se soubesse mesmo, teria parado os gigantes de gelo antes das charadas, pois eles só respondem a magia das bruxas que os criaram. —disse Peter. —Conheço magia quando vejo.

—Se quiserem que eu volte com vocês, eu voltarei. Só não pensem que eu trair vocês. —disse ela.

—Não precisa. —rosnou Zargrak calmo. —Eu criei expectativas quando disseram que viriam para a montanha. Não devia ter depositado tanta fé quando se tratando de magia das bruxas.

—Pode ir. Ainda precisa encontrar a sua mãe. —disse Peter.

—Eu prometo que irei descobrir um jeito de levar vocês para o outro lado. Só preciso encontrar a minha mãe e ela irá me ajudar. Ela me trouxe até aqui, deve saber o que está fazendo estando do outro lado.

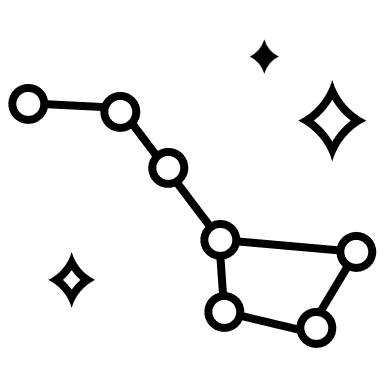
—Esperaremos por você. —rosnou Zargrak abaixando a cabeça em gesto de adeus. —Não vejo a hora de rever a minha família.

—Nos vemos em breve. —disse Peter fazendo uma rosa vermelha brotar na pequena palma de sua mão e entregando a Asteríris. —Cuide-se, pois pretendo te mostrar o meu verdadeiro poder quando nos encontrarmos em breve.

—Vou sentir falta de vocês. —disse ela entrando na parede cintilante e desaparecendo sobre a nevoa viscosa.

**Parte 2**

O Mundo de Orion



*Trinta e Dois*



Um calor, seguido de uma sensação de estar sendo perfurada por espinhos de rosas, percorria por todo o corpo de Asteríris, assim que adentrou na parede cintilante. Uma luz prateada ofuscante, penetrava pelas fendas e chegava aos olhos cor de mel, deixando-a um pouco zonza e enjoada. Teve a leve impressão de ver imagens de algo família. Talvez estivesse sonhando mais uma vez, e nada daquilo estivesse de fato acontecendo. Por um breve momento, esticou os braços, pois sentia que caia tão fundo, que pensou ser o fim. Uma armadilha das bruxas quem sabe. Por fim, quando a luz cessou, e conseguiu abrir os olhos, por um instante não viu nada, apenas serpentes em feixes de luz. Seus pés pareciam ter aterrissado em algo firme. Estaria segura agora?

Uma brisa leve de primavera percorreu por seus longos fios ruivos, e continuou.

Uma lágrima caiu de cada olho, quando sua visão voltou a si. De fato, aquilo só poderia ser parte de mais um sonho confuso e sem miolo. Ainda estava na montanha de gelo, na verdade, não estava coberta de gelo, mas uma grama baixa e muito verde subia até onde os olhos se perdiam tanto para cima, tanto para baixo, e depois nas curvas e também, nos caminhos escondidos nela.

Decerto, estava na montanha. Restava saber em que parte dela.

Asteríris observava tudo a sua volta em uma velocidade alucinante. Onde estariam, Zargrak e Peter? E quanto aos gigantes de gelo? Precisava descer e tentar descobrir onde estavam todos.

A montanha parecia solitária, bem mais que quando nevara. O que estariam aprontando? Os gigantes de gelo, pareciam ter desistido de toda a neve e avalanches, agora era possível ver com clareza o que estava a sua volta e sobrevoando o céu.

Alguns pássaros em formatos e cores diferentes passavam cantarolando e quase batiam na cabeça de Asteríris, que descia a montanha um pouco desordenada e lenta. Ela jurou que havia visto um dos pássaros soltar uma bola de fogo do bico. À medida que se aproximava da encosta, a vegetação se coloria em tamanhos e expressões. Flores lilás, amarelas, vermelhas pareciam cheias de brilho, e o musgo alegre corria e se misturava em cores vivas cobrindo a rocha metálica. Algumas flores bocejavam ao se abrirem, algo divertido de se presenciar.

Parecia estar de fato sozinha. O que teria acontecido aos outros?

O sol quente, indicava que era hora do chá. Mas nada de chá para ela.

Os raios de sol penetravam sobre as nuvens descoradas. O ar estava tênue e cheirava a lavanda. Uma extensa faixa de águas brilhantes corria a oeste da montanha, distante de onde estava, mas ainda assim, podia ouvir.

—Quem vem lá? —uma voz rouca e forte soou montanha acima.

—Já estava ficando preocupada. —gritou Asteríris, apressando os passos para alcançar a encosta da montanha e a voz.

—Acho que não compreendi bem. —era Aruk Mirfak, aproximando-se da montanha, empunhando uma lança com ponta de prata muito ameaçadora.

Ele era alto, tinha longas orelhas, os cabelos negros e ondulados como o do pai, e o tom da pele da mãe. Tinha lábios carnudos e um olhar esverdeado repleto de ternura. Vestia uma calça de linho tom palha e o peito estava descoberto, revelando seus traços fortes.

—Oh, me desculpe. Achei que fossem os meus amigos. —disse Asteríris parando longe o bastante para não ser atingida pela lança se fosse o caso.

—Que criatura é você? —perguntou Aruk, enquanto mais guardiões da floresta se aproximavam, armados até os dentes com lanças, e arcos com as aljavas cheias de flechas com pontas de prata.

—Acho que está havendo algum engano. —murmurou Asteríris sendo vigiada por olhares curiosos e diligentes. —Mundo...? —ficava ainda mais desnorteada quando seus olhos fitavam o peito despido de Aruk.

—Mundo?! —repetiu Aruk, desorientado, virando-se, procurando a resposta entre seus companheiros.

Asteríris suspirou, olhou em volta, e depois se voltou para Aruk, que acabava de ficar ainda mais atraente buscando por respostas.

—Você não teria visto três gigantes de gelo, um lobo e uma fada andando por ai né?! —aquelas palavras de fato estavam saindo da boca dela.

—O que quer dizer com isso? —Aruk parecia cada vez mais impaciente com a situação, pois passava a mão sobre os cabelos, olhava em volta, e depois para a garota ruiva.

—Ai caramba. Deu certo! —gemeu Asteríris baixinho.

—O que deu certo? —Aruk estava ficando irritado. —É algum tipo de distração?

—Distração!? Longe disso. Eu sou Asteríris Linterfel. Hum— huma...humana. —a última palavra lutou para sair.

—Acho que eu não compreendi a última palavra. —o olhar de Aruk ia e vinha de Asteríris em uma expressão muito atordoada.

—Prefere que eu diga, criatura humana!? —ela riu sem jeito. —Acho que acidentalmente, eu vim parar em outro mundo. —Afinal, onde estou? —ela parecia preocupada em contar de fato como foi parar ali, então mentiria até saber se era seguro.

—Em Orion, onde mais!? —disse Aruk, colocando uma das mãos livres sobre a cintura e inclinado levemente a cabeça para o lado, observando Asteríris com mais detalhe. —Você acabou de dizer que é humana. Mas isso não é possível! —ela era surpreendentemente encantadora.

—O que não é possível? —Asteríris estava começando a ficar preocupada.

—Orion é o reino de criaturas mágicas. Não devia ter humanos aqui. Está aqui a quanto tempo? —perguntou Aruk.

—Acabei de chegar. —as palavras saíram rápido.

—Acabou de chegar!? Oh, tá. Então, você é uma humana que acabou de chegar em Orion. E o que vou fazer com você!?

—Poderia ao menos me dizer o seu nome, já que sabe o meu agora. —sussurrou Asteríris tentando não parecer ameaçadora.

—Aruk Mirfak, filho da natureza e sucessor ao posto de líder da minha aldeia. —respondeu um pouco envergonhado.

—Interessante. —disse Asteríris.

—Tem mais alguém com você...como você?

Ao dizer essas palavras os guardiões da floresta se posicionaram em volta de Aruk e apontaram lanças para Asteríris.

—Não, não. —gritou Asteríris esticando as mãos em sinal de que poderiam abaixar. —Não sou uma ameaça.

—Só por ser humana, já se torna uma ameaça para ambos.

—O que quer dizer? —perguntou Asteríris assustada.

—Rum, levem ela para Florence! —ordenou Aruk.

—Peraperapera, não posso me afastar da montanha. —gritou Asteríris.

—Por que não? —Aruk continuava andando sem se dar ao trabalho de parar para ouvi-la.

—Esquece. —sussurrou Asteríris, sabendo que nada que falasse ajudaria naquele momento. —Para onde disse que vai me levar mesmo?

—Florence, aldeia onde vivo. —respondeu Aruk severo.

A jornada até a aldeia estava silênciosa e lenta. Logo entraram em um estrada de terra larga e com tochas ainda por acender.

A lua corria pelo céu e se escondia nas nuvens negras algumas vezes e depois voltava a aparecer, em uma incansável perseguição.

O portão da aldeia abriu-se.

—Amarrem-na em um tronco. —ordenou Aruk assim que passaram pelos portões de Florence.

—Senhor?! —disse um guarda da noite preste a sair para sua ronda.

—Explico depois. —disse Aruk deixando Asteríris aos cuidados de outro estranho.

—Virei uma égua!? —gritou Asteríris vendo que Aruk se afastava e pouco se importava.

A aldeia estava curiosa para saber quem era a garota com cabelo de fogo presa em um tronco. Algumas crianças eram gentis e lhe traziam frutas e mesmo água.

—Onde ela está? —uma voz grossa emitiu da escuridão.

Avalon parecia assustador e grande, se avistado de onde Asteríris estava.

—Me custa acreditar que você seja humana e que chegou em Orion por acaso. —disse Avalon encarando Asteríris que estava jogada sobre o chão. —As bruxas mandaram você?

—Bruxas?! —sussurrou Asteríris fazendo-se de desentendida.

—Vamos deixar uma coisa clara aqui. Você acabou de chegar em Orion, exatamente quando acabo de perder minha esposa, que foi envenenada com uma magia perversa. O que me faz te colocar no topo da lista de suspeitos. Quer mesmo fazer esse jogo!? —murmurou Avalon com olhos frios.

—Pai. Quer que eu a interroge? —Aruk se aproximou, seguido de dois guardas da noite seguros com suas lanças.

—Está além de você. —disse severo. —Mande um corvo para Arãbergue, o rei precisa ser informado ainda hoje. —ordenou Avalon.

—Quer mesmo entregar uma suspeita ao rei?! —disse Aruk irritado. —Ela é nossa prisioneira. Uma possível envenenadora e assassina. Somos capazes de lidar com ela.

—Vejo que sair da aldeia lhe fez bem. Pois bem, deixarei que me ajude a interrogá-la. —assentiu Avalon.

—Envenenadora?! Assassina?! Só quero deixar claro que acabei de chegar ao seu mundo. Garanto que não sei quem é a sua esposa, e muito mesmo conheço de magia perversa. —disse Asteríris colocando-se de pé para encarar Avalon.

—Cale-se. Não vai querer me irritar. —gritou Avalon. —Levem-na para uma tenda vazia. Amarre-a bem, e não deixe que ninguém visite-a. Não precisamos que isso chegue ao rei.

A tenda havia sido esvaziada, e agora era apenas um espaço frio e perigoso.

Um tronco grosso de escoro bem cortado, havia sido colocado no centro e nada mais.

—Só seja sincera ao responder.

Aruk havia sido o primeiro a chegar.

—Não vão acreditar, mesmo que eu fosse. —Asteríris cochichou de volta. —Falamos a mesma língua, só me dei conta agora.

—Não somos os vilões aqui. Você veio para o nosso mundo e usou uma desculpa um tanto vaga para se explicar. —disse Aruk. —Estamos no direito de interrogá-la. E sim, falamos a língua dos humanos.

—Mas, não de me tratarem feito um animal. Até os animais merecem ser tratados com respeito. —resmungou Asteríris presa pelos pulsos sobre os braços da madeira solitária.

Avalon adentrou a aldeia como um raio. O sorriso no canto de seus lábios foram de encantador para assombroso em segundos.

—Vamos começar. —disse Avalon.

Dois guardas da noite estavam a postos. Um bloqueava a porta de costas para Asteríris, enquanto o outro estava ao seu lado, pronto para matá-la caso fosse preciso.

—Quem é Pandora Mirfak? —havia dor naquelas palavras pronunciadas por Avalon.

—Não sei. —respondeu Asteríris.

—Onde ela está agora? —prosseguiu Avalon.

—Como eu vou saber!? —murmurou Asteríris tentando não parecer sarcástica.

—Que magia usou contra ela? —agora foi a vez de Aruk.

—Me pergunte sobre cultivo e colheita de maças, e eu saberei responder. —disse Asteríris irritada. —Não sei quem é Pandora ou onde ela está, pois nem sei onde eu estou.

—Não banque a esperta aqui. Acha que terei pena de você!? —gritou Avalon. —Sua situação não é uma das melhores. Poderia matá-la agora mesmo.

—Vá em frente. Não acho que me deixará sair daqui viva amanhã mesmo. Não me poupe com um dia a mais. —sussurrou Asteríris revirando os olhos.

—Isso não ajuda você em nada. —disse Aruk um tanto impressionado com a coragem da prisioneira. —Só responda as perguntas.

—Difícil me concentrar, quando essas cordas parecem prontas para decepar os meus pulsos. —resmungou Asteríris.

—Guarda, afrouxe as cordas. —ordenou Aruk.

—O que pensa que está fazendo? —impediu Avalon irritado.

—Deixa, eu mesmo afrouxo.

Aruk caminho em direção a Asteríris, mas a lança do guarda foi mais rápida e o bloqueou a poucos passos dela. Ele inclinou o corpo sutilmente sobre a lança para alcançar as amarras, e mesmo impedido, conseguiu afrouxá-las o bastante.

—Obrigada. —sussurrou Asteríris com olhos baixos.

—Pronto. Agora responda as perguntas do meu pai.

—Sim. —assentiu Asteríris já não mais diante da lança de ferro.

—Como conseguiu vim para Orion? —quis saber Avalon.

—Eu estava andando sobre a montanha de Orion, quando derrepente cai em um buraco e vim parar aqui. —revelou Asteríris.

—Acha que vou acreditar que caiu em um buraco!? —murmurou Avalon.

Aruk estava com os braços cruzados no canto direito da tenda, apenas observando atentamente a hospede indesejada.

—Não qualquer buraco. Um bruraco particulamente empoeirado e muito, muito brilhante e quente. Estranho né!? —zombou Asteríris não deixando transparecer.

—Está com fome? —sussurou Aruk, aproximando-se para olhar para Asteríris de frente.

—Fome? —perguntou ela, confusa.

—Isso. —disse Aruk com uma voz suave, sem conseguir tirar os olhos da garota ruiva.

—Francamente. Devia ter te ensinado como funciona um interrrogatório. —esbravejou Avalon decidindo entre ficar irritado ou deixar passar.

—Só quero que isso acabe logo. —disse Asteríris dispensando Aruk com o olhar.

Aruk estava com ar tranquilo. Seus olhos iam de Asteríris ao pai a cada instante. Parecia mais preocupado com o guarda e sua lança. Ao menor movimento de Asteríris, o guarda poderia matá-la.

—Depois que caiu no suposto buraco, o que aconteceu? —era a vez de Aruk.

—Desci a montanha e foi quando você me encontrou. Estava perdida de fato. —respondeu Asteríris seriamente.

—E como faz para voltar para o seu mundo? —perguntou Avalon impondo-se.

—Nem ao menos sei como cheguei. Poderiam me ajudar a encontrar um jeito de voltar. —murmurou Asteríris com olhar doce.

—Nós? —disse Aruk surpreso. —Não saberiamos nem por onde começar. —riu.

—O seu sorriso é bonito. —disse Asteríris de supetão.

—Oh, obrigada. —disse Aruk pálido.

—Francamente. —suspirou Avalon. —Continuaremos amanhã. Mantenha ela amarrada e sob vigia a noite toda. —disse Avalon ao guarda de prontidão ao lado de Asteríris. —Aruk, já que parece tão disposto a ajudar, traga comida e água a sua hospede. Ao menos isso, você deve saber fazer.

Avalon deixou a tenda seguido pelo filho. Era fácil notar o quanto o pai estava desapontado com as atitudes do filho diante da prisioneira humana.

A tenda estava clara antes mesmo do primeiro raio de sol surgir no horizonte.

O burburinho vinha de todos os lados logo que os moradores começaram a acordar e realizar seus afazeres.

Asteríris podia ouvir as filhas da natureza que cuidavam de Serena, fofocarem sempre que passavam próximo a tenda dela. Falavam sobre como Aruk estava maduro e forte. Como Avalon estava irritado, aquela manhã. E como a hospede de cabelos de fogo era diferente e bonita ao mesmo tempo.

—Café?

Aruk adentro a tenda com uma bandeja de prata; bolos, uma caneca cheia de café e umas tortinhas de hortelã. Vestia uma bata branca que descia um pouco acima dos joelhos. Os fios estavam presos por um coque bagunçado com muitos fios soltos.

—Sempre. —disse Asteríris ainda presa sobre o tronco. —Nunca dormi tão desconfortável.

—Desculpe. —disse Aruk.

O guarda da noite havia deixado o seu posto quando Aruk entrou. Um guardião da floresta assumiria o seu lugar em breve.

—Acredito que seja difícil comer presa. —disse Aruk soltando as mãos de Asteríris e parando para encará-la por um instante.

—Como se eu pudesse fazer muito com uma caneca de café. —brincou ela,tirando um sorriso de Aruk que acabara de se afastar.

—Se você entender de magia, uma caneca de café seria o meu fim. —ele riu a vontade.

—Sinto muito pela sua mãe. —havia sinceridade naquelas palavras.

—Obrigada. Nunca pensei que fosse a sua culpa.

—Obrigada por acreditar em mim. Sei que a minha situação é complicada, e que a minha chegada sem explicação não ajuda muito, mas não sou ruim, não como o seu pai quer acreditar.

—Ele só está chateado com tudo que vem acontecendo. Logo ele verá que você não tem culpa na morta da mãe natureza e irá te soltar.

—Mãe natureza?

—A minha mãe carregava o espírito vivo da terra. A corça. Mas ela foi envenenada, e acabou morrendo. O espírito foi colocado em uma outra filha da natureza, uma hospedeira.

—Filhas da natureza?

—Você é de fato de outro mundo. —riu Aruk, escorando-se contra um tronco que sustentava a tenda.

—Mundo dos humanos, sim eu sou. —respondeu admirando a beleza de Aruk.

—Os filhos da natureza são criaturas que tem o propósito de servir a mãe natureza. Viramos árvores com força e coragem para defender e proteger o espírito vivo da terra abrigado na hospedeira.

—Brendoff. —sussurrou Asteríris.

—O que disse?

—Nada. E quem é a nova hospedeira?

—Serena. Ela está descansando, pois o espírito da corça é muito poderoso. Precisa de tempo para se acostumar.

—Entendi. O que acontece agora?

—Como assim?

—Se o seu pai não acreditar em mim, o que ele fará?

—Acredito que entregará você ao rei Erond Condoff.

—Erond Condoff. Não acredito que vim parar de fato em um mundo com criaturas mágicas.

—Agradeça as bruxas. Foram elas que criaram esse mundo.

—Não sabia. O que mais preciso saber sobre o seu mundo?

—Nenhuma criatura pode saber que uma humana veio para Orion. Isso poderia incitar uma guerra.

—Guerra?!

—Muitos vão querer saber como chegou aqui. Poderiam torturá-la para que contasse como ir para o seu mundo. Essas coisas. —revelou Aruk rigoroso.

—E se o seu pai acreditar em mim.

—Entregará você ao rei mesmo assim.

—Certo. E como é esse tal rei?

—Impiedoso.

Um suor frio ameaçou na testa de Asteríris.

—Espero que o café esteja bom, pois pode ser o último.

Avalon entrou na tenda muito enfadonho.

—Pai. —disse quase saltando de onde estava apoiado.

—Francamente, está difícil acompanhar tanta bondade do meu filho. —tripudiou Avalon. —Sua futura esposa o aguarda.

Aruk revirou os olhos antes de tirar a bandeija do colo de Asteríris, e sair pisando descompassado tenda a fora.

—Não pense que sou como o meu filho. —disse Avalon idôneo.

—Nem de longe. —zombou ela.

—Sabe, eu achei que não precisaria chegar a esse ponto.

Avalon fez uma pausa para dispensar o guardião da floresta que entrava na tenda e o outro que se prostrava a porta.

—Não quer testemunhas quando me matar!? —a voz saiu fraca. Apesar das piadinhas, ela sabia que estava muito encrencada.

—Não mesmo. —um pó dourado cintilou no ar e caiu sobre o rosto de Asteríris.

—Droga. —gemeu ela sacudindo a cabeça.

—Guardei, achando que nunca fosse precisar usar. Pelo visto, me enganei. Pela sua reação, acho que sabe do que se trata.

—Não mesmo! —rosnou ela.

—Pó mágico. Vai ajudar a soltar sua língua. —Por que veio para Orion?

Entrementes, Asteríris passou a manhã toda contando tudo o que havia passado para chegar em Orion. Avalon dispensava qualquer um que tentava se aproximar da tenda, incluindo o filho Aruk.

—Por favor, agora que sabe, eu imploro que não conte a ninguém. Não sabe como é crescer sem pais. Tenho a chance de encontrar a minha mãe e farei o que estiver ao meu alcance para achá-la. —suplicou Asteríris.

—O que está me pedindo? —disse surpreendido.

—Que me ajude a encontrar a minha mãe. Juro que não direi nada sobre como eu cheguei aqui ou que sou humana. Me transforme em uma filha da natureza, e farei tudo que mandar. —disse Asteríris.

—Jamais se passaria por uma filha da natureza com esse cabelo feito chamas e a pele de algodão. —pela primeira vez Avalon riu.

—Não me mande para o rei. —implorou Asteríris.

—Erond Condoff. Já havia me esquecido. Se eu consegui tirar essa informação de você, ele sendo o rei, poderá arrancar qualquer coisa. As fadas não iriam negar pó mágico ao rei. —disse irritado. —Irei treinar você para que consiga mentir, mesmo que te façam engolir pó mágico.

—Obrigada.

—Enquanto isso, ficara escondida aqui em Florence. Não sairá para lugar algum, até que esteja pronta para ser levada ao rei. Se for pega antes disso, direi que nunca a vi. O rei não se comoverá por uma garota humana que cresceu sem os pais. Sei que a morte de Pandora afetará Aruk. E pensar que você cresceu sem pais e que agora pode encontrar a sua mãe. Por essa, nem o rei Erond Condoff esperava. —simbilou Avalon.

—O que isso quer dizer? —perguntou Asteríris desconfiada.

—Nada. Irei me reunir com a aldeia e explicar que você é uma Hope perdida.

—Hope? —disse fingida.

—Sim. Irei explicar conforme o tempo de treinamento. Mas por hora, fique calada e não diga ou fale com ninguém.

—Posso falar com o seu filho?

—Com o Aruk sim, mas antes preciso conversar com ele. Ele acreditou em você desde que colocou os olhos em você.

—Como sabe disso?

—Conheço bem o coração do meu filho. Por trás de tanta casca, tem uma pessoa boa e que acredita no melhor das criaturas.

—E o rei?

—O que tem ele?

—Acreditará que sou uma Hope?

—Não estamos tentando enganar o rei, apenas as criaturas do reino. Erond só precisa acreditar que não veio a mando das bruxas.

—Obrigada.

—Não faço por você.

A morte de Pandora, talvez tivesse amolecido o coração de Avalon ou ele usaria a chegada de Asteríris contra o rei Erond Condoff.

*Trinta e Três*



O rei Condoff havia enviado cem guerreiros de seus exércitos de luz. Não que fosse preciso mais, para expulsar alguns trolls e gnomos das colinas de prata. O príncipe estava liderando a limpeza da região. Uma forma que encontrou de se livrar das reuniões do conselho a respeito dele e de sua postura no baile de primavera.

Estava a ponto de perder a coroa para Edmundo e pouco provável para Otto.

O céu parecia sem efeito sobre o castelo em ruínas de Kalazan.

—Não importa quantas vezes você nos expulse das colinas de prata, sabemos o caminho de volta. Logo o Senhor das Trevas retornará e teremos o que é nosso por direito. —disse um dos trolls petulantemente.

—O que são seus por direito!? Vocês não conquistaram. Então, não venha dizer que é seu ou de qualquer troll. E quanto ao Senhor das Trevas. Garanto que jamais o verá outras vez. — disse Aron Condoff empurrando a ponta da lança contra as costas nuas de um troll.

Os trolls saiam acorrentados enfileirados. Alguns esbravejavam e tentavam sair da formação, mas logo uma lança os impedia. Os gnomos por sua vez, cavaram buracos tão fundos, ou mergulharam no que já haviam cavado, e sumiram muitos palmos abaixo da terra prata.

—Acho que vão gostar das masmorras. Altas e úmidas, perfeitas para vocês. —zombou Aron.

Os guardas já estavam prontos para deixar a região próxima ao castelo de Kalazan quando foram surpreendidos por uma criatura coberta de penas negras em forma de capa. Sua cabeça ainda contava com poucos fios e um par de chifres retorcidos para fora. Suas mãos descarnadas seguravam um enorme cajado de madeira que parecia lhe servir como apoio para o seu corpo cansado. Seu rosto era torvo. Era como se a escuridão ganhasse vida.

—Que cheiro condenável é este? —gritou um dos integrantes do exército de luz, sua mão rapidamente cobriu o nariz.

—Parece enxofre. —disse Aron. —Identifique-se! —ordenou. A criatura parecia se alongar, mas logo se voltou para o príncipe. Seus olhos eram sombrios e vazios.

—Quase me ofendeu, príncipe Aron Condoff. —riu a criatura, seus dentes eram amarelos e muito pequenos e torcidos.

—Identifique-se! —gritou Aron, preparando uma flecha.

—Vejo que é tão impaciente quanto o pai. —zombou. —Alphien...ao seu dispor. —a criatura fez uma reverência graciosa.

—Não lembro de ver o seu nome no tratado. —disse Aron, todos os cem com arcos prontos.

—Estava ocupado quando assinaram o tratado. Mil desculpas por isso. —riu. —Mas vou refrescar sua memória. Senhor... não... Lorde das Trevas ao seu dispor. —mais uma graciosa reverência.

—Não pode ser. —um murmurio começou vindo dos cem.

—Impossível! —esbravejou Aron.

—O que é impossível? —quis saber o Lorde das Trevas.

—Mas...

—As bruxas derrotaram ele. Aquela magia tosca não poderia nunca me derrotar. —disse o Lorde

—Por que agora? —sussurrou Aron.

—Orion está precisando de uma sacudida. Bailes de estação!? Podiam ao menos ter tocado uma música mais agitada. —o Lorde parecia se divertir vendo o rosto pálido e confuso de Aron que tentava adivinhar como tinha chegado a esse ponto.

—Esteve no baile de primavera? —a voz saiu fraca.

—No baile de inverno, verão, outono. Deveria escolher Atena Scarlet, como esposa.

—Está zombando de mim? —disse Aron irritado.

—Não vim para zombar de você. Vim para pegar o que é meu. —rosnou Alphien.

—E o que seria? —ganiu Aron ainda com o arco apontado para a criatura com penas.

—O Poder. —a criatura riu baixo. —Diga ao seu pai que o Lorde das Trevas voltou. Não. Diga que o Lorde das Trevas nunca esteve tão vivo. —a gargalhada aterrorizante da criatura parecia subir pelas altas rochas prateadas. Ao estalar os dedos, as correntes se partiram e os trolls investiram contra os cem.

—Preparem-se. —gritou Aron atirando a flecha contra o Lorde das Trevas. Ele a parou a poucos centimetros do rosto apenas com o leve movimento do dedo e a flecha virou pó em segundos.

O cavalo de Aron galopou veloz para o castelo. Não para a aldeia dos lobos ou Florence. Levava o príncipe para casa. Ninguém vinha atrás, nada dos cem.

O portão de Arãbergue abriu-se num rompante.

—Senhor. O príncipe foi levado para a curandeira Luna. Chegou ao castelo sozinho, e desacordado. —disse um guarda.

Erond parecia pequeno diante do seu trono quando pensou no seu único herdeiro ferido.

—Onde estão os cem? —murmurou o rei.

—Apenas Aron retornou das colinas de prata, senhor. —disse. —O que quer que façamos?

—Envie corvos para os outros castelos. Quero o conselho aqui imediatamente. —ordenou Erond jogando a capa roxa com fios dourados e descendo os degraus diante do trono. —Irei ver como Aron está. Quando o conselho estiver aqui, mande me chamar.

—Senhor. —o guarda fez uma reverência e seguiu o rei deixando o salão.

Aron estava deitado com o peito enfaixado por um tecido já muito manchado de sangue branco perolado. Estava acordado e apesar dos ferimentos no rosto, continuava elegante.

—O que aconteceu? —Erond entrou seguido de Luna que trazia outra faixa limpa.

—Preciso trocar o curativo. —disse Luna.

—Luna, aguento mais um pouco com esse curativo. Me deixe a sós com o rei. —ordenou Aron, gentilmente.

—Claro, senhor. —ela fez uma reverência rápida e saiu.

—Aron? —insistiu o rei. —Achei que pudesse cuidar de alguns trolls e gnomos.

—Algo aconteceu enquanto escoltavamos os trolls e gnomos da região. —murmurou Aron.

—Quem seria tão estúpido a ponto de atacar o futuro rei? —gritou o rei furioso.

—Não consegue pensar em ninguém!? Pela primeira vez me senti fraco. Impotente.

—Aron, sem mais delongas. Quem fez isso com você e com os cem?

—Um inimigo antigo seu. O Lorde das Trevas.

O rosto do rei parecia ter virado a própria pérola..

—Eu nem consegui me preparar ou dar alguma ordem aos cem, pois nem sabia quem era Alphien. Quem é ele? —Aron se esforçava para continuar deitado.

—Alphien!? Ouviu ele dizer esse nome?

—Ele tem nos vigiado. Sabia dos bailes de estação, da futura rainha. Como?

—Alphien. —pela primeira vez o rei parecia insignificante diante daquele nome.

—Pai? Quem é ele?

—Aron. Espere o conselho se reunir e explico.

—Não. Perdi cem hoje, pois não consegue confiar a história do meu povo a mim. Serei rei um dia e não sei quem é a criatura que fez o meu pai franzir a testa ao ouvir o seu nome.

—Alphien é um dos quatro.

—Quatro?

—Um dos quatro elfos de sangue puro. Uma criatura tão poderosa e inalcançável.

—Mas aprendi tudo sobre os grandes elfos que protegem os portões da cidade da luz eterna. Delacon, Belatrix e Rin. Não havia nada sobre um quarto elfo.

—Ele foi apagado da história.

—Por quê? —Aron já estava sentado a beira da cama, a ala era destina a cuidar dos seus ferimentos.

O cômodo era grande, como um quarto real. Era a ala hospitalar destinada apenas ao príncipe. Tinham livros em uma estante de prata que ia até o teto. Uma mesa de vidro muito bem preparada com ervas. E uma armadura cintilava perto da mesa, estava lá caso o príncipe precisasse.

—Todos sacrificamos muito ao vim para a Terra. Abrimos mão de ir para a cidade da Luz Eterna. Da imortalidade. —o rei suspirou, a lembrança da esposa parecia ter voltado. —Não foi diferente com Alphien. Como bem sabe, os grandes elfos são os únicos que podem entrar ou sair da cidade da Luz Eterna. Eles podem ser eternos ou não. A nossa família havia sido enviada primeiro e Grinória Del Castro veio comprometida com Aron Condoff. Nos estabelecemos na Terra e conseguimos conter a ganância e a guerra eminente entre a raça humana. Mas Aron Condoff, o meu pai, se apaixonou por uma humana e quase arruinou tudo. A situação foi lidada em sigilo para não perdermos o respeito das outras famílias, quando mais Seres de Luz foram chegando e se estabelecendo no castelo. Desde o meu nascimento, fui sendo preparado para um dia me tornar rei, tanto na Terra, quanto em nossa constelação.

Governamos por anos e logo Alphien foi enviado com mais famílias, pois precisavamos lidar agora não só com a raça humana, mas com as criaturas mágicas que muitas vezes se viravam contra os homens.

Aron parecia não conhecer sobre o passado de seu povo.

—Queriam ter certeza que a raça dos homens merecia toda a proteção que haviam enviado a eles. Arriscando que Seres de Luz viessem para a Terra, ao invés de desfrutarem da vida eterna. —prosseguiu o rei.

Alphien havia sido enviado para descobrir o que se passava no coração dos homens. Foi incubido de viver no castelo, mas também entre os humanos. Andaria e comeria com eles. Um conselho havia sido formado, para dar voz a todas as criaturas. Uma vez a cada estação, o conselho se reunia no castelo para falarem o que acontecia e o que poderiam fazer para melhorar a relação entre todas as criaturas.

As bruxas tinham uma grande voz no conselho, sendo permitido doze representantes. Uma bruxa de cada clã fazia parte do conselho. Nós Seres de Luz, tinhamos uma boa relação com as bruxas, sempre dividiam suas preocupações quando se tratando do bem estar dos humanos.

Foi preciso muitos anos para que o conselho tivesse força e resultado. A raça humana estava em harmonia outra vez. E as criaturas haviam se estabelecido de forma pacífica umas com as outras.

Alphien era o mais amigável dentre os outros elfos de puro sangue, por isso, havia sido enviado para a Terra. Queriam que nos Seres de Luz voltássemos para casa o quanto antes. Já havíamos feito muito pela raça humana e era chegada a hora de deixarmos com que seguissem suas vidas sem mais interferência. Já estava completando mais dez décadas e nossa chance de ir para casa estava perto de acontecer.

—O que aconteceu então? —perguntou o príncipe.

—Faltava poucos dias para o eclipse nebuloso de Saiph acontecer e voltarmos todos para a constelação de Orion, mas algo que jamais imaginaríamos aconteceu. —disse o rei desapontado. —A nossa família tinha conseguido realizar um bom trabalho aqui na Terra.

Uma bruxa havia sido pega praticando magia negra em um ritual de ligação.

A única magia permitida para uma bruxa usar, é a magia provinda da natureza, não podiam usar outra formar, ainda mais algo tão obscuro. A bruxa estava fazendo um ritual para se ligar a Alphien, para que pudessem ficar juntos para sempre. Mas ele não sabia que ela usaria magia negra no ritual. Antes que pudessem concluir o ritual, eles foram descobertos e levados para serem julgados por seus atos.

—As bruxas deram sua punição a bruxa, bloqueando seus poderes e a banindo da vila onde todas as outras viviam. —murmurou Erond preocupado em ser ouvido. —Taurius Condoff foi informado da indiscrição de Alphien e o julgou pelos seus atos descuidados.

Ele foi condenado a viver na Terra. Teria uma vida miserável e mortal, preso nas masmorras do castelo. Ficaria sendo vigiado por Seres de Luz inferiores, enquanto as famílias de sangue real voltariam para a constelação e passariam pelos portões de Dohaes.

—Então, Taurius condenou um elfo de puro sangue.

—Sim. Ele viu o que aconteceu com o filho Aron quando estava apaixonado por uma humana. Isso deve ter influenciado na decisão de algum modo.

—Taurius tinha que ter levado Alphien de volta para casa. Quem escolheria a punição seriam Delacon, Belatrix e Rin.

—Mas não foi o que aconteceu. Taurius, apenas levaria um pergaminho, contando o que havia se passado na Terra e os motivos que levaram a punição de Alphien. Achou que seria o bastante e que estivesse fazendo um favor aos grandes elfos.

—Mas a família Condoff não foi, o que mudou?

—Alphien, de alguma forma conseguiu fugir dois dias antes de voltarmos para a constelação de Orion. —lamentou. —Não se sabe como ele conseguiu fugir ou se alguém o ajudou, afinal, era uma masmorra fortificada. Apesar dos esforços para trazer ele de volta ao castelo, nada foi suficiente para encontrá-lo, nem mesmo o feitiço de localização das bruxas. Já havíamos desistido e nos preparávamos para voltarmos para a constelação quando Alphien apareceu diante dos portões do castelo onde todos nós vivíamos.

''Ele jurou se vingar de todas as criaturas que caminhavam sobre a Terra, principalmente das bruxas e da família Condoff que o sentenciou a uma vida mortal e que tirara a vida de sua amada, Írissol''.

Alphien havia deixado as masmorras e logo foi a procura de sua amada. Mas a encontrou sem vida em uma cabana velha no meio da floresta, não muito longe da vila onde vivia antes de ter os poderes bloqueados, e ser expulsa com nada além da roupa que vestia.

Ela estava fria e com uma ferida de flecha atravessando o seu coração.

—O rei Taurius deve ter mandado matá-la para que ninguém soubesse, seria uma vergonha se as famílias que aguardavam na constelação de Orion, soubessem como um grande elfo de sangue puro, se rendeu aos encantos de uma bruxa praticante de magia negra.

—E as bruxas?

—Elas acabaram descobrindo sobre a morte da bruxa e não ficaram contentes, pois já haviam dado o castigo necessário. Foi então, que a família Condoff decidiu que ficariam na Terra para lidar com Alphien, sabiam que os grandes elfos não perdoariam um erro daqueles.

—Mas nossa família não teve culpa.

—Mas deixamos que ele fugisse. Então, todas as famílias ficaram, tanto Merlok, quanto as demais. O rei Taurius decidiu levar Alphien para casa no próximo eclipse nebuloso. Mas, não demorou muito para Alphien cumprir a ameaça. Ele começo atormentando as vilas dos homens. Se aliou aos orcs, damas da noite e outras criaturas que rastejavam na escuridão.

—O que Taurius fez?

—Exércitos foram enviados para proteger as vilas, mas Alphien era mais esperto e poderoso. E foi quando a guerra começou. Ela se arrastou por anos. Até que um dia Alphien parecia imbatível, estava completamente cego pela raiva, luto. Havia se sucumbido a magia negra. Não se tratava mais de vingança. Ele queria o poder, o controle sobre todas as criaturas. E ele tinha poder para isso.

—Como ele conseguiu tanto poder?

—Pelo que acreditamos, ele foi tomado por magia negra. Ele controlava a escuridão. O Lorde das Trevas em carne e osso. A cada dia ele parecia mais consumido por um poder perigoso, capaz de destruir tudo ao seu redo. —Erond parecia intrigado como se faltasse algo para sua compreesão sobre o poder do Lorde. —O rei Condoff escondeu a verdadeira identidade de Alphien. Ele não parecia mais um Ser de Luz, com os olhos mergulhados no breu, os cabelos escuros e a pele fina e preta como fuligem. Ele ficou conhecido como o Lorde das Trevas.

—Ele teve a vingança que queria?

—Em parte sim. Durante anos, Alphien propagou medo e ódio com guerras e inúmeros massacres. Eu fui coroado rei cedo, já que o meu pai não estava vivo para ocupar o trono. Os meus avós lutavam uma guerra que já durava anos. Sua mãe ajudava como podia; sempre se revezando entre a coroa e a espada. A última grande guerra eu lutei ao lado da sua mãe.Não havia mais membros Condoff além de mim, ela ou você. Ficou claro que Alphien ganhava mais poder com o passar dos anos. Quase não conseguimos vencer. Até mesmo os humanos lutaram ao nosso lado. Todos fartos de viver a sombra das trevas. Somos os últimos Condoff na Terra.

—Talvez, ele tenha voltado para terminar o que começou. —disse Aron gemendo ao se ageitar sobre a cama.

—Talvez. Mas não deixarei que isso aconteça. Já me custou a sua mãe.

—Eu vi como ele está poderoso. O corpo parece cansado e prestes a se desfazer, mas ele ainda sim, é perigoso. Parou minha flecha apenas com o movimento do dedo.

—É isso que acontece quando um Ser de Luz tão poderoso se deixa dominar por magia negra. Mas como ele fez isso que é um mistério até hoje.

—Não tem nenhuma escritura sobre magia negra no castelo?

—Os rabiscadores devem ter algo sobre.

—Irei procurar saber.

—Agora você precisa descançar. Não preciso de mais uma preocupação agora. O conselho logo estará reunido, preciso que esteja forte. —disse o rei. —Irei mandar um corvo as aldeias, não direi nada é claro, mas emitirei uma ordem para que não andem nas florestas ao cair da noite. Não quero causar um alvoroço até sabermos com que estamos lidando. E não se preocupe, pois pedirei que um inferior procure os rabiscadores, e se houver algo nas escrituras, serei informado.

*Trinta e Quatro*



Os dias se arrastaram devagar. Asteríris passava boa parte da manhã lendo alguns pergaminhos velhos, com letras bem desenhadas que contavam tudo sobre os filhos da natureza. Haviam livros e mais livros para mencionar exclusivamente sobre as mães natureza. O espiríto da terra não precisava esperar a hospedeira morrer para trocar de corpo. Podia trocar quando sentisse que era hora de se abrigar em um corpo mais jovem ou forte. Mas, no que ficava enfiada a cara mesmo, era no pergaminho sobre Hope.

Haviam vestido ela com um tecido vermelho de seda transparente. O cabelo vivia preso em um coque muito bem estruturado. Tentaram passar pó de trigo para deixá-lo mesmo chamativo, mas não funcionou. Até um unicórnio havia sido levado para a aldeia, precisavam que a mentira fosse perfeita.

Na parte da tarde, tomava chá com Avalon e ele a treinava. Pó dourado não parava de sair de suas narinas. Mas já haviam conseguido um progresso. Havia conseguido mentir em três das cinco perguntas feitas por Avalon.

A noite era mais tranquila. Podia fazer o que quisesse, contando que não saísse da aldeia. Algumas vezes, subia em uma das muitas árvores e conversava com a lua. Outras, tinha Aruk para jogar conversa fora, até alguém o convocar a mando de Serena.

—Onde estão as Hope? —disse Asteríris no alto de uma árvore.

—Elas ficam depois da aldeia dos lobos. —disse Aruk.

— E como conseguiram o unicórnio?

—Encontramos ele andando pela floresta. Não foi difícil trazer ele até Florence. Nos damos bem com animais. Mas, logo ele terá que partir, precisa voltar para casa.

—Por que eu não vou com ele?

—Você está aqui para enganar as outras criaturas quando for vista ao acaso. Não precisamos envolver mais ninguém nesta mentira. O meu pai já está arriscando muito por você.

—Eu sei.

—Esse coque é perfeito. —disse Aruk tocando um fio solto e o ajeitando com cuidado no coque.

—Por que? —disse corando ao toque de Aruk.

—Ele esconde suas orelhas de humana. A maioria das criaturas tem orelhas pontudas.

—Você não tem.

—Mas tenho casca. —ele riu.

—Queria ver você transformado.

—Algum dia, eu mostro a você.

—É verdade que você está noivo? —perguntou sem jeito.

—Sim, mas não é como seu eu tivesse escolha. —disse envergonhado. —É quase uma tradição o filho da mãe natureza se casar com a próxima hospedeira.

—E se você fosse mulher?

—Outros filhos da natureza iriam disputar a mão de Serena, caso eu não fosse escolhido.

—Ela tem um nome bonito. Ainda não a conheci.

—Ela não deixou a tenda desde a coroação. Um banquete vai ser preparado amanhã ao anoitecer para ela.

—Então, finalmente conhecerei sua esposa. —riu ela.

—Não quero me casar sem amor. —choramingou. —Mas isso não importa.

—Não sei o que é o amor. —lamentou alisando o vestido perfeito.

—Não sabe?!

—Como sabe, fui abandonada pelos meus pais quando ainda era um bebê. Minha tia nunca foi muito amorosa. Poderia dizer que me preocupo com o bem estar do meu amigo Quiki, nada mais.

—Só conheço um único amor.

—Qual?

—O dos meus pais. Na verdade, o da minha mãe. Ela sempre fazia de tudo por mim. E eu a amo muito. Não sei se posso amar alguém assim.

—Ao menos você conheceu uma forma de amor e como é ser amado, mesmo que só por sua mãe. Nem essa sorte eu tive.

—Lamento. O meu pai falou que você tem ido bem nos treinos de enganação. —disse vendo que a conversa não ia bem.

—Se espirrar pó dourado o dia todo é indo bem, então sim. —brincou ela fazendo Aruk rir.

—Logo poderá ir até o rei. Mas, prefiriria que ele não soubesse sobre você.

—Por que?

—Não sei, só não gostaria que isso acontecesse.

—Está com medo dele me matar? —brincou ela com um sorriso sacana.

—Acho que se for uma boa mentirosa, terá alguma chance.

—Certamente.

A aldeia estava encantadora com tantos adereços de primavera. As filhas da natureza se divertiam com seus vestidos brancos livres. Corriam pela aldeia e dançavam umas com as outras Um altar repleto de oferendas estava em um canto da aldeia. Um caminho de pétalas brancas começava da tenda de Serena e ia de encontro ao altar.

—A aldeia é sempre tão alegre? —perguntou Asteríris acompanhada por Avalon.

—Basicamente. Aruk tem obrigações a cumprir, não o ocupe mais que o necessário. —disse Avalon direto.

—Claro. —disse se afastando rapidamente de Avalon.

A noite estava quente. Pela agitação e por todo aquele contato entre uma dança e outra.

—Está radiante. —era Aruk, vestindo uma calça marrom, e apenas com uma manta branca caindo sobre os ombros e deixando boa parte do seu peito exposto.

—O que está radiante? —quis saber Asteríris, confusa.

—Você, é claro. —riu desleixado. —O azul lhe cai bem.

—Obrigada. Acho que está faltando alguma coisa na sua roupa. —zombou ela.

—Ah, optei por vim sem blusa. —os ombros largos de Aruk estavam saltando por debaixo da manta branca o que deixava Asteríris com arrepios.

—Hum. Ainda não me acostumei a andar descalça por toda a aldeia. Mas não vi nenhuma Hope usando botas nos desenhos enquanto lia os pergaminhos.

—Pode usar se quiser. Não é contra as regras. —brincou.

—Só queria que não passassem tanto pó de trigo no meu cabelo. Ele está começando a ficar pesado e bem estranho. —disse fazendo careta e mostrando os dentes.

—Irei dizer as filhas da natureza responsáveis pelo seu cabelo. O coque está aprovado?

—Sempre gostei do meu cabelo vermelho, mas aqui ele está sendo um problema. Estou proibida de usar ele solto fora da minha tenda.

Aruk se aproximou lentamente de Asteríris. Levou suas mãos grossas até os cabelos dela, e desfez o nó do cipó que mantinha o coque no alto de sua cabeça. Os fios vermelhos cairam em ondas sobre suas costas.

—Assim está bem melhor. —ele riu afastando-se.

—O seu pai irá me matar se ver que estou andando por ai com o cabelo solto.

—Deixa que eu cuido disso. —disse contente por ver que tinha conseguido agradar Asteríris.

—Senhor? —um filho da natureza se aproximou de Aruk. —Está na hora.

—Está na hora? —perguntou Asteríris.

—Tenho que acompanhar Serena da tenda dela até o altar. Me desculpe, preciso mesmo ir.

—É claro. —disse Asteríris vendo Aruk se afastar acompanhado pelo filho da natureza.

Serena era encantadora, com uma pele em tom de barro, olhos grandes e castanhos, lábios cheios, um nariz perfeito. O vestido dourado em fios, com mangas curtas que caiam dos ombros brilhava a luz da lua. Os cabelos estavam livres e desciam até a cintura ambos em curvas.

Aruk estendeu a mão para ela ainda na porta de sua tenda. Caminharam por cima das pétalas e entre o corredor serpenteado de filhos e filhas da natureza.

—Como está? —sussurrou Serena para Aruk.

—Bem.

—Sempre soube que seria a próxima mãe natureza, mas não que isso fosse acontecer a sombra da morte de Pandora. Sinto Muito. —disse com pesar na voz.

—Não precisa se desculpar. Só vamos fazer isso. —disse frio.

—Tudo bem.

Nem bem subiram ao altar, quando Avalon os chamou para que dançassem. Aruk sorriu e obedeceu. Serena era doce e compreensível.

—Não precisa dançar se não quiser. —disse Serena sendo acompanhada para sua primeira dança com o noivo.

Ela logo percebeu a falta de entusiasmo de Aruk por dançar ou qualquer coisa aquela noite.

—É o meu dever. —disse ríspido.

—O seu dever é de se casar, não dançar. Afinal, esse é só um banquete para comemorar que a hospedeira está forte e com a corça bem abrigada. Pode ir se quiser. Não ficarei magoada com a sua ausência. —disse educadamente.

—Serena. Sua compreensão não me fará amá-la mais rápido. —disse grosseiro.

—Chega de dançar. —Serena se desfez dos braços de Aruk e caminhou elegantemente para o altar, sem deixar transparecer sua frustração.

—O que você disse para deixa-lá tão irritada? —Asteríris se aproximou sorrateia.

—Que não é o meu dever amar ela. —sussurou nos ouvidos dela dando-lhe as costas.

—Ela é a sua noiva. —murmurou tentando acompanhá-lo.

—Asteríris quer dançar? —Avalon surgiu diante dela.

—Claro. —finalmente um pouco de diversão.

—O que estavam conversando? —perguntou Avalon desconfiado.

—Só estava perguntando ao seu filho o que posso fazer para me aproximar da noiva dele. Ela parece tão interessante.

—Aprendeu a mentir muito bem. Como eu havia dito. Não ocupe mais tempo do que o necessário do meu filho. Apenas, faça com que ele veja como está sendo inconveniente gastando tempo com você quando deveria estar cuidando de Serena.

—Farei. —ela sorriu acanhada.

Asteríris foi para sua tenda antes mesmo do banquete acabar. Não suportava mais o olhar de águia de Avalon a cada vez que o filho se aproximava dela.

Ela desejava sair dali. Estava se sentindo indesejada e esse sentimento ela conhecia bem. Havia sido assim a sua vida toda. Primeiro com os pais, depois a tia e agora Avalon.

—Está acordada? —a voz encorpada de Aruk invadiu a tenda.

Asteríris pensou por um instante em não responder e apenas continuar deitada se sentindo inferior e deslocada.

—Estou. —sussurrou.

—Posso entrar?

—Sim. —ela estava com um vestido de seda rosa cintilante, mas era comum.

—Vejo que já se trocou para dormir. —Aruk parecia mais leve agora.

—Sim. —disse levantando-se ansiosa.

—Não gostou do banquete? — ele se dirigiu ao pé da cama e se apoiou no ferro frio.

—Não foi feito para me agradar. —disse severa. —O que quer?

—Pelo visto não. Só queria saber como estava. —apesar do cabelo bagunçado, Aruk estava ainda mais sedutor.

—Espero que tenha ido ver como a sua noiva estava, antes de vim ver como eu me sentia. —Asteríris andava pelo quarto com o rosto emburrado e os braços cruzados.

—Quem te mordeu? —disse ele, virando-se para observá-la. —Por que tanta irritação?

—Por que insiste em dificultar a minha vida aqui na aldeia? —suspirou ela.

—Eu? Não fiz nada.

—Não é engraçado ter o seu pai no meu pé a cada instante. —era uma batalha perdida ficar irritada com ele. —E isso só acontece quando você fica me rodeando.

—Rodeando você? Apenas estou tentando fazer com que não se sinta sozinha.

—Então pare. Isso não está me ajudando. —gritou ela. —O seu pai vai acabar me expulsando da aldeia.

—Tudo bem. Desculpe se a incomodei, prometo me afastar e deixar que se habitue sozinha. E não tem motivos para tanta preocupação, pois nunca deixaria o meu pai fazer algo para prejudicá-la.

—Obrigada. —sussurrou taciturna ao ver Aruk deixá-la.

A manhã chegou sem surpresas. Aruk não havia levado o café para Asteríris como era de costume e muito mesmo a cumprimentou quando se cruzaram enquanto ele seguia para a tenda de Serena.

A leitura estava ficando cada vez mais lenta e monótona. O treino de enganação estava quase perfeito. Mais alguns dias, e logo poderia ser apresentada ao rei. O jeito como se portava, havia sido aprimorado por Serena. Que ensinou como ter leveza e boa postura ao andar, sentar-se, comer e até falar mais devagar.

Avalon explicou para a futura mãe natureza sobre a presença de Asteríris e ela gentilmente concordou em ajudar, mas deixou claro a Avalon que não se importava com a garota, apenas queria a garantia de que ela seria mandada para o rei, assim que o treinamento terminasse. Serena era esperta e logo notou como Aruk ficava na presença da garota ruiva.

*Trinta e Cinco*



O conselho estava mais divagante aquela tarde. Muitos apenas davam suspiros longos e repetitivos. Levavam a mão a boca, depois voltavam com ela para os joelhos.

O príncipe sempre tinha argumento para tudo, mas estava sem nenhum naquele momento. Apenas descansava o corpo ainda ferido sobre o tronco do rei.

Erond estava em pé; não se importou em ceder o lugar ao filho, logo seria dele mesmo.

—Sabemos o que a guerra nos custou. O que Alphien nos privou. —murmurou Barduh Mitrandir.

—E não temos as bruxas para nos ajudar dessa vez. —choramingou Galadriel Scarlet.

—O que o faz pensar que elas nos ajudariam dessa vez!? —rosnou Aragon Merlok.

—Se é mesmo verdade que o Lorde das Trevas retornou, precisamos pensar em algo rápido. Agora que ele fez sua primeira aparição, não deve demorar para nos atacar. —disse Vidgar Del Castro sensato.

—Precisamos informar todas as aldeias, vilas, ilhas. Não podemos deixar que sejam pegos de surpresa. Quanto mais aliados agora , mais chances teremos de vencer. —disse Aron.

—Aron tem razão. Não podemos adiar contar aos outros. Não sabemos quem está do lado de Alphien, então o alvoroço será em massa. —disse Erond. —Enviarei corvos a todos os líderes de cada criatura. Não sabemos de qual magia estamos lutando contra. Os rabiscadores não encontraram nada a respeito de magia perversa.

—Deixe que eu levo a mensagem para Avalon. Não o vi desde a coroação de Serena. —disse Aron.

—Ainda está fraco. —disse o rei.

—Isso não é nada.

—Não pode mais andar por Orion como se fosse seguro. —alertou Aragon. —Ainda é o futuro rei. Precisamos que assuma, caso algo aconteça ao seu pai.

—Não seja tão precipitado. Ainda tem Edmundo e Otto. —disse sarcático.

Era noite quando Aron Condoff chegou a Florence. As estrelas pairavam solitárias no céu.

Olhos atentos podiam ser vistos no alto das garitas do portão de Florence.

—O que traz o príncipe a Florence? —perguntou Avalon ainda no portão.

—Não vai me convidar para entrar? —brincou Aron.

—Acho que poucos aqui ficariam contentes com a sua presença ou de qualquer Ser de Luz. —avisou Avalon rígido.

—Vim como amigo, mas posso deixar de lado a cordialidade e ser apenas o príncipe a quem deve respeito. —disse com olhos em meia lua.

—O que deseja príncipe? —grunhiu Avalon por entre os dentes, permitindo que o herdeiro entrasse.

—Trago uma mensagem do rei. Mas não posso dizer aqui. Leve-me até a tenda de reuniões. —ordenou Aron indiferente. —E chame Aruk, vai ser bom ele ouvir o que tenho a dizer.

No pouco espaço de tempo, os três já estavam na tenda em volta da mesa com mapa de Orion entalhado.

—O que está acontecendo? —começou Aruk.

—Primeiro,eu queria dizer que sinto muito que Pandora esteja morta. —murmurou Aron. —Segundo, acho que sei quem pode estar por traz da morte dela.

—Diga o nome. —rosnou Avalon.

—O Lorde das Trevas. Ele voltou.

—O que disse? —disse Aruk com olhos sombrios.

—Eu e cem dos exércitos do meu rei, fomos emboscados e atacados nas colinas de prata. Só sobrevivi, pois o Lorde das Trevas queria que eu contasse ao meu pai sobre o seu retorno. —disse Aron envergonhado pela derrota.

—Está certo de que era ele mesmo? —disse Aruk.

—Alphien era o nome dele, mas acho que não conhecem...

—Conheço. Sou um dos poucos que o seu pai confiou esse segredo. Apagaram tudo sobre a existência dele aqui na Terra. Era um elfo de puro sangue. Então, é ele mesmo. —disse Avalon.

—Sim. O rei enviou um corvo para cada líder das criaturas, e decidi entregar pessoalmente essa mensagem a vocês. Sei que o meu pai foi muito negligente quando se tratando da sua esposa e da situação envolvendo não só ela, mas a todos. Peço perdão. .—murmurou Aron.

—O que quer que façamos? —disse Aruk.

—Uma reunião com todos os líderes será necessária. Apenas aqueles que escolheram esse lado da montanha e são leais a coroa. —disse Aron.

—Quando irá acontecer? —disse Avalon.

—Logo. Não sabemos se a mensagem chegará a todos. Talvez seja interceptava no caminho, mas não queremos arriscar perder mais guerreiros. —informou Aron. —Preciso voltar para Arãbergue ainda pela manhã. Até iria agora, mas as estradas já não são mais seguras.

—Podemos mandar filhos da natureza com você está noite, se quiser. —disse Aruk ansioso.

—Não ligo de passar uma noite na aldeia.

—Não terá tanto conforto, quanto teria no castelo. —acrescentou Avalon.

—Se eu não os conhecesse, diria que estão tentando se livrar de mim. —brincou Aron.

Todos riram desconfiados.

A aldeia parecia vazia, exceto por algumas filhas da natureza que iam e vinham da tenda de Serena.

O sol entrava pela fenda do tecido que sacudia com o vento.

—Já posso sair da tenda? —pergunto Asteríris para Aruk que acabava de entrar nos seus aposentos.

—Acho que sim. Não vi o príncipe Aron hoje. Não estava na tenda, então já deve ter partido.

—Desde que comecei a aprender bons modos com Serena, ela me faz tomar café todos os dias com ela. —resmungou Asteríris prendendo os cabelos em um coque desfiado.

—Não esqueça de esconder bem as orelhas. —caçoou Aruk.

—Cala a boca. —era riu contente por estarem se falando novamente.

—Apresse, pois vi Serena deixar a tenda a um bom tempo. O café já deve ter sido servido.

—Na verdade não. —era Serena entrando com suavidade na tenda de Asteríris. —Vim acompanhar você, mas vejo que o meu noivo também veio. —toda a graciosidade se desfez em seu olhar.

—Só vim falar que ela podia ir tomar o café com você e já estava de saída. Preciso encontrar com Avalon. —disse Aruk saindo da tenda.

Uma mesa bem-posta estava a poucos metros da tenda de Serena. Ela preferia que o seu café fosse servido ao ar livre. Se sentavam a mesa apenas ela, duas de suas senhoras e agora Asteríris como convidada mais recente.

—Teremos mais uma de suas damas a nos acompanhar no café está manhã? —perguntou Asteríris ao ver que tinha um tronco a mais.

—Na verdade, não. —disse Serena com um sorriso doce demais.

—Bom dia. —uma voz sútil saiu por detrás das altas árvores depois da tenda de Serena. —É tão agradável andar por Florence, uma floresta particular, pode se assim dizer. —era Aron.

—Que bom que pôde se juntar a nós. —disse Serena mais que contente. Ela não precisava fazer reverência. Assim que ela se voltou para o príncipe, ele fez uma reverência elegante.

—Não poderia deixar de tomar um café com a nova coroada mãe natureza. —disse Aron se aproximando cada vez mais. —Acho que não conheço suas senhoras.

—Essa é Diana. —uma menina jovem de cabelos castalhos e olhos tímidos sorriu e fez uma reverência apropriada ao príncipe. E está é Joana. —está era mais velha, com olhos escuros e cabelos pretos, também fez uma reverência ainda mais notável. —apresentou Serena.

—E quanto a ruivinha? —disse Aron olhando para Asteríris.

—Essa não é uma de minhas senhoras. É uma visitante como você. O nome dela é Asteríris. —revelou Serena sem se preocupar no que aquilo poderia ocasionar.

—Muito prazer. —disse Aron curvando a cabeça graciosamente na direção de Asteríris. —Não lembro de ler o seu nome no tratado. Um nome como o seu, deveria ser difícil de esquecer.

—Sou uma Hope, tem pouco tempo que nasci. —murmurou Asteríris pálida tentando esconder que estava encantada com o rosto perfeito de Aron.

—Ah, entendi. Precisa ir ao castelo depois, o seu nome deve ser colocado no tratado. —informou Aron.

—Vamos nos sentar. —disse Serena.

Serena ficou cercada por suas senhoras na mesa redonda, enquanto Asteríris ficou entre Diana e Aron.

—Você é mais baixa que as Hope que conheço. —disse Aron.

—Acho que vou crescer um pouco mais. —disse com um sorriso banguela. —Então, você é o príncipe!? Ainda não tive tempo de conhecer todo o reino.

—Logo o futuro rei. —disse Serena.

—Interessante. —disse Asteríris.

—Aron. —a voz grossa de Aruk chegou ao mesmo tempo que seus passos largos.

—Sim? —disse Aron se virando para ver Aruk. —Algum problema?

—Achei que já tivesse partido. —disse Aruk confuso.

—Sua noiva me convidou para o café. Não ousei recusar. —riu com graça desviando o olhar para encarar Serena.

—Hum, fez bem. —disse Aruk com a voz falha.

—Achei que seria bom Asteríris conhecer mais uma criatura, além de cascas grossas. —os olhos se estreitaram quando ela sorriu.

—É claro que achou. —gemeu Aruk. —Asteríris posso falar com você?

—Não! Não pode. —contestou Serena. —Ainda não terminamos o café, junte-se a nós ou retire-se.

Aron parecia não entender o que estava acontecendo. Por que tanta hostilidade?

Asteríris estava encolhida e envergonhada àquela altura.

—O que está acontecendo? —A voz de Avalon tirou todos do silêncio.

—Nada. —Aruk se afastou irritado da mesa e seguiu pela trilha que levava para sua tenda.

—Aron, ainda por aqui. —disse Avalon.

—É a segunda vez que ouço isso, e com o mesmo tom de surpresa. Alguém poderia me dizer o que está de fato acontecendo aqui? —Aron estava começando a se irritar.

—Não é nada. Apenas Aruk e seu temperamento. —disse Serena.

—Serena. —grunhiu Avalon. —Preciso que Asteríris venha comigo. Tem algo que preciso conversar em particular com ela.

—Tudo bem. —assentiu Serena insatisfeita.

*Trinta e Seis*



Todas as mensagens haviam sido entregues e respondidas. Seria necessária uma estratégia, para que todos fossem para Arãbergue sem serem atacados no caminho.

—Mandaremos uma carta informando o dia da reunião. Alguns antes que outros, virão para o castelo, colocarei instruções e datas diferentes para cada líder. —informou Erond ao filho.

—Todos do conselho já foram? —perguntou Aron.

—Sim. precisavam preparar os exércitos. As princesas serão enviadas para cá, assim como os príncipes. É mais seguro se eles estiverem aqui em Arãbergue. Estamos pensando em mobilizar os exércitos, temendo um ataque separado para nos enfraquecer. Guardas estão a postos nas estradas para evitar que uma esboscada se forme. —contou o rei. —E como foi em Florence?

—Tudo bem. —disse rindo. —Tem uma nova Hope, mas ela é bem diferente das que conheço. Os cabelos não são prateados, nem chegam perto disso. E também é baixa.

—Interessante.

—Falei para vir a Arãbergue assinar o tratado. Precisamos de cada criatura ao nosso lado.

—Fez bem. E qual o nome da Hope?

—Asteríris. Bem diferente para uma Hope.

—Quero que volte para Florence e me traga a Hope.

—Algum problema? —disse Aron preocupado.

—Não. Só estou curioso para conhecê-la. Pelo que disse, ela é diferente. —disse Erond idôneo.

Nem bem havia deixado Florence, e lá estava Aron de volta.

Chegou ainda pela manhã. O sol brilhava escaldante pelas frestas das árvores.

—Devo me preocupar? —perguntou Avalon se aproximando do portão. —É a segunda visita em um curto tempo, é de se estranhar.

—Diante do retorno do Lorde das Trevas é importante termos o máximo de aliados. Por isso, vim buscar a Hope. Ela precisa assinar o tratado o quanto antes. —contou Aron.

—Veio de Arãbergue só pela Hope!? —riu Avalon.

—Ordens do rei, apenas estou cumprindo-as. —disse sensato.

—Tudo bem. Vou pedir que ela se prepare para a viagem. Deve demorar um pouco.

—Eu sou paciente.

Aron parecia não ter esperado muito pelo ar tranquilo em seu rosto. Mas haviam se passado horas, desde que Avalon o deixou ainda a sombra do portão.

—Pedi que preparassem um cavalo para você. —disse Aron para Asteríris quando ela se aproximou.

—Obrigada.

—Desculpe a urgência, mas são tempos onde a lealdade está sendo questionada. Assine o tratado e estará liberada.

—Assim espero. —sussurrou apreensiva.

—Asteríris! —gritou Aruk correndo para o portão. —Irei com vocês.

—Está tudo bem. —disse Asteríris.

—Não, não está. —esbravejou Aruk.

—Aruk. —disse Avalon.

—Algum problema? —quis saber o príncipe olhando arisco para Aruk.

—Não é nada. Apenas vão antes que escureça. —disse Avalon.

—Seria mais seguro se eu fosse com eles. —insistiu Aruk.

—Sua noiva ficará descontente. Pode deixar que assumo daqui. —disse Aron brincalhão dando um tapinha no ombro de Aruk.

Aruk parecia a ponto de explodir. Estava pálido e a seiva transparecia por todo o seu rosto.

—Vai ficar tudo bem. —essas foram as últimas palavras de Asteríris antes do seu cavalo sair galopando quando Avalon o tapeou.

Asteríris estremeceu diante do enorme castelo diante do seus olhos. Era alto e cheio de janelas e tetos de vidro. Sua construção era esplendorosa com rochas claras. Uma ponte de cristal suspensa a três metros do chão, ia do riacho depois da estrada até os grandes portões de Arãbergue. O brasão da família balançava no topo da haste de metal.

Podia ver pontes altas que ligavam uma torre a outra. Algumas mais econdidas pela vegetação em arco-íris que subia pelas paredes e dava um charme as paredes brancas.

O caminho que haviam feito até chegar em Arãbergue, lembrava um pouco o seu mundo, apesar de haver mais estradas cortando por dentro das florestas em Orion. O castelo ficavam entre dois bosques, como o vilarejo onde ela vivia no mundo dos humanos.

Passaram por um salão vazio. Apenas com pilastras redondas. Outras portas se abriam para mais salões vazios, com harpas, alguns com mesas muito longas cheias de taças e talheres de prata esperando para serem usados. A última porta se abriu para um salão branco com estruturas e decorações em dourado. Não dourado, mas em ouro. No final, havia apenas uma escada com muitos degraus e uma balaustrada também em ouro.

Ela levava para a esquerda e para a direita em muitos outros lançes de degraus. Subiram mais escadas, passaram por mais pares de portas douradas, prateadas e de cristais. Desceram algumas escadas. E pareciam que não iam para lugar algum.

—Estamos quase lá. —Aron inrrompeu no silêncio.

—Não achei que um castelo pudesse ter tantas escadas quanto portas. —disse Asteríris asmática.

—Sinto muito. O meu pai deve estar na sala do trono aguardando por você.

—Senhor. —um guarda aguardava na entrada da sala do trono. —O rei pediu que a Hope fosse levada para uma sala privada.

—Temos muitas. —disse Aron.

—Senhor, ele pediu que ela fosse levada para a sala silenciosa.

—Mas lá não... Esquece. —suspirou exausto por viajar em bate volta. Vamos então, para a sala silenciosa.

—O que é a sala silenciosa? —disse Asteríris.

—Meu pai deve ter se enganado. A sala silenciosa é para interrogar sem ser incomodado ou ouvido. —disse Aron.

As paredes eram grossas, como se todas as paredes do castelo se juntassem em uma só naquela sala abafada e escura.

—O que faz aqui? —Aron perguntou ao pai.

—Então, está é a Hope? —disse o rei apontando para Asteríris que encontrava-se encolhida do lado de fora da porta pesada.

—Sim. —disse Aron. —Ela veio assinar o tratado.

—Se isso fosse necessário. —disse Erond calculista. Preciso que me deixe a sós com ela. Temos muito o que conversar.

—Pai?

—Obedeça sem questionar Aron. —disse o rei furioso.

A porta bateu nas costas de Asteríris. Não havia nada na sala, apenas uma cadeira de ferro. Nada de cordas ou lanças.

—Sabe o que é pior na mentira? —disse Erond, dirigindo Asteríris até a cadeira de ferro. Ela parecia um gnomo de jardim ao lado do rei, e isso era ainda mais assustador.

—Não. O que é? —a voz saiu fraca enquanto atravessava a sala silenciosa vagarosamente.

—O mentiroso. Disse que é uma Hope.

Erond inesperadamente agarrou a fita de cipó do coque de Asteríris e o puxou com força, fazendo com que os fios caissem sobre suas costas.

—Sem orelhas pontudas. —disse Erond revelando as orelhas humanas de Asteríris.

—Tire suas mãos do meu cabelo. —berrou Asteríris perdendo a calma e desfazendo-se das mãos grandes do rei.

—Assim que ouvi o seu nome, me veio uma lembrança. —disse Erond a poucos passos de Asteríris. Depois de tantos anos, ainda consigo me lembrar de algo que sempre achei tão patético nas bruxas.

—E o que seria? —rosnou Asteríris sentando-se.

—O nome.

—O nome?! —aonde ele queria chegar contando aquilo.

—Pela sua expressão ou é muito boa em esconder a verdade ou não sabe o que estou prestes a dizer.

—Podia ser direto, não me importaria. —de fato ela não sabia o que estava acontecendo.

—Seu nome Asteríris, uma escolha um tanto peculiar, não acha?

—É só um nome, o que tem?

—Aster, flor celeste; a flor do amor e paciência. Íris, a flor da sabedoria e coragem. É um jeito criativo que as bruxas encontraram para dar nome as filhas. Patético eu sei. —caçoou o rei sem tirar os olhos de Asteríris.

—Ainda não entendi.

—Asteríris, filha de uma bruxa, enviada para Orion. Quero saber o motivo.

—Você também é muito criativo. Inventou a hisória enquanto me esperava? —zombou Asteríris colocando-se de pé.

—Zombe o quanto quiser, mas isso não ajudará a manter sua cabeça grudada ao corpo. —ameaçou o rei. —Posso matá-la aqui e ninguém sentiria sua falta ou procuraria por você. —contra estás palavras Asteríris não tinha argumento. —Agora que tenho a sua atenção, me diga como entrou em Orion ou terei que usar meios mais agressivos para obter a resposta.

—Cai em um buraco, enquanto subia a montanha.

—Você pode fazer melhor que isso. —disse o rei calmo.

Erond abriu a mão direita e revelou um vidro prata com fios de ouro.

—Pensei que não fosse precisar, mas já que insiste.

O pó dourado que Asteríris já estava familiarizada, caiu sobre o seu rosto e a fez fechar os olhos rapidamente. Era ainda mais irritante quando caia dentro dos olhos. Ficavam irritados e lacrimejando.

—Como chegou em Orion? —perguntou Erond. —As bruxas estão aqui desde quando?

—Estava andando pela montanha quando cai em um buraco empoeirado e quente. Não sei onde elas estão aqui ou no outro mundo.

—Magia! —esbravejou o rei irritado.

—Caiu sozinha?

—Sim.

—É filha de uma bruxa?

—Não que eu saiba.

—Uma bruxa enviou você?

—Não.

—Avalon sabia que era humana?

—Sabia.

—Há quantos dias?

—Há poucos dias.

—E por que ele a manteve escondida?

—Pedi a ele que me desse uns dias. E eu mesma viria até você.

—O que pretende fazer agora que está em Orion?

—Não causar problemas e descobrir um jeito de voltar para casa.

—Por que fingia ser uma Hope?

—Para que mais nenhuma criatura soubesse que sou humana. Avalon disse que poderia causar guerra.

—Sabe quem é Alphien?

—Nunca ouvir falar.

—Tem poderes?

—Nem de longe.

—Então, o que fazia andando na montanha?

—A carroça que me levava para a cidade próxima da montanha, foi saqueada e fugi para a montanha tentando me livrar dos homens maus e foi quando vim parar nesse mundo.

—Acho que chega por hoje. —bufou o rei frustrado. —Ficará em um dos quartos no mesmo andar dos meus aposentos. Pedirei que um guarda leve você. Não dirá uma só palavra a ninguém.

Aron aguardava impaciente do lado de fora da sala silenciosa.

—O que está acontecendo? —esbravejou o príncipe preocupado.

—Venha comigo, contarei tudo a você. —ordenou o rei antes de dar instruções ao guarda em pé ao lado da porta.

—Sim, senhor. —ele fez uma reverência e levou Asteríris por mais escadarias, corredores largos e também estreitos.

*Trinta e Sete*



Desde o interrogatório, Asteríris não havia se encontrado mais com o rei nem mesmo com Aron.

As manhãs, passava na presença das damas de Luz. Não que podia virar amiga delas, longe disso. Estava proibida de dizer mais que cinco palavras em uma única frase e para mais de um Ser de Luz.

—As minhas damas de companhia estão me achando arrogante demais. —disse Asteríris chegando no pátio onde Aron treinava com seu arco.

—Acrescente mais isso a sua personalidade. —disse Aron com faíscas nos olhos.

—Não entendi.

—Além de mentirosa, é também arrogante ruivinha. —esbravejou novamente.

Asteríris puxou o ar com força e o soltou rapidamente.

—Queria que eu dissesse que era humana logo de cara?

—Fale baixo! Alguém pode ouvir você.

—Só vejo nós dois aqui no pátio.

—Irritante. Acrescente na lista.

—Quem parece arrogante é você, príncipe Aron Condoff. —caçoou ela já muito irritada. —Até quando pretendem me manter presa aqui?

—Até quando acharmos necessário. —ele acertou o alvo bem na marca vermelha.

—Quero ir para Florence. Posso fingir ser uma Hope lá.

—Só saíra do castelo quando for para sua casa.

—Pode ao menos me ensinar a usar um arco? —ela tentou mudar o rumo da conversa.

—Quer que eu ensine a você como usar um arco!? Jamais. Poderia facilmente usá-lo contra mim.

—E por que eu faria isso?

—Me diz você.

—Você é tão desnecessário. —cochichou para si.

—Desnecessário!? E você seria o que ?

—Acho que foi uma péssima ideia sair do quarto. Lá não tenho que aturar nenhum príncipe arrogante.

—Hope. O rei solicita a sua presença na sala silenciosa. —um guarda veio avisar.

—Angry...mais pó dourado. —gemeu Asteríris enquanto acompanhava o guarda.

O rei estava magestoso ao lado da cadeira de ferro na sala silenciosa.

—Temos assuntos a tratar. Nos deixe a sós. —ordenou para o guarda.

—O que será dessa vez? —disse Asteríris ignorando o gesto do rei para que se sentasse.

—Uma criatura muito poderosa tem assombrado Orion. Ele é conhecido com Lorde das Trevas. E estou lhe contando isso, pois a sua presença no meu reino dificulta ainda mais as coisas. Nenhuma criatura pode saber que você é humana. Isso não só atrairia atenção indesejada para você, como a coroa poderá perder aliados. Se fizer qualquer estupidez estará arriscando perder a cabeça.

—Tudo bem. Não direi nada.

—E mais uma coisa. Logo o castelo estará com hospedes que não sabem sobre você. Terá que ser muito discreta e se portar como uma verdadeira Hope. Pedi que deixassem uns livros sobre as Hope nos seus aposentos. Leia, aprenda e reproduza.

—Entendido. Leia, aprenda e reproduza. Já posso ir?

—Sim.

O almoço não seria servido no quarto. O rei havia convidado Asteríris para se juntar a ele e ao filho a dois andares abaixo, onde uma mesa grande o bastante para cem pessoas havia sido preparada.

Ela estava estonteante com um vestido azul royal bem justo até a cintura, depois se abria em várias fendas soltas e com muitos brilhos também em azul.

—Até parece da realeza. —disse Erond quase que com um sorriso.

Aron não parecia contente com a presença de Asteríris.

—Príncipe. —disse fazendo uma reverência tosca para Aron e depois para o rei.

Ela se sentou de frente para Aron, mas a mesa era larga o suficiente para não precisarem se encarar por muito tempo. O rei estava na ponta e parecia não ter notado o descontentamento do filho por Asteríris ter se juntado a eles.

—O baile de verão está próximo. Achei que seria melhor sediarrmos. O que acha Aron? —perguntou o rei.

Mais bandejas de prata entravam e saiam à medida que os servos iam servindo os três.

—Achei que não teriamos o baile de verão. —essa foi a resposta do príncipe.

—O reino precisa de algo com que se alegrar. Afinal, você escolherá a futura rainha de Orion.

O que quer que estivesse na boca de Asteríris, saltou para fora e caiu no meio da mesa, entre ela e Aron.

—Algum problema? —perguntou o rei.

—Desculpe, acho que engasguei com o...

—Marisco. —completou Aron.

—Isso. —ela limpou a garganta.

—Gosta de bailes, Asteríris? —o rei dirigiu-se a ela educadamente.

—Não que eu já tenha ido em algum. Mas aposto que iria adorar ir a um baile. —disse ela um pouco corada.

—Logo teremos um baile de verão. Acredito que saberá se comportar apropriadamente. —disse Aron desdenhoso.

—É claro. —grunhiu Asteríris.

—Por que o seu cabelo tinha que ser tão ruivo? —resmungou o príncipe.

—Não sei. Pergunte aos meus pais. —devolveu irritada.

—Perguntarei se vir eles. —cutucou Aron.

—Chega vocês dois. Achei que sabiam se comportar a mesa. —gritou o rei. —Use o seu cabelo preso da próxima vez. Quase consigo ver suas orelhas humanas daqui.

—Desculpe, sai apresada para o almoço e esqueci de prender. —sussurrou Asteríris.

O jantar havia sido estranho e muito desconcertante. Aron parecia de fato muito importunado com os fios ruivos de Asteríris. Tocava o próprio cabelo enquanto fazia cara de irritado para Asteríris. O rei fingiu não notar, mas estava se divertindo com a implicância do filho.

—O que faz tão tarde aqui no pátio? —disse Aron.

—Estou treinando acertar o alvo. —disse Asteríris sem se dar o trabalho de parar e fazer uma reverência para o príncipe.

—Desse jeito, jamais vai acertar qualquer coisa. —ele estava próximo o bastante para que ela pudesse sentir sua presença irritante. Ao menos pegou um arco apropriado. A posição dos pés está errada. Mantenha-os alinhados e espassados, mas não muito. Levante mais o cotovelo e deixe sua mão abaixo do queixo.

—Disse que não me ajudaria. —rezingou Asteríris.

—Não se curve, fique sempre ereta. Quando for soltar a corda, relaxe o dedo e no mesmo movimento traga sua mão para trás de sua orelha.

A flecha zuniu no ar e acertou a marca vermelha do alvo. Asteríris pulo de alegria e quando notou estava nos braços de Aron.

—Desculpe, acho que me deixei levar. —disse ela se afastando corada.

—Preciso ir. —Aron saiu mais rápido que a flecha atirada por Asteríris.

Uma semana havia se passado e nada havia mudado.

As aulas de arco-flecha sozinha estavam indo bem. Os almoços e jantares eram mais frequentes e Aron pegava bem menos no seu pé agora. Na verdade, nem conseguia dirigir duas palavras a Asteríris sem repugnância.

Aruk havia enviado uma carta por um corvo. Não dizia nada demais. Apenas poucas palavras que revelavam o quanto sentia a falta da garota de cabelos de fogo. Asteríris escreveu de volta. Em poucas palavras contou como estava sendo viver no castelo e como Aron tornava os almoços e jantares uma constante tortura para ambos.

As cartas começaram a ser frequentes. Ambos escreviam sobre os dias, e o que faziam para passar o tempo. Aruk contou como estava ansioso pelo baile de verão, pois assim poderiam se ver, já que o pai o proibiu de sair de Florence diante do que vinha acontecendo.

Nada estava acontecendo na verdade. O Lorde das Trevas não havia reaparecido, e isso acabava deixando todos ainda mais preocupados. O baile de verão seria uma forma de avivar os ânimos das criaturas de Orion e fazer alianças fortes.

—Chegaram dois dias antes do verão começar. —disse Erond para os novos hospedes.

—Rei. —Elena Mitrandir fez uma reverência antes de estender a mão para receber um beijo do rei.

—Está magnífica. —disse Erond sorridente. Algo estava errado ali.

—Espero que restem elogios para mim. —era Atena Scarlet com um vestido verde água, belíssimo.

—Sempre. —o rei a beijou também.

—Pare de puxar o saco de todas elas ou vão acreditar serem a futura rainha. —brincou Samira Merlok com um sorriso radiante.

—Nunca estive na presença de princesas tão belas. —era Otto. Engraçadinho como sempre.

—Cale-se ou elas fugirão de você. —disse Edmundo com um traje elegante e sério.

—Aron logo virá para receber vocês. Peço que se dirijam para o salão de festas. Mandei que preparassem uma recepção apropriada com música e vinho. —disse o rei.

—Você nunca erra. —gritou Otto, já saindo pelas grandes portas de ouro.

O salão de festas estava cheio de servos, com bandejas de vinhos, torradas, pães e muitas frutas. O príncipe ainda não havia aparecido e nem Asteríris parecia ter chegado. Teria sido convidada?

Aron entrou segurando a mão de Asteríris.

As princesas logo começaram a fofocar sobre a garota de cabelos ruivos ao lado do príncipe.

—Aron, não vai apresentar sua amiga? —Otto era tão irritante.

—Asteríris, uma Hope que nasceu recentemente e veio assinar o tratado. Está tão encantada com o castelo que decidiu ficarem alguns dias. —disse Aron.

Asteríris fez uma reverência para Otto e para todas as princesas que se amontoaram para conhecê-la.

—Uma Hope com cabelo de fogo. Rum. —disse Samira deselegante.

—Acho que as próximas terão cabelo roxo. —zombou Asteríris tentando quebrar o gelo e tirando alguns sorrisos.

—Gostei do seu vestido. —disse Atena tentando ser simpática.

—Obrigada. —Asteríris vestia um vestido lilás de seda, justo até os joelhos e depois um tecido bufante descia até o chão na mesma cor.

—Aron, o que preparou para o baile de verão? —disse Otto. —Dá última vez quase perdeu a coroa. —riu malicioso.

—Otto. —cutucou Elena sem muito alarde.

—O que aconteceu no último baile? —disse Asteríris chamando a atenção para ela novamente.

—Aron...

—Já chega. —interrompeu Aron a Otto.

—Vamos dançar. —sugeriu Samira puxando Aron pela mão e o guiando até o centro do salão.

—Quer dançar Asteríris? —disse Edmundo estendendo o braço para Asteríris que não pensou duas vezes e o agarrou.

—Confesso que ainda não dancei desde que nasci. —disse Asteríris, corando não só por seu total falta de conhecimento a respeito de danças, como também por tamanha beleza que um único rosto podia carregar. Edmundo era belíssimo, e tinha a graça de um verdadeiro príncipe.

—Vamos devagar antão.

Aron passou boa parte do tempo que esteve dançando com Samira apenas observando Asteríris do outro lado do salão. Ele se divertia a vendo ela pisar repetidas vezes no pé de Edmundo que parecia não se importar.

—Eu disse que não sabia dançar. —Asteríris estava constrangida.

—Posso ensiná-la se quiser. —disse Edmundo gentilmente.

—Talvez eu aceite o convite.

A recepção se arrastou até o almoço. Todos se sentaram a mesa e o rei parecia verdadeiramente contente com tanta campainha.

As cores dos vestidos pareciam ter sido combinadas. As princesas usavam um rose clássico; todas de frente única, aberta em meia lua na parte de trás. Usavam tiaras de prata com diamantes brancos que agregava elegância ao coque.

Asteríris por outro lado, estava com um vestido esmeralda bem comportado. Não teria chamado tanta atenção se sua beleza não tivesse sido realçada pela cor verde.

Sem surpresas no almoço. Todos a tratavam com respeito e admiração por se uma Hope e por seus poderes de cura.

Aron pela primeira vez tentava não ser grosseiro ou implicava com os fios ruivos dela durante o almoço. E como poderia, com tantos hospedes a mesa.

A noite o rei abriu o salão de jogos de xadrez.

Aron ganhou de Otto muitas vezes seguido. Asteríris jogava com Edmundo, que com muita paciência a ensinou jogar. Samira competia com Atena e as duas pareciam prontas para fazer a outra engolir as peças de xadrez. Elena persistia em uma vitória contra o rei, mas falhava miseravelmente.

—Acho que o príncipe está com certa dificuldade para escolher uma princesa. —disse Elena tentando um xeque-mate.

—Com o baile próximo e vocês todas aqui, ele logo tomará sua decisão. —disse Erond concentrado no jogo.

—Está pronto para passar a coroa?

—Estou pronto para ver o meu filho me superar.

—Ele será um rei e tanto. O rei deve ter sua preferência por uma rainha.

—Não cabe a eu escolher a futura rainha. Não vejo problemas com nenhuma das três opções. Só quero que Aron escolha logo. Assim, as outras poderão escolher entre os outros príncipes. —disse o rei sensato.

—É claro. —Ele se deu por satisfeita.

*Trinta e Oito*



Asteríris acordou na manhã de verão de 21 de dezembro de 165 da Era da Luz com o barulho dos servos do rei. Ela estava alojada entre o quarto do príncipe e do rei, o que era uma constante irritação, pois eram muitos os servos que iam e vinham sem serem discretos.

Uma das damas de Asteríris já havia deixado o vestido pendurado sobre o biombo de vidro. Era de tule branco com saia bailarina, pérolas brancas subiam por ele todo.

As princesas já estavam sentadas a mesa do café. O rei não havia chegado, por isso, ninguém havia sido servido.

—Bom dia, bom dia. —era Otto feliz por demais aquela manhã. —O verão chegou e não vejo a hora de saber quem será a futura rainha.

—Cale-se. Não estrague o café. —resmungou Samira com olhar de desdém.

—Quanto mau humor. — disse Elena.

—Samira não suporta Otto. —zombou Atena tirando um sorriso de Edmundo que acabava de entrar no salão.

As paredes estavam decoradas com estrelas douradas. Gladíolos em vasos de cristais estavam espalhadas pelos móveis de vidro e na mesa do café. O sol entrava pelas janelas transparentes enfileiradas no fundo do salão. Não estavam mais a dois andares abaixo e sim a três. Era o salão especialmente reservado para as refeições durante o verão. Era possível desfrutar aquela estação com mais esplendor naquele cômodo.

—O rei está atrasado, não acham? —disse Otto.

—Um rei nunca está atrasado. —disse Erond entrando ao lado do filho e logo atrás vinha Asteríris.

Todos se sentaram a mesa. Um silêncio preencheu o ambiente antes de uma harpa tocar suavemente no canto oposto do salão.

—Quando começarão os preparativos para o baile de verão? —disse Samira olhando esperançosa para Aron.

—Hoje. —disse o rei contente.

—Como Aron vai sediar o baile, ele terá que escolher com quem ele irá entrar. —disse Samira pretensiosa.

—Acho melhor entrar com Asteríris. —disse Aron desviando o olhar para o rei. Todos pareciam confusos tanto quanto Asteríris que ficou vermelha em instantes. —Sabe. Seria muito óbvio escolher uma princesa para entrar comigo, então nada melhor que entrar com alguém que não compete pela minha mão.

—Ah... tem toda razão. —disse Atena aliviada.

—Espero que eu não precise dançar. —murmurou Asteríris.

—Eu ofereci ensiná-la, mas como não me procurou, tomei como um não a proposta. —disse Edmundo magoado.

—Desculpe, me distrai lendo e acabei esquecendo como sou uma completa negação quando se tratando de dançar. —disse Asteríris percorrendo o olhar por todos um tanto envergonhada.

—Podemos dançar hoje. —disse Atena. –Podíamos ir para o salão de festas e ensaiar. Acho que nem me lembro quando trocar de parceiro. —riu amigável.

—Acho excelente. —disse o rei.

—Tudo bem. —assentiu Asteríris.

A harpa magicamente tocava algo mais lento no salão de festas. Atena tentava ensinar Asteríris o momento exato que ela teria que deixar seu par e pular para outro.

Asteríris soltava a mão de Otto e corria para os braços de Edmundo sem perder o ritmo. Depois do primeiro giro suspensa no ar, ela mudava para Aron. Iria de um lado para o outro com a mão direita levantada e depois a esquerda, próxima o bastante para sentir o calor das mãos de Aron, três vezes e trocaria de novo.

—Não se apegue aos príncipes, pois terá mais parceiros para dançar no dia. —alertou Elena.

—Terei que trocar até a música parar? —Asteríris parecia apavorada com a ideia de errar diante de tantas outras criaturas.

—Sim, eu sei que é cansativo, mas você se acostuma. —disse Samira.

—Pode dançar só comigo se quiser. —disse Otto a tomando pelos braços.

—Dispenso. —disse Asteríris fazendo todos rirem muito. —Quando conheci o rei, achei que jamais o veria sorrir. Pensei que todos os outros Seres de Luz fossem frios e sem humor. — Posso dizer que estava errada.

—Estamos a muitos anos juntos. Aprendemos a gostar uns dos outros, apesar de querer matá-los na maior parte do tempo. —disse Samira. —Logo vai perceber como somos hediondos quando se tratando de conquistar a coroa. Estamos apenas nos divertindo antes da disputa começar.

—Disputa? —Asteríris não compreendeu e sorriu.

—Uma querendo jogar a reputação da outra aos lobos. —disse Atena pela primeira vez parecendo assustadora. —Vale de tudo.

—Mas o príncipe já deve ter escolhido a futura rainha. Não precisam disputar entre si. —disse Asteríris confiante de suas palavras.

—Isso é só uma forma de deixar tudo mais interessante. E, para mostrar nossa persistência. Estamos falando da coroa. Ser rainha é uma honra. Ainda mais quando o futuro rei é um Condoff. —disse Elena.

—Deixe de bobagem. —disse Edmundo. —Asteríris vai ficar aterrorizada com vocês. Ainda bem que ela não faz parte dessa disputa tola pela coroa ou estaria em apuros. Ela é boa demais para vocês.

As princesas não deram muita importância a fala de Edmundo.

—Que bom que só tenho três opções. Isso torna tudo mais fácil. —disse Aron aproximando-se.

—Acho melhor eu me retirar. Estou um pouco cansada. —disse Asteríris.

—Eu acompanho você. —murmurou Edmundo.

—Pode deixar que eu a acompanho. Ela ainda se perde em tantos corredores. —disse Aron estendendo o braço para Asteríris.

—Posso achar o meu quarto sozinha. —ela saiu deixando todos mudos.

A decoração dourada deixava claro que era o baile de verão. As mesas em volta do salão tinham muitas bandejas de ouros com frutas, torres cheias de um líquido purpurinado, doces de amora, morango e nozes.

Flâmulas em dourado pendiam no alto do teto e descia revelando o brasão da família Condoff.

O chão parecia ter sido pintado de ouro.

As taças com bordas douradas iam de um lado para o outro em bandejas bem erguidas.

Uma flauta acompanhava a harpa em algum canto do salão.

Um trono de folhas de videira também em dourado estava no final do salão de frente para a grande porta. O rei Erond já estava sentando apenas observando todos os convidados. Sua roupa era preta, com traços em dourados pela capa e na borda da calça. A bota preta de couro tinha uma fivela em dourado que ficava exposta por entre a capa.

Todas as princesas já haviam chegado, acompanhadas dos príncipes Otto e Edmundo, que usavam branco em um traje elegante.

As princesas usaram a competitividade e exageraram o máximo nos vestidos.

Atena estava com um corpete branco com bordados em dourado que se estreitava até os joelhos e depois se abria na parte de trás.

Elena usava um vestido de seda cintilante. Com uma fenda tanto na parte de cima do colo, quanto nas costas.

Samira era presunçosa para ficar atrás. Colocou um vestido mais dourado do que branco. Justo desde a cintura até o chão.

Mas todos os olhares se voltaram para Asteríris quando adentro no salão ao lado de Aron. Eles usavam as mesmas cores do rei. Preto e dourado. Asteríris usava um vestido de manga longa de cetim de seda, bordada com raios de sol, com uma saia de tule preto azulado. Aron usava uma capa de gola extremamente sofisticada com bordados de sol que desciam por todo o tecido. O traje de baixo era preto com bordas em dourado.

—Ela está radiante. —disse Otto de queixo caído.

—Se ela não fosse uma Hope, certamente seria uma das opções do príncipe. —disse Edmundo encantado.

—Vocês são irritantes. —esbravejou Samira com inveja estampada em seus olhos.

—Ela ficou perfeita. —disse Elena.

—Confesso que por um momento fiquei com inveja. —disse Atena.

—O que estão ciciando? —era Asteríris com um sorriso de orelha a orelha.

—Como está linda. —disse Edmundo fazendo uma reverência não muito necessária.

—Eu que devo me curvar ao príncipe, não o contrário. —disse Asteríris fazendo uma reverência pela primeira vez graciosa.

—Sabe quem o príncipe vai escolher? —disse Elena ansiosa.

—Não. —assegurou Asteríris. —Quando ele fará o pronunciamento?

—Acho que depois... aí minha cabeça. —disse Atena. —Acho que vou desmaiar.

—Fique calma. —disse Asteríris tocando gentilmente o ombro da princesa Atena.

—Espero que Aron não faça nenhuma estupidez dessa vez. O meu pai não vai querer que eu me case com um tolo. —disse Samira emburrada.

—Nem sabe se ele vai escolher você. —retrucou Atena.

—Fica quieta ou coloco você para dormir logo, logo. —rosnou Samira.

—Princesas, isso não são modos. —disse Otto se divertindo com as briguinhas.

—Boa noite, princesas. —Aron se aproximou quando viu faíscas nos olhos de Samira.

—Diga logo quem você vai escolher, antes que elas se matem. —disse Otto.

O rei se levantou do trono e a música parou.

—Como todos sabem, esse não é só mais um baile de estação. Hoje é um dia para fortalecer ainda mais as alianças entre as famílias de Seres de Luz e acima de tudo, selar nossa aliança a todas as criaturas que buscam viver mais e mais anos na Era da Luz. —disse o rei ovacionado pelos súditos. —Estamos vivendo tempos sombrios, onde é preciso provar que a sua lealdade é com a coroa. Todos já sabem da ameaça que o reino de Orion vem enfrentando. Sim, o Lorde das Trevas retornou e parece mais forte e com desejo de tomar o poder para si. Mas, que poder ele quer tomar? Não é só a coroa que está em jogo, mas a vida de cada criatura que vive da Luz. Então, estejam prontos para lutar. E aqueles que não lutarem, serão considerados inimigos da coroa.

As vozes cresceram quando o rei voltou a se sentar no seu trono. Ele de fato era impiedoso e não permitiria que nenhuma criatura ficasse de fora da guerra.

—Não devia ter dito aquilo. —sussurrou Aron ao lado do pai.

—Não colocarei apenas os meus exércitos para lutarem uma guerra que é de todos. —murmurou o rei. —Muitos morrerão, e não deixarei que seja só o nosso povo a ter perdas.

—Estão todos assustados com o que pode acontecer.

—Aron, estamos em guerra. É normal estarem assustados. Ficariam mais, se soubessem quem de fato é o Lorde das Trevas.

—Pai. —disse Aron se afastando do rei.

O centro do salão se esvaziou quando treze inferiores insinuaram que era hora da dança.

Aron acompanhou Asteríris pelo salão. Edmundo estava ao lado de Samira e logo atrás vinham Elena segura em Otto. Atena já havia se misturado entre os treze.

A música acelerava o ritmo à medida que os pares iam trocando.

—Está apresentável, ruivinha. —sussurrou Aron quando Asteríris veio para os seus braços, as palavras a fizeram estremecer. —Ele a rodou no alto e se desfez dela logo em seguida.

—O príncipe parece não gostar de você. —disse Otto sentindo apenas o calor da mão direita de Asteríris.

—Ele é sempre desagradável. —disse sorridente. Ela subia e descia as mãos, rodopiando de um lado para o outro sem parar. —ela não sabia o motivo do herdeiro mexer tanto com ela.

—Não vai pisar no meu pé. —brincou Edmundo quando Asteríris colocou a mão sobre a dele.

—Hoje não. —ela respondeu antes dele a girar segurando apenas as pontas da sua mão direita.

A música tinha trocado, mas ninguém parecia ter notado, continuavam em perfeita harmonia com a dança.

—Já percebeu como Aron olha para a Hope? —disse Samira para Otto.

—Como se não gostasse dela. Já.

—Não sei. Ele parece sempre olhar para ela quando Edmundo se aproxima ou dança com ela. Veja. Ele está olhando para Asteríris nesse exato momento.

Aron dançava com Elena, mas seus olhos observavam Asteríris dançar com Edmundo.

—É difícil saber o que um Condoff anda pensando. —disse Otto.

—Ainda bem que ela não pode ser escolhida ou eu teria que fazer algo para impedir. —esbravejou por entre os dentes.

—Relaxa... Aron certamente vai escolher você. É perfeita para o cargo de rainha.

—Que bom que sabe.

—Eu mato-o se não a escolher. —disse Otto deixando escapar um sorriso.

—Você consegue ser menos irritante quando está tentando me agradar.

A música parou e Aron estava com uma inferior como par. Era sempre mais chamativo quando terminava com uma princesa nos braços, mas não foi o caso.

—Como todos sabem, hoje escolherei a futura rainha de Orion. —disse Aron quando todos os pares se desfizeram, deixando o centro vazio. —Se fosse possível, escolheria todas certamente. —essas palavras fizeram com que todos no salão rissem.

—Suba aqui. —disse o rei.

Aron subiu até o trono e ficou ao lado do pai.

—Bem. Eu levei em conta uma coisa para fazer minha escolha. Como todos sabem, a família Condoff, na verdade o rei Erond, o meu pai, é visto como impiedoso. E temendo ser visto como impiedoso. —aquelas palavras pareciam divertir a todos sem ofender o rei. —Escolhi uma princesa que vejo ser paciente, muito piedosa, e gentil. E sei que aprenderei muito com ela ao meu lado. Por isso, escolho Atena Scarlet como minha futura esposa e rainha de Orion.

Atena pareceu prestes a desmaiar quando ouviu o seu nome. Demorou bem mais que o esperado para chegar do lado de Aron, que a esperava ainda junto ao rei. Samira parecia soltar fogo pelas narinas. Elena por outro lado, estava contente com a escolha de Aron, não que não quisesse ser rainha, mas tinha Edmundo como opção ainda. Poderia ser rainha um dia, caso voltassem para a constelação de Orion, onde a família Mitrandir tinha o seu próprio povo para governar.

—Desapontada? —disse Asteríris aproximando-se de Elena amigavelmente.

—Um pouco, mas Atena é perfeita. —disse Elena forçando um sorriso. —Mas acho que Samira tentará algo para fazer Aron mudar de ideia.

—E ele pode mudar de ideia? —disse Asteríris ansiosa.

—Sim. Mas não seria elegante e bom para a relação da família Condoff com a Scarlet.

—Entendo. Coitada da princesa Atena. —lamentou Asteríris imaginando o que Samira faria para fazer a princesa desistir da coroa.

*Trinta e Nove*



—Carta para Asteríris.

Uma voz grossa soou por detrás da porta dourada.

—Pode entrar. —gritou Asteríris terminando de ajeitar o coque em frente a um lindo espelho de bordas de ouro e flores retorcido.

A porta se abriu devagar e um rosto conhecido apontou sobre ela.

—Conseguiu ficar ainda mais bela usando vestidos reais. —Aruk entrou sorridente ao ver Asteríris em seu belíssimo vestido na cor creme em camadas.

—Devo estar sonhando. —riu ela correndo para abraçá-lo. —O que aconteceu que ninguém de Florence apareceu no baile ontem?

—Serena. —disse desanimado. —Ela não estava se sentindo bem, e meu pai temendo ser envenenamento, não permitiu que ninguém saísse da aldeia.

—Acho que podemos ir à cozinha e comer algumas tortinhas de morango e amora.

—Seria bom. E como foi o baile?

—Divertido. Até dancei com o rei. —zombou ela.

—Francamente. Vejo que se tornou uma perfeita mentirosa.

—Graças ao seu pai. O rei caiu direitinho nas minhas mentiras. —os dois caíram na gargalhada.

—O que pretende fazer agora?

—Estava pensando em ir para Florence, ao menos por uns dias. Acho que o castelo vai começar a ficar insuportável agora que Samira não foi escolhida como futura rainha.

—Ouvi que ela é a pior dentre as três.

Estavam sentados ao pé da cama quando alguém bate na porta.

—Asteríris. —era Aron.

—Pode entrar.

—Aruk. Não sabia que estava em Arãbergue. —disse Aron frio e o rosto retesado.

—Acabei de chegar. Vim ver se Asteríris está sendo bem tratada.

—É claro que veio. —disse o príncipe voltando a olhar fixamente nos olhos de Asteríris.

—Como posso ajudar? —a voz dela quase não ousou sair ao perceber que o herdeiro a encarava secamente.

—Só vim chamar para o café. —disse Aron pálido.

—Vou tomar café com Aruk aqui no meu quarto, se não se importa. —disse docilmente.

—Não mesmo. —Aron deu meia volta sem aviso.

O pátio estava barulhento. Samira parecia querer acertar bem mais Atena do que a marca em vermelho. Aron estava sentado ao lado da futura rainha em poltronas vermelhas de veludo, debaixo de uma tenda de madeira e folhas construída a poucos instantes.

Asteríris brincava com o arco, enquanto Aruk lhe dava algumas dicas de como acertar o alvo, mesmo que ele estivesse se movendo. Por outro lado, Elena prestava atenção em cada palavra de Edmundo, queria impressioná-lo agora que ela era uma opção para ele.

Havia cinco alvos. Otto parecia mais preocupado com o alvo de Samira do que com o seu. Para um Ser de Luz, ele era péssimo com arco, por isso não havia acertado nenhuma flecha, nem passara perto disso. Atena estava radiante ao lado de Aron. Ela sorria e incentivava Elena.

—Quer tentar? —Aron perguntou prestativo.

—Acho que não custa nada. —disse sem jeito.

Eles se posicionaram ao lado de Asteríris e Aruk.

—Devia ter trazido a sua noiva. —implicou Aron com Aruk. —Afinal, por que não vieram ao baile?

—Serena não se sentia bem. —disse Aruk.

—E ainda sim, você está aqui. —continuou o príncipe insultuoso contra Aruk.

—Acho que a minha presença não o agrada, não é mesmo?! —retrucou Aruk acertando o alvo sem nem olhar para ele.

—Agora entendo toda aquela surpresa a me ver no café com sua noiva. —disse Aron fazendo com que todos lhe dirigissem a atenção.

—Aron, já chega. —murmurou Asteríris largando o arco no chão.

—O que está acontecendo? —Atena parecia no meio do fogo cruzado.

—Nada. —disseram em coro. Aruk voltou a mirar o alvo, enquanto Aron cochichava para Atena.

Asteríris recolheu o seu arco do chão e preparou outra flecha.

—Eu não disse. —sussurrou Samira ao pé do ouvido de Otto.

—O que? —ele não entendeu nada.

—Aron gosta da Hope. —ela riu diabólica. —E vou usar isso ao meu favor.

—Está maluca. Ela é uma Hope. —disse Otto errando mais uma vez o alvo. —Não pode ser.

—Rum. —Samira era assustadora quando estava pensando na coroa. —Já sei. Que tal um jogo?

—Jogo? —disse Edmundo.

—Sim. Atirar flechas é bom quando se ganha alguma coisa ou se mata alguma coisa. —as palavras saíram como lâminas afiadas da boca de Samira.

—O que propõe? —foi a vez de Otto.

—Primeiro uma disputa entre as damas e depois entre os cavalheiros. —disse Samira. —Ambos que ganharem, terão um jantar no salão de espelhos.

—Não é o rei para oferecer um jantar no salão de espelhos. —pestanejou Aron.

—Até parece que o rei vai ligar se usarmos aquele salão. —devolveu sem se importar de que falava com o futuro rei. —Vou melhorar. O príncipe ou Aruk, que ganhar, poderá escolher a campainha. O que me dizem? —disse Samira com olhos em brasa.

—Estou fora. —gritou Otto recebendo um olhar de desaprovação de Samira. —Somos Seres de Luz, não vamos errar fácil.

—Você sim, pelo que parece. —zombou Samira.

—Com qual finalidade esse jogo? —disse Edmundo tentando entender onde a princesa queria chegar. Sabia que Samira era esperta a ponto de propor um jogo entre príncipes e um filho da natureza.

—É só para ser divertido.

Aruk foi o primeiro a atirar a flecha contra o alvo. Ela acertou a marca vermelha. Na vez de Otto a flecha caiu sobre a sombra do alvo. Aron acertou o alvo na marca vermelha, e ganhou algumas vivas de Atena. Edmundo acertou o alvo, mas não a marca vermelha. Nada de pontos para ele.

A segunda rodada foi mais divertida. As damas marcariam pontos para os cavalheiros. Asteríris acerto a marca vermelha para Aruk. Atena se esforçou e passou perto de acertar a marca vermelha, mas ainda assim, ganhou um sorriso de Aron. Samira marcou ponto para Otto que quase a beijou de orgulho. Elena em toda a sua graça, acertou o alvo perfeitamente e ficou surpresa quando marcou o ponto, não praticava havia anos.

A última rodada era quase impossível acertar. Com os olhos vendados Otto errou miseravelmente o alvo e riu quando viu que a flecha estava fincada em uma árvore mais adiante. Edmundo ajeitou o arco, mas não adiantou, pois, sua flecha parou um pouco baixo de onde a de Otto estava. Era a vez de Aruk, se acertasse ele ganharia, já que tinha um ponto à frente de Aron. Sua flecha foi quase perfeita, mas parou poucos centímetros longe da marca vermelha. Aron por sua vez, acertou o alvo e tirou palmas de todos que assistiam, inclusive de alguns inferiores que levavam vinho e água para eles e pararam para assisti-los.

—Infelizmente temos um empate. —disse Samira contente. —Sério, dois noivos disputando um jantar no salão de espelhos. Para ficar ainda mais interessante, vamos sortear a dama que vai no jantar. Não é apropriado que cavalheiros comprometidos tenham que escolher.

—Está inventando novas regras. —pestanejou Aron prevenido.

—Quem você levaria então? —disse Samira tentada a olhar para Asteríris.

—Atena, é claro. —rosnou Aron.

—E Aruk certamente escolheria Asteríris, mas isso é chato, e exclui muito rapidamente eu e Elena. Não é justo. Então, um sorteio é mais apropriado nessa situação.

—Justo. —concordou Aruk. —O que sugere?

—Arco e flecha. —disse Samira.

—Mas isso não é uma forma de sorteio. —disse Elena.

—Não, mas serve. —murmurou Samira. —Vamos começar.

Atena parecia nervosa e quando a flecha zuniu do arco trêmulo, ela já sabia que não acertaria. A flecha caiu sobre a sombra agora maior do alvo. Elena conseguiu passar de raspão na marca vermelha., também estava fora. Samira estava contente por demais, parecia que já tinha ganhado. Quando errou o alvo, tentou esconder sua cara de satisfação, mas é claro que Otto percebeu na hora, que ela havia errado de propósito. Asteríris estava curiosa para saber como era o salão de espelhos, por isso, se esforçou ao máximo para colocar em pratica as instruções de Aruk. A flecha pairou sobre o ar antes de atingir a marca vermelha com excelência.

—Então, temos a nossa dama. —disse Samira vibrante indo em direção a garota ruiva. —Agora cavalheiros se posicionem. Os dois irão atiram ao mesmo tempo.

As flechas saíram do arco e pareciam competir para acharem a marca vermelha. Tanto Aruk, quanto Aron acertou.

—Aruk. Pode levar Asteríris no jantar. —murmurou Aron. —Não vamos errar tão cedo.

—Que tal todas irmos? —sugeriu Atena. —Quanta bobagem essa brincadeira.

—Para o futuro rei, Aron desistiu muito rápido. Se fizer isso em uma guerra, perderá a cabeça. —disse Samira derrotada. —Vou avisar o rei que faremos um jantar no salão de espelhos. —ela saiu em passadas apressadas sem nem esperar que concordassem.

A noite estava resplandecente. O salão de espelhos parecia suspenso no céu. Era todo de vidro e as nuvens e estrelas pareciam cercá-los por todos os lados. O teto parecia nem existir, pois se misturava a paisagem e deixava a lua admirá-los do alto. Ficava no último andar, nas muitas torrezinhas exclusivas do rei.

—É perfeito. —gemeu Asteríris ao entrar.

Uma mesa de turmalina negra estava ao centro. Havia candelabros dourados com velas de uma ponta a outra da mesa. As poltronas eram negras presas a madeira vermelha.

Os servos começavam a entrar com taças cheias de vinho.

Seriam servidos nove pratos, onde dois deles eram sobremesas escolhidas por Samira.

—Acho que não a trouxeram aqui antes. —disse Samira sentando-se entre Aruk e Otto.

—Não. —disse Asteríris sentando-se ao lado de Aron e de frente para Atena. —É muito lindo aqui. —era ficara ainda menor naquele lugar.

A entrada era uma sopa de algas e cogumelos.

—Asteríris. Ouvi que partirá com Aruk pela manhã. —disse Samira.

—Pretendo. Mas ainda não assinei o tratado. —disse Asteríris.

—Não sabia. —disse Aron olhando para a sopa.

—Fiquei de falar com o rei depois do jantar. —disse Asteríris olhando para Aron que ainda mantinha os olhos na sopa.

—O que fará em Florence? —Aron levantou a cabeça e encarou Aruk com frieza.

—Acho que isso não o diz respeito. —disse Aruk levando mais uma colherada de sopa a boca.

—É perigoso andar por Orion com o Lorde das Trevas rastejando na escuridão. —disse Aron tentando manter a postura.

—Estarei ao lado dela sempre. —retrucou Aruk com ar superior. —Não tem com o que temer.

Todos na mesa pareciam entretidos com a discussão.

—Então, vai protegê-la? —rosnou Aron deixando a sopa de lado.

—Com a minha vida se for preciso. —esbravejou Aruk.

Asteríris podia sentir a comida revirar em seu estômago, mas lutou para não piorar a situação.

—Uau... Serena vai se casar com um guerreiro corajoso. —gritou Otto batendo palmas escandalosas.

—Não preciso que me protejam. —disse Asteríris enfurecida com todo aquele drama.

—É claro que não. —Aron sorriu e tocou a mão de Asteríris que estava livre sobre mesa.

Os olhares foram de Aron para Asteríris em instantes. Ela corou levando a mão até o colo rapidamente. Samira parecia prestes a explodir de satisfação. Aruk por outro lado, estava fervendo de raiva deixando que sua mão virasse uma casca grossa.

—Calminho ai, árvore. —disse Samira colocando sua mão no ombro de Aruk.

—O que está acontecendo? —disse Atena constrangida.

—Eles estão noivos. —sussurrou Otto no ouvido de Samira.

—E estão disputando uma Hope bem diante dos nossos olhos. —devolveu Samira no mesmo tom baixo. Podia ver a tempestade se formando em cima deles.

Os servos entraram com o primeiro prato; risoto. O silêncio era tanto, que doíam os ouvidos.

—Acho que vou procurar o rei. —disse Asteríris prestes a se levantar quando Atena a impediu com um olhar, obrigando-a a sentar-se novamente. Aquilo a diminuiu ainda mais.

—Como Elena havia dito. É uma honra ser rainha. Ainda mais ao lado de um Condoff. Não nos apaixonamos loucamente. Não amamos de verdade. É apenas dever e obrigação. —disse Atena com um olhar obscuro. —Então, qual é o dever ou a obrigação que o meu noivo tem com uma Hope que o faz ser tão desrespeitoso diante de sua futura rainha?

Todos secaram a garganta diante daquelas palavras e não sabiam nem bem para quem olhar, ainda bem, pois nesse momento Asteríris estava roxa, prestes a vomitar algo.

—Atena. —disse Aron tentando tocar sua mão, mas ela o repeliu com o olhar ainda no ato.

—Aruk está noivo, e ainda sim, parece muito interessado na Hope de cabelos ruivos. O meu noivo, parece incomodado que ela vá para Florence com o filho da natureza. —Asteríris estava pronta para quebrar os vidros e pular daquele cômodo. —E a única pessoa que está livre, parece não notar nenhum dos dois. Estou errada?

—E eu achei que fosse a única esperta aqui. —murmurou Samira vendo que tinha conseguido revelar o encanto de Aron por Asteríris.

—Desculpe, não posso ficar aqui. —Asteríris correu pelo salão e quase esbarrou com um servo que trazia mais vinho quando seus olhos marejaram.

*Quarenta*



O rei aguardava Asteríris na sala silenciosa aquela manhã.

Ninguém do castelo sabia o fiasco que havia sido o jantar no salão de espelhos. Aron ficou até o final, não queria dar mais motivos para a noiva se irritar. Samira e Otto cochicharam e riram sem muito alvoroço durante toda a noite. E Aruk tinha ido atrás de Asteríris, mas ela se recusou a vê-lo.

—Sabe que não tem que assinar o tratado. Então, o que quer? —disse o rei de pé ao lado da cadeira de ferro onde Asteríris se recusou a sentar-se outra vez.

—Não poderia me mandar para a vila das Hope?! —suplicou Asteríris.

—E por que eu faria isso?

—O seu filho me detesta e a esposa dele também. E Serena também não gosta muito de mim.

—Já fez tantos inimigos assim. —zombou o rei. —Nenhum deles tem motivos para não gostar de você, exceto pelo cabelo vermelho.

—Posso ao menos voltar a fazer as minhas refeições no quarto?

—Pode. Mas teremos uma festa em breve para comemorar a entrada de um novo ano e Era. Estarei ocupado montando estratégias de guerra, não terei tempo para obrigá-la a comparecer em eventos importantes. Lembre-se, precisa ser perfeita como Hope, ainda mais por não poder mandá-la para outro lugar, isso até descobrirmos como mandá-la de volta para o seu mundo.

—Tudo bem.

—Suas damas lhe forneceram tudo que for preciso, basta pedir. Ainda quer ir para Florence?

—Não.

—Mandarei um corvo para Serena. É sempre bom ter bons aliados, humana. —disse o rei deixando a sala.

O jantar já havia sido servido no quarto. Nem as tortilhas de morango conseguiram melhorar o humor de Asteríris.

Estava sentada em frente ao espelho quando alguém bateu na porta. Suas damas já não estavam mais no quarto, então apenas ignorou e se voltou para o espelho. Não tinha ânimo nem para atender a porta.

Alguns vestidos estavam pendurados sobre o biombo. A cama com cabeceira luxuosa em ouro, parecia uma coroa. O chão era atapetado e muitos livros abertos estavam espalhados por todo o cômodo; nos criados, cama e penteadeira.

O quarto seria de Atena logo que se casasse com o príncipe Aron.

Alguém parecia realmente querer falar com Asteríris, pois logo batera na porta outra vez.

—Espero que seja mais tortilhas de morango. —ela gritou enquanto desviava dos livros abertos no chão.

Aruk segurava uma tortilha de morango e assim que Asteríris abriu a porta, ele entregou-a como um pedido de desculpas.

—Não devia estar aqui. —disse Asteríris aceitando a tortilha.

—Me desculpe pelo jantar. É que o príncipe me corta as raízes. —disse Aruk ainda do lado de fora.

—Tinham que brigar justo no jantar. —murmurou Asteríris. —Samira adorou tudo aquilo.

—Posso entrar? —ele parou e escorou-se sobre o batente de ouro, deixando sua cabeça cair pesada para trás cruzando os braços que pareciam ainda mais fortes.

—É melhor não. —disse inclinando um pouco na direção de Aruk.

—Tudo bem. Pode pelo menos aceitar minhas desculpas? —Aruk estava bonito usando uma bata lisa de linho branco. A calça marrom de couro descia apertada até os calcanhares, e os pés nus.

—Sim. Mas não implique outra vez com o príncipe Aron. Achei que Atena me jogaria contra o vidro e me mataria só com o olhar. Ela sempre me pareceu a mais calma de todas. Pelos visto, me enganei.

—Nunca subestime um Ser de Luz. São muito poderosos e vingativos.

—Eles possuem algum poder?

—Como?

—Você pode virar uma árvore. E os Seres de Luz?

—Eles já são muito poderosos só por serem descendentes dos elfos. O meu pai me contou que na constelação de Orion, onde vivem os Seres de Luz, eles conseguem entrar na mente, e até se deslocar de um lugar para o outro tão rápido quanto um raio. Mas aqui na Terra, são apenas criaturas como as outras. Não dá para negar que os exércitos de Luz são como muralhas. E tem o dom da telepatia. Eles podem se comunicar mesmo estando em lugares diferentes e distantes. Mas isso requer muita energia, então não é sempre que usam.

—Aron pode estar falando com o rei nesse exato momento, mesmo que ambos estejam em seus quartos?

—Sim. Fascinante eu sei. —disse sorrindo. —Partiremos amanhã cedo para a aldeia.

—Aruk. Eu não posso ir para Florence com você.

—Por que não? —disse alvoroçado, passando as mãos pelos fios ondulados.

—É melhor ficar aqui, sabe.

—Posso falar com o rei Erond se esse for o motivo.

—Ele já sabe da minha decisão. Eu escolhi não ir com você.

—Achei que Atena era o problema. E que depois do jantar você fosse querer ir para Florence. Não é bem vinda aqui e Atena deixou isso bem claro no jantar.

—Mas eu não fiz nada. Atena sabe disso. —disse escorando-se no outro lado do batente dourado da porta.

—Ela vai se tornar rainha e você está no caminho dela. Assim, como ela está no caminho de Samira. Elas vão se destruir tentando chegar ao trono. E você vai ser destruída por elas. E diferente das princesas, você esconde um segredo. Será fácil derrubar você. —tinha verdade naquelas palavras.

—Então, o que eu faço? Para onde eu vou?

—Venha comigo. —Aruk segurou as mãos de Asteríris ficando a poucos centímetros dela.

—Sua noiva também parece não gostar de mim. Aquele café foi muito bem planejado por ela.

—Eu sei. —sussurrou fitando os pés. —Ela me disse que convidou Aron para que eu fosse forçado a mandá-la para o rei.

—Está vendo. Não sou bem vinda em lugar algum. Não pertenço a Arãbergue e muito menos a Florence.

—O que quer que eu faça? Me diga, e eu farei. —Aruk estava tão perto agora, que Asteríris podia sentir o seu cheiro; de terra molhada.

—Apenas me deixe ficar e me ajude a encontrar um jeito de não ser descoberta na briga das princesas pela coroa. —disse olhando nos olhos de Aruk. —Só não quero me sentir assim, nunca mais.

—Sentir o que?

—Me sentir rejeitada.

Os braços fortes de Aruk fecharam-se envolta de Asteríris. Os lábios carnudos dele tinham um gosto doce de baunilha. Por um breve momento Asteríris se sentiu segura e desejada. Mas antes que pudesse sentir algo mais ou ter mais aconchego nos braços quentes de Aruk. Uma imagem aparece em sua mente. Serena, a noiva de Aruk.

Asteríris sentia magia ao beijá-lo, mas ele estava noivo. E ainda sim, quis beijá-la. O seu primeiro beijo era com alguém que jamais poderá ser dela. Alguém que a entendia, e parecia disposto a cuidar dela.

—Não podemos. —foi o que saiu da boca de Asteríris quando ela conseguiu recuar dos lábios molhados de Aruk.

—Desculpe. Não sei o que deu em mim. —Aruk parecia ainda mais surpreso com o beijo, apesar de ter sido ele a tomar a iniciativa.

—Acho melhor você ir. —sussurro ela recuando para longe.

—Terei que trazer outra tortilha e pedir desculpas? —Aruk já estava fora do quarto quando terminou de dizer.

—Não. —sussurou ela corada. —Apenas volte para Florence amanhã. Não posso lidar com isso agora.

—Desculpe, Asteríris. —o olhar dele estava solitário quando a viu por cima do ombro.

Asteríris já estava com o rosto afundado no travesseiro quando alguém bateu na sua porta. Aruk tinha perdido o juizo procurando-a tão tarde da noite.

—Já disse que não precisa de tortilha. —ela gritou ainda com o rosto amassado no travesseiro.

—Não trouxe tortilhas comigo. —era a voz de Aron.

Asteríris pulo da cama e ajeitou o cabelo e o rosto vermelho de tanto chorar.

A porta abriu-se lentamente e Aron saltou para dentro do quarto.

—Devia ir com Aruk para Florence amanhã. —disse com a voz arrastada.

—É um desejo seu ou da sua noiva? —disse Asteríris rispidamente.

Asteríri caminhou até a penteadeira onde se sentou e procurou um pouco de pó para cobrir as bochechas avermelhadas.

Aron a acompanhou em silêncio. A porta bateu sem muito ruído.

—Meu.

—E ainda sim brigou com Aruk para que eu ficasse.

—Fui pego de suspresa no jantar. Não é seguro viajar por Orion, não com o Lorde das Trevas a espreita.

—É só isso?

—Como?

Asteríris agora penteando os cabelos, parou e se voltou para Aron que estava olhando-a como um tolo perdido.

—Está me dando uma ordem para ir com Aruk —não estava bem para ter aquela conversa. —não é mesmo.

—Não. Pode ficar se é o que deseja.

—Então posso escolher se quero ou não ir?

—Sim. Mas seria melhor que fosse para Florence.

—Tudo bem então. Se era só isso, já pode sair do meu quarto. —disse ela abatida.

—Você vai então?

—Não!

—Não?! —disse tentando não parecer tão atordoado.

—O que foi desta vez? —disse zangada.

—Nada. Só que...eu acho melhor que vá.

—Já chega. Saia do meu quarto. —gritou Asteríris vermelha como geleia de morango.

—Mas...

—Atena o mandou para zombar de mim? —a cadeira chiou quando ela trocou a postura para uma mais ereta.

—Como?

—Fica dizendo que posso ir ou não, mas não quer que eu fique. O que acha que sou? Uma boneca de pano.

—Longe disso. —Aron parecia doente de tão pálido, mais que o normal.

—Então, por que fica dizendo para eu ir?

—Como posso olhar para Atena, quando só consigo ver você!? —Aron ficaria vermelho se tivesse sangue humano.

—O que está dizendo? —murmurou Asteríris quase que saltando da cadeira..

—Eu não sei. —Aron fitava os olhos confusos de Asteríris. —Eu sou um Ser de Luz, não sei o que estou querendo dizer.

—E espera que eu saiba? —disse com grosseria mantendo as unhas ficandas na cadeira.

—Talvez. Me diga, Asteríris. É só eu que venho suportando isso? Consegue olhar para Edmundo quando estou bem na sua frente?

—Achei que me odiasse. —balbuciou levando as mãos sobre as bochechas quentes.

—Como poderia? Sua presença é quase dolorosa. Andando por ai com esse cabelo ruivo, e um sorriso estúpido por todos os cantos do castelo. —Aron estava sendo tão sincero com seus sentimentos que Asteríris apenas o ouvia petrificada diante dele. —Não me surpreende Aruk, e Edmundo ficarem admirados por você.

—O que tem Edmundo?

—Ele gosta de você. Até quis te ensinar a dançar.

—Só porque quase deixei ele sem os dedos do pé na primeira vez.

—E quanto a mim?

—O que tem você? —Aron estava tão perto agora que se ajoelhara diante dela.

—Sente algo por mim? —Asteríris jurava que podia sentir o príncipe tremer quando ele tocou-lhe as mãos.

—Você está noivo.

—Não era isso que eu esperava ouvir. —sussurrou Aron parecendo desencorajado.

O herdeiro a olhava com esmero e havia súplica em sua voz.

—Não sei. Aruk me beijou e agora você...

—Aruk fez o que? —Aron levantou tão rápido que quase perdeu o equilibrio dando passos desajeitados para manter-se de pé.

—Me beijou, mas se desculpou logo depois.

—Mas ele está noivo.

—E você também. E isso não o impediu de dizer que sente algo por mim. —estava difícil acompanhar tudo aquilo.

—Você está certa. —sussurrou. — Apenas esqueça o que eu disse.

Aron deixou o quarto rapidamente.

*Quarenta e Um*



Pouco mais de um semana havia se passado.

Asteríris vivia escondida no quarto. Ela não sabia se era por quê queria evitar as princesas ou olhar nos olhos de Aron depois dele ter dito o que sentia por ela.

As suas damas passavam a maior parte do tempo trazendo novos vestidos já prontos, e alguns tecidos para que Asteríris pudesse escolher outras opções para o evento que aconteceria a dois dias. Mas sua cabeça estava cheia de outras coisas.

Como Aruk podia ter a beijado estando noivo? E o que deu no príncipe Aron para dizer que gostava dela quando nunca havia dirigido uma palavra de afeto? A cabeça da garota parecia prestes a explodir, cada vez que lembrava do beijo ou das palavras confusas de Aron.

—Posso entrar? —era Samira a porta.

—Sim. —com um olhar apenas, as damas deixaram o quarto. —O que deseja? —disse Asteríris fechando o livro sobre a cama.

—Só esclarecer uma coisa. —disse Samira ficando em pé diante de Asteríris que continuava sentada na cama. —Eu soube desde a primeira vez que vi Aron olhando para você na recepção, quando chegamos aqui no castelo. Mas sabe por que não me preocupei? Porque você nunca foi uma opção para a coroa. E Atena também não é. Farei com que ela veja isso. Assim como fiz com que ela visse como Aron se importava mais com uma Hope do que com ela.

—Você...

—Eu sei. Eu sou Samira Merlok. O lema da minha família não é astúcia e ganância atoa. Farei o que for preciso para ser rainha de Orion. Não tente entrar no meu caminho, pois vou destruir você e qualquer um que tentar. —Obrigada pelo seu tempo. —disse voltando-se para a porta. —E está perfeita se mantendo longe de todos.

Antes mesmo da porta bater, Asteríris já estava derramando em lágrimas. As mãos estavam trêmulas e frias.

Seria difícil sorrir na festa de Epochen sabendo que estava prestes a ser descoberta caso Samira se sentisse ameaçada pela presença de uma Hope falsa.

As flâmulas com o brasão de todas as famílias sacudiam lentamente penduradas no teto. O salão estava decorado com dourado e prata. As mesas se alternavam entre as duas cores, assim como as taças, talheres e adornos.

O rei usava uma capa prata e seu traje por baixo era elegante e chamativo, também no mesmo tom.

Aragon Merlok estava vestido a cor dourada e em sua capa o brasão da família havia sido bordado na parte de trás. Queria mostrar que a escolha de Aron havia sido equivocada.

Haviam três tronos depois dos degraus. Um de cristal prata e outros dois a esquerda de cristal dourado. Erond já estava sentando no trono prata.

Asteríris entrou desacompanhada. Usava um vestido de cristais prata longo de renda, com decote em v e sem mangas. Os cabelos estavam bem presos escondendo as orelhas humanas.

Aron e Atena chegaram logo em seguida. Usavam prata também. O vestido de seda metálico sem fenda alguma, estava deslumbrante na futura rainha. Dirigiram-se para os tronos ao lado do rei.

Serena estava um pouco atrasada, mas chegou pouco tempo depois da entrada do futuro rei. Ela usava um vestido dourado com corpete que realçava sua beleza. Aruk usava uma calça dourada, e uma blusa de linho branca combinado com uma manta jogada sobre os ombros em fios dourados.

Asteríris não podia olhar para um canto do salão, pois lá estava Samira com um lindo vestido prata e um sorriso maldoso. Em outro canto estavam Otto e Edmundo, com trajes a rigor prata muito elegantes. Foi ainda pior quando os olhos de Aruk foram de encontro aos dela. Por um segundo pensou em ir até ele, mas Serena logo o puxou para irem falar com o rei. Aron estava ainda mais estonteante usando prata. Não havia se quer olhado na direção de Asteríris aquela noite.

—Como todos sabem, estamos em guerra. Mas, é importante celebrarmos mais um início de uma nova Spochen. —o rei parecia entusiasmado e seus olhos pareciam faiscar entre as mexas prateadas. —E ver meus antigos aliados, me dar forças para querer lutar. A aldeia dos lobos, filhos da natureza, fadas, scroffs, sereias, e todas as criaturas aqui presentes, eu me sinto honrado por ser o rei de vocês. —agora foi a vez de Erond fazer uma reverência diante de todos. —Celebraremos hoje a nossa vitória do que está porvir. Viva o dia 1 de janeiro do ano 166 da Era da Luz. —todos ergueram suas taças e brindaram uns com os outros. —Viva a nova Spochen.

—Quem é a criatura de cabelos ruivos? —era Dona, da aldeia dos lobos.

—Onde? —perguntou um homem de longos cabelos castanhos e rosto marcado pelo tempo.

—Heitor, não está vendo a dama de cabelos ruivos?

—Sim. Agora consigo vê-la. Acho que nunca a vi. Também não saimos muito da aldeia dos lobos. Acho que devíamos nos apresentar. Já falamos com todos aqui. —os dois seguiram para onde Asteríris estava solitária ao lado da grande porta do salão.

—Boa noite, acho que não nos conhecemos. —disse Dona aproximando-se da garota com cabelos de fogo.

—Acho que não. Sou uma Hope com pouco tempo de vida. —disse Asteríris alegremente por alguém lhe dirigir a palavra, depois de ter sido deixada sozinha por Otto e Edmundo.

—Me chamo Dona, da aldeia dos lobos. E este é Heitor. —o homem parecia acovardado.

A mulher tinha o cabelo escuro, mas não parecia natural. Talvez tivesse passado pó de henna. Os olhos eram cor de mel, um rosto um tanto famíliar. Estava tão simplista no vestido dourado quase desbotado, mas não parecia se importar.

—É um prazer. Me chamo Asteríris.

—Asteríris? —disse Dona, cutucando Heitor.

—Se me dão licença. Tem algo que preciso fazer. —Asteríris saiu apressada para fora do salão de festas.

Haviam muitos guardas sobre o portão de Arãbergue. Mas estavam ali para impedir que criaturas que não haviam sido convidadas entrassem (Lorde das Trevas), por isso, foi tranquilo quando Asteríris passo por eles.

—Boa noite. —um guarda disse quando Asteríris passou pelo portão desacompanhada montada em um cavalo.

A estrada estava iluminada por tochas em cada lado. O cavalo galopava sem rumo pelo caminho de terra empoeirado e seco. Ela não tinha ido muito longe quando dois cavalos apareceram diante dela.

—Espere! —Asteríris reconheceu a voz, era Dona, da aldeia dos lobos.

—O que fazem aqui? —disse Asteríris assustada.

—Viemos atrás de você. —disse Heitor.

—E por que? —disse Asteríris tentando manter o cavalo quieto.

—Disse que se chamava Asteríris. —disse Dona um tanto enigmática.

—Sim. —disse Asteríris pensando ter sido pega em sua mentira.

—Eu menti quando disse que me chamava Dona.

—E por que faria isso? —talvez não fosse o fim.

—Meu nome é Evangeline Linterfel e esse é...

—Heitor Linterfel, o meu pai. —os olhos de Asteríris marejavam em lágrimas.

—Sim. —a voz saiu fraca de Heitor.

—Como? —sussurrou Asteríris.

—Vamos voltar para o castelo e explico o que quiser saber. —disse Evangeline.

—Não tem outro lugar para que possamos ir? —murmurou Asteríris sabendo que o castelo não era o melhor lugar para uma reunião em família. Não quando Samira era uma ameaça.

—Estamos na estrada que leva para a aldeia dos lobos. Podemos ir para lá se quiser. —sussurrou Heitor.

—Tudo bem. —disse Asteríris ainda inquieta.

Os pais da menina ruiva pareciam envergonhados. Não haviam dito uma só palavra, desde que começaram a galopar em direção a aldeia dos lobos. O ar parecia pesado e as nuvens espantaram a lua. Só contavam com as tochas agora.

Uma figura com o corpo coberto por penas apareceu derrepente na estrada e fez com que o cavalo de Asteríris a derruba-se no chão. Os pais por outro lado, conseguiram desviar e pararam mais adiante.

—Estava ansioso para conhecê-la. —a voz esganiçada do Lorde das Trevas fez o sangue de Asteríris gelar.

—Lorde das Trevas!? —sussurrou Asteríris olhando para os pais por cima dos ombros da criatura de olhos breu.

—Asteríris. —gritou Envageline.

—Eu tinha pensando em um jeito de roubar você do castelo. E depois iria para a aldeia, onde pegaria os seus pais, mas isso é ainda melhor. —riu o Lorde das Trevas tossindo como um gato velho.

—O que quer de nós? —gritou Heitor.

—Apenas conversar. O que acham de me acompanhar!?

—Não iremos a lugar algum com você. —esbravejou Evangeline.

Antes que os pés de Heitor tocassem o chão e em um piscar de olhos ele já havia se transformado em um lobo branco de olhos sangrentos. Os cavalos se assustaram e sairam galopando para dentro da floresta aterrorizados.

Asteríris parecia mais assustada ao ver o pai em pele de lobo do que com o Lorde das Trevas impedindo-a de chegar até sua mãe.

—Como sabia sobre mim? —disse Asteríris para o Lorde.

—Desde que fiquei forte novamente, o que levou anos. Tenho me rastejado por Orion. E senti uma magia poderosa vindo da montanha, exatamente quando você chegou em Orion. Mas não cheguei a tempo e só vi quando os filhos da natureza pegaram você para eles. —o Lorde das Trevas parecia irritado contando. —Não sabia quem você era, mas tinha certeza de que era especial. —Então, fiz a minha primeira aparição para Aron. Devia ter visto a cara dele. Eu sabia que não ia demorar muito para você voltar para Florence, então decidi esperar. Mas aqui esta você. Afinal, para onde estava indo?

—Não sei. —sussurrou irritada com si própria. —Como sabia sobre o baile e a escolha do príncipe?

—As estradas ficam cheias depois que as festas acabam. É facil ouvir algo aqui ou ali. —o Lorde riu e se voltou para os pais de Asteríris que pareciam estar planejando algo. —Não tente levar Asteríris, Heitor. Não conseguirá ser rápido o bastante. Depois de um reencontro como este, não quero ter que matar você, não agora. —o lobo rosnou e fitou Evangeline e seu olhar foi o bastante.

Ele havia dito para a filha e a mulher correr. Precisavam voltar para Arãbergue.

Quando o Lorde das Trevas se voltou para Asteríris, Heitor correu em sua direção. Nesse meio tempo, Asteríris correu para a floresta e sua mãe a acompanhou.

O som abafado dos gritos do lobo pararam em instantes quando o Lorde das Trevas com apenas um movimento das mãos, esmagou a garganta de Heitor.

Uma dor esmagadora alcançou Evangeline e a fez caiu de joelhos na floresta. Asteríris que corria ao lado, mas distante, também parou.

—Corra! —gritou Evangeline antes do Lorde das Trevas a agarrar pelo cabelo e lançá-la contra uma árvore.

Como ela podería fugir? Era sua mãe. Asteríris parou antes que o Lorde das Trevas pudesse se aproximar mais de Evangeline.

—Estou aqui. —gritou Asteríris. —O que quer de mim?

—Não precisava disso. —murmurou o Lorde das Trevas voltando-se para ela. —Eu disse que ele não conseguiria. —Eu sabia que você era especial, mas foi quando você disse que era filha de Evangeline que tive então a certeza.

—Qual? —disse Asteríris.

—Que seria como a sua mãe. —os olhos do Lorde mergulhado em tormento brilhavam.

—Como? —rosnou Evangeline.

—Como matei Heitor ou como uso magia se sou um Ser de Luz!? Hum...deixa eu resumir para vocês duas. Uma bruxa me deu. —ele riu sarcástico. —Ela pensou em mim até o seu último suspiro. Deixou um colar cheio de magia negra. A mesma magia que ia usar para se ligar a mim. Em parte, o ritual deu certo. Eu consigo sentir ela aqui. —o Lorde apontou para o peito, algo parecia brilhar ali dentro. Acho que foi por isso que as bruxas não conseguiram me matar.

—O que aconteceu com você na guerra? —disse Evangeline colocando-se de pé com o pouco de força que ainda tinha.

—As bruxas são tão fracas, que não conseguiram me matar. —ele estava radiante. —Fizeram uma barreira e me prenderam nela. E depois cortaram minha garganta com sua magia imunda. —aquilo ainda o incomodava. —Ainda sinto como se o meu pescoço fosse cair da cabeça. —Um tempo depois, acordei, e estava aqui. Não sabia onde, mas estava vivo e jurei juntar forças para matar cada bruxa, como fizeram comigo. E foi quando orcs me encontraram e me contaram sobre o novo mundo. Patéticas e covardes. Sabiam que não tinham feito o trabalho direito ou não se esconderiam no mundo dos humanos.

—O que quer de nós? —gritou Asteríris.

—Estive vigiando cada canto de Orion. E descobri que Evangeline é uma bruxa, enquanto ela conversava com o seu pai fora da aldeia. —ele riu satisfatório. —Agora, como conseguiram convencer os lobos de deixarem uma bruxa viver com eles eu não sei. Mas fizeram um bom trabalho se escondendo do rei por tanto tempo. E se a mãe é uma bruxa, a filha deve ter puxado o sangue ruim. —zombou. —Quero que desfaçam o feitiço ou qualquer outra coisa que as bruxas fizeram na montanha.

A floresta estava quieta.

—Nunca! —sussurou Evangeline ainda recuperando-se.

—É por isso que eu precisava da família reunida. Enquanto uma trabalha no feitiço a outra motivará. Como, vai depender de vocês. Agora já chega. Vamos andando por ali. —o Lorde da Trevas apontou para a estrada ao leste.

Asteríris só se deu conta de que o Lorde havia apontado para a estrada que levava para a aldeia dos lobos quando chegou nela e viu o pai morto no chão. Ainda estava sobre a pele de um lobo.

—Heitor... —o grito torturante de Evangeline atingiu Asteríris como um golpe na barriga causado por um metal frio. A mãe correu e se jogou no chão sobre o corpo vazio do lobo.

Asteríris parecia mumuficada olhando o lobo caído.

—Foi preciso. —disse o Lorde das Trevas sem demonstrar arrependimento. Não sejam estúpidas e tentem fugir outra vez. Não terei piedade e torturarei sua filha diante dos seus olhos. Esperei mais de cem anos por esse momento e não deixarei que atrapalhem.

*Quarenta e Dois*



—Algúem viu Asteríris? —disse Aruk para o grupo de princesas.

—Não. —disse Samira com antipatia.

—Aron, ela não está aqui. —disse Aruk se aproximando dos tronos.

Aron e o pai conversavam e se despediam de alguns convidados.

—Quem? —murmurou o rei.

—Asteríris. Não está em lugar nenhum do castelo. —disse Aruk com aflição.

—O castelo é grande se não percebeu. Ela deve estar em algum andar mais no subsolo. —disse Aron indiferente ao lembrar do que Aruk havia feito.

—Não. Eu sei que ela não está aqui. —sussurrou Aruk.

—E como tem tanta certeza? —o rei intrometeu-se novamente.

—Algo me diz que ela está em apuros. —disse Aruk. —Coisa de filho da natureza.

—Senhor. —um guarda se aproximou de Aruk. —A Hope que está procurando, foi vista deixar o castelo a bastante tempo. Saiu a cavalo.

—A cavalo? —disse o rei furioso.

—Sim. —murmurou o guarda. —Quer que a encontremos?

—Imediatamente, mas não diga a ninguém, a não ser os guardas. Se perguntarem, diga que cuidará das florestas ao entorno das estradas. —ordenou o rei.

—Vou com você. —disse Aron para o guarda.

—Não saíra do castelo. É o futuro rei, preciso que assuma as responsabilidades, enquanto me concentro na guerra. —murmurou o rei.

—Então, eu irei. —disse Aruk.

—Para Florence, é claro. —disse Serena por cima dos ombros de Aruk. —O seu pai aguarda o nosso retorno. E não vai deixar sua obrigação por uma humana. —sussurrou. —Eu o proíbo.

—Aruk. Pode retornar para Florence, assim que encontrarmos a Hope, eu enviarei um corvo. —disse o rei.

O ar estava mórbido. O rochedo alto dava a sensação de estarem em um enorme buraco. A ausência de árvores deixava tudo mais hediondo. Faziam um caminho perigoso e sem deixar rastros; andando sobre rochas cinzentas a mando do Lorde das Trevas. A passagem era estreita e pesadas colunas sustentavam as paredes mudas. A nevoa de poeira era tanta, que quase não viam os primeiros raios de sol. Os pensamentos de Asteríris por um momento, a levaram até a árvore mãe que ficava no quintal do vilarejo. Fantasiou sua mãe chamando-a para tomar o café e como ela gostava da companhia do seu amigo Quiki. Antes que pudesse mergulhar ainda mais em suas lembranças mais profundas, e explorar mais da sua imaginação, uma muralha de pedra apareceu diante deles. Uma diminuta e estafante passagem abriu-se permitindo os olhos de Asteríris se prostrarem ainda mais com a ausência de cores. Caminharam por mais alguns instantes, por outra passagem ainda mais importuna e pedregosa.

Evangeline andava ao lado da filha, ainda mais calada e perdida em lembranças. Como havia deixado que sua vida chegasse a esse ponto? Tinha deixado o vilarejo para garantir a segurança de Asteríris, e agora tinha colocado ela em um perigo ainda maior do qual não sairiam vivas.

—Para onde está nos levando? —murmurou Asteríris por cima dos ombros do Lorde das Trevas.

—Gosto de chamar de Pedreira. —disse o Lorde das Trevas deixando que seu dentes falhos amarelados aparecessem por entre os lábios cortados. —Vocês irão gostar. Fiz algumas modificações especialmente para a chegada de vocês. Esperava que o lobo viesse, mas me contento com as duas Linterfel. Já sabem que magia usar para desfazer o feitiço sobre a montanha?

—Não tenho poderes. —murmurou Asteríris.

—Nunca fez magia? —o Lorde parecia perplexo.

—Não. Não sabia que era uma bruxa. —disse Asteríris.

—Então...você será a motivação. —gemeu o Lorde agourento. —Sua mãe fará o resto.

—Os meus poderes estão bloqueados. —sussurrou Evangeline fazendo o Lorde se voltar contra ela enfurecido.

As penas da criatura varreram o chão levantando mais poeira.

—O que disse? —ele cuspia as palavras quase fazendo Evangeline engolir.

—Meus poderes foram bloqueados. E como bem sabe, a única forma de desbloquear é se a bruxa que o fez, o desfizer. —rosnou Evangeline.

—Bruxa! —gritou o Lorde agarrando a mãe de Asteríris pela nuca. As unhas compridas entraram fundo e arrancaram considerável dor e sangue da mulher que gemeu.

—Por quê? —grunhiu o Lorde.

—Uma bruxa não pode se deitar com outra criatura, a não ser um homem limpo de qualquer traço de magia. —sussurrou tentando se soltar do Lorde.

—Heitor. —cuspiu o Lorde. —É por isso que fugiu e veio para Orion. —ele soltou o ar pesado. —Vou torturar você até que sua filha demonstre talento para uso da magia. Se não o tiver, matarei as duas. Bruxa. —esbravejou soltando-a.

—O que isso significa? —murmurou Asteríris.

—O seu sangue está manchado. Sua mãe não sabe se você é uma bruxa ou um lobo. —o Lorde pareceu prestes a matá-las. —Tem quantos anos? —disse o Lorde para Asteríris.

—Dezessete.

—Não posso esperar mais um ano para descobrir se vai virar um lobo na lua cheia. —bradejou nefasto. —Espero que a sua mãe encontre um jeito de desbloquear a magia dela ou ambas morrerão. Não tentem me testar, pois viram do que sou capaz.

Três monstruosas torres de pedra e uma estrutura retangular também de pedra, mas com tetos de vidros, ficavam entre as paredes que se alargavam no final do caminho estreito. Sua posição era estratégica e impossível de se ter acesso, caso não conhecessem o caminho. As torres haviam sido construídas além do castelo de Kalazan, em uma sinuosa e encolhida estrada por entre as colinas de prata. Talvez, um trabalho amigável entre trolls e gnomos a mando do Lorde das Trevas.

Duas torres com teto em forma de estaca se projetavam atrás da estrutura com teto de vidro, enquanto a outra ficava grudada no canto esquerdo da construção. As torres se ligavam por pontes suspensas a cinco metros do chão. Enquanto, corredores estreitos iam e vinha de uma torre até o cômodo retangular.

A torre do meio tinha muitas escadas feitas de pedras e que levavam a andares superiores vazios. Na torre a direita, ficavam os quartos, muitos degraus em espiral, onde em suas curvas portas se abriam para cômodos com camas magrelas e criados mudos envergados. Haviam três portas a cada curva, e depois a torre terminava em mais degraus que não levavam a cômodo nenhum. A torre mais a esquerda, e a frente, se abria para uma sala com algumas poltronas e uma lareira de pedras redondas em um canto, e uma mesinha oval de madeira bem no meio. No fundo uma escada também em espiral levava a cozinha improvisada; um braseiro queimava lenha e aquecia uma água dentro de um bule velho que chiava.

—Passarão mais tempo na estante. —murmurou o Lorde tirando o bule do fogo. —Depois podem tomar café ou chá. Preparei um lugar para que praticassem magia. —disse o Lorde guiando-as de volta ao andar de baixo.

Haviam duas mesas de ferro no cômodo com teto de vidro e também algumas prateleiras de madeira bem grossas espalhadas pelas paredes de pedra. Cabeças de cervos, chifres de unicórnios e asas de morcegos estavam pendurados entres as prateleiras dando um toque sombrio ao ambiente.

Alguns pergaminhos enrolados em couro estavam sobre a mesa e prateleiras. Poucos eram os livros ali.

—Podem usar os meus pergaminhos. —disse o Lorde das Trevas pegando um e entregando a Asteríris.

—O que tem escrito aqui? —murmurou ela.

—Alguns feitiços que aprendi ao longo dos anos. Alguns, eu mesmo criei. A poeira que viu no caminho para a pedreira. Eu a manipulei, para que um pequeno nevoeiro escondesse a região ainda mais. —disse o Lorde.

—Magia negra. —reclamou Evangeline com escárnio.. —Não conheço o feitiço usado pelas bruxas, já que foi criado a muitas décadas.

—Não começe com a suas histórias. Poderes bloqueados. Uma filha bruxa ou loba. Estou ficando farto. Acho que não entenderam o papel de vocês aqui. Só valem alguma coisa, enquanto ai podem me dar o que eu quero. Mas se continuarem insistindo que não podem fazer magia, matarei as duas e encontrarei outro jeito para voltar ao mundo dos humanos. —esbravejou o Lorde das Trevas. —Usem magia negra, da natureza. Eu...não...me importo. Façam... —gritou o Lorde das Trevas doentil, deixando transparecer maldade em seus olhos.

*Quarenta e Três*



Apesar de ser verão, as torres estavam sempre frias. A lareira em frente as poltronas empoeiras e gastas, queimava a lenha lentamente. O bule no andar de cima chiava, enquanto a mãe de Asteríris resmungava de um lado para o outro, fazendo o chão de madeira da cozinha estalar.

—Precisa de ajuda? —gritou Asteríris do andar inferior.

—Na verdade sim. Não consigo achar os grãos de café. —disse a mãe com irritação na voz.

A cozinha não parecia ser parte de uma prisão quando o cheiro de café preenchia o ar.

—Estamos aqui a apenas um dia, mas parece que já se passaram muitos. —disse Evangeline.

—Tenho sido paciente e compreensiva. Sei que a dor que sente por perder o papai é maior para você. Mas eu também estou sofrendo. E ver você me evitar é ainda pior. Em um único dia, eu conheci os meus pais. Vi o meu pai virar um lobo bem diante dos meus olhos, e logo depois ele morto. Descobri que posso ser uma bruxa ou loba, e que se não ajudar uma criatura maligna em sua vingança, posso morrer ou ainda pior, ver a minha mãe morrer. —murmurou Asteríris contendo as lágrimas.

—Desculpa. Eu sei que estou atrasada para ser sua mãe, e acho que nem saberia ser uma boa mãe agora, mas pode perguntar o que quiser, que eu irei responder, se é o que deseja.

—Tudo bem. Por que me deixaram? —sussurrou Asteríris incapaz de segurar as lágrimas.

—Sou a única bruxa da família. E isso é raro. Ser uma bruxa sem antecedentes. Quando descobri que podia fazer certas coisas, como mover um objeto só com a mente e um leve balançar das mãos, eu fiquei apavorada. Achei que fosse uma abominação e não contei a ninguém sobre isso. Eu tinha apenas nove anos quando descobri. Quando tinha dezesseis, já estava mais madura e conseguia fazer mais coisas; ocutar objetos por um curto espaço de tempo. Como? Eu não sabia.

Asteríris não conseguia imaginar a mãe fazendo tais coisas.

—Certo dia, uma carroça vinda da cidade do oeste, veio trazendo mercadorias. Heitor era o nome do garoto que trazia e levaria mais mercadorias para a sua cidade. No instante em que ele me viu, logo me chamou para ir visitá-lo em sua cidade. Eu aceitei, mas sabia que os meus pais jamais permitiriam que eu fosse. —Evangeline estava feliz com essa lembrança. Então, o seu pai começou a me visitar sempre que podia. Primeiro viramos amigos e depois percebemos o quanto nos gostavamos. Foi a primeira vez que me senti segura para contar o que eu era. E foi quando ele me contou sobre ser um lobo. Éramos duas aberrações, mas o que importava é que tinhamos um ao outro.

—Queria ter conhecido ele. —lamentou Asteríris se afundando mais na poltrona. —Por que o Lorde perguntou a minha idade?

—A primeira transformação de um lobo acontece quando ele completa dezoito anos. Não tinha muito tempo que o seu pai havia descoberto sobre ser um lobo.

—Vocês tinha quantos anos quando se conheceram?

—Tinha acabado de fazer dezesseis e o seu pai dezoito. Ele era como eu. O traço de lobisomem, só ele tinha na família. —ela fez uma pausa tentando se lembrar de onde devia retomar. —Depois de algum tempo, novos moradores começaram a chegar no vilarejo e uma delas foi Margo.

—A senhora Margo?

—A conheceu então.

—Ela que me ajudou a sair do vilarejo.

—É mesmo. —riu. —Nos tornamos amigas logo de cara. Conversavamos sobre tudo, e ela sabia sobre Heitor, mas não sobre a troca de peles. Um dia, ela sem querer uso magia na minha frente. Parou um jarro antes que ele pudesse se espatifar no chão. E foi então que contei sobre os meus poderes. Ela disse que eu era uma bruxa, e que haviam mais como eu e ela espalhadas pelo mundo. Disse que a maior parte se escondia em um vilarejo protegido por magia, assim ninguém poderia vê-las. E que eu tinha que ir para lá. Era o destino de uma bruxa. Viver escondida da civilização.

—E você foi? —disse Asteríris ansiosa.

—Não. E fiz Margo jurar que jamais contaria sobre mim para as bruxas. Não queria deixar os meus pais, Morgana ou Heitor. Em menos de um ano, eu já tinha construído uma nova família, para quem podia contar meus segredos e ser eu mesma. O seu pai e Margo eram a minha nova família. Heitor me ensinou a ser paciente e amorosa. Margo me ensinou a ter coragem e força. —ela riu sozinha. —Aprendi lendo os livros e grimório que Margo trazia do vilarejo das bruxas. Ela nunca me contou onde era, pois eu me neguei a fazer parte daquilo. Ela me batizou em um clã, Winka. É o sangue que define os clãs. Ela havia descoberto que a primeira família Linterfel, era de uma linhagem poderosa de bruxas e muito antiga.

—Por isso, não tenho o nome do papai.

—O seu pai era um segredo. Só quem sabia dele, era eu e Margo. Os meus pais morreram depois que uma doença chegou no vilarejo. Não muito depois de eu fazer dezesseis quando os perdi.

—Eu sinto muito.

—Então, era só eu e Morgana cuidando do pomar e de nós mesmas. No início do ano em que eu completaria dezessete, descobri sobre você. Nunca fiquei tão assustada. O seu pai ficou contente e disse que me levaria para a cidade do oeste, onde seríamos felizes juntos. —Evageline levantou-se e subiu para a cozinha.

—Acabou? —Asteríris correu para acompanhá-la.

—Eu contei para Margo sobre você. Ela ficou furiosa por eu ter sido tão descuidada, ainda mais por ser uma bruxa. E não foi diferente com a sua tia. Ela gritou, jogou coisas na parede e depois me consolou. Eu não disse quem era o pai e ela não insistiu. Mas quando você nasceu, eu ainda estava morando com a sua tia. Heitor passou a ir no vilarejo mais vezes para me ajudar a cuidar de você. Então o seu pai deixou de ser segredo.

—E quanto a Margo?

A lebre era magra, mas seria o bastante para o almoço. Evangeline tirava as vísceras do animal e guardava em um pote.

—Vai me ser útil depois. —brincou vendo que a filha fazia careta. —Margo deixou o vilarejo logo que soube de você. Quando ela voltou, você já tinha completado um ano. Mas ela parecia chateada, e não me visitou ou quis saber sobre você. O tempo foi passando e você estava ficando cada dia mais linda e esperta. E no seu aniversário de dois anos, eu estava brigando com a sua tia na cozinha, pois ela não aceitava que Heitor não fosse poder comemorar ao seu lado e que era uma vergonha eu ainda não ser casada. Você ouvia tudo, pois estava sentada a mesa não muito longe. Foi quando você lançou uma faca, apenas com o olhar. Ela passou entre mim e a sua tia, dando fim a nossa discussão.

—Eu fiz isso mesmo? —Asteríris estava aterrorizada de um jeito bom. —Alguém se machucou?

—Não. Mas foi difícil convencer a sua tia que a cortina da janela havia chicoteado a faca e jogado ela contra nós.

—E então?

—Ela deixou para lá. Foi então que percebi que você também era uma bruxa. Contei para o seu pai e ele ficou feliz em saber que a filha não seria uma loba. —essas palavras fizeram Asteríris rir. —Acho que já sabe o que acontece agora.

—Sim, mas quero saber o motivo.

—Margo havia me contado sobre a guerra, o que as bruxas fizeram para acabar com ela. Falou sobre as criaturas que viviam escondidas na floresta e como não podiam fazer nada por elas, já que o feitiço era antigo e não poderiam simplismente mandá-las para o outro lado, pois poderia haver complicações. E teriam que se expor, para que isso acontecesse.

—Eu encontrei com algumas criaturas a caminho da montanha.

—Um ritual é realizado a cada ano, no dia em que o primeiro feitiço para criar o mundo novo foi feito. Fazem um feitiço de selamento, para renovar a magia sobre a montanha e impedir que ela se esvaia. Usam doze bruxas, de doze clãs. É uma forma de manter a magia segura e seria impossível para uma bruxar realizar o feitiço sozinha. Usando os doze clãs, o feitiço se torna consistente e não se rompe facilmente. Mas para que isso aconteça, os doze clãs precisam existir, pois a magia vem deles.

—O que aconteceria se um clã deixasse de existir?

—A cripta onde o portal está, é repleta de magia. As cinzas das bruxas que morreram na guerra, foram enterradas ali. A magia delas também selam e ajudaram a manter o feitiço. Se um clã inteiro for morto, ainda restará as cinzas na cripta, mas não manteria o feitiço por muito tempo.

—Onze clãs conseguiriam refazer o feitiço?

—Não. Só pode acrescentar magia e não retirar. Poderia ser feito com um novo clã, mas não com um a menos. Bruxas morreram tentando fazer esse feitiço. Não foi feito de um dia para o outro. As doze primeiras bruxas, morreram assim que tentaram. Depois outras doze morreram. Até que finalmente conseguiram juntar magia e força e fizeram o novo mundo. O selamento que fazem todos os anos é mais fraco, não requer tanto das doze bruxas.

—Não sei onde quer chegar me contando isso. —murmurou Asteríris.

—Seja paciente, pois estou quase lá. Coisas aconteciam sempre que as bruxas realizavam o feitiço de selamento.

—Que tipo de coisas? —a lenha agora era um punhado de cinzas.

—Só sei o que acontecia com o seu pai. Percebemos um padrão de acontecimentos a cada dia 2 de maio em cada ano e depois passou a ser em dias distintos.

—O que acontece no dia 2 de maio? —a conversar tomava um rumo diferente e não explicava o motivo de Asteríris ter sido abandonada.

—Foi quando o primeiro feitiço que criou o novo mundo aconteceu. Então, todo dia 2 de maio de um novo ano, as bruxas realizam o feitiço de selamento, mas tem um custo.

—Onde elas fazem? E qual o custo? —murmurou Asteríris inquieta.

—Podem realizar em qualquer lugar. É apenas selamento. Só sei o que isso custou ao seu pai e a mim também. Havia tantas coisas que ainda queria te ensinar. —a voz saiu abafada. —Como usar os seus poderes com sabedoria. O seu pai até se mudou para o vilarejo logo depois do seu aniversário de dois anos. Sua tia não achou apropriado que ele morasse com duas mulheres solteiras, mas ele prometeu se casar comigo quando você fizesse cinco anos. Queria que você conseguisse se lembrar do meu vestido de noiva. Acho que não se lembraria nem com dez anos. —elas riram. —Um dia antes de você completar três anos, uma coisa aconteceu.

—O que?

—O seu pai voltou para casa tarde da noite. Mas logo percebi que algo estava errado. Ele tinha olhos escuros e distantes.

—Olhos escuros?

—Ele havia matado uma vila inteira. Não conseguiu poupar nem mesmo as crianças.

—Não conseguiu?

—As transformações involuntárias começaram a ser frequentes. Não era dia de lua cheia, e mesmo assim ele trocou de pele. Mas não estava mais em si quando virou um lobo. Foi dominado por um desejo sombrio por sangue. E só parou, pois não havia mais nada para matar.

—O que aconteceu depois? —sussurrou com a voz trêmula.

—Ele voltou a ser o seu pai. Mas quando olhou em volta, viu o que tinha feito. Ele foi para casa e me contou o que tinha acontecido.

—E onde ele estava antes?

—Ele havia ido até uma vila próxima a cidade do oeste para pegar o seu presente de aniversário. Uma adaga. Achava que seria o presente perfeito para uma menina de três anos. O seu pai era único. Quando estava voltando, a transformação aconteceu e...

—Por quê?

—Como eu havia dito. A magia das bruxas tem um custo. Elas fizeram o feitiço da montanha para livrar o mundo dos humanos das criaturas mágicas. Então, aquelas que não vieram para Orion, acabaram sendo prejudicadas. Era como se o mundo não as quisesse ali. Aos poucos o seu pai foi sentindo isso. E quando vimos, já era tarde demais.

—Então foi por isso.

—Sim. Eu voltei na vila e fiz um feitiço que havia aprendido com Margo. Ocultismo. É um feitiço simples, quando quer esconder um objeto, mas pessoas...pessoas mortas. Fiz algo que acredito não conseguir fazer outra vez. Ocultei centenas de corpos. Não seria para sempre, e logo a terra se encarregaria de sumir com eles. Voltamos para casa e contei sobre a montanha e o portal. Margo havia me confiado isso também. Sabia que ele teria uma chance se víssemos para o novo mundo.

—Você podia ter ficado.

—Não podia. Eu precisei abrir a passagem. E abri uma brecha no portal, para que o seu pai pudesse passar também. Somente uma bruxa pode usar o portal na cripta. Mas ela pode permitir que outra criatura atravesse.

—Como?

—Como?!

—Como pôde me deixar para trás!? Poderia ter me trazido com vocês.

—Não era tão simples assim. Sabe como não é fácil entrar na floresta. Nunca arriscaria sua segurança. E o seu pai estava se transformando constantimente. As vezes ao nascer do sol, outras quando a noite caia. Veja! —Evangeline subiu as mangas do vestido desbotado, expondo feridas mal cicatrizadas nos braços.

—Ele fez isso?

—Foi antes de chegarmos em Orion. Estava acendendo a fogueira, fardo por ser uma bruxa. —brincou, arrancando um sorriso forçado na filha. —Quando o seu pai começou a se transformar. Ele me atacou, mas não consegui ser rápida e as garras rasgaram os meus braços. Consegui jogar uma lenha em chamas contra ele, o que o fez fugir. Quando voltou no outro dia, ele não se lembrava do que tinha feito. Não o culpei, pois sabia que tudo acabaria quando chegassemos em Orion.

—Como tinham tanta certeza?

—Era a prisão perfeita, criada pelas bruxas para criaturas sobrenaturais.

—Acha que Orion é uma prisão?

—Não mais. Depois de um tempo, me senti em casa. A saudade foi passando e me conformei com a situação.

—Conformou-se?

—O que eu podia fazer?

—Voltar. Eu esperei você por quinze anos. Me senti rejeitada por você e pelo meu pai. Pensei não ser digna de amor algum. Se nem os meus pais suportaram ficar comigo.

—Desculpe. —a voz saiu rouca misturada em lágrimas. —Nunca pensei que fosse sentir que não era amada ou que rejeitamos você. O seu pai não suportava a ideia de que poderia machucar você um dia. Tinha medo de machucar a ruivinha dele. Ele sofreu tanto quanto eu ou até mais.

—Foi por isso que deixaram a mensagem com os anões?

—Sim. Eu sabia que o seu coração era valente e que buscaria por respostas. Que bom que conseguiu ouvir minha mensagem. Mas cá estamos. Preciso tirar você daqui ou tudo terá sido em vão.

—E os meus poderes?

—Poderes!? —Evangeline parecia uma lebre encurralada.

—Sou uma bruxa ou não?

—Sim, mas depois do incidente com a faca, eu os bloqueei.

—Você fez o que?

—Filha..

—Desfaça.

—Não posso.

—Como?

—O Lorde das Trevas vai usar você, assim que eu devolver o seus poderes.

—Ou podemos usar os meus poderes para fugir daqui. —gritou Asteríris.

—É um risco que não vou correr.

—Então é isso?

—Sim.

—Acho que bloquear os meus poderes é pior.

—Pior?

—Pior do que crescer sem você.

*Quarenta e Quatro*



—Mestre. Achamos! —uma criatura baixinha com pernas corcundas, braços longos e peludos, com pés pavorosos e uma cara enrugada de sapo com olhos de cobra, apareceu na estante onde Asteríris, a mãe e o Lorde das Trevas encontravam-se fadigados.

—Finalmente, algum progresso. —o Lorde sorriu, afastando-se das bruxas. —Onde?

—Em uma caverna subterrânea. —a voz da criatura era como sussurros embargados de engasgos constantes. —Podemos começar?

—Já deviam ter começado, seu tolo. —gritou o Lorde das Trevas dando um pontapé na criatura.

—O que era aquela criatura? —murmurou Asteríris quando a criatura saiu resmungando seguido por mais pontapés.

—Um orc. Uma das criaturas mais asquerosa que já vi. Ajudaram o Lorde das Trevas na guerra e farão novamente.

—O que ele deve ter achado?

—Não consigo pensar em nada. Talvez alguma nova fonte de poder.

—Nova fonte de poder?

—Sim. O Lorde das Trevas parece forte, mas não está. Não completamente. Eu notei que ele ficou cansado depois que usou magia para matar Heitor. Ele deve estar se alimentando de alguma coisa ou criatura que o está ajudando a recuperar a força.

—Podemos usar isso a nosso favor. Só precisamos que ele use muita magia. Um confronto direto. E depois fugimos.

—Ficou maluca. Ele pode matar nós duas com apenas o balançar das mãos.

—E nós também. Desbloquei os meus poderes e me ensine a usar.

—Tem algo que não contei a você.

—Só não me diga que não pode reverter.

—Não é isso. Eu bloqueei os meus poderes depois que cheguei em Orion.

—E por que faria isso?

—Uma forma de não ser descoberta e também de me punir por abandonar você.

—Mãe...

—Você tem razão. Vamos precisar dos nossos poderes se quisermos ter uma chance contra o Lorde das Trevas. Irei pedir ao Lorde das Trevas que me traga alguns ingredientes. Só para ganharmos tempo. Ele precisa pensar que estou tendo algum progresso.

—Tudo bem. O que precisa para desfazer o bloqueio?

—Apenas do nosso sangue e fogo.

—Está bom. Vai fazer agora?

—Não. Vá até o meu quarto ao anoitecer, e então faremos.

A torre onde ficavam os quartos estava escura, e a única tocha acessa quase não iluminava os degraus que levavam para o quarto de Evangeline.

—E o Lorde? —sussurrou Evangeline abrindo a porta para a filha.

Um círculo havia sido feito no chão do quarto usando cinzas tiradas da lareira. E uma chama vermelha parecia flutuar a poucos centímetros na lareira.

—Não precisa de magia para desfazer o desbloqueio?

—Não, já que não foi outra bruxa que bloqueou os meus poderes. Existe uma brecha que me permite reativá-lo sozinha.

—Ah. E quanto ao Lorde, não o vi. Acho que está se rastejando por Orion.

—Então, tudo bem. Entre no círculo e se ajoelhe diante da lamparina acessa.

Evangeline se ajoelho diante da chama e da filha. Segurou a mão fria de Asteríris e arrancou sangue da garota, usando uma pedra pontiaguda.

—Aí...—gemeu Asteríris sentindo seu sangue escorrer para dentro de uma taça de prata. E logo em seguida sua mãe fez consigo mesma, e depois derramou o sangue dentro da chama na lamparina.

—O que com sangue se fez. Com sangue se desfaz. Eu Evangeline, nascida no clã Winka, desfaço a magia de bloqueio do meu sangue e do sangue do meu sangue. Assim permito, que toda a magia flua novamente e assim nos guie pelo caminho de Gardênia. —a chama se apagou e um lastro de pó vermelho ficou marcado no meio do círculo. —Está feito.

—Só isso?

—Esperava o que?

—Não sei. Afinal, quem é Gardênia?

—Não quer saber se funcionou?

—O que?

—Devolver os seus poderes.

—Sim, mas como?

—Abra as duas mãos com as palmas viradas para cima e concentre-se. Tente sentir a magia que está dentro de você e canalize ela em suas mãos. E depois diga. Luxmodra. —assim que Asteríris fez o que mãe ordenou. Uma chama azul trêmula, flutuou sobre as mãos dela.

—Parece fria e quente ao mesmo tempo.

—Sim. Passe uma das palmas sobre a chama e ela sumirá. —foi dito e certo. —Precisa de mais concentração, sua chama estava fraca e não causaria dano algum.

—Tudo bem. —sussurrou. —Agora me diga. Quem é Gardênia?

—Não sei muito sobre ela. Segundo Margo. Gardênia era a bruxa mais antiga que ela aprendeu sobre. Eu teria aprendido muito mais se tivesse ido viver com as bruxas. Margo me disse, que elas estudavam e praticavam diariamente magia. E que faziam isso por etapas.

—Etapas?

—Sim. Existe uma escola na vila para as bruxas. As mais velhas ensinam as mais novas. —disse aprontando-se. —Me ajude a limpar o chão.

As duas se abaixaram e tiraram o pó de cinzas com as mãos e jogaram pela janela aberta no fundo do cômodo.

—Margo me ensinou tudo em um ano. Eu sempre fui uma boa aprendiz. Estudei primeiro sobre a magia das bruxas: de onde vem, como usá-la, e o que posso ou não fazer sendo uma bruxa. Depois sobre a ciência das coisas ocultas. Não demorei muito a aprender, pois já havia feito antes. Tanto a levitação, quanto o ocultismo. Passamos para manipulação elemental (a arte de moldar e controlar qualquer tipo de material relacionado ao fogo, água, ar e terra), fui péssima, mas nem todos são bons de acordo com Margo. Então, tive que estudar todo o conceito de feitiço e depois aprendi como usar o elemental e vários feitiços. Logo depois, aprendi sobre os antigos elfos, Seres de Luz e até sobre os elfos de puro sangue. Ela me ensinou também, sobre criaturas sobrenaturais com ou sem poderes.

—Aprendeu tudo isso em um ano?

—Eu era uma boa aprendiz. —ela riu orgulhosa. —Depois estudei o conceito de magia negra, de onde ela vem e os motivos para ser proibída e li um pouco sobre os piores e mais impiedosos feitiços negros. Uma das minhas aulas preferidas era herbologia, onde aprendi como usar plantas em feitiços, curas e porções. As maças do pomar de nossa família nunca mais foram as mesmas. —disse alegremente. —Aprendi como usar asa de morcego e veneno de cobra para uma porção de rejuvenescimento. Por isso, as bruxas são tão conservadas. —elas riram alto. Passamos para a história da guerra e como as bruxas foram importantes na vitória contra as trevas.

—Achei que fosse só pensar e as coisas aconteciam.

—Não é tão fácil assim. Existem certas coisas que podemos fazer ou não. Como as proibições carnais.

—Proibições carnais?

—Uma bruxa não pode se deitar com outra criatura. Para evitar mexer no equilíbrio natural.

—O que aconteceria se fizessem isso?

—Aberrações poderiam ser criadas e perderíamos o equilíbrio natural.

—Então eu sou uma aberração?

—É claro que não, já que é uma bruxa. Poderia ter nascido com cara de lobo ou a boca com dentes afiados.

—Nem quero imaginar.

—Só depois, que aprendi sobre as proibições carnais. Por último, ela me testou para ver se eu era capaz de abrir portais. A única coisa que não fui capaz de fazer.

—Então vai me ensinar tudo isso? —disse Asteríris empolgada com a ideia.

—Quando voltarmos para casa.

—Voltarmos?

—Não podemos ficar em Orion agora que o Lorde sabe sobre nós. Precisamos voltar e pedir ajuda as bruxas.

—E como faremos isso? Não tem cripta ou passagem na montanha desse lado ou eu teria visto quando cheguei.

—Eu sei. Atravessamos e chegamos quase ao pé dela. Por isso, preciso testá-la.

—Testar?

—Você. Para saber se é capaz de abrir um portal para o outro mundo.

—E como fará isso?

—Preciso de pó de freixo e algumas chamas.

—Onde vamos conseguir pó de freixo?

—Próximo da aldeia dos lobos tem uma árvore. Só preciso que o Lorde acredite que o pó de freixo será usado para desfazer o feitiço sobre a montanha.

—Acha que vai dar certo?

—Sim.

—Não tem outro jeito de descobrir se sou capaz de abrir um portal?

—Só aprendi esse. Vá para o seu quarto e deixe que eu irei cuida de tudo. Não podemos deixar que o Lorde descubra sobre os nossos poderes. Irei ensiná-la sempre ao anoitecer. Acho que o Lorde sai todas as noites, então usaremos isso a nosso favor. Iremos pular algumas etapas. Irei ensinar levitação para combate e manipulação elemental para combate também.

*Quarenta e Cinco*



O sol esquentava as paredes acinzentadas e uma onda de calor rondava as torres e estante.

—Como convenceu o rei Erond a deixá-la viva? —murmurou Evangeline abrindo um pergaminho com escritas em outro dialeto.

—Avalon, o líder dos filhos da natureza, me ensinou a mentir. Mesmo usando pó mágico, não conseguiram arrancar a verdade de mim. —disse passando a mão sobre a testa molhada.

—Esperto. Essa estante é tão inútil. As escritas estão em outro dialeto. Achei que pudesse haver algo aqui que indicasse a fonte do poder do Lorde das Trevas.

—Vamos preparar um chá e depois continuamos a ler o que tem escrito nesses pergaminhos. O Lorde precisa acreditar que estamos avançando.

—Vamos.

Era raro cruzarem com o Lorde, pois ele estava sempre fora da pedreira ou escondido em sua torre vazia, onde elas estavam proibidas de ir.

—O que tem na torre central? —sussurrou Asteríris passando pela porta pesada de madeira que se ligava a sala.

—Precisamos ir até lá. Talvez o Lorde esconda sua fonte de poder em algum cômodo daquele lugar.

—Tão perto?

—Sim ou não teria motivos para ser proibido.

—Hoje?

—Vamos deixar para ser pegas quando formos fugir. —brincou Evangeline. —O Lorde logo ficará impaciente e terá que nos motivar. Então, preciso ensiná-la antes que isso aconteça.

—Tudo bem. Darei o meu melhor. Mas, o que vai acontecer se eu não for tão boa como você?

—Como eu?

—Sim. Você disse que levou um ano, o que era para ser aprendido em...

—Quinze. As bruxas passam por um teste com três anos. Algum tipo de aborrecimento, em alguns casos, perigo.

—Como assim?

—Quando a bruxa faz três anos de idade, ela é submetida a algum aborrecimento para forçar a magia a se manifestar. Se o aborrecimento não é o suficiente. Então, as bruxas jogam a criança no fogo ou tentam afogá-la.

—Mas e se ela não tiver poderes mesmo?

—As bruxas protegem a criança de se ferir. Se a criança tiver poderes, ela mesma se protegerá. Espalha o fogo para longe ou a água.

—Não deixaria minha filha passar por isso. E quanto aos meninos?

—Não temos meninos. Margo foi muito paciente me explicando isso. É como se fossemos programadas para ter meninas. E caso, o que é raro, aconteceça o contrário, o bebê nasce sem poderes e é deixado em alguma vila.

—Acho que levarei anos para entender tudo isso.

—Não precisa aceitar tudo. Eu também achei muitas coisas um tanto cruéis. Mas é o que somos. —Existe uma lenda muito antiga. Ela diz que uma bruxa que conseguisse abrir um portal, na verdade era um mago.

—Um mago?

—Quando ainda no ventre da mãe, o bebê que era para ser homem, se torna mulher, deixando então de ser um mago e se tornando uma bruxa.

—Então, a criança que nasce homem é na verdade um mago?

—Não. Segundo Margo, as bruxas até testam os bebês, mas nunca nenhum demonstrou ser um mago.

—As bruxas que abrem portais são o que afinal?

—São bruxas poderosas e especiais.

—O que vai acontecer, se eu não for capaz de abrir o portal?

—Ficaremos em Orion e lutaremos.

Era noite, quando o orc retornou a pedreira trazendo mais levantamentos de algo que deixou o Lorde das Trevas inquieto.

A estante estava silenciosa, com Asteríris fingindo compreender o que lia nos pergaminhos, assim como sua mãe, que nem ao menos sabia em que dialeto estavam escritos.

A criatura não se importou com a presença delas, e continuou falando com o mestre em bom tom.

—Estão lá, mestre. Nós vimos eles lá. Estão todos congelados e parecem dormir. —a criatura se engasgava com as palavras.

—Preciso ter certeza. Leve-me até lá! —ordenou o Lorde das Trevas sem se preocupar que estivesse sendo ouvido. —São quantos?

—Água, fogo, ar e terra. —a risada saiu ainda mais engasgada quando a criatura escancarou a boca.

—Trarei o pó de freixo como solicitado, mas se não houver avanços no feitiço, terei que motivá-las. —murmurou o Lorde voltando-se para as bruxas.

O quarto estava iluminado por muitas chamas azuis.

—Acho que é o bastante. —disse Evangeline para Asteríris. —Veja como algumas chamas, lutam para se manterem acesas. Precisa manter a magia estavél ou terá resultados diferentes sempre. Foco e mente vazia são umas das coisas que precisa aprender. Sinta o poder fluindo por você e o conduza para as mãos, pois é onde você vai canalizar e liberar.

—Estou tentando. —disse Asteríris frustrada, vendo uma chama estalar em suas mãos e depois desaparacer.

—Não chegará nem perto da ciência das coisas ocultas, se não aprender a canalizar. Sinta a magia que te rodeia. Não é tão difícil assim. —murmurou a mãe impaciente.

—Podemos parar um pouco?

—Não. Se fosse para ser facíl, já teríamos saído da pedreira. O Lorde não precisa que orcs fiquem nos vigiando, pois o caminho para sair daqui, está repleto de magia negra. Preciso que você consiga se defender, para que eu possa me concentrar em tirar a gente daqui. Vou precisar neutralizar todos os feitiços lançados nas colinas de prata.

—Desculpe. Irei me esforçar mais. —sussurrou Asteríris derrotada. —O que será que o orc quis dizer com água, fogo, terra e ar? —Asteríris havia passado o dia imaginado o que poderia ser e nada lhe veio a mente.

—Não acho que seja manipulação elemental. O orc disse que viu eles. Então, não é um feitiço ou algo parecido. Alguma criatura, mas qual!?

—Fadas?

—Existem fadas elementais em Orion, mas não acho que o Lorde ficaria tão animado com fadas. O bosque das fadas fica próximo a região dos filhos da natureza. Não que precisasse ser encontrado.

—Quais criaturas você estudou?

—Os elfos, Seres de Luz, lobos, scroffs, fadas, duendes, gnomos, harpias, dragões... É isso... São dragões que o Lorde encontrou.

—Dragões?

—Dragões elementais. O sangue é rico em magia e são criaturas perfeitas para a guerra.

—O que quer dizer com rico em magia?

—Ele vai usar o sangue de dragão ou a criatura em si, para a guerra.

—Não pode ser para os dois?

—Se ele quiser o sangue, vai ter que matar a criatura. Um dragão não iria perdoar ser ferido sem retalhar de volta.

—Ele vai usar como fonte de poder?

—Não. O sangue de dragão não dá poder. Ele pode ser usado em porções e feitiços poderosos e perigosos. Pode matar uma pessoa se combinar uma porção com o feitiço certo.

—Que feitiço?

—Já li sobre um feitiço feito com magia negra, usado para matar. É uma das piores mortes.

—Por que?

—O feitiço faz com que o pessoa sofra deformidades por todo o corpo. Os olhos saltam das órbitas, o sangue começa a ferver e o corpo explode se o feitiço for realizado por completo.

—Por completo?

—Uma porção é feita, usando o sangue de dragão, veneno de cobra da morte, flores de narcisos, alguma coisa com o traço da pessoa; cabelo, unha ou sangue. São misturados e lançado então, um feitiço chamado, Lutka cruento. Os olhos começam a sangrar e pular para fora das órbitas e depois ela se contorcer de dor, implorando pela morte. O sangue ferve aos poucos, e se o feitiço for completo, ela explode. A porção precisa ser queimada no final, com chamas negras. Só então a pessoa explode.

—Que horrível.

—Encontrei o feitiço escrito em um dos grimório sobre magia negra. Algo tão cruel assim, jamais deveria ser escrito ou ensinado a alguém.

—Precisamos avisar o rei Erond sobre os dragões.

—A montanha não fica longe das colinas de prata. Não podemos ajudá-los, se o Lorde conseguir nos pegar. Vamos deixar a pedreira e ir para a montanha.

—Eu não posso abrir um portal que nos leve para a montanha?

—Você precisaria ter a montanha e o local muito claros em sua mente ou poderíamos nos perder entre o portal e não acharíamos o caminho de volto. —disse com a voz carregada. —Uma bruxa que consegue abrir portais, precisa praticar por anos para aperfeiçoar-se. Preciso que abra apenas uma vez, e na montanha. Vai ter que pensar na cripta, na montanha do outro lado, como elas são, pois é lá que o portal precisa se abrir. E aquela montanha está repleta de magia das bruxas, isso irá ajudar você.

—Entendi.

—Preciso que aprenda a controlar o elemental, para usar em sua desefa. Pode ser usado como escudo ou contra ataque. Vou mostrar como funciona.

Evangeline pegou uma bacia de ferro com água e colocou entre elas sobre a cama.

Uma onda se formou, quando ela suavemente puxou a água como se cordas mágicas estivessem presas aos dedos enquanto ela os movimentava para cima e para baixo.

—Incrível. —sussurou Asteríris com olhos brilhantes como safiras.

—Agora tente. —disse a mãe, deixando a água cair dentro da bacia outra vez. —Só precisa pensar com clareza no que deseja que aconteça. Sua mente deve estar completamente vazia. Acredite em você e no que consegue fazer. Não existe feitiço para isso.

Uma gota de água subiu, mas logo se desfez dentro da bacia.

Já estava amanhecendo, quando Asteríris conseguiu manter a gota de água por mais que dois segundos flutuando sobre a bacia.

—Tentamos depois. —disse a mãe cansada por passar a madrugada incentivando a filha.

—Tudo bem. —as manchas roxas debaixo dos olhos eram evidentes. —Vou preparar um café.

—Está bem. Irei ver se o Lorde retornou.

*Quarenta e Seis*



—Senhor. O líder Simba, da aldeia dos lobos, solicita falar com o senhor. —disse um guarda da Luz, entrando no sala do trono.

—Mande que venha até mim.

Simba ficou apreensivo quando percebeu que o futuro rei e sua noiva estavam ao lado de Erond. Tronos haviam sido colocados, para que pudessem resolver as questões de Orion, juntamente com o rei.

—O que o trás aqui? —disse Aron.

—Um lobo de nossa aldeia foi encontrado morto depois do baile de verão. Levamos ele para a aldeia e encontramos marcar de mãos em volta do pescoço. E a mulher do lobo, está desaparecida.

—E só me diz isso agora. —esbravejou o rei furioso. —Uma Hope desapareceu do castelo no dia do baile de verão. Ainda não encontramos sinal de que possa estar viva. Com o retorno do Lorde das Trevas, qualquer movimento suspeito no meu reino, eu tenho que ser informado.

—Iremos mandar guardas procurar pela loba também, não se preocupe. —disse Aron gentilmente, mas com olhos abatidos.

—O que faremos? —disse Atena quando estavam sós, na sala do trono.

—A Hope e agora um casal de lobos. —rosnou o rei.

—Asteríris. —murmurou o príncipe. —Não pode me manter preso no castelo. Sou o melhor rastreador de Orion. Posso achá-la. Deixe que eu a encontre e traga para o castelo. —disse Aron em tom de súplica.

—Aron, já chega. —disse Atena irritada.

—Aron. Preciso de você no castelo e não andando sem rumo por Orion. —disse o rei calmamente. —Enviei uma mensagem para Serena, pedindo que ela faça algo para proteger Orion. Ela respondeu, e disse que vai absorver a magia da terra em um cristal de ônix, para neutralizar qualquer possível ameaça e depois devolver a magia limpa para a terra novamente.

—Tudo bem. —disse Aron.

—Por que o Lorde das Trevas atacou um casal de lobos? —disse Atena.

—Não sabemos se foi ele. —disse o rei.

—Talvez o casal tenha visto o Lorde das Trevas e tentado atacá-lo. Espero que Asteríris esteja segura. —sussurrou Aron.

—Você é patético. —rosnou Atena deixando a sala dos tronos soltando fumaça pelas narinas.

—O que ela tem? —disse o rei.

—Não sei.

Haviam se passado muitos dias e nada de Asteríris conseguir controlar o elemental. O pó de freixo já estava pronto, mas não seria usado enquanto ela não dominasse a arte das coisas ocultas e manipulação elemental.

—Temos cinco frascos com pó freixo. Se não consegue controlar a água, o fogo, o ar e nem mesmo a terra, jamais será capaz de abrir um portal. Não podemos reutilizar o pó de freixo. Se errar, acabou. —sussurrou a mãe da janela do quarto.

—Já se passaram dias e o Lorde não machucou nenhuma de nós.

—Porque estamos progredindo. Vou pedir que ele me traga visgo. Tem um feitiço usando visgo para proteção. Não dura muito, mas se não conseguir usar o elemental para se proteger, irei lançar um feitiço de proteção sobre você quando formos fugir.

—Tudo bem. Quanto tempo ainda temos?

—Não muito. Pedindo o visgo, consigo ganhar mais uns dias. Agora, continui tentando controlar a água.

Na manhã seguinte, o sol brilhava intensamente deixando as rochas que cercavam a pedreira, escaldantes e reluzentes, como se um dragão lançasse chamas do topo das torres.

—Por que envenenou Pandora? —disse Asteríris para o Lorde das Trevas enfadonho em pé ao lado dela.

—Na verdade não envenenei. Eu estava procurando uma coisa e precisei canalizar um pouco do meu poder para a terra. Acabou que isso prejudicou a mãe natureza. —riu com desdém. —Só depois que ela morreu que fiquei sabendo do ocorrido.

—E os corvos?

—Culpado. Não podia deixar que os corvos contassem a Pandora sobre a pedreira. —nada parecia comover o Lorde das Trevas, nem mesmo a morte de uma mãe natureza.

—Então, eles não levavam uma mensagem sobre a invasão as colinas de prata. Era sobre a localização da pedreira. —disse Asteríris atinada.

—Exato. Mas consegui evitar. Vejo que sabe de muitas coisas que aconteceram em Orion.

—Confiam em mim. —rosnou a garota ruiva.

—Os trolls e gnomos eram apenas distrações para trazer alguns Seres de Luz até as colinas de prata. Precisava de uma platéia para minha grande volta. Não sabia que o filho do rei se incomodaria em vim até as colinas de prata. Foi satisfatório ver como ele é tão fraco sendo o futuro rei. Acho que vou matá-lo, antes de ir para o mundo dos humanos. Quero que Erond sofra, vendo o seu único filho morrer como a mãe.

—Você matou a mãe de Aron?

—Arranquei o coração branco dela, com as mãos, e depois, o comi bem diante do rei.

Asteríris não conseguiu segurar o café e o colocou todo para fora, sujando o chão e as pontas dos seus pés.

—Você é ainda mais fraca quando deixa suas emoções humanas evidentes. —disse o Lorde deixando a estante soltando grunhidos odiosos.

—Filha. —Evangeline pousou as mãos sobre as costas da filha tentando tranquilizá-la.

—Eu estou bem ou vou ficar. —sussurrou pálida, dispensando a ajuda da mãe com a mão. Vou para o meu quarto. Preciso dominar o elemental, só assim teremos alguma chance contra o Lorde das Trevas. Não quero ver ele comer o seu coração, diante dos meus olhos.

A porta que se ligava a torre dos quartos, fechou com um estrondo.

Já estava tarde da noite quando Asteríris conseguiu dominar a água e logo depois o fogo. Fez com que a água se projetasse diante dela como um escudo e imaginou um contra ataque usando o fogo azul. As chamas desenharam um arco no ar que desapareceu logo em seguida.

—Vejo que conseguiu. —disse Evangeline entrando no quarto da filha. —E o ar?

A janela bateu quando Asteríris lançou uma lâmina de ar nela.

—Muito bom. Podemos passar para levitação de combate. Use o pergaminho que está sobre a cama para praticar. Aponte suas mãos abertas e firmes para ele, e imagine-o flutuando. Depois é só dizer. Nohoikalewa.

O pergaminho agora flutuava sobre a cama.

—Agora jogue-o contra a parede.

—Como? —murmurou Asteríris frenética.

—Arraste suas mãos sobre o ar na direção que deseja jogar o objeto.

O pergaminho bateu contra a parede de pedra, fazendo as bordas de madeira racharem.

—O Lorde não ficará contente em saber que estragamos o pergaminho. —zombou Evangeline. —Continui praticando com objetos mais pesados. Preciso que consiga usar contra o Lorde. Tanto para lançar coisas sobre ele ou lançá-lo contra as coisas.

—Tudo bem.

—Vejo que já está cansada. —a mãe parecia ter medo que a filha se quebrasse caso o carinho fosse muito. —Amanhã tentaremos abrir um portal.

—Eu consigo agora. —disse animada.

—Não consegue. Abrir um portal requer muita magia e vai exigir muito de você.

—Amanhã então. —sussurrou a filha.

Um corvo apareceu no batente da janela do quarto de Asteríris.

—Um corvo. Espere ai! —disse ela para a ave, saindo apressada pela porta do quarto e subindo os degraus da torre.

—Mãe. —gritou ela diante da porta do quarto da mãe.

—Pode entrar.

—Um corvo. —disse esganiçada. Tem um corvo na minha janela.

—Asteríris...

—Podemos mandar uma mensagem para o rei.

—Não acho que seria uma boa ideia.

—Até parece que não quer que o rei saiba onde estamos.

—Não é isso, mas estariamos arriscando muito mandando um corvo levar uma mensagem.

—Vamos escrever sobre os dragões apenas. Não precisamos pedir que venham nos ajudar.

—Tudo bem. Vá buscar um pedaço de pergaminho.

—Vamos para o meu quarto. Tenho um pergaminho em branco e o corvo está me esperando na janela do quarto.

A ave voava do lado de fora da janela.

—Tome. Leve para Simba. Ele saberá o que fazer. —ordenou Evangeline, entregando um pedaço pequeno do pergaminho para o corvo, que curvou-se assim que o recebeu.

A lua caminhava lentamente sobre o céu.

—Farei um círculo com pó de freixo e uma estrela de cinco pontas. Logo depois, você irá acender chamas em cada ponta. e se posicionar no centro dela. —disse Evangeline.

O ar do quarto de Asteríris cheirava a madeira queimada.

—Tudo bem.

—Agora que está no centro. Quero que canalize toda a magia para suas mãos e entrelace os dedos com as palmas viradas para frente e na altura do seu rosto. Mentalize uma cortina mágica, pois é ela que você quer abrir. Afaste as mãos, como se os seus dedos rasgassem o ar. O portal vai se abrir, ao fazer isso, e precisa dizer ''Opnun fissure", enquanto move as mãos.

Um feixe azul cintilante, começou a aparecer à medida que as mãos de Asteríris rasgavam o ar e abriam uma fenda no centro do círculo, deixando-a translúcida.

—Continue. Está quase lá.

—Opnun fissure...Opnun fissure...

Só quando os braços de Asteríris estavam completamente abertos, que o portal se abriu num todo.

Era um prateado em azul celeste, com ondas serpenteantes em lilás, que se agitavam em uníssono.

Evangeline jogou um pergaminho dentro do portal e ele se desfez rapidamente, fazendo o objeto rolar para debaixo da cama.

—Não estava aberto ainda. Vai precisar canalizar mais poder e mentalizar a fenda no ar ou não adiantará de nada todo esse espetáculo. —disse Evangeline ranzinza.

—Achei que tivesse conseguido.

—Isso foi apenas uma fenda de luz. Nada mais. Não chegaríamos nem ao pé da montanha se não melhorar.

—Desculpe, mãe.

—Pode desistir se quiser. Não vou julgá-la.

—Já está fazendo isso, sem nem perceber.

—O que quer dizer?

—Fica me julgando com o olhar. —murmurou Asteríris. —Eu sei que não sou poderosa, mas cá entre nós, eu sou a única aqui capaz de conjurar um portal. O que eu preciso é de tempo para aperfeiçoar minha magia. —as longas madrugadas acordada estavam causando cólera.

—Não temos tempo. —disse a mãe afastando-se e indo para única janela do cômodo.

*Quarenta e Sete*



—Não achei que fossem tão tolas, a ponto de mandarem um corvo levar uma mensagem para Simba. —disse Lorde ao entrar na estante.

—Nós...

Asteríris buscou as palavras certas, mas elas não vieram.

Evangeline caiu de joelhos quando o Lorde das Trevas a agarrou com mãos invisíveis, sufocando-a lentamente.

—Mãe... solte-a agora! —ordenou Asteríris, antes de lançar contra o Lorde, uma onda de ar, que o fez cair por cima de uma das mesas de ferro, espalhando pergaminhos por todo o chão.

—Finalmente, vou ter o que eu quero. Aí está a magia das bruxas Linterfel. —a risada esganiçada preencheu todo o cômodo.

—Apenas sentirá o poder de uma Linterfel sendo usado contra você. —disse Evangeline, lançando uma chama azul contra o Lorde, e puxando a filha para fora da estante. —Precisamos ir agora! —o seu rosto recuperou o brilho.

—Corpus impedito. —lançou Evangeline contra o Lorde, que o ricocheteou. —Luxmodra praesidium.

Uma chama azul cintilante, surgiu como um par de asas gigante, protegendo-as quando o Lorde contra-atacou.

—Não conseguirão ir muito longe. —gritou o Lorde caminhando aos tropeços.

—Ruxruxo equo. —investiu Evangeline, correndo pelo caminho estreito que levava para fora da Pedreira. Uma onda galopante, saiu de dentro da torre onde ficava a cozinha improvisada e avanço sobre o Lorde, que a combateu com uma parede negra e poderosa feito metal.

—Luxmodra praesidium. —gritou Asteríris erguendo a mão e criando um escudo de chamas azuis em movimento, protegendo-a de uma chama negra que saltava como uma lebre em sua direção.

Por um instante, o tempo parou. Nenhum feitiço veio a mente de Evangeline quando ela tentou correr, porém o Lorde a agarrou pela mão. Mas ele estava fraco, e não conseguiu se defender do ataque de Asteríris, permitindo ser jogando com fúria contra as rochas frias.

Pegaram uma estrada larga de cascalho, que levava para a montanha.

—Algum problema? —disse Asteríri ao perceber que a mãe ficava cada vez mais atrás. Talvez estivesse cansada, depois de ter que desfazer todos os feitiços lançados pelo Lorde das Trevas na passagem que levava para a pedreira.

—Estou bem, continue. —disse pigarreando.

—O que são aquelas luzes vermellhas? —disse Asteríris, apontando para um aglomerado de pingos carmesim a sua esquerda.

—Acho que é a vila das Hope. Vamos logo para a montanha, antes que orcs nos encontre.

—Trouxe o pó de freixo?

—Sim. Obrigada por me defender contra o Lorde das Trevas. Se não fosse você, eu estaria morta agora.

—Não precisa agradecer. E o Lorde estava fraco, graças aos feitiços que usou contra ele, por isso tive uma chance. —murmurou contente.

—Estamos a dois dias da montanha. Sabe o local exato onde o portal se abriu quando chegou em Orion?

—Acho que sim. Não muito longe da encosta da montanha.

—É lá que precisa abrir o portal. Existe uma ligação poderosa entre o outro lado e esse lugar onde o portal se abre em Orion. —sussurrou Evangeline com o rosto pálido.

—Entendi. Está com calor?

—Pelo contrário.

—Então, por que está suando tanto?

Ao olhar para uma das mãos, Evangeline perceber uma marca escura, mas não foi rápida o bastante para escondê-la.

—O que é isso? —perguntou a filha parando preocupada e voltando-se para a mãe.

—Não sei. Devo ter me sujado em algum lugar. —disse limpando a mão no vestido empoeirado.

—Esses vestidos parecem panos velhos agora. —murmurou Asteríris, passando a mão sobre o vestido prateado esfarrapado. Sinto falta das minhas botas de couro.

—Nem me fale. —elas riram, sentindo dor sobre os pés descalços.

A montanha estava brilhante, parecendo um pouco menor diante dos olhos exautos de Asteríris.

—Preciso descançar. —disse Evangeline, deixando seu corpo cair pesado sobre o chão.

—Está tudo bem? —disse Asteríris, observando a mãe quase adormecer no chão.

—Só preciso...

Os olhos dela se fecharam, deixando seu corpo relaxar sobre o musgo verde.

—Mãe. —gritou Asteríris, antes de se convencer de que também precisava parar por um momento. —Luxmodra. —a chama azul acendia e apagava varias vezes, a cada ordem e toque de Asteríris.

Já devia ser a hora do chá, quando Evangeline despertou ainda mais pálida.

—Eu adormeci? —sussurou ela, limpando a garganta.

—Você conseguiu limpar a mancha da mão, mas tem no seu pulso também. Não se lavou direito no rio. —disse a filha, vendo que havia uma mancha escura subindo pelo braço direito da mãe.

—Acho que não vi. —sussurrou.

—Estranho.

—O que é estranho?

—Juro que vi a mancha se mexer. —disse a filha inquieta sobre o chão.

—Isso é o que o cansaço faz. —sussurrou a mãe, escondendo a mancha com a mão.

—A sua mão não está mais cobrindo a mancha, pois ela acabou de subir mais pelo seu braço. —disse desconfiada. —O que está acontecendo?

—É uma marca negra. —disse indiferente. —O Lorde colocou na minha mão, quando me agarrou.

—E o que ela faz? —nada vindo do Lorde das Trevas podia ser bom.

—Achei que conseguiria esconder de você.

—O que está tentando esconder?

—O Lorde das Trevas me deu um presente de despedida. Uma marca negra. Li sobre ela, quando estudava sobre magia negra. É mais um dos feitiços baixos do Lorde.

—Tá. Mas o que ela significa? —disse a filha, muito conturbada.

—Significa que ela vai andar por todo o meu braço, até chegar no meu coração. Então, ele vai ser esmagado por uma mãos invisível e vai parar de bater.

—Então, você morre. —os olhas já estavam mergulhados e trêmulos. —Está me dizendo que essa marcar está indo...

O choro carregava fraqueza e desolamento.

—Vamos voltar para a pedreira e implorar pelo perdão do Lorde das Trevas. —sussurou Asteríris se afogando nas próprias lágrimas.

—Já é tarde demais. E mesmo que não fosse, jamais voltaria para a pedreira. Precisamos sair de Orion e encontrar as bruxas. O rei não conseguirá deter o Lorde das Trevas sozinho.

—Não me importo com o rei. —disse Asteríris, sentindo-se sobrepujada.

—E com o reino de Orion? —ela esforçava-se para parecer forte diante da filha.

—Você está morrendo, mãe. —as lágrimas já eram incontroláveis. Não posso perder você também.

—Não vai. —disse segurando as mãos úmidas da filha.

—Não tem nada que você possa fazer para reverter a marca negra? —na voz falha, tinha súplica.

—Não conheço nada, para algo assim. —lamentou forçando um sorriso.

—Quanto tempo você ainda tem?

—Filha. —o abraço que Asteríris tanto sonhou estava cheio de arrependimentos e angústia. —Obrigada por cada segundo, que me permitiu ser a sua mãe e ficar ao seu lado. Você está crescendo e se tornando uma mulher extraordinária.

—Até parece que está se despedindo. —sussurrou Asteríris, sufocada pelo abraço quente da mãe.

O sol já caminhava para oeste, rumo a Florence. A leve brisa sobre a montanha era reconfortante.

—Acho que foi aqui. —disse Asteríris, chegando ao possível lugar que teria caído, quando chegou em Orion pela primeira vez.

—Então, posso espalhar o pó de freixo? —disse Evangeline, tirando três potinhos com tampas de rolha com certa dificuldade de um bolso escondido entre o tecido do vestido.

O círculo não estava perfeito, pela inconstância do chão da montanha e pelas mãos titubeantes da mãe.

Asteríris acendeu as chamas azuis em cada ponta da estrela e se posicionou no centro do círculo como já havia feito outra vez.

—Canalize toda a magia nas mãos, e só quando tiver certeza que conseguiu, diga o feitiço.

—Certo.

—Está sentindo?

—Sim, e é incrível. Já posso começar. Opnun fissure. Opnun fissure.

As mãos de Asteríris rasgavam o ar, e uma luz azul cintilante quente, emerguiu, vindo de algum lugar muito longe dali.

—Opnun fissure. Opnun fissure. —a voz de Asteríris aumentava no mesmo ritmo que a fenda.

Uma parede prateada com cores vivas serpenteantes, iluminava a montanha.

—Está feito. —assegurou Evangeline, depois que jogou um potinho vazio e o portal não se desfez.

A montanha voltou ao corriqueiro em instantes.

—Basta dizer. Disfare opnun, para fechar.

—Disfare opnun. —disse Asteríris, passando a mão sobre o portal fazendo-o desaparecer. —Não lembrava que a cripta era tão...

—O que foi? —disse a mãe, ao ver o olhar estupefato da filha.

—Eram meus amigos. —disse Asteríris, apontando para alguma coisa encolhida no chão de gelo.

Eram Zargrak em pele de lobo engelhado sobre o chão, e Peter deitado no dorso dele. Ambos estavam mortos.

—A passagem deve ter se fechado depois que entramos, e eles não conseguiram sair. —disse Asteríris segurando as lágrimas. Eu disse que levaria eles para o outro lado, depois que encontrasse você.

—Não é sua culpa. Esteve ocupada do outro lado. —murmurou Evangeline tentando juntar forças para consolar a filha.

—Eu estava usando tecidos nobres e dormindo em um castelo, enquanto os meus amigos morriam de fome, presos em uma cripta cheia de cinzas de bruxas mortas. —a culpa a consumia.—Era uma promessa, e eu não cumpri.

—Filha...

Evangeline caiu de joelhos sobre o chão gelado.

—Mãe. —gritou, jogando-se no chão para segurar a mãe,que parecia prestes a desmaiar. —A marca, onde ela está? —disse, procurando desesperada por todo o braço de Evangeline.

—Está aqui. —disse Evangeline, levando a mão ao coração. —Precisa continuar sem mim.

—Não consigo. —ela estava prestes a desabar. —Não sem você.

—Eu sei que consegue. Olha onde você chegou sozinha.

—Mas eu tive ajuda. —sussurrou limpando as lágrimas que escorriam pelo rosto.

—E vai precisar de mais ajuda ainda, mas não serei eu a ajudar. —Asteríris acariciava os cabelos escuros da mãe. —Eu pintei o cabelo para não chamar tanta atenção. E você... —riu. —enganou o rei Erond e ainda passou a viver no castelo, sem precisar esconder quem você era.

—Na verdade, eu vivia me escondendo. Minhas orelhas eram humanas demais, assim como o meu cabelo. —essas palavras fizeram Evangeline rir. —Posso abrir outro portal. Dessa vez, um que nos leve para o vilarejo. — estava desesperada por algo que salvasse sua mãe daquele fim cruel.

—Não temos mais pó de freixo. —disse pigarreando cada vez mais.

—Droga! —Então, me diz o que posso fazer.

—Apenas continui acariciando os meus cabelos tingidos. Mas antes, me leve para perto dos seus amigos. Afinal, você teria conseguido cumprir sua promessa, se eles não tivessem ficado presos aqui. Você teria levado eles para casa.

—Acho que sim.

A passagem se abriu para Asteríris, quando ela colocou os pés sobre os degraus de gelo e aquilo fez seu coração se partir ainda mais.

*Quarenta e Oito*



Os portões da cidade do leste estavam abertos. Eram tantas as carroças que entravam e saiam cheias de mercadorias, que os guardas sobre as guaritas nem se deram conta quando Asteríris saiu da floresta e passou pelos portões.

—Preciso da sua ajuda. —disse Asteríris ao passar pela velha porta de madeira da estalagem.

—Você de novo. —era Martha, a dona da estalagem, ajeitando alguma coisa sobre a estante empoeirada de madeira atrás do balcão. —O que deseja? —disse sorridente, e não mais com um semblante severo e triste da primeira vez que se conheceram.

—Preciso que me leve até a bruxa que vive aqui em Arintiel.

—Fale baixo. —disse Martha, voltando sua atenção para Asterírís e deixando o que estava fazendo de lado. —Como sabe?

—Também sou uma bruxa. Sei que a mulher que morreu enforcada era uma bruxa. Elena, não é mesmo!? —murmurou Asteríris.

—Você não é a mesma menina.

—Acho que não.

—Os seus olhos estão mais escuros.

—Leve-me até a bruxa. —ordenou Asteríris rude.

—Não enviaram outra bruxa para ocupar o lugar de Elena. Até fui na casa dela e tirei alguns objetos incriminatórios; grimórios, pó de freixo, cristais e algumas asas de morcego.

—Preciso de pó de freixo.

—Pó de freixo? —repetiu Martha, sem acreditar que aquela garotinha diante dela, fosse uma bruxa. —Feitiço?

—Portal. Então, sem mais delongas, pois preciso ir para meu vilarejo o mais rápido possível. Vou precisar de um quarto com espaço suficiente para o feitiço.

—Vai abrir um portal em um dos quartos da minha estalagem?! —grunhiu um tanto ranzinza.

—Exato. O pó de freixo! —disse Asteríris, esticando uma das mãos impacientemente.

—Vá para o quarto de número seis. Logo irei levar o que precisa. —disse Martha, tranquilamente.

O quarto seis ficava no quinto e último andar daquela espelunca. Não que pudesse chamar um sotão de quarto. Estava cheio de caixas de madeira no fundo do cômodo, que se empilhavam até a claraboia de vidro escuro.

—Aqui está. —disse Martha ao entrar no cômodo iluminado por chamas azuis.

—Obrigada. —três potinhos com tampas de rolha, foram entregues a Asteríris. —Pode sair agora. Não tenho tempo a perder. —disse Asteríris, colocando o máximo de delicadeza na voz.

—Mais tarde volto para limpar sua bagunça. —disse Martha, frustrada por ficar de fora e por tamanha ignorância da garota.

As folhas da árvore mãe estavam mais secas por causa do verão. O cheiro de lavanda impregnava todo o bosque. As tochas faziam sombras sinistras nas paredes de pedras das casas. As risadas que vinham do caldeirão, eram alegres e embriagadas.

Asteríris foi até a casa da senhora Margo, mas não havia ninguém para atender a porta.

—Por onde andou? —gritou tia Morgana, quando a sobrinha passou pela porta da sala desembestada.

—Oi, tia. Estou cansada, então já vou para o meu quarto. —sussurrou Asteríris, exausta pelo feitiço e por tudo que estava tendo que suportar.

—Onde estava com a cabeça, quando saiu de casa? —tia Morgana sabia fazer um belo alvoroço.

—Também não sei. Sabe onde a senhora Margo está?

—O que tem ela?

—Preciso falar uma coisa com ela. Sabe onde ela se meteu?

—Deixou o vilarejo a alguns dias.

—Droga.

—Olha a boca. Vá se lavar. Espere! —Asterírís já estava a meio caminho do quarto, quando a tia a segurou pelo braço. —Onde conseguiu esse vestido?

—Uma mulher me emprestou. Acabei sujando as minhas roupas e precisei de outra.

—Como trocou suas roupas, por uma ainda mais suja? —de fato o vestido parecia ter sido pisoteado por porcos no chiqueiro.

—Já posso ir para o meu quarto? —resmungou desvensilhando-se das apertadas mãos da tia.

—Sim, mas ainda quero saber por onde esteve. Conseguiu me deixar preocupada dessa vez.

—Que bom.

—O que disse?

—Nada. —Asteriris saiu da sala e foi para o quarto, se arrastando pelo piso de madeira.

No dia seguinte, a tia passou a manhã interrogando a sobrinha. Eram as mesmas perguntas e sempre as mesmas respostas.

—Estava curiosa para conhecer as cidades. —disse Asteríris sentada na mesa de canto, fingido ler um livro antigo.

—Você vai voltar para a escola. Tive que mentir para a senhora Grindwel.

—O que disse a ela?

—Que você foi visitar uns parentes distantes na cidade Fria.

—Vou visitar o meu amigo Quiki.

—A senhora Fel morreu já faz algum tempo. Por isso, não vou proibir sua visita ao garoto.

—Não que isso fosse me impedir de vê-lo. —retrucou Asteríris indo em direção a porta.

—Continua insolente. —esbravejou a tia.

A casa dos Fel, parecia abandonada. Todos as janelas estavam fechadas e não era possível ouvir nenhum barulho vindo de dentro da casa.

—Quiki. —gritou Asteríris em pé sobre a varanda.

Um homem barbudo e de cabelos grisalhos abriu a porta e observou Asteríris por um bom tempo.

—Você deve ser a garota ruiva que o meu filho sente falta. —disse o homem embriagado e cheirando a rum.

—Devo ser. E onde está o seu filho? —perguntou Asteríris, impaciente.

—Aquele inútil, está no caldeirão. Trabalha lá agora. —cuspiu o homem ao dizer.

—Obrigada. —respondeu, revirando os olhos em desgosto pela forma como o homem velho se referia ao filho.

O caldeirão ficava no beco principal do vilarejo, era muito frequentado por pessoas vindas de outras cidades. O lugar pertencia ao Sr.Murtagui Caldeira, um velho de cabelos brancos e estatura pequena. O caldeirão havia sido um lugar idealizado por sua esposa Sra. Mary Murtagui Caldeira, que sempre quis se cercar de pessoas, enquanto as serviam de boas bebidas e comidas, porém não teve a chance de ver o seu sonho se realizar, devido a uma grave doença que lhe privou de viver. O Sr.Vitor Murtagui, como forma de homenagear a esposa, e para que ela fosse lembrada por seu desejo de levar alegria e sabor a vida daqueles que moravam no vilarejo, acabou construindo o caldeirão, onde usou as receitas da esposa, para preparar o cardápio e as bebidas. O lugar era pequeno e simples, mas muito aconchegante e alegre. Um dos motivos do sucesso, era o fato de servirem uma bebida quente, feita de chocolate e rum e alguns ingredientes secretos retirados do caderno de receitas da Sra. Murtagui. Não importava o que ofereciam ao Sr. Murtagui, ele nunca revelava os ingredientes que usava para deixar a bebida tão saborosa e viciante. E mesmo em dias quentes, o lugar permanência cheio, muitos iam para ouvir as velhas, mas intrigantes histórias do dono, e outros iam para beber da famosa cerveja com mel, outra receita criada por sua esposa.

—Crianças não podem entrar. —disse um velho baixinho magricela na porta do caldeirão.

—Tenho dezessete. —retrucou Asteríris.

—Isso não é dezoito.

—Só vim visitar um amigo que trabalha aqui.

—Qual o nome dele?

—Quiki Fel.

—Irei chamar ele se é o que quer.

—Vai ser rápido. Não vou beber nenhuma cerveja de mel. Eu prometo. —murmurou Asteríris, juntando as mãos e quase implorando.

—Tudo bem, mas não demore ou terei que buscar você.

—Obrigada.

Os braços fortes e não mais macilentos de Quiki, saltavam pela manga curta da blusa. Os cabelos castanhos estavam mais rebeldes e sem pentear.

—Uma cerveja de mel, por favor. —disse Asteríris deixando seu corpo cair sobre o balcão de madeira.

—Uma cerveja de mel saindo... —no mesmo instante Quiki se voltou para o balcão. Ele havia se esquecido como falava, pois ficou olhando Asteríris por muito tempo, parecendo um tolo.

—Sentiu minha falta? —disse Asteríris, admirada ao ver como o amigo estava alto e bonito. —Não faz muito tempo que deixei o vilarejo e você parece ter crescido por dois anos.

—Trabalhar muito, deve ter ajudado. —disse Quiki com o sorriso mais encantador de todos.

—Acho que sim. Afinal, como conseguiu convencer o senhor Caldeira a deixar que trabalhasse aqui, se não fez dezoito ainda?

—Perder a minha mãe deve ter ajudado um pouco. —disse Quiki.

—Eu soube pela minha tia. Sinto muito não ter estado aqui.

—Tudo bem. Espero que tenha encontrado o que procurava.

—Encontrei. —sussurrou com pesar. —Podemos ir para outro lugar?

—A árvore mãe?

—Você ainda sobe nela?

—É claro. Gosto de lembrar de você quando estou no topo dela.

Sentar no topo da árvore mãe tornava tudo mais fácil. Era como se Asteríris jamais tivesse deixado o vilarejo. Sem aventuras, descobertas e nada de dor. Não havia tido tempo para o luto desde que voltou para casa, não sabendo do que estava por vir, e o tamanho da responsabilidade que carregava em seus ombros.

—Encontrei os meus pais. —murmurou Asteríris.

—E onde eles estão? —disse o amigo contente.

—É uma longa história.

—Eles estão na casa da sua tia agora?

—Eu não consegui trazer eles para casa.

—Como assim?  
—Eles morreram, antes que eu tivesse a chance.

Já estava escurecendo, quando Asteríris terminou de contar sobre tudo que descobriu e viveu depois que entrou na floresta sozinha.

—Então você não veio para ficar? —disse o amigo desanimado.

—Não. Preciso da sua ajuda para encontrar a senhora Margo o quanto antes. A segurança do outro mundo, está nas minhas mãos. Tenho que encontrar as bruxas e contar o que tem acontecido em Orion.

—Vai mesmo lutar?

—Sim. O Lorde das Trevas me tirou tudo. Então, eu vou tirar tudo dele.

—Leve-me com você dessa vez. Não tem muito aqui para mim, agora que a minha mãe morreu.

—E o seu pai?

—Ele é apenas um bêbado inútil. Não sentirá a minha falta.

—Está bem.

—Vai mesmo me levar?

—Já mudou de ideia?

—Nunca. Ir como você é tudo que mais quero. Era o que eu devia ter feito. —lamentou-se.

—Estou feliz que esteja aqui. Senti a sua falta.

—Também estou feliz que voltou para casa. Irei perguntar no caldeirão, se alguém sabe para onde a senhora Margo foi.

—Faça isso. Eu tenho que voltar para casa.

—Vá para o caldeirão comigo. Falo que você vai me ajudar hoje. O senhor Caldeira está cada dia mais velho, não se importará de ter mais uma ajuda.

—Tudo bem. É sempre bom evitar a minha tia.

A amizade estava igual, um pouco mais forte e madura. Quiki estava crescido e mais responsável do que antes. Asteríris havia aprendido muito vivendo no castelo sobre a proteção do rei, e mais ainda vivendo na pedreira, sobre as ameaças do Lorde das Trevas.

—Notei que trocou calças por vestidos. —zombou Quiki, servindo mais cerveja de mel para um morador do vilarejo.

—Sim. —o vestido era azul Royal e estava bem justo na cintura por conta do cinto de couro. —Gostou?

—Você parece mais velha. Até os seus olhos mudaram um pouco a cor.

—A mulher da cidade do leste disse o mesmo sobre os meus olhos. Não sei quando eles ficaram mais escuros.

—Eu gosto de como está agora. Senti falta dos seus fios ruivos.

Havia muitas prateleiras com garrafas cheias de rum por todas as paredes do bar. Mas em uma das paredes, estavam desenhos do rosto da Sra. Mary, algumas receitas de bolos, um avental que ela usava quando cozinhava. Lembranças que tornavam sua presença constante no bar.

Atrás do balcão estavam Asteríris e o senhor Caldeira correndo de um lado para o outro, tentando reabastecer as canecas vazias das pessoas que estavam sentadas em bancos altos e frios diante do balcão. Quiki servia as mesas, com mais petiscos de ovos de rãs.

O senhor Murtagui ficava com mais rugas sempre que alguém passava pela porta pesada de madeira escura. Não havia lugar para se sentar, nem mesmo para ficar em pé. O caldeirão estava engasgado de tantos visitantes. As vozes se misturavam e tornava o som do violino inexistente no canto do bar.

Muitas carroças haviam ficado na cidade. Os mercadores só partiriam no dia seguinte para a cidade do oeste. Então, aproveitavam para frequentar o bar e beber um pouco de cerveja de mel.

—Que bom que o senhor Fel tem bons amigos. —disse o senhor Murtagui, dando um tapinha nas costas de Asteríris, ao passar por ela com uma bandeja cheia de canecas com sua famosa cerveja.

*Quarenta e Nove*



—Aron. Até quando vai ficar tentando convencer o rei a deixar você sair do lugar mais seguro de Orion? —disse Atena sentando-se ao lado de Aron na sala de tronos.

—Arãbergue não é diferente dos outros lugares de Orion. Acha que está segura aqui? —disse Aron.

—Sim. E você como o futuro rei, devia parar com essa bobagem de querer ir atrás de uma Hope. Isso é trabalho para um inferior.

—Vejo que fiz a escolha errada.

—O que quer dizer com isso?   
—Você não será uma boa rainha para o meu reino.

—Se ser uma boa rainha, significa concordar com tudo que o meu rei diz, de fato não serei muito apropriada. Eu vi como olhava para ela no jantar. Por um momento, achei que estivesse nervosa por conta do baile, mas que bom que você fez toda uma cena e se entregou. Agora que ela sumiu, você pode voltar a olhar para a direção certa.

—E qual seria a direção certa? —disse o príncipe, contraindo o rosto ao se voltar para Atena.

—Eu.

—Nem mesmo antes de Asteríris, eu se quer olhava em sua direção.

—E o discurso que fez no baile de verão? —murmurou Atena.

—Eu estava pensando em Asteríris quando escolhi você. Queria que fosse ela a minha rainha.

—O que está dizendo? —o trono parecia prestes a derreter abaixo do corpo em chamas da princesa Atena.

—Estou dizendo que sempre que olhar em sua direção, desejarei que fosse Asteríris ao meu lado e não você.

—Você é como o seu antepassado. A família Condoff sempre foi sua própria ruína. O seu avô também se apaixonou por uma criatura ainda mais desprezível que uma Hope. Ele estava noivo de Grinória Del Castro, mas isso não o impediu de se apaixonar por uma humana. Sabe como isso é visto perante as outras famílias!? Fraco. A família Condoff sempre foi fraca. Pelo menos, você prosperou e se apaixonou por uma Hope. Vejo que já sabia sobre o seu avô. Uma desonra. Isso mostra que a família não servirá para governar, já que não é capaz de conduzir o próprio coração. Você não serve para ser rei. A família Condoff devia deixar a coroa para quem tem a força e inteligência.

—A família Scarlet não duraria uma Era. —disse o príncipe com um sorriso de desdém.

—Acho que vou para o meu quarto. Não quero ser vista por muito tempo ao seu lado. Uma dama é capaz de derrubar um reino inteiro.

—Devia tomar cuidado com suas palavras. Posso achar que está ameaçando o futuro rei.

—O seu tabuleiro tem menos peões e nenhuma rainha. Você não é o único que pode ser coroado rei de Orion, mas parece se esquecer disso sempre.

—Que bom, pois assim me livro de você.

—Continuei pensando assim.

O salão de tronos ficou em silêncio por um tempo, depois que Atena saiu vitoriosa de seu confronto com o príncipe. Alguns inferiores entravam e saiam do salão pedindo a opinião do herdeiro sobre armaduras, e madeira para arcos.

—Que bom que está aí. —disse o rei ao ver que o filho estava no salão de tronos. —Onde está Atenas?

—Teve que se retirar.

—Está tudo bem com ela?

—Sim. O que quer me dizer?

—Eu tinha algo em mente para a Hope. —disse ao se sentar no trono de cristal.

—O que está dizendo?

—A minha cordialidade tinha um propósito. —havia dispensado todos, para ter uma conversar com o herdeiro em particular.

—E qual era?

—Que ela confiasse em mim. Precisava dela para nos levar para o mundo dos humanos. —disse com um sorriso de canto. —Não acreditei em uma só palavra dela.

—Então...

—As bruxas esqueceram de contar que o eclipse nebuloso de Saiph, não funcionaria aqui. Elas criaram uma prisão para criaturas mágicas. Quando aconteceu o eclipse nebuloso a alguns anos, achei que o erro era celestial. Mas foi aí que me dei conta de que Orion é uma prisão e que não podemos ir para casa, pois o eclipse não tem poder aqui. Uma punição acredito.

—Punição?

—Por matarmos uma delas.

—Então, você pretendia voltar para o mundo dos humanos e usar o eclipse nebuloso de Saiph para voltar para a constelação de Orion. Mas o eclipse nebuloso só irá acontecer daqui a trinta e quatro anos. Como manteria ela por tanto tempo no castelo?  
—Iríamos voltar para o mundo dos humanos assim que conquistasse a confiança de Asteríris. Reinaríamos pelo tempo que fosse necessário no mundo dos humanos e depois iríamos para casa.

—Acredita que isso fosse funcionar?

—Sim. E acho que eu não era o único usando-a. Acredito que Avalon usaria Asteríris para me tirar do poder. Uma ameaça a coroa. Mas eu já preparei o conselho. Sabem que ela é humana e que eu só estava usando-a com um propósito.

—Atena sabe então?

—Não. Pedi que mantivessem segredo, pois muito estava em jogo. A família Condoff caíra nas graças dos grandes elfos quando voltarmos.

—Atena sabe sobre o seu pai. Sobre ele ter se apaixonado por uma humana.

—Se ela sabe, acredito que as outras famílias também. Agora que não tenho mais Asteríris para manter a casa Condoff no poder, podemos sofrer uma traição. Todos os líderes finalmente chegaram a Arãbergue para conversarmos sobre uma estratégia de guerra. Irei me reunir com o conselho antes, quero saber se é uma ameaça a sua coroação.

—Se isso for virar um problema, podemos renunciar à minha ascensão.

—Nunca. Os grandes elfos acreditavam no poder da nossa família para governar. Não me curvarei a outra casa. Enquanto estivermos na Terra, seremos nós a governar sentados em um trono. Seja cordial com Atena. Precisaremos do apoio da família Scarlet.

—Farei o que ordenou.

O conselho e todos os líderes estavam de pé diante da presença da família Condoff e da futura rainha Atena no salão de tronos.

—Não foi fácil reunir todos aqui está manhã, diante do que estamos enfrentando. —a capa preta estava bordada em prata com o brasão da família Condoff, dando um tom de superioridade ao rei. —Hoje assinaremos um novo tratado. Um tratado de guerra.

—Nele constará o nome de cada líder e como estão dispostos a ajudar na guerra contra as trevas. —completou o príncipe.

—Quem não estiver disposto a lutar, será considerado inimigo da coroa. —disse Atena andando de um lado para o outro diante dos tronos.

—A futura rainha vai lutar? —gritou Avalon de algum lugar do salão.

—Se for a vontade do rei. —o tom seco da princesa era quase que como um insulto...

—Vão esconder os seus filhos em Arãbergue, e esperam que os nossos lutem. —gritou Avalon. —Quando Pandora precisou da ajuda dos Seres de Luz, eles fecharam os olhos. Quem garante que não se esconderam quando a guerra começar!?

—Acha mesmo que ficaremos escondidos em nossos castelos? —disse Atena elegantemente sem perder o sorriso.

—O que estão planejando? —disse Simba por entre muitos ombros.

—Atacar antes de sermos atacados. —respondeu Aron ajeitando-se no trono de vidro dourado.

—Sabem ao menos onde o Lorde das Trevas se esconde? —perguntou Hazel, a líder das Hope.

—Não, mas o tratado com os orcs não vale mais. Sabemos que eles irão se juntar ao Lorde das Trevas e isso é o suficiente. —disse o rei sentando-se em seu trono. Assinem o tratado de guerra e escrevam como serão útil na guerra. O conselho irá discutir e arquitetar uma estratégia.

—Nem todas as criaturas estão preparadas para lutar. —disse Azura, líder das fadas.

—Ninguém está de fato preparado para uma guerra, mas precisamos lutar com todas as nossas armas e forças. —disse Atena.

—Sabe usar uma espada princesa? —disse Hera, líder das harpias.

—Estão aqui para serem aliados da coroa ou inimigos!? —disse Atena levantando-se do trono irritada com os ataques. —Posso não saber usar uma espada, mas garanto que a família Scarlet usará sua força e inteligência e assegurará a nossa glória.

—Eu lutarei no lugar da minha futura esposa, se é com isso que estão preocupados. —disse Aron levantando-se e envolvendo Atena com o braço, colocando-se ao lado dela.

—Aron. —sussurrou o rei. —Como sabem o futuro rei e rainha não lutam em guerras, pois são eles que liderarão, caso algo aconteça a sua majestade, eu. Aron e Atena não lutarão. —disse ríspido.

—Então, o meu filho também não. —protestou Avalon.

—Não colocarei a segurança das fadas em risco, enquanto protege sua coroa. —gritou Azura estridente.

—Se for assim, também não lutaremos. —disse Sabre, o líder dos scroffs, mas colocando as palavras na mente do rei.

—Eu já disse que lutarei. —gritou Aron, sem ser deselegante. —Não podemos brigar entre nós ou o Lorde das Trevas terá ganhado, sem muito esforço. —Apenas assinem o tratado de guerra, pois farei o mesmo. Levarei os exércitos do castelo Condoff para frente de batalha.

Vários passos se arrastavam pelas escadarias e corredores no piso de mármore. Os salões estavam sempre cheios de criaturas e muito falatório.

—Quero voltar a fazer parte do seu tabuleiro. —disse Atena entrando em umas das várias salas de reuniões espalhadas pelo castelo.

Ela estava radiante aquela manhã. Usava um vestido vermelho fogo, de corpete bordado em rendas num tom mais claro de vermelho.

—Nunca deixaria você me sacrificar. Não tente ganhar o jogo, entregando o seu rei. —disse o príncipe saindo de traz da mesa de vidro branco e colocando-se diante da futura rainha.

O cômodo era grande, mas não havia nada além de uma mesa com muitos pergaminhos empilhados sobre ela. Das altas janelas de vidro, dava para observar os bosques em volta do castelo.

—Nenhuma casa vai se voltar contra o rei agora, pois a guerra está para começar. Prometo ser leal a família Condoff até a guerra ter fim. Depois, usarei a influência da minha família, e nossa força e inteligência para derrubar a casa Condoff. —disse Atena rude.

—Não tentarei impedi-la.

—Não vai perguntar o motivo?

—Motivo?

—Você desprezou e despreza a minha família com esse seu sentimento patético por aquela Hope.

—Eu não desejei isso. Não me sinto eu mesmo com esse sentimento. —a voz saiu fraca.

—É a maldição da família Condoff. O rei Erond foi amaldiçoado com pai e filho fracos. Ele ao menos sabe sobre seu amor pela criatura? —disse dando um sorriso de desprezo.

—Não vai conseguir me humilhar, pois já sinto que fui abandonado pelos grandes elfos, só por pensar em nela com tanto fervor. Já é humilhação e desonra por mil anos ou mais.

—Suas palavras me comovem. Estou contente por você lutar na linha de frente. Espero mesmo que você honre sua casa e volte sem vida. Só assim poderá cair nas graças dos grandes elfos novamente.

—Que bom que posso contar com sua sinceridade. Isso torna as coisas mais simples. —disse Aron se afastando de Atena e voltando para trás da mesa. —Se não tem nada mais a dizer, retire-se, pois tenho afazeres.

*.............Cinquenta ..............*



—Asteríris Linterfel. —disse a Sra. Margo ao abrir a porta de sua casa.

—Por onde esteve? —disse Asteríris passando pela porta rapidamente, sem nem bem esperar pelo convite.

—Vejo que descobriu. —disse gentilmente. —Chá? —para uma mentirosa que acaba de ser descoberta, a velha estava muito tranquila.

—Não. —disse Asteríris sentando-se em uma poltrona em volta da mesa de centro onde uma xícara estava cheia de chá. —Por que não me contou?

—E qual teria sido a graça. E acho que você não teria acreditado mesmo. —disse com doçura na voz.

—Acho que não. Aconteceu uma coisa enquanto eu estava em Orion.

—Orion?

—É o nome que as criaturas deram para o mundo que as bruxas criaram.

—Então você foi para o outro mundo. E como é lá?

—Encantador, mas está prestes a virar um campo de guerra.

—O que quer dizer? —a expressão da Sra. Margo mudou drasticamente.

—O Lorde das Trevas, retornou.

—E como tem tanta certeza disso?

—Vi com os meus próprios olhos. Ele me manteve presa, junto com a minha mãe. Mas antes disso, ele matou o meu pai.

—E onde está Evangeline?

—O Lorde a matou...quando fugimos da pedreira.

—Pedreira?

—É onde ele tem se escondido. Precisamos convocar todas as bruxas e ir para o mundo de Orion o quanto antes.

—Não podemos.

—Não podemos?

—As bruxas criaram um mundo prisão para todas as criaturas mágicas, justamente para evitar problemas.

—Mas, o Lorde das Trevas também está preso nesse mundo prisão e ele quer vingança. —disse Asteríris em tom elevado. —Precisamos ir para Orion. E sabe que as bruxas tem culpa no que está para acontecer.

—Sinto muito, mas não acho que as bruxas irão concordar. Ihanaspati. —disse a Sra. Margo fazendo Asteríris cair como uma boneca de pano sobre a poltrona. —Sinto muito, garota.

O quarto estava iluminado por uma chama azul. Uma figura se escondia ao lado da porta do cômodo, evitando a luz da chama.

—Quem está ai? —murmurou Asteríris sentando-se na cama muito zonza. —Senhora Margo?

—A minha mãe teve que sair. —a voz era muito familiar.

—É a filha da senhora Margo? —disse Asteríris, desalinhada.

—Sim. É uma pena saber de você só agora. —a figura saiu da escuridão e parou em frente a chama azul que flutuava sobre a madeira comida do criado ao lado da cama onde Asteríris estava.

Os cabelos ruivos e olhos da cor do mel, não eram tão peculiares quanto a própria figura em si.

—Q-q-quem é você? —a expressão de terror no rosto de Asteríris era evidente.

—Sou Lívina Colin, filha de Garbera e Victor Colin, mas deve conhecer a minha mãe pelo nome de humana, a senhora Margo. —disse a garota que aparentava ter não só a mesma aparência, como a mesma idade de Asteríris.

—Como isso é possível?

—Sermos tão parecidas!?

—Eu diria, idênticas. —murmurou meio pasma. —É coisa de bruxa?

—É mais uma maldição de bruxa. —disse Lívina rindo. —A maldição da duplicata. As bruxas acreditam em muitas coisas; lendas, mitos, clarividência, maldições.

—O que quer dizer?

—A minha mãe queria contar sobre a maldição, mas vejo que é muito impaciente, por isso vou contar. Existia uma lenda, sobre duas bruxas muito poderosas e muito amigas, que haviam feito um elo de sangue, onde juraram jamais trair a outra e que nunca se deitariam com o amado da outra. Mas, caso quebrassem o elo, a que cometesse o ato de traição, causaria infertilidade na bruxa traída, mas se ela já estivesse grávida quando ocorresse a traição, a bruxa que quebrou o elo, seria amaldiçoada com a maldição da duplicata, onde a bruxa também ficaria grávida de um bebê semelhante ao da bruxa traída. Isso havia sido uma forma de jamais se esquecerem do elo de amizade entre elas e de revelar uma traidora.

—Por que disse que existia uma lenda? —sussurrou Asteríris.

—Porque deixou de ser uma lenda, quando eu nasci.

—O que está dizendo?

—As bruxas viviam livres antes da guerra começar. Podíamos amar e ser amadas, mas depois tudo que restou foi viver escondidas. —a chama azul aumentou quando Lívina tocou nela. —Não somos imortais, precisamos gerar mais vidas para dar continuidade a nossa espécie.

—Por que está me contando isso?

—Vejo em seus olhos que tem muitas perguntas. Seus olhos são castanho-escuros ou é a pouca iluminação que os deixa assim?

—Não sei ao certo. Quanto a maldição da duplicata, é alguma brincadeira?

—Por que você acha isso?

—Posso ser nova nessa coisa de bruxa, mas para você ter o rosto semelhante ao meu, significa que o meu pai traiu a minha mãe quando ela estava grávida de mim. —a voz saiu com um tom de irritação. —E isso me deixa extremamente aborrecida, já que os meus pais não estão vivos para se defenderem. — a chama escondia metade de ambos os rostos que se encaravam.

—Sinto muito pelos seus pais, mas acha que inventaria ou que isso possa ser um truque!? Estou sendo sincera, pois sei que não descontará sua raiva em mim. Não quero ver a minha mãe chateada por sua causa. Ela já se culpa todos os dias por ter despertado a maldição da duplicata, não precisa desse seu olhar impetuoso.

—Ela não só traiu a minha mãe, como também se deitou com um lobo. —disse com desprezo.

—O que está dizendo?

—O meu pai era um lobisomem. Mas imagino que a sua mãe não sabia.

—Não ou teria me contado.

—Teria mesmo?

—Sim.

—O que está acontecendo? —murmurou a Sra. Margo ao entrar no cômodo. —Que bom que acordou. Desculpa por usar magia em você, mas precisava te trazer para a vila das bruxas e você estava alvoroçada para isso. —disse dirigindo-se a Asteríris. —Lívina, espere lá fora.

—Ela já sabe. —sussurrou Lívina cruzando os braços e escorando na parede em frente a cama. —Sabia que Heitor era um lobisomem?

—O que disse? —disse a Sra. Margo abismada.

—O meu pai era um lobisomem. —disse Asteríris, colocando-se de pé em frente a chama azul. —Como consegue ser tão baixa!? Trair a minha mãe dessa forma.

—Ele disse que era um lobisomem? —disse a Sra. Margo verdadeiramente assustada.

—Ele trocou de pele diante dos meus olhos. —disse Asteríris contente por deixar a Sra. Margo preocupada, e pensar que ela merecia passar por aquilo.

—Como puderam esconder isso de mim!? —sussurrou a Sra. Margo para si.

—Acho que era comum a mentira entre vocês. —zombou Asteríris.  
—Mãe, já chega desse assunto. A sua punição será dada, não precisa escutar as ofensas dela.

—Punição? —disse Asteríris.

—Para trazer você até a vila das bruxas, minha mãe teve que contar para a anciã sobre você e a maldição da duplicata. Mas ela adiou a punição, pois teve uma visão conosco, e é por isso que você foi trazida para cá.

—Por quanto tempo eu fiquei apagada? —disse Asteríris.

—Usei o feitiço Ihanaspati em você. Ficou adormecida por um dia inteiro. Eu precisava de tempo para resolver as coisas na vila das bruxas. —disse a Sra. Margo.

—Como pôde usar um feitiço contra outra bruxa? —disse Asteríris com tom elevado.

—Eu disse que ela ia ficar chateada. —disse Lívina.

—Chateada!? Estou contente que existe uma maldição, pois assim, sua traição ficará evidente para todas as bruxas quando elas me conhecerem. —havia faíscas saindo dos olhos da bruxinha. —Sobre o que era a visão da anciã? —disse Asteríris para a Sra. Margo encolhida perto da porta como um gatinho assustado.

—Ela disse que iria contar quando estivéssemos juntas. —disse Lívina.

—Quando iremos vê-la? —disse Asteríris.

—Assim que você estiver mais calma. —murmurou a Sra. Margo.

—Estou calma. —protestou Asteríris.

—Irei trazer um chá. —completou a Sra. Margo deixando o quarto.

Pararam em frente a uma casa velha e descuidada. Lívina passou a mão sobre a maçaneta da porta de madeira e então ela se abriu. Assim que entraram, a porta se fechou sozinha. A parte de dentro da casa, era o oposto da de fora. O cômodo era elegante e confortável, com uma mesa de ônix preta entre o sofá e uma lareira de tijolos alaranjados que combinava com o chão atapetado. As janelas eram de madeira e estavam todas muito bem fechadas. Quadros com pinturas de flores pendiam sobre as paredes, preenchendo a sala. A Sra. Margo logo desapareceu por uma das portas e em instantes estava de volta, convidando Asteríris e Lívina para entrarem em outro cômodo com pouca luz.

Havia uma cama no meio do quarto ao lado de um criado mudo e várias pedras coloridas sobre ele, alguém estava sentado em frente a uma janela fechada. Alguns raios de sol entravam pelas frestas e clareavam o cômodo e a cama atrás dela.

—Elas estão aqui. —murmurou a sra. Margo deixando o cômodo logo depois.

—Uma coisa curiosa das minhas visões, é que elas me permitem enxergar bem mais do que quando eu podia ver. –era uma senhora sentada em frente a janela fechada. –Mas elas podem deixar passar coisas que poderiam ser importantes, e cruciais para maior compreensão. —a mulher era muito velha, com lábios murchos e o cabelo escuro, a pele negra estava enrugada e seca.

—Anciã. —disse Lívina segurando a mão da senhora gentilmente.

—Que bom que está aqui minha querida. —disse a anciã com as pálpebras fechadas. —Quero tocar a mão da sua duplicata agora. —disse docemente. —Aproxime-se, sou cega, mas sinto quando alguém tem medo de mim.

—Desculpe. —disse Asteríris aproximando-se quase tropeçando nos próprios pés.

—Pegue a minha mão, quero sentir sua energia. —disse a anciã. —Eu sou Maglisi do clã Nariah.

—Sou Asteríris Linterfel. Por que estou aqui? —disse soltando a mão fria de Maglisi.

—Tenho algo para contar a você e a Lívina. —a janela continuava fechada, mas Maglisi mesmo com as pálpebras cerradas, parecia ver algo. —Lívina já conhece a história de como perdi os meus olhos, então serei breve. Perdi os meus olhos na batalha contra o Lorde das Treva, mas foi quando ganhei minhas visões. Desde então, consigo ver coisas que estão para acontecer, como borrões não muito evidentes.

—Sinto muito. —murmurou Asteríris.

—Não sinta. Eu não teria ganho o dom da visão, se não estivesse cega. É bom quando a vida lhe tira algo, mas põe algo melhor no lugar. Concorda? —disse Maglisi sorridente.

—Não, pois acho que a vida esqueceu de colocar algo no lugar do que me tirou. —disse Asteríris severa.

—Lívina, me leve para a cama. —ordenou Maglisi dando o braço para Lívina.

—Há dezessete anos atrás, eu tive uma visão. Um bebê chorava na escuridão. E sempre que eu tentava alcançar o choro, ele ficava mais abafado e distante. Por anos, eu tive a mesma visão. Quando Garbera veio para a vila das bruxas e contou sobre a maldição da duplicata, eu não havia visto Lívina com clareza ou você.

—O que quer dizer? —murmurou Asteríris apreensiva, colocando-se ao lado da cama da bruxa.

—Havia dois bebês chorando na visão, por isso, sempre que eu tentava alcançar o choro, ele se afastava, pois era você e Lívina.

—Como sabe que era eu e Lívina?

—A minha visão mudou, assim que soube da maldição da duplicata.

—E o que tinha na visão? —disse Lívina deixando Asteríris ansiosa, já que ambas não sabiam.

—Por isso, toquei em você Asteríris, pois queria ter certeza do que vi.

—O que foi que você viu? —disse Asteríris apertando as unhas contra as palmas das mãos.

—A escuridão.

—A escuridão? —repetiu Lívina vasculhando a mente buscando compreender.

—O destino de vocês está selado. —disse Maglisi com voz fraca pigarreando.

—O que mais havia na sua visão? —disse Asteríris fitando a irmã do lado oposto da cama.

—Morte. —sussurrou Maglisi quase que dando vida ao que saia da sua boca.

—Você e Lívina irão lutar pelo poder. Suas espadas já foram erguidas. Agora, posso ver com clareza como estão cercadas pela escuridão, e lutando lado a lado para combatê-la. —disse Maglisi um tanto intimidante.

—Então, você já sabe que o Lorde das Trevas retornou? —disse Asteríris.

—A visão deixou isso claro. E você voltou para esse mundo para buscar ajuda das bruxas. —disse Maglisi.

—Como sabe sobre a minha volta? —murmurou Asteríris.

—Garbera, me contou que ajudou você a entrar na floresta. Ela será punida por seus atos. —disse Maglisi.

—O que acontecerá com a minha mãe?

—Ela traiu uma bruxa, então teria os seus poderes bloqueados por isso. Porém, ela escondeu não só uma bruxa, mas duas. E colocou em risco a nossa segurança, quando permitiu que uma garota entrasse na floresta sozinha. Por seus atos, ela seria queimada, mas como estamos indo para a guerra, cada bruxa é necessária. Ela vai pagar sua dívida lutando.

—Então, as bruxas irão ajudar? —disse Asteríris com um pouco de esperança.

—Obrigada, por polpar a minha mãe. —murmurou Lívina.

—Ela terá uma morte honrada ao menos. —disse Maglisi fria. —Asteríris, todas nós iremos ajudar. Minha visão mostrou nossa partida para o outro mundo. —murmurou Maglisi com a voz embargada.

—Orion. —sussurrou Asteríris.

—O que disse? —quis saber Maglisi.

—O outro mundo, chama-se Orion. —disse Asteríris.

—Os Seres de Luz deram o nome da própria constelação ao novo mundo. —murmurou Maglisi com um sorriso.

—Não acho que temos muito tempo. O Lorde das Trevas já deve estar preparando um ataque. —disse Asteríris.

—Não precisa se preocupar. A viagem que você fez até a montanha, não será necessária. Usaremos um portal. —disse Maglisi. —Agora, saiam, pois preciso descansar.

—Tem mais uma coisa. Um amigo quer ir para Orion comigo. —murmurou Asteríris já em direção a porta.

—Tudo bem, mas estamos indo para a guerra. A vida dele é tão ruim assim!?

—Há mais honra em morrer na guerra, do que em uma vida honesta e sem perigo. —murmurou Lívina para Asteríris. —Mas para um humano, a morte virá muito rápido. Você não vai querer isso.

—Acho que vai ser difícil convencê-lo a não ir. —disse Asteríris.

—Você não vai precisar. Ficará na vila das bruxas para se reunir com o círculo vermelho. —disse Lívina.

—Deixe-me descansar, e depois irei reunir o círculo vermelho para falar sobre nossa ida ao outro mundo. —disse Maglisi.

—Tudo bem. —murmurou Lívina.

—O que é o círculo vermelho? —sussurrou Asteríris deixando o cômodo.

—É o círculo composto por doze bruxas, uma de cada clã. São as bruxas que tem usado o sangue para manter a montanha onde está. —disse Lívina sentando-se no sofá.

—Você faz parte do círculo? —disse Asteríris.

—Infelizmente, não posso fazer parte ainda. Uma bruxa precisa ter vinte e um anos e ser muito poderosa. Como sabe, não tenho vinte e um ainda. —disse Lívina.

—Mas vamos participar dessa vez?

—Sim, pois você é a única que sabe sobre o Lorde das Trevas e onde ele se esconde, e somos as bruxas destinadas a derrotá-lo.

—Sabe o motivo de nós duas sermos as escolhidas?

—Não. Tem coisas que nem mesmo uma bruxa pode explicar.

—Mas deve existir uma razão para sermos as escolhidas e quero saber qual. Não acha estranho você ser fruto de uma traição e ainda ser uma das eleitas?

—Está tentando arrancar informação ou me provocar?

—Só acho...

—Estranho, eu ser umas das eleitas, assim como você. Se quer mesmo saber, devia ter perguntado a Maglisi, já que a visão é dela. Fui instruída a ensiná-la feitiços de guerra. Todas aprendemos a arte da guerra aos dez anos. Minha mãe me contou sobre você ter entrado na floresta e como não fazia ideia de que era uma bruxa. O que sabe fazer? —disse Lívina com tom debochado.

—Abrir portais, e acredito ser um bom começo, já que para abrir um, é preciso ser uma bruxa poderosa.

—Então, já sabe manipulação elemental. Irei treinar na arena com você alguns feitiços de guerra.

—Arena?

—Sim. Temos uma arena para treinamento, com alguns bonecos de palha e troncos de árvores.

—Legal. Quando iremos começar?

—Nesse exato momento. Não temos tempo a perder.

A arena era ampla, com pilastras de metal onde flâmulas brancas com flores pintadas de diversas cores formavam uma estrutura oval na grama verde. Havia muitos bonecos de palha e troncos de madeiras espalhados por todos os lados sem alinhamento.

—Começaremos com ataques de longa distância. O primeiro feitiço é Gurnut Elua Palama. Junte os dedos indicadores e os polegares, de modo a formar um triângulo, e mantenha os outros dedos abertos. Traga as mãos para próximo do peito e depois a empurre com força para a frente, enquanto diz o feitiço.

—Está bem. —assentiu Asteríris.

—Ataque o tronco que está a sua direita a dois metros. —ordenou Lívina.

Uma corrente em espiral lançou-se contra o tronco, arrancando-o do chão, fazendo ele girar muitas vezes antes de cair sobre a grama deixando-a esburacada.

—Vejo que aprende rápido. —disse Lívina. —Faça mais uma vez.

E novamente outro tronco girou por muitos metros até atingir a grama deixando-a encarquilhada...

—Esse você irá usar a terra a seu favor. Abrindo uma fenda no chão que irá engolir o seu adversário e logo depois ela irá fechar-se. Canalize magia em uma das mãos e leve-a contra o chão como se fosse espalmá-lo e diga Vloertenebris.

Um raio de fenda, abriu-se na grama verde, engolindo um boneco de palha que estava a três metros de Asteríris e depois fechou-se, tonando a grama intocada.

—Incrível. —disse Asteríris dando pulinhos de alegria.

—Usará a água e o fogo se estiver cercada por eles, do contrário usará a terra e o ar a seu favor. —alertou Lívina.

—E quanto a chama azul?

—É um fogo mágico que pode ser usado no ataque ou defesa, mas gasta muita energia. Em uma batalha curta, seria ideal usar, mas em batalhas que se arrastam por manhãs e noites, uma bruxa ficaria exausta ainda nos primeiros ataques.

—Entendi.

—Ensinarei um feitiço usando fogo, só por precaução. Vai precisar da chama vermelha. Depois que a manipular usando o feitiço Tormentun ugnis, divida ela em três. Sabe separar um chama?

—Acho que não. —murmurou Asteríris um pouco desapontada.

—Diga romper, enquanto estica a chama com as mãos. Ela vai se dividir em duas, então diga romper outra vez, e estique as chamas devagar, até que outra bola se forme.

—Entendi. Mas não tem nenhuma chama vermelha aqui.

—Eu disse que era só por precaução. Pratique com a chama azul, mas vai gastar muita energia, pois ela é difícil de manipular, ainda mais transformá-la em três.

—Não posso fazer três chamas azuis e depois manipular?

—Ficaria sem energia assim que terminasse de manipular a segunda. Manipule apenas uma chama azul, e depois transforme-a em três. Quando estiver com três bolas de fogo, segure-as com uma das mãos e lance com a outra, dizendo o feitiço que usou para criá-las. Puxe uma das chamas e lance logo em seguida. Não pode demorar ou a chama irá se desfazer.

—Certo.

Três círculos de fogo mágico se formaram entre as palmas abertas de Asteríris. Uma atingiu um tronco, outra abriu uma toca de coelho na grama verde, e a outra nem sequer atingiu algum alvo.

—Precisa melhor sua pontaria ou de nada vai adiantar saber feitiços. —disse Lívina sensata.

—Devia ter praticado mais arco-flecha. —sussurrou Asteríris.

—O que você disse?

—Nada.

—Acho que por hoje é só. Continuei treinando e tentando acertar os alvos. Tenho aula agora pela tarde sobre o uso das plantas em feitiços.

—Posso assistir?

—Não mesmo. Preciso que acerte os alvos para ensiná-la mais feitiços. Nos vemos ao anoitecer na fogueira.

—Fogueira?

—O círculo vermelho irá acender uma fogueira para contar um pouco sobre a última guerra para encorajar as mais jovens, e para apresentar você e descobrir qual o seu clã.

—Achei que fosse o sangue que definia.

—É o sangue, mas acontece que nem sempre o clã da filha será o mesmo da mãe. E agora que sei que o seu pai era um lobisomem, é provável que o seu clã não seja o mesmo da sua mãe. —Não conte a ninguém sobre o seu pai.

—E como fazem para descobrir?

—O seu sangue será colocado sobre um tronco, onde há tralhado nele o nome dos doze clãs. O sangue escorre para a ramificação com o clã escolhido pelo tronco.

—Interessante. E qual é o seu clã?

—Sou do clã Aixah, como a minha mãe. E qual era o clã da sua mãe?

—Winka, segundo a sua mãe.

—Talvez tenha sorte e o seu sangue seja Winka. Os clãs aprendem, praticam e lutam juntos, pois assim são mais fortes. Acredito que você será do clã Aixah, já que somos as escolhidas e lutaremos juntas.

—Talvez.

*Cinquenta e Um*



Uma fogueira em pleno verão não parecia uma boa. A madeira chiava á medida que as chamas a consumia.

Todas as bruxas estavam sentadas em volta da fogueira. Algumas crianças corriam com chamas nas mãos e lançavam contra as outras, uma brincadeira que parecia ser comum entre elas.

Havia muitas bruxas velhas, que já não conseguiam mais esconder as marcas do tempo. Elas estavam sentadas juntas da anciã Maglisi, que parecia contente com tantas vozes misturadas.

O círculo vermelho vestia capas acerejadas chamando a atenção de Asteríris para elas.

—Pare de encarar. —cutucou Lívina a irmã. —São o círculo vermelho, mas as vezes acham que são Deusas da magia. —disse revirando os olhos. —Aquela de cabelos curtos e olhos baixos é Horxín do clã Nariah, ela é muito boa em tudo o que faz. A outra, que não desgruda dela, é a Cevia do clã Aixah, muito boa abrindo portais e usando a água. Marorquí do clã Dalim é uma bruxa disciplinar, logo você vai entender o motivo. Temos...

—Eu guardei uma visão comigo por muito tempo, pois não a compreendia, e hoje eu finalmente pude entender. —disse a anciã, despertando a atenção para si. —Lívina, a bruxa do clã Aixah é parte dessa visão, que posso chamar de profecia. Ela revelou que duas bruxas, irão lutar lado a lado para combater as trevas. Asteríris, é a bruxa que veio até mim. Ela ainda não possui um clã, mas logo terá um lugar entre nós. Uma bruxa que não conhecíamos, mas que sempre esteve em minha mente. Ela é a segunda bruxa da qual tenho esperado por anos. —disse Maglisi fazendo uma breve pausa. —Asteríris, seja bem-vinda a sua nova família.

Asteríris encolheu-se ao ver que todas a observava com olhos curiosos.

—Obrigada. —sussurrou Asteríris, encarando o rosto crizo de Maglisi.

—Iremos contar histórias está noite, mas primeiro vamos descobrir em qual clã Asteríris foi abençoada.

Um tronco na altura da cintura de Asteríris, apareceu ao lado da fogueira quando Maglisi sussurrou algo.

—Temos o tronco de ketsueki. —disse Maglisi, apontando para um tronco com um círculo ao centro de onde partiam várias ramificações ligadas aos nomes de cada clã. —O clã Lunárih será a sortuda?

As bruxas do clã Lunárih pareciam animadas com a possibilidade de Asteríris fazer parte delas, pois gritavam estridentemente.

—O meu clã ficaria contente por recebê-la. —disse Maglisi, fazendo com que o seu clã se agitasse ainda mais que o anterior. —Vamos deixar que o tronco de Ketsueki nos diga. Aproxime-se, minha querida. —ordenou para Asteríris.

Maglisi agarrou a mão de Asteríris e aproximou-a do centro do tronco. O sangue vermelho escorreu e preencheu o círculo quando a lâmina de prata fez um traço em sua mão.

Por alguns instantes, todas ficaram em completo silêncio, mas logo o alvoroço começou quando o sangue não se moveu para nenhuma das ramificações.

—O que está acontecendo? —murmurou Asteríris ao perceber a agitação e os olhares desconfiados.

—Ela é mesmo uma bruxa? —alguém cochichou.

—Vejo que temos algo novo aqui. —disse Maglisi sem muito espanto. —Talvez, por ser filha de uma bruxa com um troca peles.

Aquelas palavras causaram ainda mais alvoroço, e agora todas as bruxas encaravam Asteríris com desprezo e praguejavam em sua direção. O círculo vermelho parecia já estar ciente dos acontecimentos, pois não arquearam nem mesmo as sobrancelhas.

—Achou que eu não soubesse. Assim que toquei você, vi um enorme lobo protegendo-a. Mas que culpa você tem pelos erros de sua mãe. Não tomarei isso como um problema a ser resolvido. Não quando ela é uma das escolhidas. Duas bruxas nascidas do pecado. —disse Maglisi um tanto gentil. —O que posso dizer!? Nem sempre minhas visões são claras. Acho que morrerei sem entender o motivo de bruxas, filhas de pecadoras, serem as escolhidas. —a gentileza deixou de ser sútil.

—O que isso significa? —disse Asteríris, irritada.

—Desculpa, ofendi você? —disse Maglisi guardando um sorriso de escárnio.

—A imagem da minha mãe sim. Polpe suas palavras, já que ela não fazia parte disso aqui. —esbravejou Asteríris.

—Ela fazia parte, mesmo não querendo. O sangue não pode ser mudado. —rebateu Maglisi que parecia se deleitar com a situação. Talvez o pecado dela seja tanto, que nem um clã, você é digna de ter.

—Espero que tenha previsto isso. —rosnou Asteríris saindo do lado de Maglisi e indo em alguma direção para fora da vila.

—Não pode sair. A barreira impede que alguém entre ou que saia sem a minha permissão. Desculpe, mas esperava que eu dissesse para as bruxas, que a atitude da sua mãe foi correta!? Muitas coisas poderiam ter acontecido com você. Garbera, diga a ela o que poderia ter acontecido. —ordenou para a mãe de Lívina que estava encolhida em um canto.

—Eu sou a escolhida. Qual o seu argumentou contra isso? —disse Asteríris colocando-se sem medo diante de Maglisi.

—Talvez eu esteja realmente velha. —disse Maglisi deixando escapar uma risada.

—Sinto muito. —sussurrou Garbera (senhora Margo) para Asteríris.

—Não esperava esse melodrama para uma noite tão agradável. —zombou Lívina. —Mas me permita acabar com ele. A minha mãe errou, mas como podem ver, eu e Asteríris somos bruxas como qualquer outra.

—Mas e o tronco de Ketsueki? —murmurou uma bruxa baixinha do clã Stella.

—Ele pode se enganar as vezes. Acho que Asteríris poderá dar início ao seu próprio clã, já que o tronco não foi capaz de escolher um para ela. —disse Lívina aproximando-se de Asteríris. Então, vamos parar de jugar e ofender nossas mães e começarmos de fato com as histórias, pois sei que todas estão curiosas para saber sobre o mundo de Orion, e que eu saiba, a única bruxa que foi para lá e ainda foi mantida presa pelo Lorde das Trevas, é Asteríris, a bruxa sem clã.

Todas pareciam encurraladas. Maglisi contorceu o nariz antes de voltar ao seu lugar.

—Asteríris, qual o nome do seu clã a partir de hoje? —disse Lívina com cumplicidade para Asteríris.

—Obrigada. —disse baixinho Asteríris, para que apenas Lívina pudesse ouvir. Clã Gemini.

—Tronco de Ketsueki, aceite esse sangue do clã Gemini e deixe que dele outras nasçam. —disse Lívina.

Uma rachadura abriu-se entre os clãs Ara e Eridan e o nome Gemini foi sendo talhado como se ganhasse vida própria.

—O tronco de Ketsueki, aceitou o clã Gemini. —disse Lívina em tom elevado e cheio de satisfação.

Nesse meio tempo, Asteríris havia contado sobre sua jornada pela floresta, mas guardara segredo sobre a mensagem deixada com os anões. As bruxas ficaram surpresas quando Asteríris contou como foi bem tratada pelo rei Erond e por todos no castelo, algo de se estranhar, devido ao que as bruxas haviam feito com os Seres de luz.

Ficaram furiosas, quando ouviram o que o Lorde das Trevas estava tramando, e como o desejo de vingança o havia consumido ainda mais, depois cem décadas. Mas o que deixou as bruxas assustadas, foi saber sobre a possível descoberta do Lorde das Trevas, os dragões elementais.

A expressão no rosto de cada uma delas, deixava evidente que estavam sentindo pena de Asteríris por algum motivo.

— Deixou alguma coisa para trás? —disse Lívina parecendo apreensiva.

—Onde? —disse Asteríris alheia.

—Em Orion. —disse Lívina.

—O que eu poderia ter deixado? —disse Asteríris buscando a resposta na expressão séria da duplicata.

—Um fio de cabelo por exemplo. —murmurou uma jovem bruxa do clã Dalim.

Sabiam que aquilo poderia significar morte.

—Pode ter caído da minha cabeça, mas não de propósito. —disse Asteríris. —O que está acontecendo?

—Agora que sabemos que o Lorde da Trevas tem dragões, você correr perigo. —disse Lívina com a voz fraca.

—Ainda não entendi. —disse Asteríris, vendo que Maglisi continuava sentada, apenas ouvindo os murmurinhos das bruxas.

—Ele pode usar o feitiço Lutka cruento contra você, já que ele tem os dragões e talvez um fio do seu cabelo. —disse Lívina.

—E como faço para evitar que algo assim aconteça? A minha mãe já havia me contado sobre o feitiço usando sangue de dragão, e como é uma das piores mortes. —murmurou Asteríris com a voz trêmula.

—De fato, é uma das piores mortes, mas a minha visão mostrou que Asteríris lutaria na guerra, então não temos que nos assustar por nada. —disse Maglisi.

—Está segura da sua visão? —disse Lívina esquecendo com quem ela estava falando.

—Só estão vivas por causa dela. Então, sim. Acredito que Asteríris está segura por hora. —disse Maglisi, levantando-se. —Acho que por hoje é só. Todas podem ir descansar. Quero todas bem-dispostas na arena, ainda pela manhã.

—Tudo bem. —as vozes saíram em coro.

A casa de madeira e lareira de tijolinhos, era grande o bastante para três bruxas e uma hospede inesperada.

—Se incomoda de ficar com o sofá? —disse Cramélia do clã Ara.

—Não mesmo. —disse Asteríris com um sorriso simpático.

O sofá estampado ficava entre duas poltronas grandes e fofas.

—Tome alguns cobertores. —disse Lívina, entregando cobertores quentes a Asteríris. —Não enrole para dormir, pois amanhã você verá o que é um treino de verdade.

—Está bem. —assentiu Asteríris.

O sol entrava pela janela entre aberta e deixava os fios ruivos de Asteríris mais vivos.

—Hora de acordar. —disse Lívina jogando os pés de Asteríris para fora do sofá e sentando-se.

—Já. Acho que acabei de pregar os olhos. —resmungou Asteríris sentando-se no sofá ainda sonolenta. —Preciso de uma boa xícara de café. —duas passadas de mãos sobre os fios e eles se alinharam rapidamente.

—Duas. —disse Narbena do clã Lyra saindo de um dos cômodos que dava para a sala.

—Espero que Maglisi deixe usar os bonecos de pano para treinarmos. —choramingou Cramélia.

—Se não formos usar os bonecos de palha, o que usaremos? —disse Asteríris fazendo as garotas trocarem olhares e sorrisos maliciosos.

—Iremos duelar umas com as outras. —lamentou Narbera.

Em volta da arena estavam todas as bruxas, transparecendo estarem muito tensas, e algumas bocejavam despreocupadas, eram as bruxas do círculo vermelho, por serem mais velhas e poderosas, não demostravam medo algum.

Não havia mais bonecos de palha ou troncos desalinhados, apenas Maglisi, parada bem no meio da arena, o que deixava todas ainda mais agitadas.

Uma bruxa com capa de fogo disse alguma coisa e ao fazer um gesto com as mãos, duas estruturas flutuantes de madeira com três lances de degraus com assentos lisos, e um corredor que se ligava a escadarias que levavam para cima e para baixo até a grama, surgiu em cada extremidade da arena.

—Espero que tenham dormido bastante, pois a partir de hoje, nenhuma de vocês descansará até estarem preparadas para ir a Orion lutar contra o Lorde das Trevas. —disse Maglisi com a voz elevada e falha. Hoje não usaremos bonecos ou objetos nos treinos. Irei escolher com quem irão duelar e espero que levem isso muito a sério. A bruxas curandeiras já estão a postos para caso alguém se machuque gravemente.

—Isso é sério? —cochichou Asteríris para Lívina.

—Sim. —disse forçando um riso.

—Aproximem-se, Narbera do clã Lyra, e Naraga do clã Lynx. Vocês duas poderão usar tudo o que apreenderam até agora. —informou Maglisi. —Svelare. —disse ela, revelando tochas acesas em cada extremidade da arena, assim como jarros grandes cheios com água. Podem começar.

As bruxas do lado de fora da arena, pareciam alarmadas, mas não paravam de gritar para a bruxa que fazia parte do seu clã.

—Nohoikalewa. —gritou Narbera do clã Lyra, fazendo Naraga do clã Lynx flutuar a três metros da grama e depois a soltou, deixando que ela caísse com tudo na grama verde.

—Sua vaca... —gritou Naraga, antes de lançar uma bola de fogo na direção de sua oponente, mas foi em vão, pois um escudo de água projetou-se diante de Narbera.

—Nohaacqua. —gritou Narbera, manipulando uma bola de água e fazendo-a virar uma serpente.

A água serpenteante disparou na direção de Naraga e chicoteou-a no rosto, fazendo ela cair para trás.

—Vejo que quer brincar. —gritou ela, pondo-se de pé rapidamente. —Corpus impedito. —Narbera estava paralisada. —Formentun ugnis. —gritou Naraga, lançando três bolas de fogo contra sua oponente. Narbera caiu imóvel no chão, apenas gritando de dor, devido as queimaduras na barriga.

Duas curandeiras aproximaram-se de Narbera, e amenizaram sua dor usando uma pasta de ervas, feita especialmente para aquela ocasião.

—Ela vai ficar bem. —disse Lívina ao ver o rosto assustado de Asteríris.

—Cramélia do clã Ara, e Alinia do clã Acrux, aproximem-se. —ordenou Maglisi, depois que o corpo queimado de Narbera foi retirado da arena.

A bruxa do clã Acrux, era muito mais nova que sua oponente, e isso parecia deixá-la ainda mais trêmula...

—Sinto muito. —sussurrou Cramélia para a oponente a sua frente.

—Comecem. —disse Maglisi, deixando a arena.

—Gurnut Elua Palama. —gritou Cramélia, lançando sua oponente o mais longe de si, com o golpe.

A bruxa do clã Acrux caiu feito uma abóbora podre na grama, mas logo levantou-se.

—Verun occultatum. —murmurou Alinia, mas lançando o feitiço contra si mesma.

—Não acredito que ela conseguiu se esconder usando esse feitiço. —disse Lívina impressionada.

—O que tem o feitiço? —disse Asteríris, intrigada.

—Ele é um dos feitiços mais complicados, pois requer muita concentração. E usamos para ocultar objetos. É quase impossível ocultar um corpo, ainda mais em um duelo. —disse Lívina entusiasmada. —Acabou para Cramélia.

—Ihanaspati. —murmurou uma voz por cima dos ombros de Cramélia, e em segundos ela estava apagada sobre a grama. —Svelare. —sussurrou Alinia, reaparecendo diante do corpo caído da oponente.

—Muito bem. Estou impressionada com a sua tática de combate. —disse Maglisi, aproximando-se de Alinia. —ela sabia de tudo o que estava acontecendo, já que uma bruxa ficava ao seu lado, narrando os duelos.

—Obrigada. —murmurou Alinia, envergonhada.

—Espero que mais bruxas saibam usar um feitiço com esse. Ocultar a si mesma, foi brilhante e garantiu uma vitória rápida. Poderia ter matado sua oponente facilmente se essa fosse sua vontade. —disse Maglisi dando um sorriso amedrontador. —Aproximem-se, Marorquí do clã Dalim, e Rosabera do clã Solariah. —as bruxas aparentavam ter doze anos, com cabelos ondulados escuros e um rosto muito jovem e pálido. —Comecem.

As duas pareciam analisar a oponente, pois davam passos largos e em círculos, olhando fixamente para a outra.

—Ruxruxo equo. —gritou Marorquí, manipulando um chama vermelha, e depois lançando um cavalo galopante de fogo contra Rosabera, que o desfez usando uma onda de água. —Patsas Ghiaccio. —lançou uma lâmina de água contra sua oponente rapidamente, não dando chance de defesa, fazendo-a virar uma escultura congelada.

—Interessante. Distraiu sua oponente com um feitiço que sabia que ela defenderia, mas que levaria tempo para ela atacar de volta, enquanto já preparava o próximo ataque. —disse Maglisi, entrando na arena batendo palmas para Marorquí. —Precisam pensar qual será o seu primeiro ataque e como pretendem acabar rápido com o duelo. Na guerra, não tem espaço para erros. Uma decisão errada, e sua cabeça vai estar pendurada em uma lança no final da batalha. Aproximem-se Lívina do clã Aixah, e Asteríris do clã Gemini.

—Angry... sério isso!? Ela tinha que colocar nós duas para duelar. —resmungou Lívina. —Prometo pegar leve com você.

—Que bom que aprendi com você. —zombou Asteríris, dirigindo-se para o centro da arena.

—Vamos ver o que as escolhidas têm a oferecer. —disse Maglisi elevando o tom de voz. —Comecem.

—Sinto muito, maninha. —sussurrou Lívina dando alguns passos para trás.

—Não precisa ter pena de mim. —disse Asteríris com um sorriso perverso.

—Ruxruxo equo. —um cavalo de fogo galopou em direção a Asteríris, que tirou uma cambalhota para fugir do ataque.

—Gurnut Elua Palama. —uma corrente de ar em forma de um pequeno redemoinho foi na direção de Lívina, mas ela se defendeu erguendo uma parede de terra. —Nohaacqua. —o feitiço se desfez, quando Asteríris lançou três bolas em chamas contra a água serpenteante.

—Vloertenebris. —uma fissura abriu-se e tentou alcançar Lívina, mas ela saltou rapidamente para trás.

—Nohoikalewa. —o feitiço atingiu Asteríris em cheio e os seus pés saíram do chão. —Vloertenebris. —uma rachadura abriu-se embaixo dos pés dela, e então, Lívina a soltou, deixando-a cair na escuridão do buraco.

—Já pode tirar ela. —disse Maglisi para Lívina depois de um tempo. —Ela vai sufocar se ficar mais tempo soterrada.

—Keluarhonua. —disse Lívina, fazendo o corpo de Asteríris sair de dentro da grama. As raízes já estavam enroladas em seu pescoço e boca.

O gosto de terra, não saia por nada. Não tinha chá ou café que ajudasse.

A madeira estalava dentro da lareira, clareando o cômodo da sala.

—Desculpe, acho que exagerei um pouquinho. —lamentou Lívina, sentando-se ao lado de Asteríris no sofá.

—Devia ter usado um feitiço com água. Ao menos me secaria rápido. O gosto de terra fica mais forte cada vez que tusso. Acho que vou pular o jantar, pois estou enjoada. —resmungou Asteríris. —Notei durante o duelo, que o seu feitiço Gurnut Elua Palama ganhou a forma de um redemoinho, diferente do formato do meu, em espiral.

—Às vezes o formato de um feitiço nem sempre vai ser igual, pois além da bruxa ser outra, a própria criação muda, pois o pensamento é outro. No que você pensou quando realizou o feitiço? —disse Lívina.

—Só em conseguir fazer. —disse Asteríris.

—Exato. A forma original do feitiço Gurnut Elua Palama é uma espiral, mas ele pode ser moldado se a bruxa que o fizer, pensar em outra forma. Eu pensei em um redemoinho quando estava dizendo o feitiço. Outro feitiço que tem muitas formas, é o Ruxruxo equo, podendo ser um cavalo em chamas ou uma fênix. —disse Lívina feliz por explicar.

—Entendi. —disse Asteríris. —Quando iremos para Orion?

—O círculo vermelho vai usar o duelo de hoje, para montar uma estratégia de ataque. Acredito que amanhã já devem convocar as escolhidas e nos dirão o que fazer.

—Acha que podemos ganhar? —murmurou Asteríris.

—O primeiro passo é acreditar. E eu acredito que podemos ganhar se todas se esforçarem. E temos os Seres de Luz do nosso lado. Só precisamos que você nos leve até eles e seja nossa porta voz.

—Não acho que um exército de bruxas será bem recebido, depois das bruxas enviarem todas as criaturas para um mundo prisão, mas verei o que posso fazer.

*Cinquenta e Dois*



O fogo mágico estava enfileirado sobre a mesa de pedra branca. Sobre um canto do cômodo, Asteríris e Lívina cochichavam algo importante. As doze bruxas chegaram juntas e o lugar que parecia grande, tornou-se pequeno em instantes. Maglisi, caminhou lentamente em direção ao seu lugar à mesa, tocando a mão de cada bruxa presente. Mas, algo pareceu mexer com ela, quando tocou a mão das escolhidas no mesmo instante. As duplicatas, até pensaram que ela fosse voltar a enxergar naquele momento eterno. A anciã, apenas sorriu e continuou a seguir para o seu lugar a mesa.

—O círculo vermelho esteve forte até os dias de hoje. —disse Maglisi parecendo pensar no que diria a seguir. —Apesar de ser uma bruxa muito velha, ainda me surpreendo quando certas coisas acontecem.

—O que será dessa vez!? —sussurrou Lívina para si.

Maglisi seguiu em direção a uma estante de ferro cheia de livros empoeirados. Ela passou a mão lentamente sobre eles, como se procurasse por algo em específico. Sua mão parou em um livro com a lombada de couro esverdeado. Ela o tirou da estante com certa dificuldade, já que o livro parecia ter um pouco mais de oitocentas páginas, julgando pelo seu tamanho e espessura.

O livro caiu ignorante sobre a mesa, levantando uma poeira acinzentada no rosto das bruxas e embaçando o fogo mágico.

—Um livro que contêm rabiscos dos rostos de quase todas as bruxas. —disse Maglisi passando página por página, como se conseguisse ver cada rosto e nome traçado de preto sobre a folha amarelada e comida por traças. —Antes dos meus olhos serem arrancados pelo Lorde das Trevas, eu era uma bruxa que vivia lendo e relendo cada grimório e pergaminho, aprendendo sobretudo de feitiços, porções, clarividência. Mas, o que demorei mais para decorar, foi cada nome e rosto de bruxa que continha neste livro. E sempre que eu achava que havia decorado todos, mais nomes e rostos elas rabiscados nele. —aquilo parecia não fazer sentido algum para Asteríris. —E depois de anos sem ver os rostos neste livro, eu ainda fui capaz de me lembrar de dois quando os vi em uma visão.

—Outra visão. —murmurou alguém na outra ponta da mesa.

—As gêmeas Hichoê e Hikalan do clã Eridan. Muitas não vão lembrar, pois elas viveram na Terra há muitas décadas, em um tempo em que eu não era tão velha. Quando toquei nas escolhidas, no lugar do rosto delas, vi as irmãs do clã Eridan, erguendo espadas em um mundo cercado pelas trevas. —disse Maglisi.

—O que isso significa? —murmurou Lívina.

—Pensei que morreria sem descobrir o motivo de Asteríris e Lívina serem as eleitas, mas hoje uma visão trouxe a resposta. As escolhidas, são a reencarnação das gêmeas Hichoê e Hikalan. —disse Maglisi satisfeita.

—Por quê? —murmurou Asteríris.

—As gêmeas Hichoê e Hikalan, eram bruxas poderosas do clã Eridan, mas não eram as únicas. Havia uma terceira bruxa, Írissol. Na verdade, elas eram trigêmeas muito imbatíveis, já que além do elo materno, havia o elo de sangue por serem do mesmo clã. Mas, Írissol era uma bruxa bem diferente das irmãs, e sempre fazia as coisas por conta própria e como bem entendia. Um dia, ela foi pega fazendo um feitiço de ligação, porém usando magia negra. Nós a julgamos pelos seus atos, bloqueando os poderes, e obrigamos ela a viver sozinha em um lugar perto da vila onde nós bruxas vivíamos. —contou Maglisi.

—Acho que já ouvi essa história. —sussurrou Lírvi do clã Winka.

—Sim, aprendemos na escola de bruxas. —disse Tulisa do clã Stella. —Na aula de história da guerra, estudamos sobre uma bruxa que fez uso de magia negra, e que o amor dela por um Ser de Luz, foi o que levou ao começo da guerra.

—Não estou tão avançada assim. —sussurrou Lívina aborrecida. —Então, somos a reencarnação das irmãs de Írissol.

—Sim. O espírito de uma bruxa é muito forte e pode se agarrar a outro corpo em busca de vingança ou para fazer a coisa certa. —disse Lírvi, sensata. As irmãs Hechoê e Hikalan, morreram lutando na guerra contra o Lorde das Trevas. A maldição da duplicata pode ter algo a ver com a escolha das eleitas.

—Posso afirmar, que elas querem derrotar o Lorde das Trevas para concertar o erro cometido por Írissol. —completou Maglisi.

—Está dizendo que eu, não sou eu? —murmurou Asteríris embaralhada.

—Basicamente. —zombou Lívina. —Somos nós mesmas, mas com um propósito, meio que é isso.

—Eu tenho propósitos, e não preciso de reencarnação para isso. —choramingou Asteríris. Ai...isso é muito confuso. As bruxas podiam ser menos enigmáticas, isso ajudaria bastante.

—Isso não muda quem você é. —disse Tulisa. —Mostra que é especial, a ponto de ser a escolhida.

—Certo. —murmurou Asteríris, um pouco aliviada. —Então, o que faremos?

—Partiremos para a montanha em breve, mas antes, Asteríris precisa aprender mais feitiços de guerra, pois uma espada não será o suficiente para derrotar o Lorde das Trevas. —disse Maglisi. —Amanhã treinaremos com espadas e arcos— flechas. Mas também não ganharemos só com magia.

—E quanto a estratégia de guerra? —disse Lílis do clã Lunárih.

—Iremos discutir depois. Ainda não decidi se as bruxas com a idade de dez anos irão lutar. —disse Maglisi.

—Está pensando mesmo em enviar as crianças para a guerra? —esbravejou Lívina.

—Não são crianças. As bruxas com essa idade, já aprenderam sobre manipulação elemental e como usar em feitiços de ataque e defesa. Asteríris, tem dezessete anos e não sabe metade do que as crianças que estudam na escola de bruxas. —disse Maglisi. —Em um duelo entre ela e uma bruxa com dez anos, posso garantir que ela irá perder.

—Ela está certa. —lamentou Asteríris. —Irei me esforçar amanhã no treino. Não acho justo eu ser a escolhida quando acabei de descobrir que sou uma bruxa. Mas, acho que isso não importa agora.

—Não mesmo. —rosnou Maglisi. Eu reuni o círculo vermelho, não para discutir estratégias de guerra, mas para Asteríris contar o que pretender fazer quando chegarmos em Orion.

—Eu? —disse Asteríris com a voz fraca.

—Sim ou acha que seremos bem-vindas em Orion. A sua boa relação com o rei, é o que pode garantir que fiquemos seguras e impede que uma guerra entre bruxas e Seres de Luz comece. —avisou Maglisi.

—Tudo bem. Acho que consigo abrir um portal que nos leve diretos para os portões do castelo de Arãbergue. —disse Asteríris.

—Arãbergue? —disse Lírvi.

—É um dos castelos dos Seres de Luz. O rei Erond, e o príncipe Aron Condoff vivem lá. —disse Asteríris.

—E depois, o que pretende fazer quando estivermos todas com a corda no pescoço? —disse Naraga do clã Lyra.

—O que quer dizer? —disse Asteríris.

—Espera mesmo que um rei abra suas portas para um exército de bruxas? —disse Naraga.

—Então, o que espera que eu faça? —disse Asteríris ficando cada vez mais corada.

—Acha que o rei dará abrigo para um exército de bruxas? —murmurou Lívina para Asteríris.

—Ele precisa da nossa ajuda para parar o Lorde das Trevas. O rei Erond, não tem escolha. —disse Asteríris, confiante.

—Sabe que vamos ser jogadas nas masmorras, até que você convença o rei, não é mesmo? —disse Horxín do clã Nariah.

—O príncipe pode ajudar quanto a isso. —murmurou Asteríris.

—Está muito certa do que diz. O que está escondendo? —disse Narvi do clã Lynx.

—Nada. —disse Asteríris com um olhar desafiador.

—Asteríris, irá conversar com o rei e garantir a nossa segurança, até que a guerra comece. Estou certa de que o Lorde das Trevas não vai demorar para atacar quando souber que estamos em Orion. —disse Maglisi. —Estamos dando o que ele quer.

—O que aconteceria se não fossemos para Orion? —disse Lívina.

—A guerra, daria um jeito de chegar até nós. —murmurou Cevia do clã Aixah.

As lâminas sibilavam cortando o ar e indo de encontro a um boneco de palha.

—Com vontade. —gritou Marorquí do clã Dalim para as bruxas que empulhavam espadas de ferro cintilantes. —Desse jeito, não vão sequer conseguir contar uma folha. Mais força nesses braços. Arqueiras...preparar...apontar...atirem...

—Não acertei nenhum alvo. —resmungou Lívina segurando o arco depois que sua fecha parou a poucos passos dela e muitos outros do alvo de palha.

—É a única coisa que sei. —gabou-se Asteríris, depois de não errar nenhum alvo. —Irei ensinar como se faz, afinal, você me ajudou com os feitiços. E não pode me defender com uma pontaria tão ruim.

—Posso te deixar um tempinho debaixo da terra. —sacaneou Lívina.

—Não precisa pegar pesado, foi só uma brincadeirinha. Agora, estique o braço.

—Troquem. —gritou Marorquí com um tom empoderado. —Espadas por arcos e fechas, e arcos e fechas por espadas. Preparem...lançar. Erguam suas espadas e ataquem os bonecos de palha. Sejam objetivas nos seus golpes. Não querem ferir, mas matar. Lembrem-se disso.

As bruxas estavam mais lentas e ofegantes por conta da onda quente lançada pelo sol contra a arena.

—No boneco de palha, Asteríris. —brigou Marorquí ao perceber que Asteríris atacava Lívina. —Fracamente, qual a dificuldade de obedecer aos meus comandos. Todas, parem imediatamente. Querem treinar umas contra as outras, pois bem. Irei escolher as duplas para o duelo de espadas e os alvos para as fechas. Usarão no duelo de ferro, sua força e lâmina, nada de magia. E para o duelo de prata, arqueiras com seus arcos e flechas e alvos com sua magia. —Asteríris, Alinia e Rosabera, arqueiras. Colocarei três bruxas do círculo vermelho como alvos, apenas para demonstrar o que espero que façam.

—Eu disse que Marorquí era disciplinada. Vai conhecer hoje um pouco das bruxas do círculo vermelho, nada melhor que vê-las treinando. —disse baixinho Lívina para a irmã.

Alinhadas lados a lado estavam Asteríris, Alinia e Rosabera com seus arcos e flechas prontas para acertarem Lírvi, Tulisa e Naraga.

– Lancem! —gritou Marorquí para as arqueiras.

A última flecha a deixar o arco foi a de Asteríris que hesitou por medo de ferir uma bruxa do círculo vermelho.

Naraga, parou a flecha com o feitiço Peatus, e depois a soltou sobre a grama da arena. A flecha de Rosabera incendiou antes que tivesse a chance de se aproximar mais de Tulisa. Uma mão de terra se formou diante de Lírvi e segurou a flecha lançada por Asteríris.

—Muito bem. Agora, uma demonstração do duelo de ferro. Tulisa, Lírvi e Naraga, peguem suas espadas. Quero aqui, Lívina, Narbera e Aznara, espadas nas mãos. Lutem. —gritou Marorquí.

Narbera, perdeu logo de cara, quando a lâmina de Tulisa atacou e a desarmou. A bruxa Aznara do clã Dalim, apenas se defendeu dos golpes da lâmina de ferro, mas não aguentou e se rendeu para Naraga. A bruxa Lírvi, parecia determinada a ganhar também, dando golpes sequenciados, impossibilitando que Lívina contra-atacasse.

Os duelos de ferro e prata, só tiveram fim quando o sol se pôs. As bruxas foram para casa reclamando de dores e machucados por todo o corpo. Marorquí, havia sido escolhida pelo círculo vermelho, para liderar o treino do dia e não polpou ninguém de um bom sofrimento indo satisfeita para sua casa.

—O nome dela é um pouco amedrontador. —disse Asteríris secando o cabelo no calor da lareira.

—Quem? —quis saber Cramélia.

—Marorquí. —disse Asteríris. —Achei que Maglisi pegava pesado nos treinos, mas hoje vi que não. A bruxa de cabelos loiros e olhos esbugalhados cortou a ponta da minha orelha durante o duelo de ferro.

—Ervas ajudam a cicatrizar, mas não vai nascer pele no lugar. —zombou Narbera vendo que Asteríris tinha colocado muita pasta de calêndula sobre o machucado.

—Marorquí, foi escolhida pelo círculo vermelho e só estava se exibindo para as outras integrantes. Agora, cada uma delas, irá pegar ainda mais pesado nos treinos. —disse Lívina irritada.

—Acho que vou para o vilarejo. Preciso falar com o meu amigo e perguntar se ele quer mesmo se arriscar indo lutar uma guerra que não é dele. —murmurou Asteríris.

—Ajudo, caso precise. —disse Lívina. Ainda não sei abrir portais ou se consigo, mas posso te dar cobertura.

—Eu também. —disse Cramélia e Narbera em coro.

—Obrigada. Vou precisar da ajuda de vocês para conseguir pó de freixo. —disse Asteríris.

—Tenho um frasco. —disse Cramélia correndo para buscar.

—Tenho também. Estamos aprendendo sobre porções e sempre usamos muito pó de freixo. Vou buscar. —disse Narbera.

—Acho que posso ajudar com isso. —disse Lívina saindo também.

O círculo de pó de freixo estava desenhado sobre o piso de madeira. As chamas mágicas flutuavam sobre cada ponta da estrela.

—Aqui estão os potes com o pó de freixo para sua volta. —disse Lívina, entregando uma bolsa de retalhos contendo três potinhos com pó de freixo para serem usados na volta para o vilarejo. —Quando for abrir o portal para cá, vai precisar de permissão para entrar na vila. Não pode abrir direto na minha casa ou será petrificada entre os portais.

—O que? —murmurou Asteríris engolindo em seco.

—Maglisi, quer garantir que ninguém saia ou entre sem a permissão dela. A barreira irá ser aberta para que umas bruxas saiam através de um portal, e é nessa hora que você vai abrir um e deixar a vila das bruxas. Mas, depois que estiver no vilarejo, é por sua conta. Não poderá usar um portal para voltar. Pode até usar, mas precisará abrir antes da barreira de proteção e caminhar até aqui. —disse Lívina com tom despreocupado.

—Mas, não sei chegar aqui. —murmurou Asteríris. Só tem árvores em volta da vila das bruxas, vou acabar me perdendo dentro do portal.

—Preciso ficar aqui e avisar a Maglisi que você saiu. Ela precisa permitir que entre. —disse Lívina.

—Deixem a Maglisi comigo. —disse Cramélia. Assim que saírem da vila, irei até Maglisi e contarei sobre a saída de vocês. Vou convencê-la a manter a barreira para que possam voltar direto para cá, já que Asteríris não conseguirá abrir um portal lá fora.

—Pode começar a abrir o portal. —disse Narbera asmática depois de correr toda a vila para observar as bruxas que iam deixar o vilarejo. —Elas já começaram a abrir o portal. Tem que ser agora.

—Vamos. —disse Asteríris, puxando sua duplicata para dentro do círculo. Cramélia, muito obrigada.

As tochas do vilarejo já estavam todas acesas. Os bosques escuros e misteriosos continuavam iguais.

—Sempre quis sair da vila das bruxas. —murmurou Lívina.

—Queria levar você para conhecer o vilarejo, mas sua aparência não ajuda muito. —lamentou Asteríris.

—Posso achar o seu amigo e trazê-lo até você. —murmurou Lívina não escondendo a empolgação.

—Quer se passar por mim?

—Se você não se importar.

—Tudo bem, mas precisa tomar cuidado. Não sei o que a minha tia anda fazendo agora.

Asteríris explicou tudo o que Lívina precisava saber para entrar e sair do vilarejo sem chamar muita atenção. Enquanto isso, Asteríris esperaria sua duplicata e o seu amigo, no escuro, sentada nas raízes da Árvore Mãe.

Quiki assustou-se quando a chama mágica apareceu e revelou o rosto familiar em dose dupla de Asteríris.

—O-q-que es-tá- está acontecendo? —disse Quiki saltando para longe das gêmeas, tropeçando nas raízes.

—Longa história. —disse Asteríris achando graça da situação.

—Enganei você direitinho. —zombou Lívina.

—Então, você que me trouxe até aqui, não é minha amiga? —disse Quiki com cara de bobão.

—Não. Meu nome é Lívina.

—E é claro, eu sou Asteríris.

—Mas vocês são...

—Idênticas. —disse Asteríris. —Somos, mas isso não interessa agora. Preciso saber se ainda está disposto a ir para Orion lutar ao meu lado. —disse Asteríris, direta.

—Sim. —disse Quiki.

—Não estamos indo viver um conto de fadas. —completou Lívina. —Estamos de fato, indo para a guerra, onde criaturas vão tentar nos matar sem piedade.

—Eu sei. —Quiki parecia crescido de fato.

—Já viu um lobisomem? —disse Lívina.

—N-não. —a voz saiu embaralhada de Quiki.

—Espero que esteja preparado para lutar com criaturas ainda piores. —disse Lívina.

—Os lobos são criaturas amigáveis. —disse Asteríris, lembrando-se do seu amigo Zargrak. —Preciso que venha para a vila das bruxas hoje.

—Hoje? —murmurou Quiki sobressaltado.

—Agora, na verdade. Iremos abrir um portal na casa da senhora Margo. Ninguém pode nos ver ou teremos problemas para explicar a nossa aparência. —disse Asteríris.

—E como pretende entrar na casa da senhora Margo? —disse Quiki, com os olhos fixos em Lívina.

—A minha mãe usou um feitiço para fechar a porta. Posso abrir.

—M-ã-e? —disse Quiki voltando a ter cara de bobão.

—Longa história. —murmurou Asteríris. —Precisamos ir, antes que alguém nos veja aqui.

—É claro. —sussurrou Quiki.

Todos os moradores do vilarejo pareciam estar no caldeirão ou enfurnados dentro de casa, pois ninguém cruzou o caminho deles, enquanto iam para a casa da senhora Margo.

—Espero que Cramélia tenha conseguido falar com Maglisi. —disse Asteríris preparando o círculo de pó de freixo.

—Vai dar certo, e se não der, vamos ficar em apuros. Apesar de não saber onde a vila das bruxas está localizada, posso fazer um feitiço para achá-la, mas se ficarmos petrificadas entre os portais, já era. —disse Lívina.

—Isso vai doer? —gemeu Quiki.

—O que? —disse Asteríris.

—Entrar no portal. —sussurrou o amigo, envergonhado.

—Não. —disse Lívina. —Vai ser como se o seu corpo estivesse sendo furado por mil espinhos de rosas, mas depois passa.

—Certo. —disse balançando a cabeça algumas vezes ansioso.

A casa de Lívina parecia diminuir, cada vez que um novo hóspede chegava.

—Ele é bonito. —sussurrou Cramélia, mas todos conseguiram ouvir.

—Obrigada. —disse Quiki corando.

—O que disse a Maglisi, para que ela deixasse a barreira aberta? —disse Lívina.

—Que Asteríris precisava buscar algo que ganhou do rei Erond e que era importante para garantir a nossa segurança quando chegássemos em Orion. —disse Narbera, entrando na sala. —Chá? —o bule em sua mão exalava a hortelã.

—Não, obrigada. —dispensou Asteríris.

—Acho que não temos outro sofá. —murmurou Cramélia.

—Sofá? —disse Narbera sentando-se no chão aos pés de Asteríris.

—Para o novo hóspede. —disse Cramélia, juntando-se ao lado da amiga.

—Durmo no chão, não precisam se preocupar comigo. —murmurou Quiki.

—Qual o seu trabalho onde vivi? —disse Narbera.

—Trabalho no bar do vilarejo, o caldeirão. —disse Quiki afundado no sofá ao lado de Asteríris.

—Notei que tem braços fortes e é alto. —murmurou Narbera, corada.

—Narbera, sua travessa. —murmurou Lívina dando uma cutucada nela e voltando para se escorar ao lado da lareira.

—Vão dizer que ninguém notou. Ele é homem, e muito bonito. É o seu namorado, Asteríris? —se Asteríris estivesse bebendo chá, com certeza ele teria borrifado de sua boca sobre as meninas.

—O-q-u-e o que? —gaguejou Asteríris, criando um espaço grande entre ela e o amigo.

—Acho que está na hora de dormir. Amanhã, iremos treinar usar magia e espada juntas, algo complicado. —disse Lívina, puxando Narbera e Cramélia para fora da sala. —Vou buscar cobertores quentes para o seu amigo.

—Obrigada.

O murmurinho começou, logo que as bruxas viram o amigo de Asteríris aproximar-se da arena. Maglisi, podia ser cega, mas não era surda e logo descobriu o que estava acontecendo. Sua expressão foi de severa para medonha em instantes, pois sabia que além de ter sido enganada, não havia nada para garantir a segurança das bruxas em Orion.

—Acho que não foi uma boa ideia o trazer para a arena. —cochichou Narbera, soltando-se do braço de Quiki.

—Comecem o treino. —ordenou Maglisi. —Irei ter uma conversinha com Asteríris e Lívina. —Sigam-me, e o garoto também.

Não estavam muito longe da arena, então podiam ser vistos, mas não ouvidos.

—O que pensa que está fazendo? —disse Maglisi segurando Asteríris pelo cotovelo. —Faz alguma ideia do que acabou de fazer?

—Eu disse que o meu amigo queria ir para Orion. Em momento algum, falei que não o levaria. —disse Asteríris libertando-se das garrar da anciã.

—Lívina, não esperava isso de você. —disse virando-se para ela.

—Sinto muito, só quis ajudar Asteríris.

—Não espere que eu coloque minhas bruxas para defendê-lo quando a espada estiver no pescoço dele. —rosnou Maglisi, deixando-os.

—Ela é insuportável. —sussurrou Asteríris.

—Ela vai me matar antes disso, sendo cega ou não. —zombou Quiki tirando um sorriso forçado das garotas.

—Relaxa. —disse Lívina. —Agora você é um de nós.

—Exato. —concordou Asteríris. —Vamos voltar ou seremos repreendidas por atrasar.

O treino do círculo vermelho era mais eletrizante. As bruxas abriam portais de tempo e espaço curtos, que não precisavam de tanto esforço para serem conjurados, usando apenas um punhado de pó de freixo que ela lançado no ar, criando um círculo dourado de faíscas cintilantes. Tática usada para chegar ao inimigo com um contra-ataque rápido, e ajudar aliados a avançarem despercebidos ou para se salvarem em momentos cruciais.

Asteríris e algumas bruxas já avançadas na escola de bruxas, puderam treinar ao lado do círculo vermelho abrindo portais de curto espaço e tempo e treinando como sair deles com uma defesa e ataque elaborados, sem chance para serem traídas por sua magia.

*Cinquenta e Três*



Era certo, que as estradas principais do castelo da família Merlok, Mitrandir, Del Castro e Scarlet, conectavam-se ao castelo de Arãbergue. Uma vantagem que permitia que os exércitos de Seres de Luz marchassem juntos a qualquer instante.

A estratégia havia sido arquitetada pelo conselho e líderes de cada criatura.

Os exércitos se encontrariam nas estradas que ligam suas aldeias, e marchariam juntos até os castelos, onde ficariam até que a guerra começasse.

A marcha começaria pelo leste, na aldeia das kwinabi por suas estradas se ligarem a aldeia das Hope, e então, os dois exércitos marchariam até a aldeia dos lobos e prosseguiriam até o castelo de Arãbergue, Dorak e Laurentz.

Outro exército marcharia do oeste. Junto das fadas e scroffs, estariam os filhos da natureza, com destinos ao castelo Húngaro, e Erebor.

Fariam a viagem pela manhã, para garantir a segurança e prevenir serem atacados por alguma criatura obscura. Estariam sendo vigiados pelas harpias por todo o caminho, de modo a assegurar um contra-ataque rápido.

Era de se esperar que o Lorde das Trevas também estivesse movendo suas tropas. Rastejando ou sobrevoando em noites escuras, estavam os exércitos comandados por Alphien, um ser antes de Luz, mas que se entregou a escuridão.

Com a ajuda de um antigo seguidor, os orcs, o Lorde das Trevas fez uma descoberta um tanto preciosa, garantindo um poder de fogo ainda maior para os seus exércitos que somavam damas da noite, duendes, trolls, scarab, bloduh e sobre forte pressão, os pobres gnomos, e muitas outras criaturas.

Uma caverna congelada depois do limite da montanha havia sido descoberta pelos orcs, a mando do Lorde das Trevas. Em uma parede grossa de gelo, estavam quatro lustrosos dragões elementais. Mas, o achado estava comprometido, pois dois dos dragões não estavam adormecidos, e sim, mortos. Água e terra, não fariam parte da estratégia de guerra do Lorde. Os dragões de gelo e fogo levaram um tempo para acordar depois que o Lorde das Trevas os despertou com magia negra, levando as criaturas a lhe deverem obediência e gratidão, que seriam retribuídas na guerra.

As bruxas achavam que teriam mais chances se as crianças lutassem, apesar de pouca idade, as aulas e os treinamentos na arena foram o suficiente para preparar elas para o que estava por vir.

O portal havia sido aberto pelas bruxas do círculo vermelho. Uma a uma, atravessou e chegou até a montanha de gelo. Estavam diante da enorme pedra de gelo onde nas laterais em dourado evidente estava talhado "Um dia a natureza tudo criou, e com a sua magia o mundo renovou".

Asteríris até pensou que os gigantes de gelo pudessem causar algum problema, mas receberam as bruxas com gentileza, e foram reduzidos por um feitiço, para que fossem levados para dentro da cripta e pudesse ir para Orion ajudá-las na guerra.

O verão não estava diferente no outro mundo, mas a montanha descia e subia em cores, não mais pálida e fria.

Asteríris abriu um portal sobre o pé da montanha, não mais vigiado por nenhum filho da natureza ou qualquer exército. O círculo vermelho fortificou o portal com mais magia, para que todas pudessem atravessar até os portões de Arãbergue em segurança.

As boas-vindas ficaram no caminho, entre lanças e flechas com pontas de prata. Os portões de ferro abriram-se revelando os scroffs, e logo atrás vinha o rei Erond e o príncipe Aron Condoff com suas espadas de ferro cintilantes sobre as mãos. As bruxas foram recebidas não só pelos exércitos Condoff, como também pelos exércitos de scroffs que já haviam chegado ao castelo do rei Erond.

—Veja quem voltou. —disse o rei com desapreço.

—E trouxe com ela, um exército. —zombou o príncipe avaliando o exército a sua frente.

—Erond preciso que me interrogue pela última vez. —disse Asteríris tentando manter a voz firme.

—Prendam todas as outras. —ordenou o rei para os inferiores.

As bruxas não expressaram reação ao ouvir o comando do rei, pois já esperavam por aquilo. Não se leva um exército á porta de um rei, esperando um aperto de mão amigável.

—Não se preocupe, ela logo se juntará a vocês. —desdenhou Erond rindo.

O interrogatório havia sido mais longo que os primeiros. Não precisou de pó mágico para Asteríris soltar a língua e contar tudo o que passou depois da festa de Spochen quando encontrou os pais e o Lorde das Trevas.

O rei Erond, pareceu acreditar, mas não permitiria que as bruxas andassem pelos corredores do castelo, era orgulhoso demais para isso. Mantê-las-ia presas nas masmorras, até que a guerra de fato começasse. Uma forma de puni-las por prenderem os Seres de Luz em Orion, impedindo que eles voltassem para sua constelação.

—O que o rei disse? —murmurou Lívina quando Asteríris foi levada para sua cela.

—Que podemos ajudar na guerra, mas que ficaremos presas até lá. —disse Asteríris zangada.

—Francamente. —murmurou Naraga de sua cela ao lado das duplicatas.

—O que faremos? —disse Narbera que dividia sua cela com Naraga.

—Esperamos. —disse Maglisi. —É um preço pequeno, depois do que fizemos a eles. Vamos aceitar. Asteríris preciso que passe nossa estratégia para o rei. Os clãs precisam lutar juntos, pois assim são mais fortes. Você ficará ao lado de Lívina, e atacarão o Lorde das Trevas. O resto de nós cuidará das outras criaturas.

—Certo. —disse Asteríris.

—Preciso conversar com você. —era Aron, aproximando-se da cela de Asteríris.

—Tudo bem. —sussurrou Asteríris ficando vermelha.

O quarto antigo de Asteríris parecia menor. A cama com tecidos de seda estava impecável como era de se esperar. Alguns livros ainda estavam sobre a penteadeira, e pareciam esperar pela sua volta.

—O que quer? —disse Asteríris por cima do ombro.

—O meu pai já me disse o que aconteceu com você. —disse Aron.

—E daí?

—Eu sinto muito.

—Não preciso que sinta nada. —disse Asteríris encontrando o olhar frustrado do príncipe.

—Eu devia ter protegido você.

—Isso não importa agora.

—Importa para mim. Não devia ter ficado em Arãbergue esperando você voltar para mim. Podia ter encontrado você, mesmo que no buraco mais profundo daquela pedreira.

—Não estou aqui por você. Apenas vim cobrar a dívida que o Lorde das Trevas tem comigo.

—O que fizeram com você?

—Me causaram dor. —por um segundo, Asteríris pensou em correr e abraçar Aron, mas não estava pronta para o que viria depois. —Mais alguma coisa? —ela disse baixinho, desviando o olhar para o chão.

—Lute ao meu lado. —insistiu o herdeiro.

—Eu não preciso de um príncipe ao meu lado. As bruxas têm o seu próprio exército. Lutarei ao lado delas.

—Por um momento, pensei que partilhávamos do mesmo sentimento. —murmurou Aron com a voz trêmula e a pele muito branca.

—Não posso ter sentimentos por alguém que está prestes a ir para guerra. Para você, a guerra ainda não começou, mas não para mim. Já perdi pessoas e nem bem pude entender o porquê. Apenas, um desejo cruel do Lorde das Trevas de tirar vidas que para ele é insignificante. —os olhos cor de mel eram como um portal de faíscas douradas.

—Prometa-me uma coisa. Que vai ficar viva.

—É algo que está fora do alcance de ambos.

—Não posso ir para uma batalha sabendo que você corre perigo.

—Então não tenha sentimentos por mim. Não pretendo me esconder em um castelo ou na sombra de um herdeiro. Apenas eu e Lívina enfrentaremos o Lorde das Trevas, é o que mostrou a visão de nossa anciã.

—O meu pai jamais irá concordar com isso.

—Não importa. No final, as espadas erguidas, serão a das eleitas.

—Sabe que posso mantê-la presa nas masmorras, até que a guerra tenha fim.

—Só estamos presas ainda, porque queremos. Somos dotadas de magia, e não tem nada naquelas celas que bloqueiam isso. —disse Asteríris inclemente.

—Certo. Você ganhou dessa vez.

—Não estou aqui para competir com você. Apenas respeite a minha decisão, príncipe Aron. Se não tem mais nada a dizer, peço que me deixe ir.

—Tudo bem.

A cela de Quiki parecia grande para ele só.

—O que está acontecendo? —disse Quiki apoiando-se sobre as barras de ferro da cela para tentar alcançar o braço de Asteríris, enquanto ela passava por ele.

—Tire as suas mãos dela. —ordenou Aron, afastando Asteríris para longe da cela do amigo.

—O que pensa que está fazendo com ela. —gritou Quiki tentando chamar a atenção do príncipe.

Lívina parecia cochilar no fundo da cela, pois não se mexeu quando Aron abriu a cela e Asteríris entrou em silêncio.

—Aquele humano é o seu namorado? —sussurrou Aron para Asteríris.

Estava claro no rosto dele, o desconforto em perguntar aquilo.

—É só um amigo, e que veio ajudar. —disse Asteríris não dando muita atenção.

—Um humano, só irá nos atrapalhar. Sabe que ele vai ser o primeiro a morrer, não é!?

—Já pode ir. Não preciso que fique me vigiando. —bufou Asteríris caminhando para longe das grades.

O rei Erond estava elegante em seu traje esmeralda. Ao seu lado, estava o príncipe com uma veste preta que combinava perfeitamente com o vestido preto cinturado da princesa Atena.

—Um exército numeroso que você trouxe a minha porta. —disse o rei com um sorriso insalubre. —O conselho aceitou sua ajuda, mas queremos algo em troca.

—O que seria? —disse Asteríris em pé diante do rei.

—Voltarmos para casa, depois que a guerra acabar. —disse o rei.

—Não sou a culpada por estarem em Orion. —disse Asteríris franzindo a sobrancelha..

—Não é a líder delas. Então, passe o recado. Não estou tão desesperado pela ajuda das bruxas na guerra. —zombou o rei.

—Só para voltar para casa. E isso, é a garantia de que nada irá acontecer a nenhuma de nós, pois só poderá ir para sua constelação, se assim quisermos. —gabou-se Asteríris. —Direi a sua oferta, mas ainda precisa de nós, lembre-se disso, antes de fazer outra exigência. —a piscadela em direção ao herdeiro, fez Atena contrair os lábios.

Maglisi, já esperava que o rei impusesse condições, em troca de um teto e comida até a guerra começar. Deixar que os Seres de Luz voltassem para casa, não seria problema para as bruxas. O acordo havia sido estabelecido, em troca de libertar os Seres de Luz do mundo prisão que era Orion, as bruxas poderiam andar pelos corredores e desfrutar de um boa noite de sono, até que a guerra começasse.

—A única bruxa que vai ficar na torre principal, é você. —choramingou Lívina examinando o cômodo grande o bastante para vinte bruxas dormirem.

—Pode ficar aqui comigo. —disse Asteríris, sentando-se em sua antiga penteadeira.

—E quem vai cuidar do seu amigo, para que as bruxas mais novas não se joguem em cima dele o tempo todo. —brincou Lívina aproximando-se de Asteríris para acaricia-lhe os fios ruivos.

—Ele sabe se cuidar.

—Mas ainda sim, acho que vou ficar na torre dos inferiores. Não é muito diferente daqui mesmo, só um pouco mais barulhenta e alegre.

—Assim, vou acabar querendo ir para a torre dos inferiores.

—Estou curiosa sobre algo.

—Diga o que é?

—Aron Condoff.

—O que tem o príncipe?

—Ele olha para você com afeto. Para o restante de nós bruxas, o olhar dele foi de irritação a desprezo em instantes. O que aconteceu entre vocês, enquanto esteve em Orion?

—Aron, olha assim para todo mundo.

—O que ele queria com você quando a levou de sua cela?

—Ele está noivo.

—Esta resposta não responde a minha pergunta.

—Já chega. —sussurrou Asteríris envergonhada.

—Vejo que agora são duas de você. —disse Atena, entrando no quarto de Asteríris.

—Posso ajudar com algo? —disse Asteríris.

—Só um aviso. Isso vale para as duas, já que tem a mesma aparência. Aron, tem não só uma Hope. Rum... acho que me enganei. —disse rindo. —Não uma Hope, mas uma bruxa patética e mentirosa, e pelo que soube, agora tem uma duplicata de você. O príncipe terá algo para ocupar-se. O nosso noivado só está na aparência, apenas para manter as duas famílias fortes diante de uma guerra próxima.

—O que quer dizer? —disse Asteríris.

—Fique longe do príncipe até que a guerra termine. Depois disso, ele é todo seu. —disse Atena.

—Desde que cheguei a Arãbergue, só vi os esforços do príncipe para ficar ao lado de Asteríris. Este aviso devia ser dado a ele. —zombou Lívina. —Queira retirar-se ou terei que tirar esse sorrisinho arrogante do seu rosto.

—Vocês duas são iguaizinhas. Rum... cuidado para não tropeçar uma na outra durante a guerra e achar que estão loucas. —disse Atena deixando o quarto dando risadas.

O pátio estava tumultuado de bruxas, scroffs, e Seres de Luz, ocupados com seus treinamentos.

—Maglisi, guarda os gigantes onde? —murmurou Asteríris para Lívina que estava ocupada tentando acertar a flecha no arco.

—Droga, queria usar apenas magia. —resmungou Lívina soltando a flecha que quase saiu do alvo. —Maglisi, está mantendo os gigantes dentro de um potinho de vidro. Criar três gigantes com magia é algo complicado e requer muita energia. Por isso, ela os trouxe para cá. Fazer novos na idade dela, é quase impossível. —disse rindo.

—Imagino. Queria que a minha mãe estivesse aqui para ver o quão forte estou me tornando.

—Quando voltarmos fará um enterro apropriado. Não só para ela, mas para o seu amigo Peter e Zargrak.

—Fiquei contente quando as bruxas deixaram flores para ela e os meus amigos. Queria não a ter visto daquele jeito, deixada ali por mim na cripta. Não pude salvá-la e não dei a ela um enterro apropriado.

—Cuidaremos disso, só não pense mais nisso. Tenho certeza de que ela está aqui agora, sorrindo e abraçando você.

—Obrigada. Demorou, mas finalmente entendi o que Maglisi disse sobre a vida tirar algo, e por outra coisa no lugar. Estou feliz por você ser essa pessoa a estar do meu lado.

—Eu sei que não somos irmãs de fato, mas você sempre vai ser minha maninha, independente do que aconteça.

—Você também será sempre a minha irmã de outra mãe.

—O que o rei disse sobre a localização do Lorde das trevas na pedreira?

—Nossa reunião está manhã foi breve. Ele disse que enviou batedores para a pedreira, mas não encontraram nada. O rei acha que o Lorde das trevas tenha ido para o outro lado da montanha. Erond, não quer arriscar ir além dos limites, pois teme ser uma armadilha. Ele prefere esperar o ataque do Lorde das trevas.

—Os inferiores têm cochichado sobre Alphien e como um elfo de puro sangue se deixou corromper pela escuridão. Alguns parecem com medo agora que sabem com quem estão lutando contra. —disse Lívina.

—Esconder a verdadeira identidade do Lorde, talvez não tenha sido a melhor coisa. Agora, todos estão assustados e com receio de voltarem para casa.

—Achei que quisessem voltar para sua constelação depois de tanto tempo.

—Querem, mas estão com medo do que os grandes elfos tem a dizer.

—Preocupação para depois. Acho que vou pedir ajuda aos arqueiros inferiores, não os vi errar um alvo, desde que começaram a treinar.

—Vai lá. Preciso treinar o duelo de ferro com o meu amigo Quiki, que por sinal, está atrasado.

*Cinquenta e Quatro*



A noite chegou como um ressoar.

Os exércitos comandados pelo Lorde das trevas encontravam-se entranhados entre rochedos pontiagudos grandes o bastante para projetarem cavernas, onde as damas da noite abrigavam-se para esconder do calor do sol, no Vale da Morte. A região cercada por uma floresta densa e ameaçadora concentrava-se no meio do território inimigo. Onde do topo dos rochedos, os dragões pareciam estátuas perfeitamente esculpidas, esperando para serem exibidas.

Uma estrada de cascalho e terra escura levava para o leste, até a cidade dos Ossos, lugar ocupado pelos orcs. O ar era o mesmo para onde quer que fosse. Uma neblina turva e triste assolava até o menor buraco ali, deixando tudo mórbido. As armas haviam sido forjadas pelos orcs, goblins e trolls na cidade dos Ossos, e já estavam sobre o poder das damas da noite no Vale da Morte, de onde partiriam os exércitos.

No país das scarab, sobre o pé da montanha, havia pouco movimento, não era possível reportar nada, um dos motivos era a capacidade das criaturas com corpo de aranha e um rosto peculiar com olhos caídos e presas de alicate, ser especialistas em ficar tempo o bastante debaixo da terra, possibilitando um ataque surpresa. Usadas em batalhas como máquinas para cortar corpos ao meio, muito imprescindíveis em tempos de guerra.

Nas encostas ao oeste do Vale da Morte, descendo-a, sem medo de serem avistados, estavam os blodulv. Uma segunda máquina de guerra, capaz de lacerar um humano em segundos. Seus dentes longos, projetam-se para fora de sua boca monstruosamente larga, orelhas grandes como barbatanas partiam de trás de suas cabeça cheia de veias inchadas, limitada por intimidantes olhos vermelhos puxados e um focinho curto. O corpo musculoso como de um alce e suas patas pesadas, eram seu escudo. Seguiam despreocupados para o Vale da Morte, onde se juntariam ao Lorde das trevas. Sobre o alto da encosta, era possível avistar a cidade de Pedra, onde os trolls costumavam se esconder, porém a região já havia sido abandonada.

Com a saída de duas peças importantes do tabuleiro do Lorde das trevas, mãe e filha bruxas. Não havia restado nada, a não ser, sua vingança contra a família Condoff e todos os Seres de Luz.

Alphien, jamais se esquecera de sua promessa a Írissol. Ele não deixaria que um Condoff prosperasse em nenhuma Era, e faria o que fosse necessário para ser a criatura mais poderosa, incapaz de ser contido em uma medíocre masmorra.

Levou algum tempo para Alphien compreender que a magia feita por sua amada, o havia afetado de uma forma inesperada. Por ser uma criatura pura, o seu espírito de luz, não aceitou ser infectado por magia negra e adoeceu, levando o seu corpo e espírito a ficaram enfraquecidos, abrindo uma brecha para a magia negra corromper seu coração completamente. Aos poucos, o poder que Alphien possuía e usava para o bem, foi ficando esquecido e sendo consumido por sua irá dando lugar para um poder maior, obscuro e infesto.

O que tinha de mais próximo de Írissol, era um colar de cristal com um negro nevoeiro esmeralda dentro. Havia tirado do pescoço dela quando a encontrou sem vida. Queria ter algo que o fizesse lembrar-se de sua promessa, sempre que olhasse. Mas, com o passar dos anos, e com o seu corpo em constante transformação por rejeitar a magia negra e ter que se habituar a ela, sempre ficando doente, e cada vez mais depois de lutar contra toda uma Era de luz, o colar foi sendo engolido pelo seu corpo, e se alojou ao lado de seu coração apodrecido. Era como se uma parte de Írissol estivesse sempre com ele, o amando e preenchendo um pouco do vazio deixado por ela. Uma fina pele, protegia aquela parte importante do Lorde das trevas, as penas não cobriam aquela pequena região, e com um pouco de esforço, era possível ver algo curioso atrás daquele escudo feito de pele e osso.

No dia seguinte, Serena sentiu uma energia intensa que fluía por todos os cantos de Orion. A energia passava em frenesi pelo cristal de ônix e voltava limpa para a terra. A guerra estava próxima, e Serena sabia.

O rei Condoff, já estava a par da situação, e enviou inferiores abatedores para informar aos outros castelos, e fazerem os exércitos marcharem para Arãbergue e depois para a montanha.

Os exércitos chegavam sem alarde no castelo de Arãbergue.

O pátio do castelo Condoff estava decorado com espadas, escudos, armaduras, pontas de fechas e lanças cintilantes perfeitamente enfileiras, que aguardavam ansiosos pelas palavras encorajadoras do rei.

—Em uma Era, podemos aprender a forjar uma espada, treinar com ela e como se defender usando-a, juntamente com uma armadura, e um bom escudo em mãos. Mas, uma Era, não seria o bastante para ensinar e aprender o que sentiremos quando estivermos no meio da batalha, tropeçando sobre os corpos de nosso povo e vendo um a um cair. As canções, poemas, histórias são o nosso consolo depois que a guerra termina. Uma forma de honrar aqueles que lutaram e deram suas vidas por algo maior. Não importa o número de vez que lutamos, sempre sentimos como se fosse a primeira vez no campo de batalha. Não posso assegurar a vitória, pois isso não é um jogo de xadrez, onde tenho com mais clareza os próximos movimentos do oponente. Mas, como no xadrez, se o rei cair, o jogo acabar. O que quero dizer, é para não deixarem o jogo acabar caso percam o rei. Não é a coroa que está em jogo, mas a liberdade de poderem viver na Luz ou como desejarem. Lutem, não por mim, mas por cada um de vocês.

Não havia dúvidas quanto a direção da marcha do inimigo. Estava claro que o Lorde das Trevas pretendia atacar a família Condoff e todos que lutassem ao lado do rei.

A marcha das sombras serpenteava deixando os rochedos e indo em direção a montanha. Não seria necessário contornar, já que as scarab haviam aberto um túnel que passava por dentro da montanha, e apenas aguardavam os exércitos do Lorde das trevas chegarem à montanha para finalizar a escavação. Se não fosse uma região cercada por água, talvez chegassem antes dos exércitos de Luz, mas o estreito canal que cercava o Vale da Morte os atrasaria dois dias de viagem, pois só seria possível atravessá-lo quando estivesse raso, passando pelas pedras molhadas e escorregadias.

O rei havia se decidido por levar a guerra para o pé da montanha, prevendo evitar ainda mais estragos. Não sabia ao certo, a que pé estava o inimigo e quem estaria com a vantagem, já que os corvos olheiros não haviam retornado, e não cabia mais enviar inferiores abatedores, para investigar a situação atual do oponente. Um assentamento havia sido montado algumas milhas afastadas de onde pensavam se iniciar a guerra. As hope ficariam alojadas no assentamento, aguardando por feridos. Algumas poucas bruxas e filhos da natureza ficariam para garantir a segurança das hope e dos feridos caso a guerra perdurasse por dia.

O rei Erond, acreditava estar com a vantagem. Caso seus exércitos chegassem antes do inimigo, poderiam fazer um ataque surpresa, escondidos na floresta em uma formação que reduzisse o avanço e desfizesse a formação do oponente, a montanha por sua vez, seria usada em sua vantagem, pois impediria que as tropas do Lorde das trevas recuassem, sendo arruinados. Não sabia ao certo de onde o exército adversário sairia, estava contando com Serena para descobrir para onde seguiriam e qual seria a melhor estratégia. Ela havia ficado no castelo de Arãbergue, mas através da sua ligação com os filhos da natureza, eles ficariam sabendo assim que ela descobrisse de onde a energia vinha com mais frenesi da terra.

As estradas pareciam corredores para tantas criaturas viajarem juntas. Marchavam pelo centro da floresta, de modo a não ficarem tão em desvantagem quando descobrissem para que lado devesse de fato seguir.

Avalon, já chegava à ilha dos scroffs quando soube para onde deviam seguir.

—Aron. —gritou Avalon, tentando acompanhar o príncipe que viajava mais a frente com sua companhia.

—Algum problema? —murmurou o príncipe.

—Oeste. —disse Avalon.

—Vou avisar o meu pai. —disse satisfeito.

—Em breve, saberemos a localização exata.